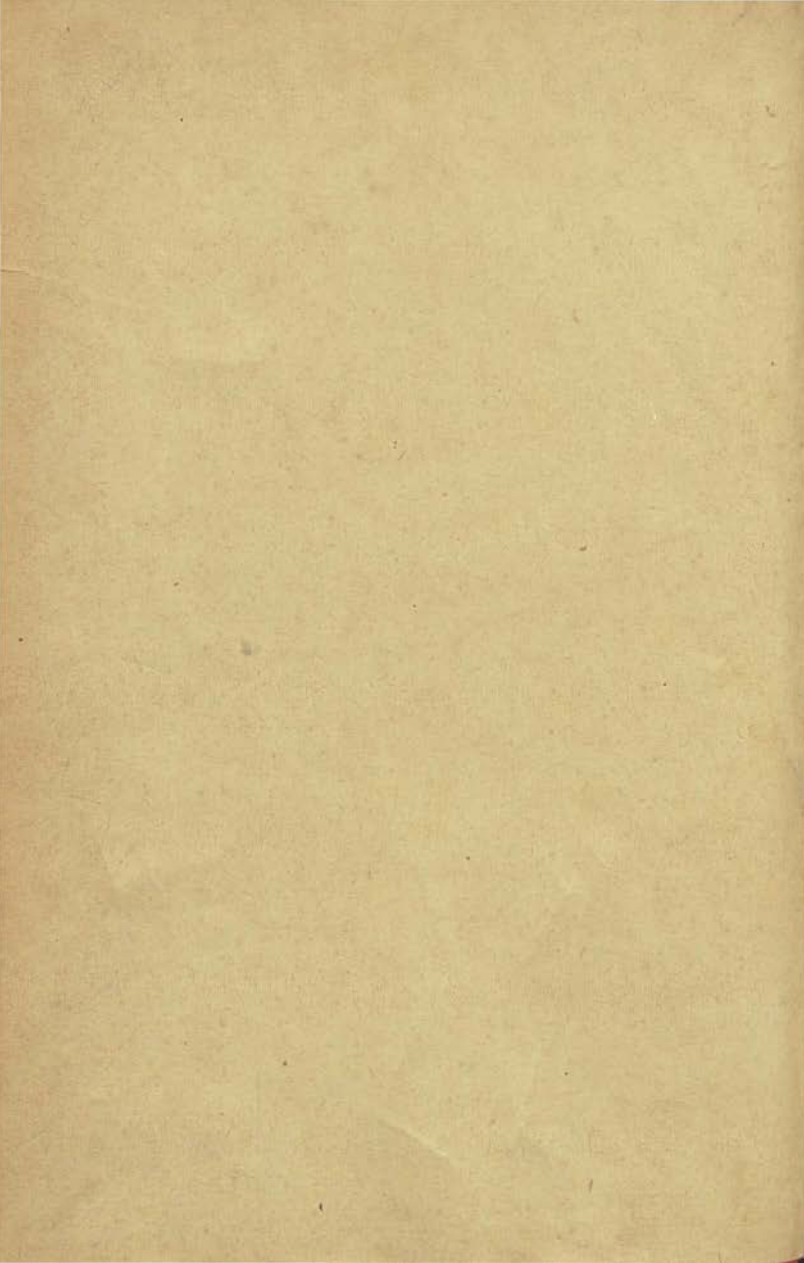


6-2-48

Por

José María Vaz Pinto Coelho

v
B869.8
A368
a
1874





Aos meus amigos e illustres compatriotas

Antonio Affonso Lamonier

Antonio Furtado de Campos

Dr. Antonio Pereira de Souza

Dr. Francisco Cordeiro de Campos Valladares

Dr. Francisco de Assis Pereira de Andrade

Dr. Francisco Urbano Ferreira Alvim.

Dr. João Nogueira Penido

Dr. José Rufino Soares de Almeida

Dr. Manoel de Magalhães Gomes

Desembargador Pedro d'Alcantara Cerqueira Leite

Dr. Prudente Ribeiro de Castro

Dr. Romualdo Cesar Monteiro de Miranda Ribeiro.

Dr. Silverio Augusto de Araujo Vianna

O EDITOR



BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume adquirido em 1946

sob o número 9152

do ano de 1946

O Sr. J. de Alencar:—.... *Satisfazia-se com os louros de sua nobre profissão, com os louros de sua carreira litteraria, dessa carreira, senhores, da qual eu confesso que tenho saudade, porque a ella devo as mais vivas satisfações e alguns dos momentos mais felizes da minha vida.*

Sirva isto de resposta áquelles que ás vezes pretendem ferir-me, lançando-me como remoque a lembrança de meus trabalhos litterarios.

O Sr. Pereira da Silva:—*E' o maior elogio que lhe podem fazer.*
(Apoiados.)

O Sr. J. de Alencar:—*Não tenho grandes titulos, mas de todos aquelles que possa um dia merecer, nenhum prezarei mais do que o de escriptor...*
(Apoiados.)

O Sr. Pereira da Silva:—*E tem toda razão.*

O Sr. J. de Alencar:—.... *porque, senhores, este titulo eu adquiri por meu trabalho.* (Apoiados.)

(Camara dos Deputados. — Discussão do Voto de graças.—
Sessão de 9 de Agosto de 1869.)

OS CRITICOS DO SR. JOSÉ DE ALENCAR

O Sr. Innocencio Francisco da Silva. — *Archivo Pittoresco* — tom. IX—1866 pag. 244 á 246 e 330 á 332.

JOSÉ DE ALENCAR. — Talento illustre, hoje na sazão da virilidade, justamente reputado por seus patricios como um dos ornamentos mais distinctos da actual litteratura no Brasil, por elle já abrilhantada com muitas e variadas publicações de merito inquestionavel; mas que por desgraçada consequencia de um fado mau, que do coração lastimamos, e a que por mais de uma vez temos alludido em outros lugares, é talvez entre os portuguezes menos conhecido do que havia direito a sê-lo.

..... O Sr. José Martiniano de Alencar nasceu na provincia do Ceará, em o 1º de maio de 1829.

..... Em 1846, ao contar 17 de idade, já o achamos matriculado no 1º anno do curso juridico da academia (hoje faculdade de direito de S. Paulo)....—Logo por esse tempo, e de sociedade com alguns condiscipulos, fundára alli um periodico, a que deram o titulo de *Ensaios Litterarios*.

São neste da sua penna a introdução e muitos artigos, taes como os que versam sobre as qualidades do estylo, a biographia do famoso indio *Camarão*. Esta publicação mensal durou até 1848, anno em que o Sr. Alencar, por motivos que ignoramos, se transferiu daquella academia para a de Olinda, concluindo nesta os estudos com merecido credito, e obtendo a formatura em 1850.

Nesse mesmo anno passou a estabelecer-se na côrte do Rio de Janeiro, abraçando de principio a nobre profissão da advocacia, a qual exerceu por algum tempo até ser mais tarde nomeado lente de direito mercantil do instituto commercial da mesma cidade. Conjunctamente com as lides forenses e com as funções do magisterio, intercalava os trabalhos da imprensa escrevendo nas folhas mais acreditadas. Foi nos annos de 1851 a 1855 collaborador na redacção do *Correio Mercantil*, tornando-se mais notaveis na serie dos artigos que nelle publicou, os que tinham por assumpto a *reforma hypothecaria*, projectada em 1854, rubricados com a sigla *Al.*; e as revistas semanaes, de Setembro desse anno até Julho seguinte, intituladas *Ao correr da penna*. Collaborou depois alguns mezes no *Jornal do Commercio*, inserindo ahí varios artigos de critica litteraria, entre os quaes se citam de preferencia, um ácerca do grande orador brasileiro Mont'Alverne, outro sobre Thalberg, e o 3º sobre o *Othello*. E finalmente em outubro de 1855 assumiu a direcção do *Diario do Rio de Janeiro* (o mais antigo de todos, pois conta ao presente 46 annos), cujo redactor principal foi até 20 de Julho de 1858. Já conhecido e apreciado vantajosamente como romancista, pelos romances *Guarany* e *Cinco minutos*, em que se est eára no genero, publicados nas columnas do *Diario*, o Sr. Alencar quiz tambem experimentar a sua vocação dramatica, compondo varias comedias ou dramas, do que adiante daremos conta, as quaes foram em 1857 e 1858 postos em scena no Gymnasio, e recebidos com merecidos applausos.

A causa determinativa d'estes ensaios elle proprio a patenteou, mediante a dedicatória que passamos a transcrever, collocada á frente da 1ª de suas producções theatraes, *Verso e Reverso*, quando publicada pela imprensa em 1857. Eil-a :

« A***—Uma noite vi-a no Gymnasio; representava-se uma comedia um pouco livre. Veiu-me o desejo de fazel-a sorrir, sem obrigar-a a córar. Conservei algum tempo essa impressão fugitiva; um dia ella correu aos bicos da penna, e crystallizou-se.

Escrevi a minha primeira comedia, o *Rio de Janeiro*; logo depois o *Demonio familiar*; e ultimamente o *Credito*, que deve representar-se breve.

Se algum dia, pois, eu fôr um auctor dramatico, deverei unicamente áquella boa inspiração: a gloria e os applausos que o publico, de generoso, quizer dar a essas pobres producções de minha intelligencia, lhe pertencem.

A flor não se abria, se o raio do sol não a aquecesse e animasse. — *J. de Alencar.*

Mais numerosos teriam sido, porventura, os fructos da sua applicação litteraria, se os deveres de jornalista politico lhe não absorvessem grande parte do tempo, obrigando-o a dirigir attenção e cuidado para os uteis da republica. — Varias questões de administração publica e problemas de economia social foram por elle tratados na folha que redigia, expostos e resolvidos com habilidade e saber, tornando-se notaveis os *estudos sobre a alimentação no Brasil*, que mandou publicar no *Diario* em uma serie de artigos.

..... Em 1859 foi nomeado director de secção na secretaria de estado do ministerio da justiça,—e pouco depois consultor do mesmo ministerio, cargo de cuja effectividade lhe foi dada a confirmação por decreto de 5 de Setembro de 1860, sendo por essa occasião agraciado com o titulo do conselho. (Vid. *Jornal do Commercio* de 16 de Setembro de 1860.)

Tomou assento na camara temporaria como deputado pela provincia do Ceará, e ahi desempenhou honrosamente o seu mandato por toda a legislatura de 1861 a 1864.

Tendo dado conta do que sabemos da sua vida, segue-se a promettida ennumerção das obras.

1. *O Guarany*, romance original. Publicado pela primeira vez no anno de 1857, em quatro tominhos de 8.º menor (tiragem feita á parte da que saira nas columnas do *Diario do Rio*) foi reimpresso em 2ª edição revista pelo auctor, a expensas do Sr. Garnier em Paris, e fórma actualmente 2 bellos e elegantes volumes de 8.º grande. Este romance, que desde o seu apparecimento obteve conspicua acceitação no mundo litterario, é um quadro animado e sobremaneira interessante dos costumes, das superstições indigenas, e das luctas renhidas e interminaveis entre a raça conquistadora e a conquistada. A scena passa-se nos derradeiros annos do seculo XVI, nas margens do Paquequer, um dos afluentes do Parahyba, não coberto, como agora, de ricas plantações de café, mas correndo por entre mattas ainda virgens, por uma d'essas florestas americanas, em que a vegetação copiosa parecia desafiar os esforços da colonisação.—Alguns puristas desejariam que o illustre escriptor se mostrasse mais sobrio em sua narrativa, e mais cuidadoso do estilo, evitando a monotonia que ás vezes resulta da reproducção de imagens e situações analogas; porém todos concordam em que na parte

descriptiva emparelha com os melhores. A dedicação de *Pery*, o *Guarany* (isto é, o indigena brasileiro), atinge por vezes as raias do sublime; e o desenlace do romance é terrível e sentimental. — Ha delle uma traducção italiana, impressa de pouco tempo; e o Sr. Dr. Antonio Scalvini formou d'ella um *libretto* para opera, que o Sr. A. Carlos Gomes, applaudido compositor brasileiro, achando-se no Milão, já no anno corrente, se propunha converter em musica. Ignoramos, contudo, se esse intento se realisou. (1)

II. *Cinco Minutos*—*A Viuvinha*. Estes dois pequenos e agradaveis romances da actualidade appareceram em 1858 nos folhetins do *Diario do Rio*, ficando o 2º incompleto quando o autor deixou aquella redacção. Correm agora reunidos ambos pelo Sr. Garnier em um volume de 8º, Paris, 1865. Gozam no Brazil de grande popularidade.

(1) Realisou-se em 1870; e a maneira esplendida e admiravel com que foi realiado narrou-a o nosso poeta Dr. Luiz Guimarães Junior no folhetim do *Diario do Rio* de 4 de Dezembro de 1870. O *Guarany*—Opera—Baile em 4 actos posta em musica pelo maestro brasileiro o cavalheiro Antonio Carlos Gomes, foi representado pela primeira vez no Theatro Lyrico Fluminense na noute de 2 de Dezembro de 1870. Esta primeira noute, escreveu o distincto folhetinista,—foi mais brilhante que um dia de primavera! Em todos os corações cantava a ave mysteriosa do extase e da poesia. O que ha de mais florido e distincto na sociedade fluminense compareceu ao torneio da arte e da gloria nessa noute.

..... Grande porção do povo, depois do espectáculo, illuminado por fogos cambiantes e com a musica italiana á frente, dirigiu-se á casa do illustre autor do *Guarany*, da *Iracema* e do *Gaúcho*.

Ahi ergueram-se vivas ao chefe da litteratura nacional contemporanea, ao romancista do poema notavel donde sahiu a magestosa opera, que o publico deslumbrado saudára de uma platté louca de enthusiasmo.

..... A' porta recitaram discursos e poesias os Srs. A. Cardoso de Menezes, O. Hudson, João d'Almeida, Ribeiro e outros.

O autor da *Diva* respondeu agradecendo e desejando á mocidade as glorias do futuro e os louros que o trabalho reparte e celebra.» P. C.

III. *Luciola, um perfil de mulher, publicado por G. M.* A primeira edição d'este romance foi dada á luz no Rio, typographia de Frederico Arfdson, 1862, em 8º—Não a vimos. Da segunda revista pelo autor, e publicada sob as mesmas iniciaes, é editor o sr. Garnier, e foi impressa em Paris, 1865, em um volume de 8º.

IV. *Diva, perfil de mulher, publicada por G. M.* impresso no Rio, typographia de D. L. dos Santos, 1864. Editor o sr. Garnier.

Eis o que, dando-nos noticia desta e da primeira edição do antecedente romance, nos escrevia do Rio um nosso erudito amigo.

« Apesar do impenetravel sigillo que envolveu a publicação da *Luciola*, a opinião dos que a podem ter no assumpto indigitou logo o autor dos *Cinco Minutos* e da *Viuvinha*. Vãmente se obstinou elle em negar a sua obra, seductora com effeito, mas de uma belleza, que a avó não podia permittir á sua neta.—*Luciola*, em primor pela riqueza e petulancia das formas; *Luciola*, a coração de *Margarida Gauthier* de Dumas filho, continuou a ser considerada a filha mais formosa da sua imaginação. A *Diva* veio por fim tirar a dúvida aos que a tiverem. Hoje corre de plano que estes dois romances são do conselheiro Alencar.

« Consideradas como obras de arte, *Luciola* e *Diva* são duas delicadas miniaturas, dois typos differentes de mulher. Uma conserva a pureza da alma no meio da corrupção do corpo; a outra é egualmente ciosa do immaterial e da fórma que o reveste. Ella é *Diva* porque é casta. Mas a imagem de ambas não se póde desprender do nosso pensamento: ellas ahi se gravam com profundas raizes, como tudo quanto é bello e virtuoso. »

V. *As minas de prata, romance.* Sairam os tomos I e II em 1862, impressos no Rio, typographia do *Diario*, no formato de 8º, formando os numeros 3 e 5 da *Bibliotheca brasileira*, publicação periodica de que foi director o sr. Quintino Bocayuva. Como, porém, essa publicação ficasse suspensa com o n. 6, interrompida ficou egualmente a continuação do romance. O sr. Garnier empreheendeu depois uma segunda e completa edição, da qual se acham já publicados os tomos I a V, Rio de Janeiro, typographia de Quirino & Irmão, 1865—1866, no formato de 18º maior.

A acção passa-se na Bahia, antiga capital do estado brasileiro, no começo do seculo XVII; e n'ella representam uma parte principal os jesuitas do collegio da mesma cidade. O illustre romancista continúa a sustentar n'esta sua composição o credito adquirido pelas anteriores.

VI. *O Rio de Janeiro—Verso e reverso*, comedia em dois actos. Representada pela primeira vez no theatro do Gymnasio dramatico em 26 de Outubro de 1857, foi nesse mesmo anno impressa no Rio, pela *Empreza Nacional do Diario* em 8°. Ha segunda edição revista pelo auctor, e publicada pelo sr. Garnier, Paris, 1864, 8°. Nestas se omittiu a dedicatoria da primeira.

Simplez miniatura, fina e elegante, collecção de episodios da vida commum, ligados todos a uma verdadeira idéa de poeta, esta estreia, annunciada e posta em scena sem o nome do auctor, obteve os applausos do publico, revellou-lhe a vocação dramatica, e serviu de prenuncio ás outras composições, que lhe grangearam uma reputação verdadeiramente solida.

VII. *O demonio familiar*, comedia em 4 actos. Representou-se no Gymnasio pela primeira vez a 5 de Dezembro de 1857. Ha della duas edições: a primeira impressa no Rio, na typographia dos edictores Soares & Irmão, 1858, em 8° grande com uma dedicatoria do auctor a sua magestade a imperatriz do Brazil. *Segunda revista pelo auctor*, e publicada pelo sr. Garnier, Paris, 1864, em 8°. Omittin-se n'esta a dedicatoria.

E' no juizo dos criticos, uma composição excellente, no genero a que hoje se chama *alta comedia*, como estudo de costumes e de caracteres; um quadro da vida domestica da sociedade brasileira, ou uma pintura no interior das familias.

VIII. *As azas de um anjo*, comedia em um prologo, quatro actos e epilogo. Subiu a scena no Gymnasio Dramatico em Junho de 1858, e foi mandada retirar por ordem da autoridade policial á terceira representação. Impressa no Rio de Janeiro por Soares & Irmão, 1860, 8° grande. *Segunda edição revista*, edictor o sr. Garnier, Paris, 1865, em 8°.

Este drama, destinado se não a resolver, ao menos a formular a opinião do auctor sobre o problema da rehabilitação da mulher perdida, no tempo em que essa these se debatia com vigor no romance e no theatro, concitou os escrupulos de alguns animos timoratos, exacerbados talvez por certos falsos devotos para quem, na phrase de um nosso distinctissimo escriptor, é maior crime escrever um beijo do que tomar um cento.

Dahi as accusações de immoralidade lançadas sobre as *Azas de um Anjo*, que provocaram a sua prohibição. Seguiu-se uma larga discussão na imprensa periodica, encetada pelo auctor do drama em uma carta apologetica que, justamente estimulado, inseriu no *Diario* de 23 de Junho de 1858, queixando-se dos caprichos e enexplicaveis meliadres da censura. Esta carta anda tambem reproduzida na sua maxima parte á frente da primeira edição do referido drama. Na mesma folha saíram outros artigos de diversos moços escriptores, que todos accusaram pela honra e credito do seu collega.

IX. *A mãe, drama em quatro actos.* Foi representado no Gymnasio Dramatico em 1860. Não temos presente a 1ª edição. A 2ª revista pelo auctor foi publicada pelo sr. Garnier, Paris, 1865, em 8º. Posto que o sr. Alencar tratasse neste drama um assumpto frequentemente explorado pelos dramaturgos, isto é, uma mãe que se sacrifica por seu filho, pôde, comtudo, tornar-se original, e é esta, na opinião dos criticos, a sua peça capital. Paixão, interesse, estudo profundo do coração humano, sobretudo do coração materno, todas estas circumstancias se reúnem para fazer do drama uma verdadeira criação, e a imagem augusta da maternidade.

Além das obras dramaticas já impressas e mencionadas, consta que mais duas comedias se representaram no corrente anno, a saber: *O que é o casamento* e *o Credito*; aquella no Atheneu Dramatico, esta no Gymnasio. Ambas foram recebidas com applauso do publico, e mui bem avaliadas pela imprensa periodica. Diz-se que conserva ineditas, e até agora não apresentadas, outras duas peças: *O Jesuita e Expição*.

X. *Iracema, romance ou antes poema em prosa*, impresso em 1865, que ainda não podemos ver. Apenas o conhecemos por uma honrosa carta, que a respeito d'elle escreveu ao auctor o sr. dr. Luiz Francisco da Veiga, inserta no *Jornal do Commercio* de 5 de Novembro de 1865 e por uma desenvolvida analyse que publicou o sr. Machado de Assis no *Diario do Rio* de 23 de Janeiro deste anno. O illustre critico vê nesta recente produção do sr. Alencar « um modelo para o cultivo da verdadeira poesia americana, que ha de avigorar-se com escriptos de superior quilate. »

Como nos propuzemos dar conta de tudo o que sabemos impresso do sr. Alencar, mencionaremos ainda :

XI. *Cartas sobre a confederação dos Tamoios*, insertas primeiro no *Diario* em 1856, e impressas depois em opusculo separado, no mesmo anno, em formato de 8º grande.

Constituem estas 8 cartas uma critica minuciosa por extremo, umas vezes bem fundamentada, outras severa e rigorosa em demasia, do festejado poema de que é auctor o sr. Domingos José Gonçalves de Magalhães, tal como este apparecêra na sua primeira edição.

XII. *O Marquez de Paraná, traços biographicos*. Publicado no *Diario*, e fez-se tambem tiragem separada, em um opusculo de 35 paginas no formato de 16º, Ric de Janeiro, typographia do *Diario*, 1856. E' um tributo á memoria daquelle notavel estadista brasileiro, escripto sob as impressões dolorosas que geralmente causára o seu fallecimento.

*

O sr. M. Pinheiro Chagas.—*Novos Ensaio Criticos*.—
Porto—1867.

A pag. 215. As nações americanas se quizerem verdadeiramente fazer acto de independencia, e entrar no mundo com os fóros de paizes que tem nobreza sua, devem, como Nathaniel Bempo, esquecer-se um pouco da metropole européa, impregnar-se nos aromas do seu solo, proclamar-se filhas adoptivas, mas filhas ternas e amantes das florestas do Novo-Mundo, e acceitar as tradições dos primeiros povoadores, que os seus antepassados barbara e impoliticamente expulsaram da patria, por onde vagueiassem em pleno gozo da liberdade selvagem. Na poesia esplendida desses povos primitivos está a inspiração verdadeira, que deve dar originalidade e seiva á litteratura americana. Foi isso o que F. Cooper comprehendeu, foi isso o que fez os seus romances tão apreciados por uma geração, que procura em todas as flores da poesia o aroma nativo dos jardins em que brotaram, no colorido das suas folhas o matiz com que as doirou o sol da sua patria, por uma geração que despreza as estioladas e pallidas plantas de estufa, nascidas n'uma atmospheria falsa, desabrochadas no sopro ficicio d'uma brisa artificialmente calida.

— E' isso que deve dar ao Brazil a litteratura que lhe falta, foi isso finalmente o que o sr. José de Alencar comprehendeu

e tentou na formosa lenda cearense, que abre um novo e desconhecido horizonte aos poetas e romancistas de Santa-Cruz.

A pag. 218. A' *Iracema* pertence a honra de ter dado o primeiro passo affeito na selva intrincada e magnificante das velhas tradições.

A pag. 219. Quem lê os romances de Cooper e se entusiasma com as suas descrições magnificas... se volve depois os olhos para as terras de Santa Cruz... lamenta de certo que não houvesse um poeta, que soubesse aproveitar os thesouros de poesia, espalhados com profusão por esse territorio admiravel, e que, da mesma fórma que Fennimore Cooper, dêsse um magico relevo ás tradições e ás chronicas desses povos, a quem Deus concedera para habitação como que um arrabalde do Paraizo.

Felizmente o sr. José de Alencar livrou a sua patria desse labéo. *Iracema* é uma tentativa, uma lenda apenas de 156 paginas, mas em que se revela o estylo primoroso, o pintor entusiasta das paisagens nataes, e o chronista sympathico dos antigos povos brasileiros. Pela primeira vez apparecem os Indios, fallando a sua linguagem colorida e ardente, pela primeira vez se imprime fundamente o cunho nacional n'um livro brasileiro, pela primeira vez são descriptos os selvagens com aquelles toques delicados, que dão um realce tão vivo aos typos do romancista da America do Norte...

A muza nacional solta-se emfim dos laços europêos, e vem sentar-se melancholica e pensativa á sombra das bananeiras, vendo o Sol apagar o seu facho ardente na perfumada orla das florestas americanas.

Vi, não sei já em que jornal do Rio de Janeiro, notada como defeito a profusão de termos indigenas espalhados nas formosas paginas d'*Iracema*. E' possivel que o auctor não podesse eximir-se ao desejo de fazer apparato de erudição em materia tão nova, e esse apparato, se tornasse inintelligivel o volume ou inçasse de termos desagradaveis o brilhante matiz da prosa do Sr. José d'Alencar, não podia realmente considerar-se como defeito, mas o entretecer nos periodos da lenda algumas palavras sonoras e doces, que, ainda mesmo que não sejam comprehendidas pelo leitor, em nada prejudicam o interesse do livro por serem designação de plantas americanas ou de objectos do uso dos indigenas, não creio que possa macular por fórma alguma o formosissimo quadro do pintor brasileiro....

Não; esse não é o defeito que me parece dever notar-se na *Tracema*; o defeito que eu vejo em todos os livros brasileiros, e contra o qual não cessarei de bradar intrepidamente, é a falta de correcção na linguagem portugueza, ou antes a mania de tornar o brasileiro uma lingua differente do velho portuguez, por meio de neologismos arrojados e injustificaveis e de insubordinações grammaticaes, que (tenham cautella!) chegarão a ser rizíveis se quizerem tomar as proporções d'uma insurreição em regra contra a tyrannia de Lobato.

A' pag. 223. Ainda que o Sr. José d'Alencar não seja dos mais audazes revoltosos, ainda que o seu estylo verdadeiramente magico resgate plenamente as incorrecções de linguagem que lhe podemos imputar, desejaríamos que nem sequer essa leve macula existisse n'um livro primoroso, n'um livro que está destinado, como a *Tracema*, a lançar no Brazil as bases d'uma litteratura verdadeiramente nacional.

O Sr. Alencar no *postscripto* á pag. 242 da *Tracema*, 2.^a edição (1870) diz como resposta ao distincio literato portuguez: (2)

Vale a pena ser adverido por critico tão illustrado, quando a censura, como a sombra que destaca no quadro o vivo e fino colorido, não passa de um relevo immerecido á elogios dispensados com excessiva generosidade. A questão vai por tanto estreme de qualquer assumo da vaidade, que estaria por demais satisfeita com as finezas recebidas.

... Na opinião do Sr. Pinheiro Chagas, a grammatica é um padrão inalteravel, a que o escriptor se ha de submeter rigorosamente. Só o povo tem a força de transformar uma lingua, modificar sua indole, criar novas fórmãs de dizer. Apoiado na opinião de *Max Muller*, o illustrado critico sustenta que a philologia é uma sciencia natural ou physica, regida por leis invariáveis como a rotação dos astros.

Singular theoria que ninguem se animou a produzir, nem mesmo a respeito das artes liberaes, manifestações menos intelligentes do pensamento.

... Supponho eu que ha grande equivocação na interpretação dada á theoria de *Max Muller*. O corpo de uma lingua, a sua substancia material que se compõe de sons e de vozes peculiares; esta, só a pôde modificar a soberania do povo, que nestes assumptos legisla directamente pelo uso. Entretanto, mesmo

(2) Sentimos não poder reproduzir todo o texto. P. C.

nesta parte physica é infallivel a influencia dos bons escriptores ; elles talham e pulem o grosseiro dialecto do vulgo, como o escriptor cinzela o rude traço de marmore e delle extrahê o fino lavor

Mas além dessa parte phonetica da lingua, que fôrma seu corpo, ha a parte logica, o seu espirito, ou, para usar da terminologia da sciencia, a grammatica. Essa não é como se preende méra rotina ou usança, confiada á ignorancia do vulgo que sómente a pôde alterar. Aqui está o ponto falso da theoria invocada. A grammatica, ou a philosophia da palayra, é incontestavelmente uma sciencia. Como todas as sciencias, ella deve ter em cada raça e em cada povo um periodo rudimentario ; existirá algum ramo de conhecimentos humanos que não esteja imbuido de falsas noções e até de erros crassos ?

O mesmo succede com a grammatica : sabida da infancia do povo, rude e incoherente, são os escriptores que o vão corrigindo e limando.

.... O illustrado critico, levado pela força da verdade, reconhece « que os sabios enriquecem um idioma. » Ora, como enriquecel-o senão augmentando-lhe o cabedal, dotando-o de outros vocabulos mais expressivos, e de locuções elegantes e sonoras ?

... — Accusa-nos o Sr. Pinheiro Chagas á nós escriptores brazileiros do crime de insurreição contra a grammatica de nossa lingua commum. Em sua opinião estamos possuidos da mania de tornar o *brazileiro* uma lingua diferente do velho portuguez !

Que a tendencia, não para a formação de uma nova lingua, mas para a transformação profunda do idioma de Portugal, existe no Brazil, é facto incontestavel. Mas, em vez de attribuir-nos á nós escriptores essa revolução philologica, devia o Sr. P. Chagas, para ser coherente com sua theoria, buscar o germen della e seu fomento no espirito popular ; no fallar do povo esse « ignorante sublime » como lh'o chamou.

A revolução é irresistivel e fatal, como a que transformou o persa em grego e celtico, o etrusco em latim, e o romano em francez, italiano, etc. ; ha de ser larga e profunda, como a immensidade dos mares que separa os dois mundos a que pertencemos.

Não admira que um litterato portuguez note em livros brazileiros certa dissonancia com o velho idioma quinhentista. Essa mesma dissonancia achamos nós escriptores brazileiros nas paginas do *Calabar* e dos *Bandeirantes* em que o illustre poeta o Sr. Mendes Leal, procurou descrever as scenas e tradições americanas.

O velho estylo classico destôa no meio destas florestas seculares, destas catadupas formidaveis, destes prodigios de uma natureza virgem, que não podem sentir nem descrever as muzas gentis do Tejo ou do Mondego.

.... Sempre direi que seria uma aberração de todas as leis moraes, que a pujante civilisação brazileira, com todos os elementos de força e grandeza, não aperfeiçoasse o instrumento das idéas, a lingua.

Aproveitarei o ensejo para defender-me de alguns neologismos de termos e locuções pelas quaes tenho sido censurado. . . .

.... Ha quem taxa a minha sobriedade no uso do « artigo indefinido » de *gallicismo*, não se lembrando que o latim, d'onde provém nossa lingua não tinha aquella particula; e portanto a omissão della no estylo é antes um latinismo.

.... Os nossos melhores classicos com muita elegancia omitiram o artigo indefinido sempre que o pronome possessivo o tornava escusado; assim diziam elles *meu filho*, *minha patria*, *sua alma*; e não *o meu filho* etc. Com que se hão de sahir os puristas? Que o uso cheira á *francezismo* e deve-se evitar.

.... Outro artigo do libello.—A omissão do pronome *se* nos verbos reflexivos, como *recolher*, *enroscar*, *destacar*, etc.

....—Escrevendo, muitas vezes senti a importunação desse reflexivo *se*, que zune em torno da frase como uma vespa teimosa. Procurei o remedio na grammatica e o achei. A fórma neutra do verbo não é outra cousa sinão o retrahimento da acção que elle exprime a qual não passa do sujeito; razão porque dão os grammaticos a esses verbos o nome de intransitivos, com que os differenciam dos activos. Destes verbos ha uns que são de sua essencia neutros, outros se tornam taes por uma ellipse muito elegante quando usada á proposito.

Os primeiros originalmente neutros têm por attributo o substantivo implicito no proprio verbo; como *viver*, *dormir*, *sahir*. Algumas vezes activando-os se diz com propriedade: *viveis longa vida*, *correr seu curso*.

Os segundos, verbos figuradamente neutros, têm um attributo

distincto embora vago incerto e occulto. Por ex., *eu amo, tu bebes, elle quebra*; o attributo *alguem* ou *alguma cousa* está subentendido.

Certos verbos desta ultima classe, cujas significações revelam uma relação intima do attributo occulto com o sujeito, tornam-se naturalmente reflexivos. Assim succedia no latim, como attesta *Madwig* na sua « Grammatica Latina » nota 4 § 222. Certos verbos despojam em alguns casos a significação transitiva e se empregam na activa com a significação reflexa; por ex: *duro*, eu me endureço; *inclino*, eu me inclino, etc. »

Será isto acaso um neologismo ou ao contrario um archaismo? E como archaismo, correrá elle unicamente por conta do author da *Tracema*, e não haverá exemplo de semelhante ellipse no portuguez classico?

Vejam os. Qual é a fórma do verbo tão usado em preposições como estas—*partiu do Ceará, partimos para o campo*? Não é outra senão a fórma elliptica da significação reflexa.

Partir em sua fórma primitiva, significa dividir uma cousa em partes; para exprimir a auzencia diziam a principio os classicos: *parti-me de*; posteriormente eliminaram o pronome por escusado, o mesmo aconteceu com *passar, recolher, alimpar, parar, endurecer*, etc.

Será esta imitação dos classicos, esta simplicidade latina da phrase, que o Sr. Pinheiro Chagas e outros censores meus chamam corrupção do velho portuguez?...

E' tambem materia de escandalo a collocação dos pronomes pessoaes que servem de complemento ao verbo, *me, te, lhe e se*. --Entendem que nós os brasileiros afrancezamos o discurso fazendo em geral preceder o pronome; quando em portuguez de bom cunho a regra é pôr o pronome.

Tal regra não passa de arbitrio que sem fundamento algum se arrogam certos grammaticos. Pelo mecanismo primitivo da lingua, como pela melhor lição dos bons escriptores, a regra á respeito da collocação do pronome e de todas as partes da oração—é a clareza, a elegancia, euphonia e fidelidade, na reproducção do pensamento. Em latim colloca-se ao gosto do escriptor e segundo aquella regra.

... Podemos dizer com os latinos—*juvat me, ou me juvat; te rogo ou rogo te*. (Leoni—*Genio da Lingua Portugueza*.)

Nos classicos achamos:—Na chronica do Condestavel lê-se *nos arrasta* e logo depois *morriam-nos, se obrigam e accendeu-se,*

etc. Em Garcia de Rezende *se reuniu e achando-se*. Em Vieira *se prezava e resolve-se* etc.

Falta-me tratar de algumas palavras, que os puristas repellam, por ter a macula de francezismo.

Antes de tudo uma observação. Desde que uma palavra fôr introduzida na lingua por iniciativa de um escriptor ou pelo uso geral, entendo eu que torna-se nacional como qualquer outra e sujeita-se á todas as modalidades do idioma que a adoptou... »

Passa o A. a defender algumas palavras do texto da *Iracema* apontadas pela critica e censuradas como innovações ; V. g. : *brusco*, *flanco*, *abandonar* e *emoção*. Rememoremos áqui a sua promessa referente á obra na qual se propoz á fazer um estudo sobre a indole da lingua portugueza, seu desinvolvimento e futuro. Ahi defende-se, conforme a sua declaração, da pecha de innovador, quando não de escriptor incorrecto e descuidado.

São muito para este lugar as considerações feitas por um dos nossos mais festejados poetas o Sr. dr. Joaquim Serra na *Reforma* de 7 de Nov. de 1869 sobre as incabiveis opiniões do illustrado critico portuguez á cerca da litteratura brasileira. Semelhantemente as *Duas Palavras* de um outro nosso não menos distincto homem de letras o digno magistrado mineiro Sr. Dr. Salomé de Queiroga, dirigindo-se ao Sr. Pinheiro Chagas pelo *Liberal de Minas* numero de 5 de Março do mesmo anno. Já em 1829, nesta cidade, escrevia o dr. Salomé na *Revista Philomatica* de S. Paulo: « Alguns usos e costumes portuguezes não podiam ser descriptos pelo typo classico do *pai velho*...—A' mocidade estudiosa pertence a tarefa de ir quebrando pouco a pouco o jugo litterario, como os nossos maiores haviam quebrado o da metropole.... Menina travessa e caprichosa, respirando o ar puro, novo, e independente d'este clima, a poesia brasileira desconhece o medo, vence os obstaculos, é indomavel. »

— Esse apostolado que o Sr. Pinheiro Chagas quer fazer da poesia, é para mim incomprehensivel, diz o Dr. Serra ; e se pelo facto de sermos filhos da Europa, nos fosse tolhida uma litteratura original, então os Estados-Unidos teriam de soffrer o mesmo interdicto...—Não acredito que n'este gigantesco Brazil não haja fundamento para uma litteratura nacional.

Os *Tymbiras* e todos os poemas indianos de Gonçalves Dias ; os *Tamoyos* de Magalhães ; muitos dos *Cantos da Solidao* de Bernardo Guimarães ; *Guarany* e *Iracema* de Alencar ; os romances

de Macedo; o *Sargento de Milicias* de Manoel de Almeida, e tantos outros livros formosos, inteiramente brasileiros protestam contra a opinião do illustre critico. »

Essa questão resuscitada nos *Novos Ensaios Criticos* é já velha entre nós e sentenciada. Em sua *Satisfação á um escrupuloso* publicada n'um periodico fluminense, o finado author de *Novo Principe*, que, apezar da dureza de seu estylo, por vezes não deixava de sahir-se bem nas justas litterarias,—para sempre nos havia condemnado ao dominio da litteratura portugueza: «...litteratura brasileira é uma entidade que não só não tem existencia possivel...—E já alguem fallou por ventura em litteratura hannoveriana, austriaca, saxonica, bavara ou prussiana...? Não; é sempre a mesma litteratura allemã. »

Sahiram ao terreiro por nós, pela causa da litteratura brasileira, dois estrangeiros illustres e abalisados litteratos, o peruano Sanctiago Nunes Ribeiro, e o argentino D. Juan M. Gutierrez.

« Agora perguntaremos, disse o primeiro,—se um paiz cuja posição geographica e constituição geognostica, cujas constituições, costumes e habitos tanto differem dos de sua metropole de outr'ora, não deve ter sua indole especial, seo modo proprio de sentir e conceber, dimanante d'essas diversas causas, modificadas umas pelas outras; se n'uma palavra, não deve ter caracter nacional? »

Sim, nos dirá todo aquelle que estiver desprevenido. Ora, se os Brasileiros têm seu caracter nacional, tambem devem possuir uma litteratura patria. »

—Tão impropria, por exemplo seria dizer-se que a litteratura brasileira é portugueza por valer-se de uma mesma lingua, como seria dizer-se que a escola pintorica hespanhola é a mesma que a florentina—diz o Sr. Gutierrez; nada poderia sancionar semelhante erro e comtudo as tinctas da palheta de Vinci são as mesmas da palheta de Murillo...—As outras razões de emancipação em litteratura são tão manifestas como os phenomenos da natureza. A muza do Amazonas e do Prata...—a muza de Sancta Rita Durão e de Basilio da Gama, a muza de Heredia e de Placido, a muza de Labarden e de Echeverria não existirá?—Incredulos por vaidade ou falta de logica, ou por cega rotina que a negaes, levantae vossos olhos ás abobadas do nosso hemispherio.

O *Cruzeiro*,

Constellação dos Europeos não vista

dir-nos-ha quão rutilantes e magneticos não são aquelles

olhares, que dirige aquella a seus escolhidos. Sulcae na canoa de um só tronco as agoas do *Sublime Paraná, sagrado rio*; sentae-vos a meditar com Heredia, junto ás ruinas da pyramide de Cholula, e então, talvez, que novos Paulos da fé em a imaginação Americana, vos convertesseis por ella.

E o nosso Gonçalves Dias ha muito que proclamára, publicando as suas *Sextilhas de Frei Antão* :

« As litteraturas brazileira e portugueza hão de ser duas, mas semelhantes e parecidas como irmãs, que descendem de um mesmo tronco e que trajam os mesmos vestidos, embora os trajem por diversa maneira, com diverso gosto, com outro porte e graça differente. »

De differente sentir (diria melhor—rebellando-se contra o *jugado*) é o auterissimo e por vezes rude critico transmuntano, o aliás eruditissimo Sr. Luciano Cordeiro. Elle, que não faz litteratura de catalogo e importa-se pouco com os nomes e mais com as obras, conforme declarou (*advert.* a pag. XIII do *Segundo Livro de Critica*) á «um doutor brazileiro que por nome não perca» (bonita e urbanissima phrase!), o qual reparára no seu livro estar tres vezes *Gonçalo Dias* por *Gonçalves Dias*,—o Sr. L. Cordeiro é dos que ainda pensam que não temos litteratura. «E' monomania dos brazileiros....» exclama no seu *Livro de Critica*, Porto, 1869 pag. 278.

Além do que fica lembraremos aquí aos que se não enfastiam das nossas boas letras, o seguinte: programma desenvolvido pelo Dr. J. Ferreira de Menezes nas *Memorias da Associação «Culto á Sciencia»* n. de Nov. de 1864:—*O Brazil tem uma litteratura sua?*; e a biographia do actor brazileiro *Joaquim Augusto* pelo Dr. F. Quirino dos Santos a pag. 348 do *Archivo Pittoresco* vol. VI. Ahi, e por nós a autorisada opinião do Sr. Mendes Leal Junior (prefação do *Calabar*) verão *quão mal avisados andam aquelles que negam os fundamentos da nossa litteratura*. Ainda agora, o mesmo eximio litterato portuguez louvando os *Vóos Icarios* do brazileiro Dr. R. Muniz em carta de Lisboa 16 de Abril ultimo, publicada no *Jornal do Commercio* de 28 de Maio, expressa-se nos seguintes termos: «.... O historico nome de Muniz Barreto, gloria do Brazil, e quasi gloria nossa—tanto nos irmana a lingua, tão gemeas são as musas d'aquem e d'alem-atlantico.»

Deixando o tão attrahente e convidativo assumpto, tendo-o apenas desflorado, e passando a encarar por um momento mais aos accusadores do Sr. Alencar pelo que toca as pretensas inno-

vações, sómente lhes offereceremos para que releiam-nas, se é que as leram já alguma vez, estas paginas dos insuspeitos Srs. J. M. Latino Coelho e A. da Silva Tullio nomes feitos em philologia. Este no *Archivo Pittoresco* vol. III pag. 8: «Os neologismos que pedem os progressos incessantes do espirito humano, são as heranças, o morgado inalienavel das linguas porque a necessidade de exprimir uma idéa nova, ou denominar um novo producto, pede ou cunha, logo, a palavra que deve entrar na circulação do mundo civilisado. Estes vocabulos não são gallicismos, como a escrupulosa nimiedade de alguns puristas quer que sejam....» — Aquelle nos seus *Elogios Academicos*, Lisboa — 1873 pag. 48: — «... como é que nós os homens de um seculo riquissimo de noções desconhecidas aos nossos avoengos havemos de condemnar-nos, em nome de um purismo intolerante, a constringer os nossos movimentos intellectuaes no leito de Procusto de uma linguagem sacramental e immobilisada? — O neologismo é pois uma fatal necessidade e os rebates dos puristas não conseguem impedir o complemento natural de uma lei inexoravel.»

E como derradeiro reparo. — Para decidir as questões de linguagem, e segundo o conselho de um mestre, o citado Sr. Tullio, é ter-se presente quanto disse em 1781 o padre A. P. de Figueiredo na sua dissertação á academia das sciencias, *ibi*: «*E' necessario que haja em cada nação um juiz arbitro das controversias que se podem excitar sobre a sua lingua. — E quem pode ser esse juiz?*»

*

O Sr. Dr. A. Henriques Leal. — *A Litteratura Brazileira Contemporanea*. — Publ. em 1870 no «Jornal do Commercio de Lisboa» e á pag. 187—233 das *Locubrações*, Lisboa, 1874.

A' pag. 214. — O Sr. cons. José de Alencar, publicista distincto, que ainda ha pouco foi ministro da justiça, tem conquistado por seu engenho e pelo conceber inexgotavel florentes loiros em todas as carreiras. E' elle por equal publicista, poeta (1),

(1) Mui poucas são as poesias do Sr. Alencar de que o publico tem conhecimento; entretanto bastaram para tambem conferir-lhe justa celebridade nesse estadio litterario. Por ex.:

Sob a epigraphe — *Um Poema Americano* publicou a *Reforma* do Rio de Janeiro em seu n. 138 de 20 de Junho de 1872 o seguinte: — «O fragmento que se vai ler é uma joia arrancada do mais opulento escriptorio.

romancista, dramaturgo e orador. Activo e fértil em produzir, nem por isso cança a sua imaginação ou afrouxa-se-lhe o pincel. Basta citar seus romances: *Guarany*, *Minas de prata*, *Tracema*, *Gaúcho*, *Pata da Gazella*, *Tronco do Ipê*, *Til*, todos nacionaes e modelados pelo *Derradeiro Mohicano* e *Lago Ontario* de Finnimore Cooper, para se fazer uma idéa aproximada da fecundidade d'este grande talento. Avantaja-se elle aos mais na originalidade das imagens e nas pinturas das scenas da nossa natureza. Já li tambem d'elle uma amostra de poema nacional—*Os filhos de Tupan*, que a continuar e a terminar no elevado e magestoso ponto em que está debuxado esse fragmento, promete vida longa e prospera.

E' pena que talento tão superior não se applique ao estudo da lingua, com mais interesse e sem prevenções. Por emquanto sua linguagem e estylo são descuidados e por vezes deseguaes e frouxos; posto que sejam compensados esses senões pelas muitas bellezas que se encontram em suas obras, taes como a exactidão e firmeza de suas descripções, o bem sustentado dos dialogos, e as observações adequadas á feição verdadeiramente brasileira d'esses trabalhos.

Não carecíamos de mais ninguem para formar uma eschola e pôr limites incontestes á nossa litteratura. Ha, por ex., no *Guarany* trechos que valem por si um livro, como a scena do tufão

Damos aos amigos das boas letras as primicias de um poema admiravel e que poderia ser assignado pelo immortal cantor dos *Tymbiras*. Devemol-o a um peregrino talento que no romance, no theatro e na critica deixou-nos modelos magnificos.

Agora offerece-nos elle uma amostra da pujança do seu enorme engenho, em um poema nacional. — Que tão distincto escriptor era um grande poeta já o sabiamos nós, e igualmente que a sua prosa possui toda a elevação e harmonia da poesia a mais delicada.

Como disse M^{me} de Stael: o genio é essencialmente creador e traz o caracter do individuo que o possui.

O poema *Os filhos de Tupan*, cujo apparecimento está para breve, é uma epopéa indiana, na qual figuram os usos, os sentimentos e a theogonia dos primitivos filhos da America. A par disso, a descripção esplendida da natureza braziliica, com todos os seus coloridos e esplendores.—P. C.

• • • • •

que arrebatava e suffocava Pery e Cecilia, e a oração da noite no meio do ermo e do silencio imponente de uma floresta virgem.

Tem este infatigavel e fecundissimo escriptor dado á estampa muitos opusculos politicos e alguns romances da actualidade, com o pseudonymo de Senio. *Diva, Luciola, Cinco Minutos, e A Viuvinha* pertencem áquelle genero e não desmerecem da boa reputação que tem adquirido este afamado escriptor.

Na arte dramatica não carecia mais que o drama em 4 actos que tem por titulo *Mãe*, para que primasse entre os dramaturgos selectos.

— Como resposta á esta critica escreveu o Sr. cons. Alencar: (1)

« Entre as cousas mais amaveis e lisongeiras que o amor da patria, mais do que o merito do escriptor, inspirou ao Dr. H. Leal sobre minhas obras, reproduz-se a causada censura do *estyllo frouxo e deixado*, especialmente á proposito do *Guarany*.

No conceito do distincto litterato, os nervos do estylo são as particulas, especialmente as conjuncções, que teciam a phrase dos autores classicos, e serviam de élos á longa serie de orações amontoadas em um só periodo.

Para meu gosto, porém, em vez de robustecer o estylo e dar-lhe vigor, essa accumulção de orações ligadas entre si por conjuncções, relaxa a phrase, tornando o pensamento diffuso e languido.

... Ha energias do pensamento e scintillações do espirito, que é impossivel exprimir com semelhante estylo.

... Chamem outros estylo terso este que para mim é ao contrario uma locução flacida e languida, pois, á força de atilhos, mistura idéas distinctas, escurece o pensamento, e muitas vezes sacrifica a harmonia e lucidez grammaticaes. »

Apresenta um trecho de um dos melhores prosadores portuguezes, Fr. Luiz de Souza, veste depois á moderna essa prosa classica; e, depois, para que melhor se destaque a differença dos dois estylos, mostra ao inverso um trecho moderno, trajado á antiga. E certa o capitulo com esta declaração:

« Não posso transportar para aqui todas as observações que tenho feito a respeito dos classicos; limito-me por enquanto á manifestar minha opinião, ou antes meu gosto em materia de estylo. Assim aquelles que censuram minha maneira de escrever,

(1) Pag. 254—258 cit. *Postscripto* á 2ª edição de *Iracema*.

saberão que não provém ella, mercê de Deus, da ignorancia dos classicos; mas de uma convicção profunda á respeito da decadencia daquella eschola.»

Como se acaba de vêr, a resposta á critica do Sr. Dr. H. Leal não podia ser mais delicada e digna. Em nenhuma de suas 122 linhas (de pag. 254—final—ao começo da pag. 258) que o sr. dr. Leal chama *quatro boas paginas* encontra-se uma só palavra que revele:—*melindres irritadiços—nodoa que embacia dotes elevados—dar-se por escandalizado* com phrase de simples advertencia, *haver-se abspinhado* (irritar-se, assanhar-se como as bespas.) Porque havia o nosso illustrado critico, tão sincera e patrioticamente amigo de nossas lettras e zeloso pregoeiro do bom nome de seus cultores afeiar o papel que representa no mundo litterario com um acto de deslealdade? Perdoe-nos, porém é preciso dizel-o: já é bem difficil achar entre os polemistas de todas as castas ou classes quem ouse levantar *falsos testemunhos* ao adversario ainda nas mais apertadas conjuncturas.

E' com legitimo sentimento de pezar que faço esse reparo, cedendo a palavra á pessoa competente para dizer sobre o restante da carta ao redactor do *Paiz*:

Está ultimamente em uzo dizer, que o estylo do conselheiro Alencar é incorreto, que não é aceitavel. Confesso-me inteiramente fóra da moda.

Não creio que o conselheiro Alencar escreva como João de Barros, e nem elle tem essa pretensão. As temeridades, porém, de seu estylo não merecem essas opposições, e podem ser *culpas felizes* se é que são culpas. Os chamados erros de sua construcção syntaxica e os neologismos que notam no seu vocabulario, elle commette-os á sangue frio e sem intenção de dizer uma cousa por outra. Poderá destoar da linguagem *portugueza de lei*; mas quem tem o direito de introduzir vocabulos novos em um idioma? Os seus escriptores mais abalisados. Quem modifica as linguas? O tempo e esse grande ignorante chamado o povo. Ora o seculo actual não é o de 500, e as innovações que se encontram no portuguez-brazileiro são, por via de regra, oriundas do nosso viver especial.

... O sr. conselheiro Alencar poderá não escrever á sabor de Fr. Luiz de Souza ou de Camões, mas o seu estylo tem novidade e relevo.

O inglez de Longfellow não era a principio reputado pelos classicos da antiga metropole uma corrupção americana?

Macauley não acha que é um inglez afrancezado o do celebre critico Johnson ? Não disse elle que actualmente poucos são os escriptores inglezes que não escrevem uma algaravia semi-allema ?

Esse purismo, portanto, nos parece exagerado. Respeitando-se a indole da lingua e tendo-se capacidade para fazer da palavra um instrumento do pensamento, as innovações são uteis e não escusadas.

Garrett não escrevia como Jacintho Freire.

Levantemos cruzadas contra os tarelos e francelhos, que tanto exasperaram a Francisco Manoel, mas não façamos cruzadas contra um escriptor que não é gallicista, e que, se aparta-se da classica *ornière*, tem a desculpa do oceano que nos separa e no céo brazileiro que é muito diverso do portuguez.

Acho, pois, que não tem muita procedencia as arguições que o illustrado dr. H. Leal accumula no seu artigo intitulado *Questão Philologica.* »

Esta *critica litteraria* publicada na *Reforma* do Rio de Janeiro numero de 22 de Abril deste anno está assignada por uma inicial—S—que traduz (ninguem já o ignora) o espirituoso e atillado poeta dos *Quadros*, o illustrado sr. dr. Joaquim Serra. E aqui não nos leve á mal o distincto escriptor applicar-lhe, tambem por muito cabido, o reparo que ácima fizemos sobre a deslealdade de parte da critica do autor das *Locubrações*. Incorreu no mesmo defeito attribuindo ao critico portuguez o que em seu livro não se encontra :

1.º Quando no final do seu artigo (3ª linha do 25º §) impresso na citada *Reforma* de 7 de novembro de 1869 lança em rosto ao sr. Pinheiro Chagas ter filiado o conselheiro Alencar na seita dos revoltosos audazes—quando justamente ao contrario lê-se á pag. 223 dos *Novos Ensaios Criticos* ibi : Ainda que o sr. José de Alencar não seja dos mais audazes revoltosos, etc. »

2.º Quando empresta-lhe a opinião de que no Brazil não ha fundamento para uma litteratura nacional (final do § 19 art. cit.) ; sendo que a pag. 224 dos citados *Ensaios* diz elle ; « um livro que está destinado como *Iracema* a lançar no Brasil as bases de uma litteratura verdadeiramente nacional. »

Mas o distincto sr. dr. Serra não quiz entrar na *questão philologica* propriamente dita e que vae em seguida condensada o mais fielmente que nos foi possível :

1.º Qual o motivo que levou o sr. conselheiro Alencar a

propôr innovações, taes como a da eliminação do artigo *o—a* a que chama indefinido, e a que os grammaticos appellidam com bastante acerto—definido ou determinado?

2.º E que me dirá da proscipção do pronome reflexo—*se* nos verbos transitivos?

3.º Ha ou não ambiguidade nesta expressão : « as tradições dos Brasis e seus costumes (*Tracema*) ? »

Já o sr. conselheiro Alencar pronunciára-se a respeito das duas primeiras interpeilações. E quanto á terceira não nos parece—séria... bem como tambem a primeira ; porquanto não é exacto ter o sr. conselheiro Alencar proposto a eliminação de nenhuns artigos. O que elle escreveu á citada pag. 248 é o seguinte : « O que se deve e com muito cuidado evitar é a incorrecção grammatical, o pleonasmio continuo que ha no emprego do artigo, por uma especie de abuso ou lapso de lingua. O uso do artigo, mesmo antes do pronome possessivo, pôde tornar-se elegante e expressivo, servindo para indicar um objecto ao qual se faz uma allegão remota. Tambem em muitos casos a euphonia exige a interposição dessa particula superflua para suavisar um som aspero, ou desvanecer uma cacaphonia. »

Bem se vê que disto até á *eliminação* vai distancia, que lealmente não se pôde atravessar.

Quanto a segunda acha-se abundantemente respondida á pagg. cit. e 249 e seguinte.

Fazemos apenas estes —reparos—porque não ousamos invadir alheios territorios ; e quanto fica é quanto nos basta.

Se não apparecerem outros criticos mais felizes (mais esforçados não diremos), o sr. conselheiro Alencar quanto a essas arguições continuará como até ao presente—incolume e á espera de critica.

*

O sr. Fernando Castiço.—*Altos e Baixos* folhetim do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, n. de 9 de Setembro de 1872.

Depois que o sr. J. Norberto de Souza e Silva em a nota 2ª a pag. 415 de sua *Historia da Conjuração Mineira* declarou ser o autor do folhetim do *Jornal do Commercio* o illustrado litterato portuguez que pelas paginas da *Revista Popular* já nos havia dado o *Agrião* e a *Cicuta* e *Dezeseis horas em terra e vinte dois dias no mar*, cuido que não é indiscrição o que acabo de fazer.

Sentimos entretanto não poder dar lugar aqui ao notavel escriptor entre os criticos do sr. conselheiro Alencar, embora com os *Sonhos d'ouro* enchesse quasi todo o seu folhetim publicado em 9 de Setembro de 1872.

Primores de composição no seu genero, e que muito honram a quem os escreve, no justo aprego do *Novo Mundo* (n. de junho de 1872) esses folhetins hebdomadarios em relação aos *Sonhos d'ouro* fizeram perfeito fiasco. E se não leiam-se estes topicos referentes ao prologo (*Benção paterna*) do livro :

« Realmente se eu fosse critico de profissão aproveitava a occasiao de pedir a minha reforma, ou entao fazia como os deputados que se retiram da camara em certas votações quando não querem perder a opinião de Catões da opposição nem malquistar-se com o governo.

« . . . A influencia que tão legitimamente exerce sobre a intelligente mocidade brasileira deixaria de ser benefica como tem sido se, embora gracejando, *Senio* lhe inculcasse doutrinas tão perigosas.

Da questão litteraria não tratou seriamente.

*

O Sr. Senador Francisco Octaviano. — Paginas Menores do *Correio Mercantil* n. 304 de 7 de Nov. de 1857.—*O Demonio Familiar*.

A inveja é um máo sentimento,—bem o sei: e no emtanto começarei confessando-vos que tenho inveja.

Nada arrisco desse segredo comvosco, porque me acho entre ^{cu}mplices e não entre juizes insuspeitos: e desde já vos digo que nunca me deram rebate, nem me levaram os olhos as posições eminentes empannadas quasi sempre por nuvens ephemer^{as} que de longe parecem gigantes; nem esses sepulcros tradicionaes de sciencia que apenas encerram ossos imprestaveis.

Mas quando leio um dos mais bellos poemas dos tempos modernos, a *Nebulosa*, onde a esplendida phantasia do poeta rivalisa com o abundante thesouro de seu coração; quando leio os fragmentos do *Colombo*, essa epopéa soberba em que um artista exauctorado por decreto, por nao poder ser vencido em combate, restaura a gloria do descobridor da America; quando admiro a eloquencia de Mont'Alverne, a sciencia de Freire Allemão o

botanico, de José Mauricio o anatomista, e de tantos outros que valeriam muito nos paizes dispenseiros de grandes honras litterarias, e que no Brazil, carcereiro dellas, quasi nada valem, — confesso que tenho inveja.

Porque hei de sonegar-me a este sentimento, se é uma homenagem ao talento, ao saber e ao engenho creador ?

E hoje em dia que a nossa mocidade faz-me desesperar ! Quanto mais quero comprimir aquelle vicio, tanto mais ella o provoca, tanto mais o agrava, tanto mais o irrita. A leitura dos jornaes onde não escrevo, a leitura do que escrevem os meus amigos no proprio jornal que dirijo, tudo me exacerba : nem mesmo posso gloriar-me do meu passado de folhetinista ; os Alexandres fizeram esquecer Felippe. *Transierunt omnia illa tanquam umbra*. Tomei emprestada a penna brilhante de Muzzio e Almeida : mas ao traçar as primeiras linhas reconheci logo que o brilho era delles e não da penna !

E no emtanto não a tomei por vaidade : queria humilhar-me, queria punir-me e descrever as pujantes garras do abutre da inveja que me travou no coração ante-hontem no theatro do Gymnasio assistindo á primeira representação do *Demonio Familiar*, esse bello drama escripto pelo redactor em chefe do *Diario do Rio*.

Ainda ha pouco tempo fiz uma peregrinação pelos nossos theatros em procura do drama nacional. Com grande esforço pude divisál-o, porém envergonhado e tímido, carregando a esteira de Antonio José, ou embrulhando o lençol do Phantasma Branco, fugindo dos gaulezes naturalizados á força, e que nem ao menos fallavam bem o portuguez. A nossa mocidade, por um vexame que orçava com o mão orgulho, deixára sosinhos na arena os primeiros lutadores que desafiaram o espirito nacional. Isso me consolava : tambem eu podia passar por orgulhoso e envernisar assim, como muitos outros, a minha inferioridade.

Esse pretexto, porém, não o tenho mais, nem o têm elles. Um jornalista eminente, que não precisava de um florão novo para a sua corda, veio com a audacia que só inspira o verdadeiro talento arrancar-nos, a uns a indolencia, a outros o temor, a todos o pretexto. E não querem os meus cúmplices que, em desespero de causa, ao menos eu manifeste o sentimento da inveja ?

O Sr. Dr. Alencar, depois de ter dado ao theatro uma comedia de pouco folego, cujo merito principal consistia no espirito fino de observação ; no desenho de certos typos, e na graça e anima-

ção do dialogo, poucos dias depois nos brinda com um drama onde se exaltam os mais bellos sentimentos de familia, onde lutam todas as paixões nobres, e cujo enredo simples e tocante tem por base um habito que herdámos dos nossos avós relativamente aos escravos domesticos.

Ha no Rio de Janeiro, como em todas as cidades do mundo, a parte corrupta e ridicula da sociedade e a parte sã e respeitavel: ha o gabóla, que se rodea de mysterios para deixar entrever conquistas; o maledico, que não poupa, para campar de chistoso, nem a reputação de seus mais intimos; a mulher pobre desasiada, que quer hobrear com as mais fidalgas e ricas, e sacrifica os haveres de seu marido e até o credito de honrada; ha a namoradeira do salão, que aparenta muitas vezes o que não é, e acaba por ser na fama publica aquillo que aparentou; ha o gatuno de letras ou de tretas, que empalma uma reputação de saber ou de finura e vai agiotar sem cabedal nos institutos, no parlamento e na administração; ha tudo isso, e ha mais do que isso; mas tambem ha a mulher honesta que resiste á miseria; ha o filho desvelado que beija os cabellos brancos de sua mãe e ampara a inexperiente mocidade de sua irmã; ha o homem de sentimentos nobres que não trafica com o seu coração, que se conserva puro e sem mancha, e que em vez de procurar a dissipação do mundo, cultiva as doces affeições da familia, as unicas verdadeiras, symbolisadas no sorriso de uma mãe junto de nosso berço e nas lagrimas de uma esposa ao pé de nosso leito de morte.

O drama do Sr. Dr. Alencar é um quadro suave e enternecedor de todas as emoções do lar domestico. Os caracteres que elle descreve são nobres; as paixões de seus protogonistas são confessaveis: nenhum sentimento máo lhes desbota as faces.

Sómente ha alli dous typos, necessarios para o enredo, que mostram que não ha bello sem senão; que a sociedade fluminense tem no meio de suas galas algumas miserias bem feias. Um desses typos é apenas ridiculo; o outro é perverso, e o que é mais, perverso sem o saber, sem o querer, como por instincto, como por desejo de fazer o bem! O primeiro é o moço rico, que viajou, e das viagens só aprendeu a desgostar-se de seu paiz; o segundo é esse ente criado com mimo, no seio de nossas casas, a quem se tolera, por seu nascimento desgraçado, mais do que a um filho, até convertêl-o em um *demonio familiar*. Se ainda não lhe advinhaes o verdadeiro nome, dir-vos-hei que não sois

Brazileiros ou não viveis no Brazil, e eu não tenho a louca presumpção de crer que estas linhas passem o mar ou as fronteiras.

Prescindo de vos dar noticia de todo o drama, porque, se eu algum dia for autor tomarei como inimigo figadal o folhetinista que em fria psalmodia reduzir a uma chronica aborrecida a minha inspiração e trabalho sem poder daguerreotypar no papel as minhas phrases, lances e effeitos calculados, sem os quaes tudo degenera em monotomia. Mas em verdade vos direi que o 3.º acto, por si só, vale um drama; e que eu me daria por feliz de o haver escripto, sem me importar mesmo com o eloquente final da peça, tão habilmente comprehendido pelo actor Pedro Joaquim, a quem já iam querendo mal, e que reabilitou-se na execução do *Demonio Familiar*.

Ao resto da companhia pede a justiça que teçamos louvores.

A Sra. Adelaide e o Martins foram dignos da honra que lhes fez o Sr. Alencar escolhendo-os para interpretes de dous difficilimos papeis.

Agora, quanto ao publico. Certos pedaços magnificos passaram sem applauso; ouvia-se porém um murmurio admirador que valia mais do que isso. De ordinario o descolho de gelo de nossas platéas só é produzido pelos gestos ou phrases que excitam o riso; e naquelle drama o geral é grave e sentido, como é a vida intima da familia.

Mas emfim, como a pedra a mais unida tem o seu lisim, o publico tambem teve o seu momento de emoção, e applaudiu com usura no fim da noite, não só o drama, como o seu autor, que sendo chamado appareceu em um dos camarotes da primeira ordem.

E agora que vou restituir a penna das *Paginas Menores*, aos meus collegas, que só por delicadeza m'a emprestaram, me dirá o leitor: « E porque a pediste, se já não podeis maneja-la com aquella suavidade e graça que se requer em um folhetinista? »

A resposta é facil. Já assististes alguma vez a recepções officiaes? A quem cabe fazer as honras nessas occasiões solemnes? Ao mais digno ou ao mais titulado? Pois bem: o mais titulado nem sempre é o mais digno, porém deve *ex-officio* preencher os deveres da cortezia. Assim, pois, o redactor em chefe do *Mercantil* tinha de saudar, como o faz com toda a franqueza, ao redactor em chefe do *Diario do Rio*.

Dr. F. I. Marcondes Homem de Mello.—*Correio Mercantil* de Agosto de 1860—Noticia Litteraria sobre *Os Guayanazes* pelo dr. J. V. Couto de Magalhães.

... A luz, que, no seio da treva colonial, primeiro despontara á Basilio da Gama, começa já de derramar seus esplendidos reflexos sobre a terra de Santa Cruz. O sr. Gonçalves Dias deu com segurança o primeiro passo nessa senda ainda não trilhada; e em suas poesias inspiradas imprimiu com vigor o cunho da nova escola.

Creado o novo genero, cumpria desenvolvê-lo no romance, no drama, na tragedia, nessas formulas brilhantes da manifestação litteraria.

Um escriptor illustrado, cuja penna percorre com facilidade « todas as notas dessa gamma sublime do coração humano, desde o sorriso até a lagrima, desde o suspiro até o soluço, desde o gemido até o grito rouco e agonisante », um escriptor de uma ductilidade feliz, maneja com o mesmo successo todos os tons, abalançou-se á essa nova vereda, não conhecida no romance, e dotou a litteratura brazileira com essa admiravel producção, *O Guarany*, linda flôr americana que o poeta co'heu no seio de nossos desertos e transplantou em todo o seu viçoso luzir para o dominio das letras. »

*

Augusto Emilio Zaluar.—*Estudos Litterarios* na « Revista Popular » de 1 de Maio de 1862 a pag. 181 fallando do—Curso de Litteratura Nacional—pelo sr. conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro.

Depois de lembrar alguns nomes illustres estranhavelmente omittidos pelo A. d'entre os que tanto honram as letras patrias, diz :

« José de Alencar é um outro nome sympathico e querido de todos os que no Brazil apreciam o talento legitimo, respeitam as intelligencias superiores e admiram o colorido scintillante de um estylo sempre seductor, tanto nas paginas do romance, como no dialogo vivo das composições dramaticas, e ainda

nas profundas reflexões da critica e nos graves e sérios estudos de publicista, e que com tanta gloria se consagrou na redacção das primeiras folhas desta capital.

*

Parte Litteraria do Diario do Rio,
de 25 de Abril de 1864.—*Diva.*—
Perfil de mulher publicado por
G. M.

... Parece-nos que não ha nas paginas de *Luciola* (obra da mesma penna que escreveu a *Diva*) a paixão, o sentimento, o estudo do coração humano que se encontra em *Diva*. Em ambos esses livros, porém, transluz a seiva fecunda e abundante de um bello talento litterario, que todos conhecem, que todos applaudem, que todos nomeam baixinho, mas cujo pseudonymo uma carta do conselho e um alto cargo administrativo obrigam a respeitar.

Ao ler soffregos e satisfeitos a nova producção dessa penna que se tem estreado com verdadeira superioridade nos mais diversos assumptos, nas mais diversas especialidades, articulamos um *ainda bem!* sahido do recondito da consciencia.

... *Diva* é um livro cuja leitura deleita, impressiona e obriga a pensar. Chegado a ultima pagina o leitor sente que tão depressa se acabasse o encantamento daquella narração. E' o melhor e maior elogio que se pôde fazer ao livro.

Não precisa G. M. de incentivos para continuar a enriquecer a litteratura nacional. O valor que o publico dá aos seus escriptos deve ter-lh'o revelado o favor com que o mesmo publico os recebe e procura. Cada um desses livrinhos vale muitissimo mais para todos, do que duzias de discursos que por ahi se proferem para negar hoje o que se affirmou hontem, para explicar o que não tem explicação: balões aereostaticos cheios de palavras, lançados por arlequins politicos, que querem aproveitar da curiosidade dos tolos. »

*

Jornal do Commercio numero de
26 de Setembro de 1865.—*Iracema.*

A' habil penna do sr. conselheiro dr. José de Alencar devemos mais uma obra sob o titulo—*Iracema, lenda do Ceará.* E' um poema em prosa, poema eminentemente nacional, mais talvez ainda do que pelo assumpto, pelas imagens tiradas da linguagem e costumes dos nossos indigenas.

... Se da approvação desta depende o commettimento de outra obra maior de que nós falla, estamos convencidos que elle a obterá dos leitores cultos e amantes das cousas patrias. »

*

A *Chronica Fluminense* numero de 30 de Setembro de 1865.—*Iracema*.

Iracema é o titulo de um livrinho que o sr. J. de Alencar publicou ha dias, mimoso e interessante como elle os sabe escrever. O A. chamou-o lenda: foi demasiada modestia. *Iracema* é um poema. Grandes affinidades devem haver entre o espirito de J. de Alencar e o de Chateaubriand. Só ellas podem explicar as reminiscencias que da *Atala* nos trouxe á alma o amor de *Iracema*; como que voltamos aos annos da juventude, quando as realidades da vida ainda não haviam desvanecido os enlevos da poesia.....

... Tivemos verdadeira saudade quando terminou a leitura. Seria de *Iracema*? Não: eram saudades d'aquelle estylo brilhante e fluente, simples e arrebatador, que vae ao intimo da alma e vibra as notas mais suaves e maviosas do coração.

Chegamos tarde para dar conta das nossas impressões?

Não é tarde, porém, para fazermos um voto:

Permitta Deus, que nem os desgostos da vida, nem as injustiças dos homens amargurem o coração do author de *Iracema*. Só assim a litteratura nacional contará novos primores de espirito tão delicado. »

Além de outros juizos de que a imprensa deu conta sobre a *Iracema* e que sentimos não poder transcrever aquí, avulta o de um notavel academico que, sob o pseudonymo de *D. Diogo y Mendoza*, foi publicado no *Archivo Litterario* de S. Paulo numero de Março—Abril de 1866, talvez o que de melhor se escreveu á respeito.

Richard F. Burton, o autor dos *Highlands of Brasil* escreveu no *Athencœum* de Londres de 24 de Fevereiro de 1872 annunciando ter traduzido para o inglez a *Iracema*, no seu entender — « uma das mais bellas amostras de um estylo que vai agora tornando-se obsoleto, como o *Paulo e Virginia*, *Atala*, etc. » (*Novo Mundo* numero de Março de 1872.)

Parenthesis.

Por decreto de 14 de Março de 1867 o conselheiro J. de Alencar fôra agraciado com o officialato da ordem da Roza—pelos relevantes serviços prestados nas letras. No *Jornal do Commercio* numero de 20 do mesmo mez lê-se a seguinte :

DECLARAÇÃO

Sr. Redactor. Por motivos que já communiquei ao ministerio do imperio, em officio de 17 do corrente, não me foi possível aceitar a mercê do officialato da ordem da Roza, com que houve a bem distinguir-me o governo imperial. Rogo-lhe o obsequio de declarar em seu jornal.—*José de Alencar.* (1)

O distincto sr. F. de M. (dr. *José Ferreira de Menezes*?) no seu folhetim do *Correio Mercantil* de 24 de Março disse :

« Por fallar em livros elegantes, vem a proposito dizer, que encontrei ha dias, com quem os sabe fazer em nossa lingua. Fallo do autor da *Diva* e das *Minas de Prata*. Não tenho o prazer de tratar com o distincto litterato, mas sempre que o vejo,

(1) Vid. á pag. 180 a opinião do sr. conselheiro Alencar á respeito.

Releve-se-nos recordar aqui a do illustre sr. Francisco Adolpho de Varnhagen (actual *Visconde de Porto Seguro*) na biographia de Jeronymo de Albuquerque Maranhão a pag. 355 da *Revista Trimensal* tom. 25 (anno 1862) : « Em nosso entender são os grandes feitos que se associam para sempre na historia aos que os praticam, que não só justificam, como quasi que instinctivamente sanccionam a mudança dos seus nomes ainda entre os povos mais democraticos do mundo.—... Designai o grande homem pela simples antonomasia que qualifica o seu feito glorioso ou por essa antonomasia precedida do titulo de duque, marquez, conde, visconde ou barão : a tendencia geral da humanidade a admirar em qualquer homem superior um serviço ao seu paiz ou á humanidade será sempre a mesma. »

A'cerca de titulos dados a homens de letras, o escriptor dos folhetins publicados no *Jornal do Commercio* sob o titulo *Cartas de um Caipira* no de 4 de Junho corrente, pronuncia-se como ainda não vimos em nenhum *pamphleto demagogico*... tocante a forma. A idéa quer nos parecer que é verdadeira.—P. C.

gosto de contemplal-o. O autor de *Diva* tem um ar severo e tristonho, mas sympathico. Traja presentemente luto pesado e parece que cada vez mais se lhe entristece o semblante.

Vendo-o lembrei-me das ultimas condecorações á serviços litterarios [e indaguei de mim porque elle não quiz aceitar a que o governo concedeu a seus merecimentos. (Digo—merecimentos; o governo disse—serviços, o que parece trazer confusão. Por ex., o sr. Taemert que não foi condecorado, merece honras por serviços litterarios, mas os srs. Porto-Alegre, Alencar e Machado de Assis não podem ser galardoados pelo mesmo motivo. O mesmo da-se entre os srs. Garnier e dr. Tavares Bastos. Póde haver uma cousa sem outra, e vice-versa.) Disseram-me que a recusa foi talvez por motivos politicos. Não creio. Acho louvavel e bom condecorar-se aos homens de merecimento... »

Dr. Salvador de Mendonça.—*O Ypiranga* numero de 29 de Fevereiro de 1868.

Ha no mundo das letras, como no da politica, verdadeiros manifestos.

José de Alencar, o principe da litteratura patria, consorcian-do o nome de um poeta nascente com o de outro poeta já consagrado pela muza brasileira: appresentando Castro Alves, o autor do novissimo *Gonzaga* a Machado de Assis o autor das *Chrysalidas*; acaba de escrever um manifesto litterario para o Brazil inteiro. A palavra e a senha ahi estão dadas ao entregar á Virgilio o moço Dante. « Palpita em sua obra o poderoso sentimento da nacionalidade, essa alma da patria, que faz os grandes poetas, como os grandes cidadãos. »

Quando o summo sacerdote do magestoso templo de nossa terra assim convoca os adeptos e recorda os nomes merecidamente festejados de Pinheiro Guimarães, Q. Bocayuva, H. Muzzio, Joaquim Serra, Varella, Rozendo Muniz e tantos outros, cabe a todos os verdadeiros crentes e ainda ao mais obscuro dentre todos, a satisfação de declarar constituída a seita nacional.

A carta que hoje publicamos do autor da *Iracema* tem para nós esta significação.

... Com taes iniciados e com iniciadores taes, a nacionalisação da poesia brasileira já não é um sonho e uma prophecia

devidentes, um cogitar e um almejar dos bons filhos deste solo —é uma realidade. »

O sr. Machado de Assis na carta em resposta ao conselheiro José de Alencar e publicada no *Ypiranga* numero de 6 de Março do mesmo anno disse :

« E' boa e grande fortuna conhecer um poeta ; melhor e maior fortuna é recebê-lo das mãos de v. ex. com uma carta que vale um diploma, com uma recommendação que é uma sagração.

. . . Tive um antecessor illustre, apto para este arduo mister, erudito e profundo, que teria proseguido no caminho das suas estréas se a imaginação possante e vivaz não lhe estivesse reclamando as creações que depois nos deu. Será preciso accrescentar que alludo a v. ex. ?

. . . Quanto á v. ex. respirando nos degráos da nossa Tijuca o hausto puro e vivificante da natureza, vae meditando, sem duvida, em outras obras primas com que nos ha de vir surprehender cá em baixo. Deve fazê-lo, sem temor. Contra a conspiração da indiferença, tem v. ex. um alliado invencivel : é a conspiração da posteridade. »

Dr. J. C. de Moraes Carneiro.
—*Imprensa Academica*, n. 7 de
4 de Junho de 1871.

. . . . O talento de Alencar é uma seiva opulenta como a natureza americana que se desfaz, aos beijos da primavera, em flores e perfumes ; mas o seu estylo é um deslumbramento, um mimo, um capricho de mulher bonita e faceira que se delicia em vêr espelhadas as proprias graças em limpido regato, e se compraz em rendilhar cuidadosamente as formozissimas tranças.

Nem é só como romancista e dramaturgo que elle tributa á fórma tão apaixonado culto ; como publicista, o seu estylo não perde a original urdidura, e nada mais facil do que advinhar na phrase concisa, nervosa e fluente do auctor de tão bem acabados escriptos politicos o poeta cuja poderosa individualidade concentrou-se por instantes em esphera menos vasta.

Andará elle errado nesse verdadeiro fanatismo plastico ? Creio que não. O estylo, diz Beaudrillart, escriptor de grande merito e senso critico, não é um ornamento indifferente á verdade, ao contrario, facilita-lhe o triumpho.

Na linguagem verdadeiramente opulenta de J. de Alencar nota-se uma pronunciada tendencia para libertar-se da tutela de João de Barros e Camões, dar ao velho idioma portuguez uma seiva propriamente brasileira, e operar uma insurreição contra essa monomania classica que, quando tudo progride, idéas, usos, e costumes, pretende impôr ao idioma nacional uma immobilidade sem razão de ser.

..... Outro lugar commum dos escriptores portuguezes, a que muitos, dominados por um espirito de servil imitação, tem dado voga entre nós, é que emquanto não limitarmos a decantar os « tacapes » etc., que emquanto não transformarmos em indigenas, e romantizarmos as bananeiras, os coqueiros, e as florestas,—não teremos litteratura.

Sem negar que essas tradições nacionaes sejam um fecundo manancial de poesia, tenho para mim que a litteratura como a sciencia é cosmopolita, e que, independentemente das « tendencias europeas » que revelam os escriptores brasileiros, Gonçalves Dias, Magalhães, Azevedo, C. Abreu, Alencar, Macedo, e outros, mesmo nas suas obras faltas do « cunho nacional » são litteratos tão do Brazil como F. Cooper o é dos Estados-Unidos.

E' por isso que reputo o Sr. José de Alencar em qualquer das suas produções o mais eminente representante da nossa litteratura.

.....

*

Dr. Salvador de Mendonça.—*O Tronco do Ipê*. Romance brasileiro por Senio.—Rio de Janeiro—1871, 2 volumes in 8.º Editor B. L. Garnier.—*A Republica* numero 224 de 1871.

.....

Em que pese a um Cincinato que por ali anda sem espada e sem charrua, romano degenerado, incapaz de salvar a patria ou de lavrar as modestas geiras do seo patrimonio, o poeta que com maior brilho ha até hoje inscripto o nome em nossos annaes litterarios é, sem contestação razoavel, José de Alencar.

Cada uma de suas novas composições revela o observador profundo que veste de mil encantos a realidade positiva das existencias as mais simples e sorprehende no coração da menina,

da esposa e da mãe na sua potente expressão natural, innumeros thezouros de dedicação e de amôr.

O romance cujo titulo ficou á cabeça destas linhas é mais uma prova brilhante do meu asserto.

Characteres bem delineados, estylo elegantissimo, são os seus mais notaveis predicados.

Em verdade, o sombrio menino a quem o romancista poz o nome de *Mario*, suspeito como o Hamlet de que os proprios tectos que o abrigam cobrem o segredo do assassinio de seu pai, e que o assassino fôra o mesmo homem que lhe dispensa amparo e protecção; a tempera indomavel que a propria cultura do espirito e os arrastamentos do coração jámais chegam a dobrar; mordaz e implacavel, altivo no seio de sua pobreza, nobre e generoso em face da desgraça; sacrificando a felicidade de toda a sua existencia á vingança do finado;—é um personagem modelado por mão de mestre.

A loura e apaixonada *Alice*, a faceira *Adelia*, todo o circulo do barão da Espera, o conselheiro, a baroneza, o emerito compadre Domingos Paes, typo tractado com a excellencia do creador de *Rob-Roy*, e o velho Benedicto, formam todos conjuncto tão harmonico que estão a trahir a virilidade do talento que os soube engendrar.

Ha no romance scenas suavissimas. Os amores de Mario e Alice lembram os idyllios da *Mirailie* de Fred. Mistral.

Outras ha em que o talento da descripção assume proporções cooperianas, e para não estender-me em cital-as basta assignar a narração da scena do boqueirão, a heroicidade da crença varonil e a dedicação do velho servo.

No decurso d'aquelles capitulos palpita-nos o coração, segue-se com a alma offegante a scena toda de lucto com o torvelinho de fauce hiante a reclamar a presa. Ha alli o vigor da muza que delineou o *Ontario*, sente-se alli a alma da America.

Um predicado que a todos os outros sobreleva, e de que estamos vendo eloquentes provas, é o talento de paizagista com que o inspirado escriptor exorna os seus trabalhos.

Nos seus romances ha paginas que valem preciosas télas, e chega-se a pôr em duvida si temos deante das vistas a concepção do poeta ou um canto da natureza esplendida da nossa terra: tanto se encarna aos nossos olhos, sob as nossas mãos, vizivel palpavel, o ideal do romancista!

Quem depois da leitura do *sec* novo romance desconhecerá a Lapa do Boqueirão, a cabana do bom feiticeiro, o pomar da fazenda e o legendario tronco?

Procurareis debalde nas confeições da muza estrangeira inspiração assaz potente para crear aquelles quadros.

Lereis debalde os modelos todos e não conseguireis formar idéa de como aquellas scenas se reproduzem no espelho da alma.

Percorrei, porém, o interior das nossas provincias do Sul ; e, quando, apoz os ardores de um sol de verão que vos reteve ao pouso a sestar ao som da viola dos tropeiros, tomardes de novo a estrada, e entre os ultimos clarões do poente e a face avermelhada e merencoria da lua emergindo dos cumulos que comecem de tocar as serras, deparardes o vulto funereo do gigante da floresta, abrigando sob as velhas ramos uma cruz, que á proporção que vos fordes adeantando pelo valle, parecerá levantar-se pouco e pouco do solo, tereis a revelação dessas obras d'arte que hão de passar de geração em geração como representantes de uma epocha litteraria e iniciadoras do romance nacional.

*

A *Republica* do Rio de Janeiro, que apezar da sua fresca existencia, já é um dos melhores diarios do Brazil, mostra o seu espirito emprehendedor, obtendo para as suas columnas um novo romance do celebre escriptor Brasileiro, o Sr. J. de Alencar, intitulado *Til*. Por occasião de se fazer o accordo prévio desta publicação trocou-se a seguinte correspondencia entre o auctor e os redactores (1):

« Meus illustrados collegas.

Por minha parte, de boa vontade convenio na cessão que lhes fez meu editor o Sr. B. L. Garnier, de algumas folhas de lavra tosca, pois sãs da minha; para que vv. as publiquem em folhetim de seu diario.

Lembrança esta, que partindo de qualquer me lisonjearia; neste caso vale honras, porque provém de antagonistas politicos, mais propensos entre si e por natural tendencia, a se mostrarem severos na censura, do que prodigos no apreço.

Sinto que a estreiteza do tempo reclamado por varios trabalhos já em via de impressão, não me permita destinar-lhes

(1) *Novo-Mundo* numero de Dezembro de 1871.

outras cousas além do ligeiro esboço de costumes que ahí vae, e cujo titulo bem indica a folga da phantasia, não apurada pelo estudo.

Não me demove a consideração de se ter sua folha consagrado á opinião adversa: embora esteja bem convencido de que ha de ser o factó mui explorado pela intriga, que de ante-mão já me assignalou como um republicano disfarçado.

Não sou, máu grado elles, que tanto se incommodam com os monarchistas da idéa; porisso empenham-se em tractar-nos de hereges.

Pese-lhes embora; sou monarchista sincero e convicto. Mas como nunca professei o *fetichismo* da realza, espero o triumpho para minhas idéas, da civilisação do povo, nunca de sua ignorancia.

Quero que meu paiz seja monarchista, não pela rotina, mas por verdadeira fé nessa instituição; e, para isso, é necessario que estude as doutrinas oppostas e se esclareça com a livre discussão.

Si o encanto da republica, a magia que exerce nos espiritos entusiastas, está, permittam-me a franqueza, no *fructo prohibido*: a carie das monarchias, o que lhe roe o cerne, é a *presumida infallibilidade*.

Convencidos, nós os monarchistas, de que é possível atacar a cidade invencivel, correremos a defender a brecha, por onde no momento do perigo hão de fugir espavoridos os ganços do Capitolio.

Rio de Janeiro, 31 de Outubro de 1871.

J. DE ALENCAR. »

A esta carta, a redacção da *Republica*, faz as seguintes observações:

«Agradecendo tão fino obsequio, devemos acrescentar algumas palavras.

A nossa situação, como Republicanos, nos obriga a manter um posto affastado, de vigilancia e de hostilidade, contra os principios e os homens que representam a idéa monarchica no nosso paiz.

Si, porém, como politicos achamo-nos divorciados de todos os partidos e de todas as individualidades afeiçoadas ao actua

regimen; como brazileiros teremos sempre orgulho e desvanecimento em prestar a devida homenagem a todos os nobres characteres e illustres talentos que são a gloria da nossa patria, qualquer que seja a posição politica que occupem.

Está neste caso o eminente escriptor e parlamentar, cujo nome serve de titulo a este artigo, e que tão graciosamente acaba de auctorizar a publicação de uma das suas obras ineditas nas nossas columnas.

A *Republica* não podia pretender maior lustre para suas paginas, nem melhor serviço aos seus assignantes, do que honrado-se com a publicação de um trabalho devido á penna de tão illustre escriptor, justamente considerado chefe da moderna litteratura brazileira.

O seu nome constitue uma gloria nacional, e, quaesquer que sejam os accidentes politicos que nos separem, haverá sempre da parte de todos os brazileiros para com o illustre Sr. Alencar, um traço de união—esse traço é o da admiração imposta a todos os espiritos cultos pela intelligencia privilegiada e fecunda que, a cada livro que publica, engasta uma nova gemma preciosa no diadema da litteratura nacional. »

Assignamos todas estas observações, que trasladamos para esta ultima pagina como a sua chave d'oiro.

DECLARAÇÃO

Os quadros dispersos pelas folhas volantes, que duram um dia e quasi não deixam memoria, são muitas vezes thesouros que os nossos talentos, impossibilitados de concentrar as suas faculdades esparzem com a irreflectida prodigalidade dos primeiros annos, descuidosa do proprio merito.

Colligil-os com sollicitude é um bom intento e uma obra previdente que o futuro agradecerá. Nessas riquezas espalhadas ao acaso, nascidas de uma inspiração caprichosa, mas viva e original, como as circumstancias que as determinaram, está muita vez o cunho da individualidade, que depois amadureceu com o estudo e se fortaleceu com a reflexão.

Estes raios da aurora litteraria dos homens que têm exercido a acção e a influencia nas lettras patrias, quando vem a ser condensados tornam-se o primeiro fôco dessa luz que allumia e aquece.

Foi o que escreveu Ernesto Biester depois de ter lido em livro as *Scenas e phantasias de nossos tempos* por A. P. Lopes de Mendonça.

« Composições d'este genero, não se publicam senão quando o auctor já dirigiu para outras regiões, a sua actividade intellectual. E' a litteratura ligeira como a definiu ha pouco um dos grandes poetas do nosso seculo: rir, sorrir, brincar, amar, delirar, cantar com as novidades da vida que duram apenas um dia, como cousas que são de sua natureza juvenis. »

São essas as linhas que servem de proiogo áquella obra.

Semelhantes collectaneas valem a pena de ser percorridas como series de documentos em que se observe o progresso ou decadencia do espirito e do engenho do homem ou do seu seculo. Disse-o na sua *Lyrical de João Minimo* o visconde d'Almeida Garret ao restituir na sua collecção de poesias editoradas em Lisboa — *O monumento* — poesia da sua infancia, que havia expungido da sua edição de Londres.

Todas estas considerações são vindas a proposito da presente reimpressão. Todavia para autorisal-a não precisava repetil-as.

Por sua valia historico-litteraria, ainda mais que por suas louçanias de estylo, estes folhetins não deviam continuar a viver dispersos como folhas soltas, que tivessem servido apenas á satisfazer exigencias transitorias.

Foi com elles que o seu author abriu as portas da republica das letras, onde por vias as mais legitimas não tardou a chegar a soberania, sem nenhuma maioridade antecipadas.

E que respondem cabalmente ao bom juizo que á todos merece, é innegavel. Aqui se descortina já o escriptor que tinha de ser qual o vemos—uma das nossas glorias mais sérias e originaes, o chefe da litteratura brazileira contemporanea.

E quem mais fundo que elle (ainda nestes escriptos se vê), cravou já a vista nesta interrupta mascarada, onde reciprocos enganos a todos nos enleiam—a sociedade?

Quem mais galhardamente, a alma estreme de maculas, o altivo e clarissimo espirito êrmo de preconceitos e apaixonamentos,—deu caça e por vezes garrote a essas mil insidias da civilização, que a tantos confundem e ao maior numero levam de vencida?

Denunciar por miudo o que estes folhetins contém fôra fazer verdadeiro áqui o conceito do author quanto aos prologos—que fazem á obra o mesmo que o passaro á fructa antes de colhida: roubam as primicias do sabor litterario.

Quanto a fazer-lhes o panegyrico e rememorar o merecimento do author, fôra archi-pretencioso tental-o. As anteriores paginas dizem quanto me pareceu que se deveria repetir aqui. Baste-me declarar que são dados á estampa na sua primitiva licção, sem mais atavios do que os antigos.

Porei como remate a esta folha os meus agradecimentos ao author pela honra que me fez prestando-me o seu consentimento para editorial-os. E quanto a dedicatoria:

Os nomes dos amigos escriptos na primeira pagina traduzem um dos sentimentos que mais me cativam: a gratidão.

Não acertei com o lugar proprio para dizê-lo?

Elles comprehenderão a minha intenção.

E isto me basta.

S. Paulo, 19 de Maio de 1874.

J. M. Vaz Pinto Coelho.

.....

Não é uma licença que envio a V. ; mas sim os meus cordeaes e sinceros agradecimentos pela honra que me faz dando outra vez á lume, colligidos em livro, os folhetins que outr'ora na minha puericia litteraria, escrevi para o Correio Mercantil.

Será para mim um grande prazer, encontrar-me com esses filhos de minha musa inexperiente, aos quaes não vejo desde que os soltei aos quatro ventos da imprensa periodica.

Se fôr possivel que eu reveja a prova desses folhetins escriptos de momento, terei muita correcção a fazer ; não podendo ser irão na sua primitiva licção, e servirão para avaliar-se do que o author porventura perdeu ou ganhou em estylo e inspiração.

.....

J. DE ALENCAR.

Rio de Janeiro, 21 de Janeiro de 1873.

A linear, yosi' di

AO CORRER DA PENNA

B869
A368
ah

AO CORRER DA PENNA

(Revista hebdomadaria das—Paginas Me-
nores—do «Correio Mercantil» de 3 de
Setembro de 1854 á 8 de Julho de 1855.)

PELO DR. J. DE ALENCAR

O titulo que leva este artigo me lembra um conto de fada, que se passou não ha muito tempo, e que dezejo contar por muitas razões ; porque acho-o interessante, porque me livra dos embaraços de um começo, e me tira de uma grande difficuldade, dispensando-me da explicação, que de qualquer modo seria obrigado a dar. Ha de haver muita gente que não acreditará no meu conto fantastico, mas isto me é indifferente, convencido como estou de que escriptos ao correr da penna são para serem lidos ao correr dos olhos.

Um bello dia, não sei de que anno, uma linda fada, que chamareis, como quizerdes, a poesia ou a imaginação, tomou-se de amores por um moço de talento, um tanto voluvel como de ordinario o são as fantasias ricas e brilhantes, que se delectam admirando o bello em todas as fórmãs. Ora dizem que as fadas não podem soffrer a inconstancia, no que lhes acho toda a razão ; e por isso a fada de meu conto, temendo a rivalidade dos anjinhos cá deste mundo, onde os ha tão bellos, tomou as fórmãs de uma penna, penna de cisne, linda

como os amores, e entregou-se ao seu amante de corpo e alma.

Não serei eu que desvendarei os mysterios desses amores fantasticos, e vos contarei as horas deliciosas que corriam no silencio do gabinete, mudas e sem palavras. Só vos direi, e isto mesmo em confidencia, que depois de muito sonho e de muita inspiração, a penna se lançava sobre o papel, deslisava docemente, brincava como uma fada que era, bordando as flores mais delicadas, destillando perfumes mais esquisitos que todos os perfumes do Oriente. As folhas se animavam ao seu contacto, a poesia corria em ondas de ouro, donde saltavam chispas brilhantes de graça e espirito.

Por fim, á deshoras, quando já não havia mais papel, quando a luz a morrer apenas empallidecia as sombras da noite, a penna tremula e vacillante cahia sobre a meza sem forças e sem vida, e soltava uns accentos doces, notas estremecidas como as cordas da harpa feridas pelo vento. Era o ultimo beijo da fada que se despedia, o ultimo canto do cisne moribundo.

Assim se passou muito tempo; mas já não ha amores que durem sempre, principalmente em dias como os nossos, nos quaes o symbolo de constancia é uma borboleta. Acabou o poema fantastico no fim de dous annos; e um dia o herôe do meu conto (1), chamado a estudos mais graves, lembrou-se de um amigo obscuro, e deu-lhe a sua penna de ouro. O outro acceitou-a como um deposito sagrado; sabia o que lhe esperava, mas era um sacrificio que devia á amizade, e por conseguinte prestou-se a carregar aquella penna, que já adinhava havia de ser para elle como uma cruz pesada que levasse ao calvario.

Com effeito a fada tinha soffrido uma mudança completa; quando a lançavam sobre a meza só fazia correr. Havia perdido as fôrmas elegantes, os meneios feiticeiros, e deslisava rapidamente sobre o papel sem aquella graça e faceirice de outr'ora. Já não tinha flores nem perfumes e nem scentelhas de

(1) O Dr. F. Octaviano.—P. C.

ouro e de poesia : eram letras, e unicamente letras, que nem sequer tinham o merito de serem de praça, o que serviria de consolo ao espirito mais prosaico. Por fim de contas, o outro, depois de riscar muito papel e de rasgar muito original, convenceu-se que, a escrever alguma cousa com aquella fada que o aborrecia, não podia ser de outra maneira senão — *Ao correr da penna.*

De feito começou a escrever ao *correr da penna*, e como se trata de conto fantastico, não vos admirareis de certo se vos achardes de repente e sem esperar, a lêr o que elle escreveu. Estou persuadido que não gastareis o vosso tempo a censurar o titulo que vale tanto como qualquer outro. Quanto ao artigo correi os olhos, como já vos disse, deixai correr a penna ; e posso assegurar-vos que, ainda assim nem uns nem a outra, correrão tao rapidamente como os ministros Hespanhóes diante das pedradas e do motim revolucionario de Madrid.

Já sabeis em que deu toda esta historia (1), e por isso prefiro contar-vos outras noticias trazidas pelos dous ultimos paquetes a respeito da questão do Oriente, que, segundo uma observação muito espirituosa, tomou para a Austria certo character medicinal de muita importancia. Napier, como velho teimoso, continuava de namoro ferrado com a soberba Crons-tadt, que em negocio de amores parece-me ter mais fé nos Cossacos do que nos Inglezes, e principalmente Inglezes velhos. Entretanto por prudencia o nosso almirante foi-se arranjando

(1) No dia 17 de Julho deste anno não podendo o ministerio Sartorius suffocar o *pronunciamento* armado dos generaes Leopoldo O'Donnell, Dulce e Medina (cuja proclamação foi publicada no *Correio Mercantil* de 2 de Agosto), pediu a sua demissão e foi encarregado o general Cordova da organização do novo gabinete. A noticia da queda de Sartorius foi o signal da revolução na capital. Ao som do hymno de Riego, aos gritos de vivas á liberdade, a milicia nacional, os generaes Dulce, O'Donnell e Espartero, os madrilenos fizeram desaparecer os ministros demittidos e... confiaram nas promessas de sua famosa rainha. Supponho que o leitor sabe a historia desse paiz onde todos temos castellos ; por isso basta-lhe esta lembrança.—P. C.

com Bom marsund para passar o inverno. Bem mostra que é Inglez e teimoso. Jurou que havia de *passar*, e como não lhe deixam passar o canal, embirrou que havia de passar o inverno. Queira Deus porém que não seja o inverno que passe por elle ! (1)

Emquanto os Inglezes na Finlandia se conservam *frios*, não por causa dos gelos do norte, mas sim por causa do fogo da Russia, os Inglezes de Londres sahiram do sério, e deram a mais formidável pateada em Mario, o bello tenor, que cantava *Cujus animam* n'uma noite de representação em Convent-Garden. A historia desse motim theatral, contada pelo folhetim do *Constitucional* deveria ser bem estudada por grande numero dos nossos *dilettanti*, que se contentam em fazerem um barulho insupportavel no theatro, desapprovando pobres artistas sem merito, e deixando em paz os unicos responsaveis de semelhantes actos.

O povo de Londres é mais positivo ; depois de ter desaprovado os cantores, obrigou a vir á scena o empresario e a todos os seus *Speechs*, respondeu um só grito unisono : *money, money*. A cousa não prestava, exigiam a restituição do dinheiro, o que era muito justo : até dez horas pagaram-se bilhetes recambiados ! O empresario teve de repor dinheiro de sua algibeira, mas no dia seguinte Mario foi applaudido com tres salvas estrepitosas no romance da *Favorita*.

De certo a causa desta demonstração a favor de Mario não foi unicamente a sua bella voz de tenor e a sua presença agradável, mas tambem á influencia da *Favorita*, que ainda nos desperta tantas emoções e na qual os Parisienses mais felizes do que nós, vão recordar atrazados ouvindo a *Stoltz*, que se esperava devia cantar no primeiro meado de Agosto na opera de Paris. Tambem nós tivemos esta semana nossas recordações bem doces da *Stoltz* e da *Favorita*, e lembramo-nos com saudade de *Arsace* na noite do concerto Malavazi, que

(1) Leia o interessante livro do Sr. Leouzon le Duc—*O Echo da guerra* :—*Baltico, Danubio e Mar-Negro*. Temol-o trad. por D. P. e Silva 1. vol. in—8.—P. C.

esteve brilhante em todos os sentidos. Nada faltou, houve de tudo, e até desgostosos que sentiam que ainda faltava alguma cousa; o que isto era não sei; é provavel que fosse o chá do costume, que a fallar a verdade não atino com o principio hygienico porque foi banido dos concertos.

Além destas recordações tivemos a nossa festa muzical na segunda-feira, noite do beneficio do Ferranti. O actor sympathico cantou como nos seus bons dias, e desempenhou primorosamente a scena das *Prigioni de Edimburgo*, que á custa de esforços seus foi o mais bem ensaiado possivel. Nesta noite as mãos pagaram os prazeres do ouvido, n'um e n'outro sentido, e, depois de muitas salvas de applausos, consta-nos que o nosso barytono brilhante sahio do theatro mais brilhante do que nunca entrára.

Tão feliz como Ferranti não foram dous inspectores de quarteirão lá das bandas de S. Christovão, que faziam o seu *beneficio* á nossa custa, sem nem ao menos terem a delicadeza de nos advertirem. A policia, que nem sempre está occupada em dar passâportes e prender negros fugidos, assentou que sendo a semana de beneficios, devia tambem fazer o nosso, o do publico, demittindo-os, isto é, dispensando aquelles honrados cidadãos do grande obzequio que nos faziam em servir-nos de graça.

O excesso em tudo porém é prejudicial, e o beneficio quando não é pedido é incommodo, como essa resolução dos numeros dos bilhetes de theatro, que hontem foi posta em vigor. Tiram-nos os lenços e as marcas, que eram mais pittorescas e mostravam no publico uma delicadeza louvavel. Acharam que isto era máo; déssem-nos cousa melhor, e não puzessem um homem grave na dura necessidade de ir ao theatro lyrico recordar a taboada. Além de não se saber que numero terão as travessas e mochos, se pertencerão aos inteiros, aos quebrados, ou aos decimos, faço idéa em que apertos não se verá um pobre homem que não souber lêr ou que for myope, a procurar o tal numero constante de um pedacinho de papel mycrosopico, que precisamente no momento necessario e

como para fazer pirraça, some-se no labyrintho de uma carteira ou nas profundezas de um desses bolsos á mineira, de vastas dimensões !

Quando vi pela primeira vez enfileirados pelos recostos das cadeiras aquelles batalhões de numeros brancos, que sem licença e com a maior sem cerimonia do mundo se ião retratando á daguerreotypo nas costas das nossas pobres casacas, julguei que aquillo seria uma medida policial, por meio da qual os agentes occultos poderiam seguir fóra do theatro algum indiciado ou suspeito de importancia, que fosse reconhecido no salão. Mas nunca pensei que depois de numerarem os bancos as casacas dos *dilettanti*, quizessem ainda numerarem-lhe os assentos, e obrigarem um homem a comprar por dous mil réis o direito de estar preso n'uma cadeira e adstricto a um numero como um servo da gleba.

Tambem o que nos fallava, era justamente uma nova questão de bancos, embora de especie differente, porque a outra, a das sociedades commanditarias, já vai ficando velha e está quasi a ir fazer companhia á do Oriente, á dos seiscentos contos e outras, que provavelmente hão de reaparecer d'aqui á algum tempo, como está succedendo na camara dos deputados com a das prezas da independencia.

O credito proposto pelo ministerio da marinha tem sido combatido por falta de uma liquidação regular ; mas tudo induz a crer que desta vez o negocio ficará decidido. E depois disto neguem-me que o Brazil seja um gigante ! Uma criancinha que só aos trinta annos lhe começam a sahir as primeiras *prezas* ! A fallar a verdade já era mais que tempo de soltarem-se estas malditas *prezas*, por causa das quaes andam *prezas* tantas algibeiras.

Fallemos sério.—A independencia de um povo é a primeira pagina de sua historia ; é um facto sagrado, uma recordação que se deve conservar pura e sem mancha, porque é ella que nutre esse alto sentimento de nacionalidade, que faz o paiz grande, e o povo nobre. Cumpre não marear essas reminiscencias de gloria com exprobrações pouco generosas.

Cumpre não fallar a linguagem do calculoe do dinheiro, quando só deve ser ouvida a voz da consciencia e da dignidade da nação. (1)

Com essa questão importante tem occupado a attenção da camara a discussão de um projecto do Sr. Wanderley sobre a prohibição do transporte de escravos de uma para outra provincia. Este projecto, que encerra medidas muito previdentes a bem da nossa agricultura, e que tende a prevenir ou pelo menos attenuar uma crise eminente, é combatido pelo lado da inconstitucionalidade, por envolver uma restricção ao direito de propriedade. Entretanto a propria Constituição autorisa a limitar o exercicio da propriedade em favor da utilidade publica, que ninguem contestará achar-se empenhada no futuro da nossa agricultura e da nossa industria, principal fim do projecto.

Por hoje basta. Vamos acabar a semana no baile da *Beneficencia Franceza*, onde felizmente não ha como em Paris, a *quête* feita pelas lindas marquezinhas, e onde teremos o duplo prazer de beneficiar aos pobres e á nós mesmos divertindo-nos.

(1) Em 19 de Dezembro de 1855 o governo imperial, pelo ministerio da marinha, expediu um regulamento para a execução da lei que mandou indemnisar as prezas das guerras da independencia e do Rio da Prata. Esse regulamento atende aos interesses dos reclamantes, ministrando-lhes meios facéis de liquidarem os seus direitos.

Rio, 17 de Setembro de 1854.

Estamos na primavera, dizem os folhetins dos jornaes, e a folhinha de Laemmert, que é autoridade nesta materia. Não se pôde por conseguinte admittir a menor duvida a respeito. A poeira, o calor, as trovoadas, os casamentos e as molestias, tudo annuncia que entramos na quadra feiticeira dos brincos e dos amores.

Que importa que o sol esteja de ictericia, que a Charton enrouqueça, que as noites sejam frias e humidas, que todo o mundo ande de pigarro? Isto não quer dizer nada. Estamos na primavera. Os deputados, aves de arribação do tempo do inverno, bateram a linda plumagem; a *Siberia* fechou-se por este anno, os *bouquets* de baile vão tomando proporções gigantescas, as grinaldas das moças do tom são perfeitas jardineiras, a Casaloni recebe uma duzia de ramalhetes por noite, e finalmente os annuncios de salsa-parrilha de Sands e de Bristol começam a reproduzir-se com um *crescendo* animador.

Came gentil spring! Vem gentil quadra dos prazeres! Vem encher-nos os olhos de pó! Vem amarrotar-nos os collarinhos da camisa, e reduzir-nos à agradável condição de um vaso de filtrar agua. Tu és a estação das flores, o mimo na natureza! Vem perfumar-nos com as exalações tepidas e

fragrantes da rua do Rozario, da praia de Santa Luzia e de todas as praias em geral!

Doce allivio dos velhos rheumaticos, esperança consoladora dos medicos e dos bolicarios; sonho dourado dos proprietarios das casinhas dos arrabaldes! Os sorveteiros, os vendedores de limonadas e ventarolas, os donos dos hoteis de Petropolis, os banhos, os omnibus, as gondolas e as barracas, te esperam com anciedade e de suspirar por ti quazi estão ficando tísicos (da bolsa).

Esta semana já começamos a sentir os salutaes effeitos de tua benefica influencia! Vimos uma *estrella* do bello céu da Italia eclypsada por uma moeda de dous vintens, (1) e tivemos a agradavel surpresa de ouvir o 1º acto do *Trovatore* e um *speech* da policia, tudo de graça.

Alguns mal intencionados pretendem que a noite não foi tão gratuita como se diz; mas deixae-os fallar; eu que lá estive posso afiançar-vos que o espectáculo foi todo de *graça*, como ides vêr.

A autoridade policial, depois de participar que ficava suspensa a representação e que os bilhetes estavam garantidos, sendo por conseguinte aquella noite de *graça*, como esta noticia excitasse algum rumor, declarou formalmente e com toda a razão, que se accommodassem, porque a policia, quando tratava de cumprir o seu dever, não era para *graças*.

Os namorados que tiveram duas noites de namoro pelo custo de uma, os donos de cocheira que ganharam o aluguel por metade do serviço, o boleeiro que empolgou a sua gorgeta sem contar as estrellas até a madrugada, aquelles que lá não foram, não só riram-se de *graça* como acharam nisto uma *graça* extraordinaria.

Muito olhar supplicante vi eu nos ultimos momentos humilhando-se diante de um rostosinho orgulhoso e offendido, clamar com toda a eloquencia do silencio: *grazia! grazia!* E' preciso advertir que o olhar estava no theatro Provisorio

(1) Referia-se ao facto de haverem atirado uma moeda de cobre á Zechini.

e por isso não se deve admirar que fallasse italiano; além de que o olhar é polyglotta, e sabe todas as linguas melhor do que qualquer diplomata.

Finalmente para completar a *graça* deste divertimento, as *graças* com os seus alvos vestidinhos brancos, se reclinavam sobre a balaustrada dos camarotes, cheias de curiosidade, para verem o desfecho da comedia. E a este respeito lembra-me uma reflexão que fiz ha tempos, e da qual não vos quero privar porque é curiosa.

Os Gregos, como gente prudente e cautelosa inventaram unicamente tres *graças*, e consta que viveram sempre muito bem com ellas. Nós, de mal avisados que somos, queremos ter em todos os divertimentos, nos bailes, nos theatros, e nos passeios uma porção dellas, sem reflectir que, logo que se ajuntarem muitas podem formar necessariamente um grupo de *dez-graças*.

Maldito calembourg! Não vão já pensar que pretendo que as *graças* tenham sido a causa de tudo isto, nem tambem que todo aquelle desappontamento fosse produzido por alguma *graça* da Charton. A prima donna estava realmente doente, e aqui para nós, suspeito muito os meus collegas folhetinistas, de serem a causa daquella subita indisposição com o formidavel terceto de elogios, que entoram domingo passado. Lembrem-se que os elogios e os applausos commovem extraordinariamente um artista. Ainda hontem vi como ficaram fóra de si as timidas coristas unicamente porque lhes deram duas ou tres palmas!

Em toda esta noite, porém, o que houve de mais interessante foi o facto que vou contar-vos. Um velho *dilettanti* do meu conhecimento, ainda do tempo do *magister dixit*, e para quem a palavra da autoridade é um evangelho, teve a infeliz lembrança de justamente nesta noite encommendar um mag-nifico *bouquet* para offerecer á Charton no fim da representação. Apenas se declarou a *relache par indisposition*, o homem perdeu a cabeça, e o que foi peor, com os apertos da sahida perdeu igualmente a bengala, que lá deixou ficar com os ares de novo de um chapéo comprado pela Paschoa.

No outro dia, o homem que tinha seus habitos antigos de commercio, viu-se em sérias difficuldades. Não podia deixar de acreditar, á vista da declaração da policia, que o espectáculo da noite antecedente fôra de graça; mas, ao mesmo tempo, tinha de dar sahida no seu livro de despezas ao dinheiro, que gastára com o aluguel do carro, com a gorgeta do boleeiro, com o par de luvas, com o *bouquet* da Charton, o custo da bengala e o estrago do chapéo. Coçou a cabeça, tomou a sua pitada e afinal escreveu o seguinte assento:—*Importe de um espectáculo gratuito no theatro Provisorio—267000!*

O meu *dilettanti* ainda não sabia que a palavra *gratis* é um anachronismo no seculo XIX, e quando se falla em qualquer cousa de graça, é apenas uma graça, que muitas vezes torna-se bem pesada, como lhe succedeu. Provavelmente depois deste dia, o velho additou ao seu testamento um codicillo prohibindo terminantemente ao seu herdeiro os espectaculos gratuitos.

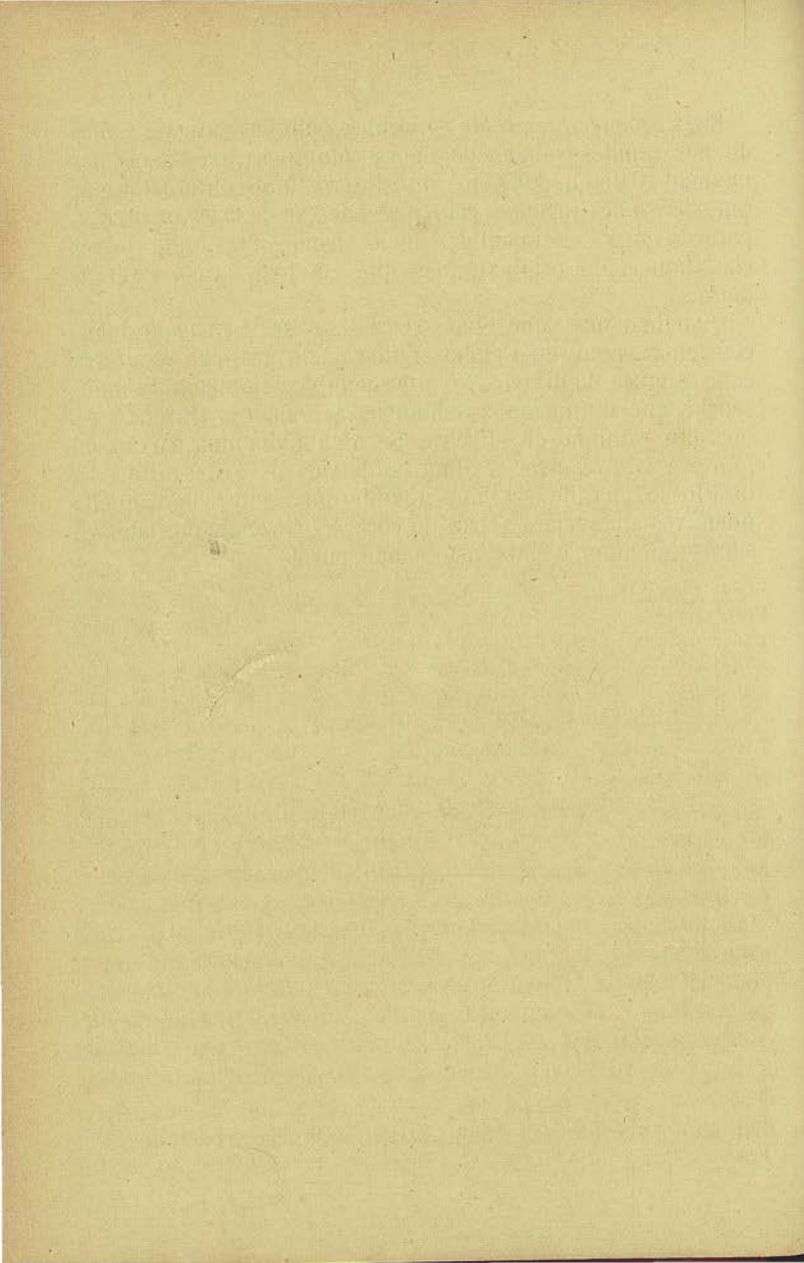
Assim a chronica futura desta heroica cidade consignará nas suas paginas, que pelo começo da primavera do anno de 1854 tivemos um divertimento de graça. Os nossos bisnetos (não fallo dos militares) (1) de boca aberta, hão de pasmar quando lerem um acontecimento tão extraordinario, e se nesse tempo ainda estiver em uso o latim, clamarão com toda a força dos pulmões: *Miserabile dictu!*

Depois de uma semelhante noite, era natural que os dias da semana corressem, como correram, monotonos e insipidos, e que o baile do Cassino estivesse tão frio e pouco animado. Entretanto aproveitei muito em lá ir, pois consegui perder as minhas antipathias pela valsa, a dansa da moda. E' verdade que não era uma mulher que valsava, mas um anjo. Um pesinho de *Cendrillon*, um corpinho de fada, uma boquinha de rosa, é sempre cousa de vêr-se, ainda mesmo em corruptos.

(1) Tinha-se prohibido o casamento dos militares sem licença.

Fiz a *amende honorable* de minhas opiniões antigas, e vendo nos rapidos volteios da dança voluptuosa, passar-me por momentos diante dos olhos aquelle rostinho illuminado por um sorriso tão ingenuo, não pude deixar de fazer uma comparação meio sentimental e meio cosmogonica, que talvez classifiqueis de original, mas que em todo o caso é verdadeira.

Quando o mar, que Shakspeare disse ser a imagem da inconstancia, revolveu o globo n'um cataclisma e cobriu a terra com as aguas do diluvio, foi uma pomba o emblema da innocencia, que annunciou aos homens a bonança, trazendo no bico um raminho de oliveira. Se algum dia uma paixão de loureira vos revolver a alma, e deixar-vos o desgosto e a desillusão, ha de ser um anjinho innocente como aquelle quem vos anunciará a paz do coração, trazendo nos labios o sorriso do amor o mais casto e mais puro.



Rio, 24 de Setembro.

Domingo passado o caminho de S. Christovão rivalisava com os aristocraticos passeios da Gloria, do Botafogo e S. Clemente, no luxo e na concorrência, na animação e até na poeira. O *Jockey-Club* annunciára a sua primeira corrida; e apesar dos bilhetes amarellos, dos erros typographicos e do silencio dos jornaes, a sociedade elegante se esforçou em responder á amabilidade do convite.

Fazia uma bella manhã:—céo azul, sol brilhante, viração fresca, ar puro e sereno. O dia estava soberbo. Ao longe o campo corria entre a sombra das arvores e o verde dos montes; e as brizas de terra vinham impregnadas da deliciosa fragrancia das relvas e das folhas, que predispõe o espirito para as emoções placidas e serenas.

Desde sete horas da manhã começaram a passar as elegantes carruagens, e os grupos dos *gentlemen riders*, cavalleiros por gosto ou por economia. Apos o *coupé* aristocratico tirado pela brilhante parelha de cavallos do Cabo, vinha a trote curto o *cabriolet* da praça puxado pelos dous burrinhos classicos, os quaes apesar do nome, davam nesta occasião a mais alta prova de sabedoria, mostrando que comprehendiam toda a força daquelle proverbio inventado por algum Romano preguiçoso: *Festina lentè.*

Tudo isto lutando de entusiasmo e ligeireza, turbilhonando entre nuvens de pó, animando-se com a excitação da carreira, formava uma confusão magnifica; e passava no meio dos estalos dos chicotes, dos gritos dos cocheiros, do rodar das carruagens, e do rir e vozear dos cavalleiros, como uma especie de *sabat* de feiticeiras a começar no campo de Sant'Anna e a perder-se por baixo da sombra de meia duzia de arvores do Prado, e das taboas sujas e carcomidas de uma barraca que por capricho chamam pavilhão, e que de velha já se está rindo das miserias do mundo.

A's 10 horas abriu-se a raia (*turf*), e começou a corrida com a irregularidade do costume. Os parelheiros pouco adestrados, sem o ensino conveniente, não partiam ao signal e ao mesmo tempo, e disto resultou que muitas vezes o premio da victoria não coube ao *jockey*, que montava o melhor corredor, e sim áquelle que tinha a felicidade de ser o primeiro a lançar-se na raia. A ultima corrida, que durou um minuto e dezenove segundos, teria sido brilhante, se dous dos cavallos não se tivessem lembrado de imitar as pombinhas de Venus, que, dizem, voavam presas por um laço de amôr.

A directoria, que envidou todos os seus esforços para tornar agradaveis as novas corridas, deve tomar as providencias necessarias á fim de fazer cessar estes inconvenientes, formulando com o auxilio dos entendidos um regulamento severo do *turf*. Convem substituir o signal da partida por outro mais forte e mais preciso, e só admitir á inscripção cavallos parelheiros já habituados á raia.

Seria tambem para desejar que se tratasse de melhorar a quadra (*sport*) com as innovações necessarias para commodidade dos espectadores; e que se dêsse alguma attenção á parte comica do divertimento, instituindo-se corridas de burrinhos e de pequiras. Nós ganhavamos com isto uma boa meia hora de rir franco e alegre, e estou certo que por esta maneira o gosto dos passatempos hyppicos se iria popularizando.

A' uma hora da tarde estava tudo acabado, e os socios e convidados disseram adeus ás verdes collinas do Engenho-Novo, e voltaram á cidade para descançar e satisfazer a neces-

sidade tão trivial e commum de jantar, insupportavel costume, que apezar de todas as revoluções do globo e todas as vicissitudes da moda, dura desde principio do mundo. A' tarde aquelles que tiveram a honra de um convite, foram a Saude assistir á inauguração do instituto dos cegos na casa que serviu de residencia do primeiro barão do Rio-Bonito.

Ha muito tempo que se esperava a realização desta bella instituição humanitaria, destinada a dar ás pobres creaturas privadas da luz dos olhos, a luz do espirito e da intelligencia. Devemos esperar do zelo das pessoas a quem foi confiada a sua administração que em pouco conseguiremos resultados tão proficuos como tem obtido a França e os Estados-Unidos.

A inauguração fez-se em presença de SS. MM. e de um luzido e numeroso concurso de senhoras e de pessoas de distincção, que ahi se achavam animados pelo mesmo sentimento, e como para realçarem aquelle acto humanitario com a triplíce aureola da magestade, da virtude e da illustração. (1)

Depois de tudo isto, uma bella noite sem lua, fresca e estrellada; algumas partidas no Cattete, um passeio agradável ao relento, ou o doce serão da familia em redor da mesa do chá; e por fim cada um se recolheu a repassar lentamente na memoria os prazeres do dia, e a lembrar-se de um sorriso que lhe deram ou de uns olhos que não viu.

Entretanto á mim não me succedeu o mesmo. Tinha-me divertido, é verdade; mas aquelle domingo cheio, que estreava a semana de uma maneira tão brilhante, fazia-me pressentir uma tal fecundidade de acontecimentos, que me inquietava seriamente. Já via surgir de repente uma serie interminavel de bailes e sarãos, um catalogo enorme de revoluções e uma cópia de noticias capaz de produzir dous supplementos de qualquer jornal no mesmo dia. E eu, mettido no meio de tudo isto, com uma penna, uma pouca de tinta e uma folha de papel, essa tripeça do genero feminino, com a qual trabalham

(1) Tambem escreveu o sr. Porto-Alegre um brilhante artigo sobre a inauguração do *Instituto dos Meninos Cegos* em 19 de Setembro a pag. 377 do *Guanabara* n. de Novembro deste anno.

alguns escriptores modernos, á moda do sapateiro remendão dos tempos de outr'ora.

E' uma felicidade que não me tenha ainda dado ao trabalho de saber quem foi o inventor deste monstro de Horacio, deste novo Protheu, que chamam—folhetim; senão aproveitaria alguns momentos em que estivesse de candêas ás avessas, e escrever-lhe-hia uma biographia, que com as annotações de certos criticos que eu conheço, havia de fazer o tal sujeito ter um inferno, no purgatorio onde necessariamente deve estar o inventor de tão desastrada idéa.

Obrigar um homem a percorrer todos os acontecimentos, a passar do gracejo ao assumpto serio, do riso e do prazer ás miserias e ás chagas da sociedade; e isto com a mesma graça e a mesma *nonchalance* com que uma senhora volta as paginas douradas do seu *album*, com toda a finura e delicadeza com que uma mocinha loureira dá sôta e basto á trez duzias de adoradores! Fazerem do escriptor uma especie de colibri a esvoaçar em zigs-zags, e á sugar, como o mel das flores, a graça, o sal e o espirito que deve necessariamente descobrir no facto o mais comesinho!

Ainda isto não é tudo. Depois que o misero folhetinista por força de vontade conseguiu attingir a este ultimo esforço da volubilidade, quando á custa de magia e de encanto fez que a penna se lembrasse dos tempos em que voava, deixa finalmente o pensamento lançar-se sobre o papel, livre como o espaço. Cuida que é uma borboleta que quebrou a crysalida para ostentar o brilho fascinador de suas côres; mas engana-se; é apenas uma formiga que creou azas para perder-se.

De um lado um critico, aliás de bôa fé, é de opinião que o folhetinista inventou em vez de contar, e que por conseguinte excedeu os limites da chronica. Outro affirma que plagiou, e prova immediatamente que tal autor, se não disse a mesma cousa, teve intenção de dizer, porque enfim *nihil sub solo novum*. Se se trata de cousa seria, a amavel leitora amarrota o jornal, e atira-o de lado com um momosinho displicente a que é impossivel resistir.—Quando se falla de bailes, de uma mocinha bonita, de uns olhos bregeiros, o velho tira os oculos de

massado e diz entre dentes: « Ah! o sujeitinho está namorando á minha custa! Não falla contra as reformas! Hei de suspender a assignatura. »

O namorado acha que o folhetim não presta porque não descreveu certo *toilette*, o caixeiro porque não defendeu o fechamento das lojas ao domingo, as velhas porque não fallou na decadencia das novenas, as moças porque não disse claramente qual era a mais bonita, o negociante porque não tratou das cotações da praça, e finalmente o litterato porque o homem não achou a mesma idéa brilhante, que elle ruminava no seu alto bestunto.

Nada, isto não tem geito! E' preciso acabar de uma vez com semelhante confusão, e estabelecer a ordem nestas cousas. Quando queremos jantar vamos ao hotel de Europa; se desejamos passar a noite, escolhemos entre o baile e o theatro. Compramos luvas no Walerstein, perfumarias no Desmarais, e mandamos fazer roupa no Dagnan. O poeta glosa o mote, que lhe dão, o musico fantasia sobre um thema favorito, o escriptor adopta um titulo para seu livro ou o seu artigo. Sómente o folhetim é que ha de sahir fóra da regra geral, e ser uma especie de panacéa, um tratado *de omni scibili et possibili*, um dictionario hespanhol que contenha todas as cousas e algumas cousinhas mais? Enquanto o instituto de França e a Academia de Lisboa não concordarem n'uma exacta definição do folhetim, tenho para mim que a cousa é impossivel.

Façam idéa, estando ainda dominado por estas impressões da vespera, como não fiquei desapontado no dia seguinte, quando me fui esbarrar com a nova da chegada do paquete de Southampton, o qual parece que mesmo de proposito trouxe quanta noticia nova e velha havia lá pela Europa.

Nicolão, vendo que nada arranjava com os seus primos da Austria e da Prussia, assentou de alliar-se com o *Judeu Errante*, um certo individuo inventado, no tempo em que ainda se inventava e correcto e augmentado no seculo 19 por Eugenio Sue. Entretanto sahiu-lhe a cousa ás avessas, porque os Ingleses e Francezes com o cholera ficaram verdadeiramente

cholericos e então não ha mais nada que lhes resista. Tomaram Bommarsund, e é de crer que á esta hora já tenham empolgado Sebastopol.

Ao passo que elles lá no Oriente pelejam combates e batalhas para se distrahirem durante a convalescença da moléstia, os Egypcios deram ao mundo uma grande lição de politica constitucional á seu modo em duas palavras—*páo* e *corda*; e mostraram claramente que toda a sciencia de governar está na maneira de empregar aquelles dous termos.

Se Abbas-Pachá tivesse aprendido na escola de Napoleão pequenino, em vez de mandar metter o bastão nos mamelucos para estes o enforcarem, teria usado da outra forma symbolica de governar *corda* e *páo*, isto é, teria-os mandado enforçar n'um páo qualquer, e estaria agora vivo e bem disposto para mandar enforçar uma nova porção.

Politicos do mundo inteiro! Jornalistas do orbe catholico! Publicistas que desde Hugo Grocio queimaes as pestanas a resolver a grande questão das fórmulas de governo! podeis fazer cartuxo dos vossos jornaes, podeis vender os vossos enormes in-folios para papel de embrulho, podeis dar aos vossos pequerruchos as memorias que elaborastes para que elles se divirtam a fazer chapéo armado! *Paula majora canamus!* Tudo quanto escrevestes, tudo quanto meditastes não vale aquella lição simples e grande dada por dous mamelucos!

Quereis vêr como a cousa está agora clara e simples? Theoria do governo constitucional—*páo* e *corda*.—Theoria do governo absoluto—*corda* e *páo*.—Quanto á republica, como é a fórmula de governo simples por excellencia, será simbolizada unicamente pela—*corda*. Os democratistas estão livres do bastão, e contentam-se em enforcarem-se uns aos outros como na revolução ingleza, ou a guilhotinarem-se como têm o bom gosto de fazerem os nossos visinhos do Sul.

Alem destas noticias que vos tenho referido, todas as mais, trazidas pelo paquete, não valem uma ode que nos veiu tambem por elle, e que foi publicada no *Portuense*. Não se riam, nem pensem que ha nisto exaggeração! Leiam, e depois conversaremos. E' um homem obscuro, lá de um recanto de Portugal,

com o nome mais anti-poetico do mundo, que de repente sentiu na mente uma scintilla de V. Hugo, recebeu uma inspiração do céu, tomou uma folha de papel, e lavrou a sentença da Inglaterra com uma ironia esmagadora, com um metro energico e uma rima valente. Leiam; e digam-me se neste pensamento grande, nesta concepção vasta, nesta fôrma imponente, não ha como um pressentimento, como a prophécia de um acontecimento, que talvez não esteja muito longe?

Id-me esquecendo de outra noticia, a da aposentadoria do sr. Delavat y Rincon, ministro da Hespanha, no caracter diplomatico da missão que exercia no Brazil. Residindo entre nós ha muitos annos o sr. D. José, tem-se ligado intimamente ao Brazil, não só pelos laços de familia que o prendem, como pelas atenções que sempre mostrou para com o nosso paiz.

Com tanta novidade curiosa chegada pelo paquete, e que offerece larga materia á palestra e aos commentarios, ainda assim não ficamos de todo livres de certas *conversas divertidas*, muito usadas nos nossos circulos.

Não sabeis talvez o que é uma *conversa divertida*? Pois reparae, quando estiverdes n'algum ponto de reunião, prestae attenção aos diversos grupos, e ouvireis um sem numero desta especie de passatempo, que é na verdade de um encanto extraordinario.

Uma *conversa divertida*—é um pretendente que vos agarra no momento em que se vai dansar, para demonstrar a vantagem da reforma das secretarias. E' um medico que aproveita a occasião em que pôde ser ouvido por todos, para proclamar a probabilidade da invazão do cholera no Brazil. E' um sujeito que escolhe justamente o momento da ceia, para contar casos diversos de indigestão e congestões cerebraes. E' um individuo qualquer, que se vos posta diante dos olhos, como uma trave, e vos tira a vista da vossa namorada, para perguntar-vos com voz de mezzo—soprano, o que ha de novo?

Na primeira revizão do Codigo Penal é preciso contemplar estes sujeitinhos n'algum artigo de policia correccional. Uns furtam-nos o nosso tempo, que é um precioso capital—*time is money*, e o que mais é, furtam com abuso de confiança, porque

se intitulam amigos; por conseguinte incorrem na pena de estellionato. Os outros são envenenadores, porque com as suas conversas de cholera e febre-amarella vão minando surdamente a nossa vida com os ataques de nervos, e com as terribes apprehensões, que fomentam.

Emquanto porem aquella reforma não tem logar, chamo sobre elles a attenção do sr. Dr. Cunha, assim como tambem sobre a desordem que reina no theatro nas noites de enchente.

A principio um homem sentava-se commodamente para vêr o espectáculo. Entenderam que isto era sybaritismo, estreitaram o espaço entre os bancos, e tiraram-nos o direito de estender as pernas.

Ainda a cousa não ficou ahí; pintaram os bancos e privaram-nós do espreguiçamento do recosto. Julguei que tinham chegado ao maior aperfeiçoamento do systema, mas ainda faltava uma ultima demão. Agora aquelles que querem vêr ficam de pé; e os que preferem ficar sentados, tem o pequeno inconveniente de nada verem. Não cabem dous proveitos n'um sacco, diz o proverbio; ou bem vêr, ou bem sentar.

Isto pôde ter muita graça para a directoria; porem aquella que compra o direito de vêr, sentado e recostado, não pôde soffrer semelhante defraudação. E' urgente proceder-se á uma rigorosa lotação das cadeiras do theatro, e prohibir a introduccção de mochos e travessas. Este expediente acompanhado da severa inspecção na venda e recepção dos bilhetes, restituirá a ordem tão necessaria n'um espectáculo onde a presença de Suas Magestades e de pessoas gradas, exige toda a circumspcção e dignidade.

Rio, 1º de Outubro.

Meu caro redactor.—Faço idéa do seu desapontamento quando receber esta carta em vez da nossa Revista costumada dos Domingos; mas tenha paciencia, e lembre-se que o acaso é um menino cheio de caprichos, que nos dirige a seu modo, sem ter ao menos a delicadeza de nos consultar de vez em quando. *Fatis agimur, cedite fatis.*

Sei que hade ficar massadissimo commigo, que me accusará de remisso e negligente, e accumulará sobre a minha cabeça uma serie de synonymos de igual jaez capaz de envergonhar qualquer Cicero provinciano dos mais afamados na oratoria.

E' já prevenindo esta eventualidade, que tomo o prudente alvitre de escrever-lhe, e não ir verbalmente desfiar o longo rosario de desculpas que a minha imaginação, sem que lho encommendasse eu, teve o cuidado de ir preparando apenas presentiu os primeiros prodromos da preguiça.

O que val é que a borrasca ha de passar. Quanto maior fôr a zanga, tanto maior graça ha de achar depois no logro que lhe preguei, involuntariamente, está entendido: e porfim de contas, quando se lembrar do seu tempo de folhetinista, estou certo que me hade dar *carradas* de razões. Previno-o porem

desde já, que não é preciso mandar-me a casa as taes *carradas* de razões ; isto pode importar-lhe uma grande despesa de carretos sem necessidade.

Decidi contar-lhe confidencialmente a minha vida desta semana, para que não lhe reste a menor duvida sobre a boa fé com que procedi em todo este negocio, e para assim habilitar-o á redigir uma daquellas desculpas da rotina, com que ordinariamente os jornaes (comprehendido o nosso por politica) embaçam os leitores, logo pela manhã, e em jejum, occasião esta em que naturalmente os carapetões são de mais facil digestão.

Os nossos velhos da éra antiga diziam que não havia domingo sem missa, nem segunda-feira sem preguiça. A primeira parte deste proverbio tem soffrido nos ultimos tempos alguma modificação, principalmente á respeito dos redactores dos grandes jornaes, que substituíram á missa o folhetim. Mas em compensação ninguem ainda se animou a contestar a segunda e ultima parte do annexim, e por isso na segunda-feira, redactores, folhetinistas, leitores e leitoras, todos desejaríam poder saborear as delicias do *dolce far niente*.

Como isto não é possivel á todos, o que se segue é que muitas vezes o corpo parece que trabalha, em quanto a mente, como uma sultana favorita, se embala mollemente nas doces recordações do domingo e de toda a semana passada.

O redactor estende a folha de papel para escrever o seu artigo *de fundo*, mas quando procura pelo pensamento vai descobri-lo no fundo de algum *boudoir* elegante, donde não ha forças que possam arrancar. Resulta d'ahi, que depois de algumas horas de esforço baldado, o tal artigo de fundo fica no fundo do tinteiro.

A mocinha com os olhos quebrados, e corpinho languido toma o seu bordado e começa á trabalhar. Pensa que está fazendo ponto de *crochet*? Qual ! está fazendo namoro á *crochet*. Os olhos e a bouquinha são os ganchos: cada ponto é um olhar provocador ; cada malha um jogo vivo de sorrisos á direita e á esquerda. Quando ah agula fere-lhe um dos

dedinhos rosados, sou capaz de apostar que lembrou-se de um despeito, ou de um arrufo no baile.

A respeito do folhetinista não fallemos. Na segunda-feira tem a cabeça que é um cahos de recordações, de factos, de aneddotas e observações curiosas. A imaginação toma ares de pintor chinez e começa a desenhar-lhe flores e arabescos de um colorido magnifico. As idéas dânsam uma contradança no Cassino. A memoria passeia no meio do salão de braço dado com a ironia, gracejando e fazendo reflexões a proposito.

Emfim os cinco sentidos poem-se ao fresco, e largam-se a passear cada um para seu lado. O ouvido à *flaner* se recorda a cabaleta do *Trovatore*. O paladar e o olfato sentam-se commodamente à mesa da ceia. O olhar erige-se em daguerreotypeiro e diverte-se em tirar retratos *d'après nature*. E o tacto vai estudar praticamente o magnetismo, para descobrir as causas mysteriosas dos estremecimentos, que produz a pressão doce e tepida de uma mãozinha delicada.

A' vista disto, *meu caro Redactor*, já vê que a segunda-feira é um dia inteiramente perdido, e que só vem na folhinha para encher o numero dos sete que formam a semana, assim como succede nas listas triplices para senador. Acredite que não se faz nada, nem mesmo quando se possui a receita infallivel que eu tenho sobre a meza, de um libello ou de uns *provards*, cujo effeito poderoso o senhor deve conhecer.

Os antigos tinham razão. Estou certo que se Josué visse no nosso seculo havia de adoptar o annexim portuguez, e pedindo licença á Galilen, todos os domingos á meia-noite faria parar o sol até terça-feira, para assim poder bem saborear o dia consagrado á preguiça, sem temer a claridade importuna que de madrugada, isto é, as deshoras, vem bater-nos nas palpebras, como um devedor impertinente que não comprehende a verdadeira organização do credito.

Ora, eu sei que me podem objectar que a Biblia manda trabalhar seis dias, e descansar no setimo. Mas aquelle preceito foi inventado na primeira semana, isto é quando não se tinha trabalhado antes; e por isso não podia haver preguiça na segunda-feira. Alem de que, como ainda não se sabia ao certo

o peso do trabalho da semana, julgou-se que era bastante um só dia de descanso. Veja o senhor, que é deputado, o inconveniente de fazer leis sem primeiro estudarem-se profundamente as necessidades publicas.

Logo que os homens aprenderam por experiencia propria, quanto custavam os taes seis dias de trabalho, assentaram que era preciso pelo menos dous ou tres dias de descanso. Dahi veio que os antigos, pensando sobre a gravidade do caso, inventaram os dias santos para illudirem o preceito da Biblia ; e modernamente se instituiu nas semanas em que não ha dias santos o feriado da quinta-feira para os estudantes e lentes, porem especialmente para estes.

Em fim o nosso amavel redactor, sabe, que a propria astronomia confirma a convicção profunda em que estou de que pelas leis divinas e humanas a segunda-feira deve ser completamente consagrada á preguiça. A segunda-feira é o dia da lua, e ninguem ignora a influencia poderosa que exerce esta senhora sobre os pobres mortaes, a quem ella persegue como uma velha cheia de flatos e medeixes. Ora, não podendo o corpo assim indisposto entregar-se ao trabalho, é evidente que as proprias leis phisicas, que regulam a harmonia e o equilibrio do mundo, destinaram a segunda-feira para a calaçaria.

Parece-me que tenho provado o ponto controvertido, com augmentos dignos de figurar em uma *conclusão magna*. Está a segunda-feira portanto fóra de toda a questão ; e por isso, tranquillo na minha consciencia, não tenho o menor escrupulo em confessar-lhe que naquelle dia não trabalhei.

Passei o dia, como faço-lhe a justiça de acreditar que passou o seu, sem dar attenção ás miserias deste mundo ; e tratando de realizar aquelle dito de Marcial, que apezar de poeta (com perdão de V. S.) disse um dia uma cousa boa, talvez mesmo por não ser muito forte na poesia: *Vivere bis, vita posse priore fruire*.

Acho escusado dizer-lhe, que apezar de ser o dia inteiramente contemplativo não me descuidei da carne, e tive o cuidado de almoçar, jantar e ceiar. A' noite fui ao theatro Lyrico

ouvir ainda uma vez o *Trovatore* e vêr Leonora morrer depois de nos ter dado algumas horas de vida deliriosa.

Desejava trazer alguma idéa boa para o nòsso folhetim. Mas o senhor sabe o que é uma idéa; é a couza mais bandoleira, e mais voluvel que eu conheço. As idéas são as borboletas do espirito; são, como diz um proverbio oriental a respeito das mulheres, a sombra do nòsso corpo que nos acompanha sempre, e que nos foge apenas as queremos apanhar.

Esperei por conseguinte pela terça-feira, em que verdadeiramente devia começar o trabalho da semana, segundo os principios que já tive a honra de lhe expender. Entretanto servindo-me eu d'aquelles mesmos principios com que provei que os antigos tinham toda a razão em destinar a segunda-feira para o santo ocio, succedeu que tive na terça-feira ao acordar uma lembrança luminosa, cujo peso deixo ao seu alto criterio.

Se os antigos que não tinham baile, nem theatros lyricos, nem concertos, nem clubs, nem corridas, e que se contentavam com algum sarão de vez em quando, inventaram os dias Santos para filarem assim dous dias de descanso; nós que temos durante a semana todo esse enorme acrescimo de trabalho imposto pela sociedade, nós que já fomos privados dos dias Santos, devemos em todo o rigor da justiça lograr mais um dia de descanso, e juntar a terça-feira á segunda, a fim de poder na quinta encetar o trabalho, com o espirito calmo e o corpo bem disposto.

Este argumento sem replica calou-me no animo a convicção inabalavel, de que seria anti-racional e anti-philosophico trabalhar na terça-feira, principalmente estando todo preoccupado com o baile do Cassino, que devia ter lugar á noite.

Por conseguinte levei o dia litteralmente a esperar pela noite, e a ler as noticias da Europa, chegadas pelo *Maria 2^a*.

Tive um alegrão quando vi aquelle carapetão da tomada de Sebastopol, inventado pelos passageiros do Candiá, que podem ser taxados de mentirosos, mas que pelo menos mostraram ser mais habéis em estrategia e tactica militar do que os generaes Francezes e Inglezes, pois tomaram uma praça forte

sem armas e sem soldados, somente com o auxilio da lingua e de algum geito para a petalogia.

Com este facto tinha eu base para um artigo brilhante sobre o futuro da guerra do Oriente; mas o meu contentamento foi passageiro, porque no dia seguinte li o desmentido do *Jornal do Commercio* que nem sequer deixou á pobre noticia o tempo de correr.

A noite que eu esperava anciosamente chegou. As 9 horas entrei no Cassino, onde tive o summo prazer de encontral-o, o que unicamente (espero terá a bondade de o acreditar) fez-me passar algumas horas bem agradaveis.

Se a falta do nosso folhetim de amanhã, a qual deploro igualmente com o senhor, não o traz ainda atordoado á esta hora, deve lembrar-se que o baile, embora não tivesse grande concurrencia, esteve magnifico pela elegancia das senhoras, e pela sociedade escolhida que ahí se reuniu.

Havia naturalmente de notar com o seu conhecido bom gosto, a justeza de uma observação que fez Arsène Houssaye provavelmente no meio de algum baile como aquelle:—*Il y a des femmes que sont roses, il y a des femmes que sont épines, il y a des femmes que sont des sourires il y a des femmes que sont desgrimaces.*

A estepensamento eu accrescentaria que ha mulheres que são verdadeiras rozas, e que por isso teem para aquelles que se chegam um perfume e um espinho ao mesmo tempo.

Tambem havia de ver como eu, surgir naquella noite uma estrella suave a deslizar docemente n'um céu de azul. Era uma verdadeira estrella, bella como suas irmãs, brilhando no céu, porque o céu é a patria da candura e da innocencia.

Se não teve a felicidade de ver esta serena apparição no baile, tome o meu conselho. Vá a casa do Reis, na rua do Hospicio n. 72. E' a melhor loja de instrumentos de optica e de physica que ha nesta cidade: ahí encontrará um sortimento magnifico de binoculos, de telescopios e lunetas.

Escolha a melhor *jumelle eliptique* que elle tiver, vá esta noite beneficiar os Italianos ouvindo muzica italiana, e lá examine o céu do theatro Lyrico, que talvez tenha occasião de

ver a estrella de que lhe fallei. Não fite muito o oculo: uma estrella é tudo o que ha de mais puro e de mais casto neste mundo.

Voltando ao baile, creio que não estranhará se durante toda aquella noite nem sequer me lembrasse do folhetim. A' uma hora despedi-me como os outros até a noite seguinte, na qual nos devíamos encontrar no baile militar, ou nos salões de um estrangeiro distincto, que recebia em sua casa a sociedade elegante desta côrte.

Em fim veiu a quarta-feira, o dia em que sensatamente se deve dar principio ao trabalho. Não comece já a pensar que vou appellar para algum sophisma, a fim de inutilisar tambem este dia. Não: a quarta-feira é um dia muito util, o mais util talvez da semana.

A quarta-feira é destinada para se dispôr o homem á começar os seus affazeres. Depois de trez dias de descanso, é impossivel que se tenha disposições para encetar de chofre o trabalho. Seria mesmo anti-hygienico passar-se repentinamente do repouso ao movimento.

Motus est causa caloris. Consulte um bom medico, e verá que elle lhe diz que isto importa tanto como as transicções rapidas do frio para o calor, e vice-versa, e que por consequente pôde originar graves molestias.

Não sei que sabio antigo disse, que a natureza não vai aos saltos: *Natura non facit saltus.* Todas as lingoas vivas e mortas que eu conheço teem um rifão que, despida a forma, contém aquelle mesmo pensamento.

Ora, logo que a sabedoria, a hygiene, e a experiencia popular consagram um principio inconcusso, não é possivel deixar de adherir, principalmente quando ha uma attracção irresistivel para elle. Foi o que me succedeu, levei toda a quarta-feira a fazer tenções e calculos de trabalho para o dia seguinte. Afim de melhor dispôr o espirito, não deixei de ir á reunião de que lhe fallei, e tive occasião de apreciar a amabilidade dos hospedes, e a graça das lindas convivas.

Na quinta-feira, resolvi logo pela manhã pôr-me de ponto em branco, isto é, todo de preto, para ir ao convento de

Santo Antonio, assistir a um officio funebre que os estudantes de medicina fizeram celebrar pela alma de seu fallecido collega José Candido de Almeida,

Embora já habituado á estas scenas de luto e de tristeza, a memoria deste factó, causa-me dolorosas impressões. Não me posso lembrar com indifferença daquelle moço, cheio de vida e de talento, colhendo o germen da morte justamente quando, levado pelo amor do estudo, investigava com o escarpello na mão os segredos da sciencia.

O que consola o espirito quando me recordo deste factó é a effusão e a espontaneidade de sentimentos com que seus collegas demonstraram a magoa que lhes deixou aquella morte prematura. Os estudantes de medicina deram nesta occasião um exemplo bem raro hoje, de espirito de classe; e nas demonstrações de sua dôr substituiram quasi para com seu collega morto longe do seio materno, as lagrimas sublimes de mãi.

A hora, que correu mais rapidamente do que eu pensava, obistou a realisação do meu intento. Entretanto fiquei sempre debaixo daquelle impressão, o que contudo não me afastava da idéa de começar decididamente o trabalho na quinta.

No correr do dia, reflectindo melhor, assentei em duas cousas. Primeiro, que n'um clima tão doentio como é o do Rio de Janeiro, todo o mundo tem o direito incontestavel de declarar-se doente pelo menos um dia por semana, ainda que não seja senão para poupar a saude e não gastál-a toda de uma vez. Segundo, que todo o homem que cumpre exactamente os seus deveres durante todo o anno, pôde lá uma semana fazer um *extra* e destinar o dia para ir passar no campo e não fazer absolutamente nada, senão destrahir-se.

E agora, *meu caro Redactor*, confesse francamente, não acha que é um impossivel phisico e moral fazer uma *semana* inteira com um dia somente, quando para isto é necessario em toda a folhinha sete dias e sete noites ?

Como estou certo que não me responderá negativamente á esta pergunta, desde já me tenho por plenamente justificado

para com a redacção do jornal; lá quanto aos leitores, isto é cousa que lhe diz respeito, e na qual eu lavo as mãos.

Entretanto é pena que isto succedesse, porque havia bastante que dizer-se sobre esta semana. Além dos divertimentos que lhe fallei, do baile do Campestre, da chegada de um litterato cego (1) que nos veio pedir hospitalidade acompanhado de sua *Antigone*, houve um facto que interessa muito a população desta cidade.

O dezembargador Figueira de Mello foi nomeado chefe de policia desta côrte, e deve tomar posse hoje, dia de S. Jeronymo, seu patrão.

Não acha que esta coincidencia é um presagio feliz para esta nomeação e que o novo chefe de policia continuará as tradições deixadas pelo Sr. Siqueira, que durante a sua curta administração adquiriu titulos ao reconhecimento publico? Eu inclino-me á crer que sim, e não estou longe de suppôr que nisso vamos de accordo.

A empreza lyrica começa a ser administrada pela nova directoria, e tambem ha razões de esperar das pessoas que a compõe, senão todos, ao menos alguns dos melhoramentos que exige o nosso theatro para poder elevar-se ao estado, que comporta a civilisação e os recursos desta côrte.

Veja que penna! Com tanta noticia importante, não temos artigo hebdomadario! Mas console-se; a semana que vem, não se annuncia menos brilhante. Teremos um baile esplendido na Phileuterpe, e no theatro de S. Pedro um concerto vocal e instrumental, de muzica allemã e classica, o que deve ser uma novidade artistica digna de attrahir todo aquelle que se prezar de bom gosto. A orchestra será regida por um joven professor nacional, o Sr. Stockmeyer (2), que já tem dado provas do seu talento.

(1) Jacques Arago que falleceu no dia 27 de Novembro do mesmo anno.—P. C.

(2) Christiano Stockmeyer, maestro brasileiro, autor da opera—*O Sebastianista*.—P. C.

Não se amofine por conseguinte, e creia na minha boa vontade.

Seu, etc.

Al.

S. C. 30 de Setembro.

P. S. Agora, quasi ao fechar esta, lembrei-me de um expediente aproveitavel em tão criticas circumstancias. A liberdade do folhetinista é illimitada, a carta longa: portanto escreva-lhe em cima o nosso titulo—*Ao correr da penna*—e mande para a composição. Não deixe transpirar coisa alguma; e amanhã o leitor com toda a sua finura pensará, que isto foi uma idéa original que tivemos. Ha de vêr que no fim de contas, o negocio arranja-se ás mil maravilhas.

Rio, 15 de Outubro.

Encontram-se ás vezes na historia da humanidade certas coincidencias tão notaveis, que parecem revelar uma lei fatal e mysteriosa, um élo invisivel que através dos annos e dos seculos prende entre si os grandes acontecimentos.

O tempo, dizia Pindaro, é o oceano immenso sobre o qual navega a humanidade. Quem sabe se como o marinheiro lançado sobre a amplidão dos mares, balido pelos ventos e pelas tempestades, o genero humano não percorre os caminhos já trilhados, e não atravessa as idades revendo na sua torna-viagem as mesmas plagas, os mesmos climas ?

O espirito se confunde desde que intenta prescrutar tão altos arcanos, e se perde n'uma serie de pensamentos elevados, como os que me assaltaram quando me puz a reflectir sobre os destinos do dia 12 de Outubro, que marca época nos annaes do mundo, da America e do Brazil.

Quando se desdobra esta grande pagina do calendario, e se volve os olhos para o passado, vê-se surgir entre as sombras das gerações que morrêram dous grandes vultos de heróes, que, separados por mais de tres seculos, parecem estender-se a mão por sobre o espaço, como para consolidar a sua obra.

No mesmo dia um descobriu um novo mundo; o outro fundou um grande imperio. Um chamava-se Colombo, o outro era Pedro I. Dous nomes que por si só valem uma historia.

Entretanto a America e o Brazil deixaram-n'os escriptos apenas nos livros, como uma simples recordação; e tomando um nome de emprestimo, nem ao menos copiaram no marmore ou no bronze aquella pagina de tantas glorias,

O viajante do velho mundo, que contemplou as pyramides do Egipto, as ruinas do Parthenon, as abobadas do Colyseu,

os obeliscos e os arcos de triumpho, monumentos de um seculo, de um povo, ou de um rei sômente, não encontra nas plagas americanas nem sequer o nome desse semi-deus que creou um mundo!

Apenas a espaços, uma palavra perdida, uma exprobração amarga, e mesmo alguns esforços infructiferos para levar á effeito a idéa de um monumento a Colombo, e de uma estatua a D. Pedro. (1)

Tudo isto porém passa no turbilhão das idéas que servem de pasto á uma agitação momentanea, e nada resiste á esse esquecimento fatal e prematuro. Dir-se-hia quo o presente, temendo ser offuscado por tão grandes feitos do passado, como que receia transmitti-los ás gerações futuras.

Mas o éco das idades, esse brilho que illumina os seculos, e á que o mundo chama a gloria, não ha forças que o abafe. Através do tempo ouve-se ainda e sempre, esse sublime dialogo que formam, como diz L'Hermenier, as relações do genio com a humanidade.

Assim aquelles dous grandes vultos, que parecem perdidos nas sombras do passado, se reflectirão com todo o seu brilho na posteridade, principalmente quando o primeiro tem para desenhá-lo a penna de um homem como Lamartine, e o outro a historia de uma nação como o Brazil.

Talvez que então, quando a marcha dos tempos tiver desvendado os altos mysterios do destino, a humanidade possa comprehender esse élo invisivel que prende dous acontecimentos tão remotos, essa relação inexplicavel entre dous grandes homens, essa coincidencia providencial de duas revoluções que em épocas differentes se realizaram no mesmo dia.

Quem sabe se o facto que veiu depois de tres seculos não era o complemento e o remate do primeiro? Quem sabe se D. Pedro I não foi o continuador de Colombo? Quem sabe se a

(1) Reunimos em trabalho que mais tarde tiraremos á publico, tudo quanto se disse em prosa e verso por meio da imprensa ácerca da estatua á D. Pedro e da projectada á Colombo. — P. C.

fundação do imperio do Brazil não devia ser uma condição essencial nos futuros destinos da America? (1)

Estes pensamentos nos levariam muito longe, muito além do presente, e nos fariam esquecer que nestas paginas somos o homem do passado, o simples chronista dos acontecimentos de uma semana. Deixemos portanto as altas elocubrações, e voltemos aos factos da actualidade.

Fallavamos de genio, de talento, de glorias passadas, e destinos futuros. O presente não é menos fertil em qualquer destas cousas, sobretudo em talento.

O talento! *Divinae particulam auræ!* Não ha nada como o talento. Riquezas, honras, nascimento, nobreza, nada disto vale uma pequena dôse daquella inspiração divina. Só ella tem o privilegio da divindade, o dom de crear e inventar.

Se duvidam do que estou dizendo, tomem qualquer jornal da semana, e corram-lhe os olhos, que terão a prova desta minha asserção.

O cholera-morbus andava muito socegado lá pela Europa, e nem sequer ainda se tinha lembrado de escrever o Brazil no seu itinerario ou jornal de viagem, quando alguém, um homem de talento necessariamente, teve a feliz idéa de affirmar que a molestia já estava em caminho, e não tardaria a chegar.

Immediatamente fez-se uma revolução, e tivemos uma verdadeira epidemia de cholera-morbus *in nomine*. Não se falava em outra cousa; não se escrevia sobre outro assumpto. Os medicos dissertavam largamente, os profanos gracejavam ou discutiam, a camara municipal trabalhava, e a academia de medicina fazia sessões publicas.

Ouvi queixar-se muitagente que de todas essas luminosas discussões nada se concluia; creio porém que estão mal informados. Se fossem ao escriptorio de qualquer das folhas diarias desta côrte, haviam de ver entrar para a caixa a consequencia logica e verdadeira de toda esta argumentação,—a paga das correspondencias e publicações a pedido.

(1) O meu pensamento é nesta parte inteiramente contrario.—P. C.

A epidemia foi tal, que até foram bulir com a pobre grammatica, que estava bem socegada, e chamaram-na á campo para decidir se o cholera-morbus era masculino ou feminino.

Não me devo metter em semelhante questão ; mas a fallar a verdade, prescindindo da grammatica, creio que aquelles que dão ao cholera o genero feminino teem alguma razão, por isso que os maiores flagellos deste mundo, a guerra, a morte, a fome, a peste, a miseria, a doença, etc., são representadas por mulheres.

E o que torna-se mais notavel ainda, é que os Gregos, gente sempre tida em conta de sábia, quando inventaram os seus deuses fizeram homens Apollo e Cupido, e para mulheres escolheram as Parcas, as Furias e as Harpias.

Se as minhas amaveis leitoras não gostarem desta razão, o que acho muito natural, chamem a contas os pintores e os poetas, que são os autores de tudo isto. Quanto a mim não tenho culpa nenhuma das extravagancias dos outros, e até estou prompto a admitir a opinião do meu collega A. Karr, que explica aquelle facto, pela razão de que as senhoras são extremos em tudo, tanto que as mais bellas cousas deste mundo são tambem significadas por mulheres, assim como a belleza, a gloria, a justiça, a caridade, a virtude, e muitas outras que como estas não se encontram commummente pelo mundo, mas que existem no dictionario.

Ora, á vista da razão que apresentei, parecia que não devia haver mais duvida sobre o genero do cholera ; porém o argumento do—h—, que ainda não tinha lembrado aos grammaticos antigos e modernos, veio mudar a face da questão. Homem, que é o symbolo do genero masculino, começa por —h—; logo, desde que o cholera fôr escripto com—h—é masculino. A isto não ha que responder ; e por consequente, á vista de um tal argumento, persisto na minha antiga opinião.

Apezar de todas estas discussões interessantes com que se procura entreter o animo publico, á noite os *dilettanti* não deixam de se encaminhar para o theatro Lyrico, embora

tenham muitas vezes o desgosto de esbarrarem com o nariz na porta fechada, como succedeu segunda-feira.

Disseram que a Charton estava um pouco incommodada, o que bem traduzido quer dizer que não tinha nada absolutamente.

Ora, admittindo mesmo o caso do incommodo, desejava sinceramente que os espiritos dados ás altas e importantes questões de utilidade publica, como sejam as do genero do cholera, do contagio da molestia, da sua antiguidade etc., me elucidassem por meio de uma discussão esclarecida, um ponto muito duvidoso para mim: e é se as primas-donnas teem o direito de adoecerem em dia de representação, e deixarem-nos desapontados sem sabermos o que fazer da noite

Na minha opinião entendo que uma prima-donna quando muito tem unicamente o direito de adoecer na vespera, á tempo de se publicar o annuncio de transferencia do espectáculo: e quando quizer adoecer no mesmo dia, então deve advinhar de vespera que na noite seguinte estará incommodada, a fim de se prevenir o publico, e evitar-lhe uma desagradavel surpresa.

Felizmente o incommodo da Charton foi passageiro, e as soirées lyricas continuaram sem mais transferencias até sexta-feira, em que nos deram a *Semiramide*, em beneficio da Casaloni. A noite foi ruidosa; applausos, rumor, flôres, versos, brilhantes, houve de tudo, até mesmo uma pateada solemne. Foi por conseguinte uma festa completa.

Para fazer diversão á musica italiana, offereceram-nos, sabbado da semana passada, no theatro de S. Pedro, um outro beneficio de musica allemã classica, no qual os entendedores tiveram occasião de apreciar côros magnificos á tres e quatro vozes, e de gozar bellas recordações dos antigos *maestros*, hoje tão esquecidos por causa das melodias de Rossini e Donizetti, e das sublimes e originaes inspirações de Verdi e Meyerbeer.

Rio, 22 de Outubro.

MONTE-ALVERNE

O tempo serenou; as nuvens abriram-se, e deixam ver á espaços uma pequena nesga de céu azul, por onde passa algum raio de sol desmaiado, que ainda como que entorpecido com o frio e com a humidade da chuva, vem espreguiçar-se indolentemente sobre as alvas pedras das calçadas.

Aproveitemos a estiada da manhã, e vamos, como os outros, acompanhando a devota romaria, assistir á festividade de S. Pedro de Alcantara, que se celebra na Capella Imperial.

A igreja resumbrá a severa e imponente magestade dos templos catholicos. Em face dessas grandes sombras que se projectam pelas naves, da luz fraca e vacillante dos cirios lutando com a claridade do dia que penetra pelas altas abobadas, do silencio e das pompas solemnes de uma religião verdadeira, sente-se o espirito tomado de um grave recolhimento.

Perdido no esvão de uma nave escura, ignorado de todos e dos meus proprios amigos, que talvez condemnavam sem remissão um indifferentismo imperdoavel, assisti com o espirito do verdadeiro christão a esta festa religiosa, que apresentava o que quer que seja fóra do commum.

Sob o aspecto contido e reservado daquelle numeroso concurso, elevando-se gradualmente do mais humilde crente até as ultimas summidades da hierarchia social, transpareciam os assomos de uma curiosidade soffrega e de uma anciedade mal reprimida. Qual seria a causa poderosa que perturbava assim a gravidade da oração? Que pensamento podia assim distrahir o espirito dos scismas e dos enlevos da religião?

Não era decerto um pensamento profano, nem uma causa estranha que animava aquelle sentimento. Ao contrario: neste templo que a religião enchia com todo o vigor de suas imagens e toda a poesia de seus mythos, neste recincho em que as luzes, o silencio e as sombras, as galas e a musica representavam todas as expressões do sentimento, só faltava a palavra, mas a palavra do Evangelho, a palavra de uma inspiração sublime e divina, a palavra que cahe do céu sobre o coração como um éco da voz de Deus, e que refrange aos labios para poder ser comprehendida pela linguagem dos homens.

Era isto o que todos esperavam. Os olhos se voltavam para o pulpito onde haviam prégado Sampaio, S. Carlos e Januario; e pareciam evocar dos seus tumulos aquellas sombras illustres para virem contemplar um dia de sua vida, uma reminiscencia de suas passadas glorias.

Deixai que emmudeçam as orações, que se calem os sons da musica religiosa, e que os ultimos écos dos canticos sagrados se vão perder pelo fundo dos erguidos corredores, ou pelas frestas arrendadas das tribunas.

Cessaram de todo as orações. Recresce a especiação e a anciedade; mas cada um se retrahê na mudez da concentração. Os gestos se reprimem, conteem-se as respirações anhelantes. O silencio vai descendo frouxa e lentamente do alto das abobadas ao longo das paredes, e sepulta de repente o vasto ambito do templo.

Chegou o momento. Todos os olhos estão fixos, todos os espiritos attentos.

No vão escuro da estreita arcada do pulpito assomou um vulto. E' um velho cégo, quebrado pelos annos, vergado pela

idade. Nessa bella cabeça quasi calva e encanecida pousa-lhe o espirito da religião sob a triplice auréola da intelligencia, da velhice e da desgraça.

O rosto pallido e emmagrecido cobre-se desse vago, dessa oscillação do homem que caminha nas trevas. Entre as mangas do burel de seu habito de franciscano cruzam-se os braços nús e descarnados.

Ajoelhou. Curvou a cabeça sobre a borda do pulpito, e revolvendo as cinzas de um longo passado, murmurou uma oração, um mysterio entre elle e Deus.

Que ha em tudo isto que dêsse causa á tamanha espectação? Não se encontra a cada momento um velho, a quem o claustro sequestrou do mundo, a quem a cegueira privou da luz dos olhos? Não ha ahi tanta intelligencia que um voto encerra n'uma cellula, e que a desgraça sepulta nas trevas?

E' verdade. Mas deixai que termine aquella rapida oração; esperai um momento.... um segundo.... eil-o!

O velho ergueu a cabeça; alçou o porte; a sua physionomia animou-se. O braço descarnado abriu um gesto incisivo; os labios, quebrantando o silencio de vinte annos, lançaram aquella palavra sonora, que encheu o recinto, e que foi acordar os écos adormecidos de outros tempos.

Fr. Francisco de Monte-Alverne prégava! Já não era um velho cego, que a desgraça e a religião mandavam respeitar. Era o orador brilhante, o prégador sagrado, que impunha a admiração com a sua eloquencia viva e animada, cheia de grandes pensamentos e de imagens soberbas.

Desde este momento o que foi aquelle rasgo de eloquencia não é possivel exprimi-lo, nem sei dize-lo. A intonação grave de sua voz, a expressão nobre do gesto energico a copiar a sua phrase eloquente, arrebatava; e levado pela força e vehemencia daquella palavra vigorosa, o espirito, transpondo a distancia e o tempo, julgava-se nos desertos de Said e da Thebaida, entre os rochedos alcantilados e as vastas safaras de arêa, presencendo todas as austeridades da solidão.

De repente, em dous traços, com uma palavra, com um gesto, muda-se o quadro; e como que a alma se perde

naquellas vastas e sombrias abobadas do mosteiro de S. Justo, para vêr com assombro Pedro de Alcantara em face de Carlos V, o santo em face da grandeza decabida.

Aquelles que em outros tempos ouviram Monte-Alverne, e que podem comparar as duas épocas de sua vida cortada por uma longa reclusão, confissão que todas as suas reminiscencias dos tempos passados, apesar do prestigio da memoria, cederam a esse triumpho da eloquencia.

Entre as quatro paredes de uma cellula estreita, privado da luz, é natural que o pensamento se tenha acrisolado; e que a intelligencia, cedendo por muito tempo a uma força poderosa de concentração, se preparasse para essas expansões brilhantes.

O digno professor de eloquencia do collegio de Pedro II, desejando dar aos seus discipulos uma lição pratica de oratoria, assistiu com elles, e acompanhado do respeitavel director daquelle estabelecimento, ao bello discurso de Monte-Alverne.

Não me animo a dizer mais sobre um assumpto magnifico, porem esgotado por uma dessas pennas que com dous traços esboçam um quadro, como a palavra de Monte-Alverne com um gesto e uma phrase.

Comtudo se este descuido de escriptor carece de desculpas, parece-me que tenho uma muito valiosa na importancia do facto que preocupou os espiritos durante os ultimos dias da semana, e deu thema á todas as conversações.

Parece porém que a chuva só quiz dar tempo a que a cidade do Rio de Janeiro pudesse ouvir o illustre prégador, sem que o rumor das goteiras perturbasse o silencio da igreja.

A' tarde o tempo annuviou-se, e a agua cahia a jorros. Entretanto isto não impediu que a alta sociedade e todas as notabilidades politicas e commerciaes, em trajos funerarios concorressem ao enterro de uma senhora virtuosa, estimada por quantos a tratavam, conhecida pelos pobres e pelas casas pias.

A Sra. baroneza do Rio Bonito contava muitas affeições, não só pelas suas virtudes, como pela estimação geral de que gozam seus filhos. O grande concurso de carros que acompanharam o seu prestito funebre em uma tarde desabrida é o mais solemne testemunho desse facto.

Entre as pessoas que carregaram o seu caixão notaram-se o Sr. presidente do conselho, o Sr. ministro do imperio, e alguns directores do Banco do Brazil. E' o apanagio da virtude, e o unico consolo da morte. Ante os despojos exanimos de uma alma bem formada se inclinam sem humilhar-se todas as grandezas da terra.

Esses dous factos, causa de sentimentos oppostos, enchem quasi toda a semana. Desde pela manhã até a noite a chuva cahia com poucas intermittencias, e parecia ter destinado aquelles dias para as solemnidades e os pensamentos religiosos.

Apezar da esterilidade e semsaboria que produz sempre esse tempo n'uma cidade de costumes como os nossos, apezar dos dissabores dos namorados privados dos devaneios da tarde, e dos ataques de nervos das moças delicadas, os homens previdentes não deixavam de estimar essas descargas de electricidade, e essas pancadas d'agua, que depuram e refrescam a atmosphaera.

Na sua opinião (quanto á mim estou em duvida), essas caretas que o tempo fazia aos prognosticadores de molestias imaginarias, valiam mil vezes mais do que todas as discussões da todas as academias medicas do mundo.

Quanto mais se soubessem que o Sr. ministro do imperio durante esses dias se preocupava sériamente das medidas necessarias ao asseio da cidade, mostrando assim todo zelo em proteger esta bella capital dos ataques do *diabo azul*. Sirvo-me deste nome, porque estou decidido a não fallar mais em *cholera* emquanto não resolverem definitivamente se é homem, se é mulher, ou hermaphrodita.

Para este fim o Sr. Pedreira consultou o presidente da camara municipal, e incumbiu ao Sr. desembargador chefe de

policia a inspecção do serviço, cujo regulamento será publicado opportunamente.

Com as providencias que se tomaram, e especialmente com a medida da divisão dos districtos e da combinação da acção policial com o elemento municipal, afim de remover quaesquer obstaculos, creio que podemos esperar resultados uteis e efficazes.

Rio, 29 de Outubro.

Quando estiverdes de bom humor e n'uma excellente disposição de espirito, aproveitai uma dessas bellas tardes de verão como tem feito nos ultimos dias, e ide passar algumas horas no Passeio Publico, onde ao menos gozareis a sombra das arvores e um ar puro e fresco, e estareis livres da poeira e do incommodo rodar dos omnibus e das carroças.

Talvez que contemplando aquellas velhas e toscas alamedas com suas grades quebradas, e suas arvores mirradas e carcomidas, e vendo o descuido e a negligencia que reina em tudo isto, vos accudam ao espirito as mesmas reflexões que me assaltaram a mim e á um amigo meu, que ha cêrca de um anno teve a habilidade de transformar em uma *semana* uma tarde no Passeio Publico. (1)

Talvez pensareis como nós, que o estrangeiro, que procurar nestes lugares banhados pela viração da tarde um refrigerio á calma abrazadora do clima, deve ficar fazendo bem alta idéa não só do *passeio* como do *publico* desta côrte.

A nossa sociedade é alli dignamente representada por dous typos curiosos e dignos de uma *physiologia* no genero de Balsac. O primeiro é o estudante de latim, que ao sahir da escola, ainda com os *Commentarios* debaixo do braço e o

(1) O dr. F. Octaviano, que em Dezembro de 1852 creára a *Semana* para o *Jornal do Commercio*—P. C.

quaderno de significados no bolso, atira-se intrepidamente qual novo Cesar á conquista do ninho dos pobres passarinhos. O segundo é o velho do seculo passado, que em companhia do indefictivel compadre, recorda as tradições dos tempos coloniaes, e conta anedotas sobre a rua das Bellas-Noites, e sobre o excellento governo do Sr. vice-rei D. Luiz de Vasconcellos.

Assim pois não ha razão de queixa. O passado e o futuro, a geração que finda e a mocidade esperançosa que desponta, fazem honra ao nosso *Passeio*, o qual fecha-se ás oito horas muito razoavelmente, para dar tempo ao passado de ir ceiar, e ao futuro de ir cuidar nos seus significados.

Quanto ao presente, não passeia, é verdade; porém, em compensação, vai ao Cassino, ao theatro Lyrico, toma sorvetes, e tem mil outros divertimentos agradaveis, como o de encher os olhos de poeira, fazer um exercicio hygienico de costellas dentro de um carro nas ruas do Catete, e sobretudo o prazer incomparavel de dansar, isto é, de andar no meio da sala, como um lapis vestido de casaca, a fazer oito nas contradanças, e a gyrar na valsa como um pião, ou como um corruptio.

Com tão bellos passatempos, que se importa o presente com esse deleixo imperdoavel, e esse completo abandono de um bem nacional, que sobrecarrega de despezas os cofres do estado, sem prestar nenhuma das grandes vantagens de que poderiam gozar os habitantes desta côrte?

Quando por acaso se lembra de semelhante cousa, é unicamente para servir-lhe de pretexto a um estribilho de todos os tempos e de todos paizes, para queixar-se da administração e lançar sobre ella toda a culpa. Ora, eu não pretendo defender o governo, não só porque tendo tanta cousa á fazer ha de por força achar-se sempre em falta; como porque elle está para a opinião publica na mesma posição que o menino de escola para o mestre, e que o soldado para o sargento, isto é, tendo a presumpção legal contra si.

Comtudo parece-me que o estado vergonhoso do nosso *Passeio Publico* não é unicamente devido a falta de zelo da parte do governo, mas tambem aos nossos uzos e costumes, e espe-

cialmente a uns certos habitos caseiros e preguiçosos, que tem a força de fechar-nos em casa dia e noite.

Nós que macaqueamos dos francezes tudo quanto elles têm de mão, de ridiculo e de grotesco, nós que gastamos todo o nosso dinheiro brasileiro para transformarmo-nos em bonecos e bonecas parisienses, ainda não nos lembramos de imitar uma das melhores cousas que elles têm, uma cousa que elles inventaram, qus lhes é peculiar, e que não existe em nenhum outro paiz, a menos que não seja uma pallida imitação :—a *flanerie*.

Sabeis o que é a *flanerie*? E' o passeio ao ar livre, feito lenta e vagarosamente, conversando ou scismando, contemplando a belleza natural ou a belleza da arte; variando a cada momento de aspectos e de impressões. O companheiro inseparavel do homem quando *flana* é o charuto; o da senhora é o seu *bouquet* de flôres.

O que ha de mais encantador e de mais apreciavel na *flanerie* é que ella não produz unicamente o movimento material, mas tambem o exercicio moral. Tudo no homem passeia; o corpo e a alma, os olhos e a imaginação. Tudo se agita; porém é uma agitação doce e calma, que excita o espirito e a fantasia, e provoca deliciosas emoções.

A cidade do Rio de Janeiro, com seu bello céu de azul e sua natureza tão rica, com a belleza de seus panoramas e de seus graciosos arrabaldes, offerece muitos desses pontos de reunião, onde todas as tardes, quando quebrasse a força do sol, a boa sociedade poderia ir passar alguns instantes n'uma reunião agradável, n'um circulo de amigos e conhecidos, sem etiquetas e ceremonias, com toda a liberdade do passeio, e ao mesmo tempo com todo o encanto de uma grande reunião.

Não fallando já do Passeio Publico, que me parece injustamente votado ao abandono, temos na praia de Botafogo um magnifico *boulevard* como talvez não haja um em Paris, pelo que toca á natureza. Quanto a belleza da perspectiva, o adro da pequena igriginha da Gloria é para mim um dos mais lindos passeios do Rio de Janeiro. O lança d'olhos ésoberbo:

vê-se toda a cidade *au vol d'oiseau*, embora não tenha azas para voar á algum cantinho onde nos leva sem querer o pensamento.

Mas entre nós ninguém dá apreço a isto. Comtante que se vá ao baile do tom, á opera nova, que se pilhe duas ou tres constipações por mez e uma tísica por anno, a boa sociedade se diverte; e do alto de seu *coupé* aristocratico lança um olhar de soberano desprezo para esses passeios pedestres, que os charlatães dizem ser uma condição da vida e de bem-estar, mas que emfim não têm a gradavel emoção dos trancos, e não dão a um homem a figura de um boneco de engonço a fazer caretas e a deslocar os hombros entre as almofadas de uma carruagem.

A boa sociedade não precisa passeiar; tem á sua disposição muitos divertimentos, e não deve por conseguinte invejar esse mesquinho passatempo do caixeiro e do estudante. O passeio é a distração do pobre que não tem sarãos e reuniões.

Entretanto se por acaso encontrardes o *Diabo-Côxo* de Lesage, pedi-lhe que vos acompanhe em alguma nova excursão aerea, e que vos destampe os telhados das casas da cidade; e se fôr noite em que a Charton esteja doente, e o Cassino fechado, vereis que atmospheria de tedio e monotonia encontrareis nessas habitações, cujos moradores não passeiam nunca porque se divertem de uma maneira extraordinaria.

Felizmente creio que vamos ter breve uma salutar modificação nesta maneira de pensar. As obras para a illuminação á gaz do Passeio Publico, e alguns outros reparos e melhoramentos necessarios já começaram e brevemente estarão concluidos.

Autorisando-se então o administrador a admittir o exercicio de todas essas pequenas industrias que se encontram nos passeios de Paris para commodidade dos frequentadores, e havendo uma banda de musica que toque á intervallos, talvez appareça a concurrencia, e o Passeio comece a ser um passatempo agradável.

Já houve a idéa de entregar-se a administração á uma companhia, que sem nenhuma subvenção do governo, se obrigaria a estabelecer os aformozeamentos necessarios, obtendo como indemnisação um direito muito modico sobre a entrada, e a autorisação de dar dous ou tres bailes populares durante o anno. Não achamos inexequível semelhante idéa: e se não ha nella algum inconveniente que ignoramos, é natural que o Sr. ministro do Imperio já tenha reflectido nos meios de leval-a a effeito.

Entretanto o Sr. ministro que se acautele, e pense maduramente nesses melhoramentos que está promovendo. São uteis, são vantajosos: nós soffremos com a sua falta, e esperamos anciosamente a sua realisação. Mas se ha nisto uma *incompetencia* de jurisdicção, nesse caso, perca-se tudo, com tanto que salve-se o principio: *Quod Dei Deo, quod Cesaris Cesare.*

A semana passada já o Sr. Pedreira deu motivo a graves censuras com o seu regulamento do asseio publico. E eu que cahi em dizer algumas palavras a favor! Não tinha ainda estudado a questão, e por isso julgava que não dispondo a camara municipal dos recursos necessarios para tratar do asseio da cidade, o Sr. ministro do Imperio fizera-lhe um favor isentando-a desta obrigação onerosa e impossivel, e a nós um beneficio, substituindo a realidade do facto á letra morta das posturas.

Engano completo! Segundo novos principios modernamente descobertos em um jornal *velho*, a camara municipal não tem obrigação de zelar a limpeza da cidade, tem sim um direito; e por consequente dispensa-la de cumprir aquella obrigação é esbulhal-a desse seu direito. Embora tenhamos as ruas cheias de lama e as praias immundas, embora a cidade ás dez horas ou meia-noite esteja envolta n'uma atmosphera de miasmas putridos, embora vejamos nossos irmãos, nossas familias e nós mesmos, victimas de molestias provenientes destes focos de infecção! Que importa? *Lagard meurt, mais ne se rend pas.* Morramos, mas respeite-se o elemento municipal; salve-se a sagrada inviolabilidade das Posturas!

Felippe III foi legalmente assassinado, em virtude do rigor das etiquetas da côrte Hespanhola. Não é muito pois que nós, os habitantes desta cidade, sejamos legalmente pesteados, em virtude das prerogativas de um novo regimen municipal.

A pouco tempo eu diria que isto era mais do que um contrasenso, porém hoje, não; reconheço que o ministro do Imperio não deve tocar no elemento municipal, embora o elemento municipal esteja na pasta do ministro do Imperio, que approva as posturas, e conhece dos recursos de suas decisões.

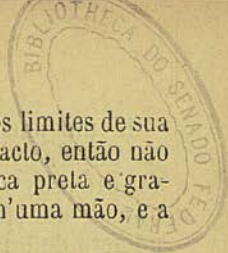
Respeite-se portanto a independencia da edilidade, e continuemos a admirar os bellos fructos de tão importante instituição, como sejam a reedificação das casas terreas da rua do Ouvidor, a conservação das biqueiras, o melhoramento das calçadas das ruas da Ajuda e da Lapa, e a irregularidade da construcção das casas, que se regula pela vontade do proprietario, e pelo preceito poetico de Horacio—*Omnis variatio delectat*.

Ora, na verdade um elemento municipal, que tem feito tantos serviços, que além de tudo tem poetisado esta bella côrte com a applicação dos preceitos de Horacio, não pôde de maneira alguma ser privado do legitimo direito que lhe deu a lei de servir de *valet de chambre* da cidade.

Pelo mesmo principio, sendo o pai obrigado a alimentar o filho, sendo cada um obrigado a alimentar-se a si mesmo, qualquer esmola feita pela caridade, qualquer instituição humanitaria como o recolhimento de orphãos e de expostos, não pôde ser admittido, porque constitue uma offensa ao direito de terceiro.

E agora que temos chegado ás ultimas e absurdas consequencias de um principio arbitrario, desculpem-nos aquelles a quem contestamos, o tom a que trouxemos a discussão. Neste mundo, onde não faltam motivos de tristeza, é preciso rir ainda á custa das cousas as mais sérias.

A não ser isto, provaríamos que o Sr. ministro do Imperio, tomando as medidas extraordinarias que reclama a situação, respeitou e considerou o elemento municipal, e



deixou-lhe plena liberdade de obrar dentro dos limites de sua competencia. Se me contestarem semelhante facto, então não terei remedio senão vestir o folhetim de casaca preta e gravata branca, e voltar à discussão com a lei n'uma mão, e a logica na outra.

Aposto porém que a esta hora já o meu respeitavel leitor está torcendo a cabeça em fôrma de ponto de interrogação para perguntar-me se pretendo escrever uma revista hebdomodaria sem dar-lhe nem ao menos uma ou duas noticias curiosas?

Que quer que lhe faça? O paquete de Liverpool chegou domingo, mas a unica noticia que nos trouxe foi a do desembarque na Criméa. Ora, parece-me que não é preciso ter o dom prophético para adivinhar os lances de semelhante expedição, que deve ser o segundo tomo da tomada de Bomarsund, já tão bem descripta, todos sabem por quem.

Ha tres ou quatro vapores soubemos que se preparava a expedição da Criméa; depois disto as noticias vieram, e continuaram a vir pouco mais ou menos desta maneira.—As forças alliadas embarcaram.—Estão em caminho.—Devem chegar em tal tempo.—Chegaram.—Desembarcaram.—Estão a dez leguas da cidade.—Estabeleceu-se o sitio.—Reuniu-se o conselho general para resolver o ataque.—O ataque foi definitivamente decidido.—Começou o assalto.—Interrompeu-se o combate para que os pintores inglezes tirem a vista da cidade no meio do assalto.—Continuou o combate.—Fez-se uma brecha.—Nova interrupção para tirar-se a vista da brecha.

Isto, a dous paquetes, por mez, dá-nos uma provizão de noticias que pôde chegar até para meados do anno que vem. Provavelmente durante este tempo mudar-se-hão os generaes, e os pintores da Europa terão objecto para una nova galeria de retratos, os escriptores thema para novas brochuras, e os jornalistas materia vasta para publicações e artigos de fundo. E todo este movimento litterario e artistico promovido por um barbaro russo, o qual com a ponta do dedo abalou a Europa, e tem todo o mundo *suspensio*!

E' um phenomeno este tão admiravel como o que se nota no theatro Lyrico nas noites em que canta a Casaloni. A sua voz extensa e volumosa, e os enormes ramos de flôres enchem o salão de tal maneira, que não cabe senão um pequeno numero de espectadores: o resto, não achando espaço e não podendo resistir à força de tal voz, é obrigado a retirar-se. Entretanto os desaffectedos da cantora, dizem que ella não tem entusiastas e adoradores! Tudo porque ainda não comprehenderam aquelle phenomeno artistico e musical!

Rio, 3 de Novembro.

MACHINAS DE COSER

Meu caro collega.—Acho-me sériamente embaraçado da maneira porque descreverei a visita que fiz hontem á fabrica de coser de Mme. Besse, sobre a qual já os nossos leitores tiveram uma ligeira noticia neste mesmo jornal.

O que sobretudo me incommoda é o titulo que leva o meu artigo. Os litteratos, apenas o lerem, entenderão que o negocio respeita aos alfaiates e modistas. Os poetas acharão o assumpto prosaico, e talvez indigno de preocupar os vãos do pensamento. Os commerciantes, como não se trata de uma sociedade em commandita, é de crêr bem pouca attenção dêem a esse melhoramento da industria.

Por outro lado tenho contra mim o bello sexo, que não pôde deixar de declarar-se contra esse maldito invento, que priva os seus dedinhos mimosos de uma prenda tão linda, e acaba para sempre com todas as graciosas tradições da galanteria antiga.

Aquelles lencinhos embainhados, penhor de um amante fiel; e aquellas camisinhas de cambraia destinadas á um primeiro filho, primores de arte e de paciencia, primeiras delicias da maternidade, tudo isto vai desaparecer.

As mãozinhas delicadas da amante, ou da mãe extremosa, tremulas de felicidade e emoção, não se occuparão mais com aquelle doce trabalho, fructo de longas vigílias, povoadas de sonhos e de imagens risonhas. Que coração sensível pôde supportar friamente semelhante profanação do sentimento?...

Declarando-se as senhoras contra nós, quasi que podemos contar com uma conspiração geral, porque é cousa sabida que desde o principio do mundo os homens gastam a metade do seu tempo a dizer mal das mulheres, e a outra metade a imitar o mal que ellas fazem.

Por consequente, reflectindo bem, só nos restam para leitores alguns homens graves e sisudos, e que não se deixão dominar pela influencia dos bellos olhos e dos sorrisos provocadores. Mas como é possível distrahir estes espiritos preoccupados com altas questões do estado e fazel-os descer das summidades da sciencia e da politica á uma simples questão de costura?

Parece-lhe isto talvez uma cousa muito difficil; entretanto tenho para mim que não ha nada mais natural. A historia, essa grande mestra de verdades, nos apresenta innumerous exemplos do grande apreço que sempre mereceu dos povos da antiguidade, não só a arte de coser, como as outras que lhe são accessorias.

Eu podia commemorar o facto de Hercules fiando aos pés de Omphale, e mostrar o importante papel que representou na antiguidade a tã de Penelope, que mereceu ser cantada por Homero. Quanto á *agulha* de Cleopatra, esse lindo obelisco de marmore, é a prova mais formal de que os Egyptios votavam tanta admiração á arte da costura, que elevaram aquelle monumento á sua rainha, naturalmente porque ella excedeu-se nos trabalhos desse genero.

As tradições de todos os povos conservam ainda hoje o nome dos inventores da arte de vestir os homens. Entre os Gregos foi Minerva, entre os Lidios Arachne, no Egypto Isis, e no Perú Manacella, mulher de Manco-Capa.

Os Chinezes attribuem essa invenção ao imperador Yas; e na Allemanha, conta a legenda que a fada Ave, tendo um

amante muito friorento, compadeceu-se delle, e inventou o tecido para vesti-lo. Naquelle tempo feliz ainda eram as amantes quem pagavam os gastos da moda; hoje porém este artigo tem soffrido uma modificação bem sensivel. As fadas desapareceram, e por isso os homens vão cuidando em multiplicar as machinas.

Só estes factos bastariam para mostrar que importancia tiveram em todos os tempos e entre todos os povos as artes que servem para preparar o traço do homem. Além disto, porém, a tradição religiosa conta que já no Paraiso Eva creára, com as folhas da figueira diversas modas, que infelizmente cahiram em completo desuso.

Já não fallo de muitas rainhas, como Berta, que foram mestras e professoras na arte de coser e fiar; e nem das sabias pragmaticas dos reis de Portugal a respeito do vestuario, as quaes mostram o cuidado que sempre mereceu daquelles monarchas, e especialmente do grande ministro marquez de Pombal, a importante questão dos trajos.

Hoje mesmo, apezar do rifão antigo, todo o mundo entende que o *habito faz o monge*; e se não, vista alguém uma calça velha e uma casaca de cotovellos roidos, embora seja o homem mais relacionado do Rio de Janeiro, passará por toda a cidade incognito e invisivel, como se tivesse no dedo o anel de Gigés.

Assim pois é justamente para os espiritos graves, dados aos estudos profundos e ás questões de interesse publico que resolvi descrever a visita á fabrica de coser de Mme. Besse, certo de que não perderei o meu tempo, e concorrerei quanto em mim estiver para que se favoreça este melhoramento da industria, que pôde prestar grandes beneficios, fornecendo não só a população desta côrte, mas tambem a alguns estabelecimentos nacionaes.

A fabrica está situada a rua do Rosario n. 74. Não é uma posição tão aristocratica como a das modistas da rua do Ouvidor; porém tem a vantagem de ser no centro da cidade; e portanto as senhoras do tom podem facilmente e sem derogar

os estylos da alta *fashion* fazer a sua visita a Mme. Besse, que as receberá com a graça e a amabilidade que a distingue.

Era na occasião de uma dessas visitas que eu desejava achar-me lá para observar o desapontamento das minhas amáveis leitoras (se é que as tenho), visto que estou escrevendo para os homens pensadores. Dizem que o espirito da industria tem despoetisado todas as artes; e que as machinas vão reduzindo o mais bello trabalho a um movimento monotonico e regular, que destróe todas as emoções, e transforma o homem n'um automato escravo de outro automato.

Podem dizer o que quizerem; eu tambem pensava o mesmo antes de vêr aquellas lindas machinasinhas que trabalham com tanta rapidez e até com tanta graça. Figurai-vos umas banquinhas de costura fingindo xarão, ligeiras e commodas, podendo collocar-se na posição que mais agradar, e sobre esta mesa uma pequena armação de aço, e podeis fazer uma idéa aproximada da vista da machina. Um pézinho o mais mimoso do mundo, um pézinho de *Cendrillon*, como conheço alguns, basta para fazer mover sem esforço todo este delicado machinismo.

E digam-me ainda que as machinas despoetisam a arte! Até agora, se tínhamos a ventura de ser admittidos no sanctuario de algum gabinete de moça, e de passarmos algumas horas a conversar e a vê-la coser, só podiamos gozar dos graciosos movimentos das mãos; porém não se nos concedia o supremo prazer de entrever sob a orla do vestido um pézinho encantador, calçado por alguma botinazinha azul; um pézinho de mulher bonita, que é tudo quanto ha de mais poetico neste mundo.

Emquanto este pézinho travesso, que imaginareis como eu, pertencer a quem melhor vos aprover, faz mover rapidamente a machina, as duas mãozinhas, não menos ligeiras, fazem passar pela agulha uma ourela de seda ou de cambraia, ao longo da qual vai-se estendendo com incrível velocidade uma linha de pontos, que acaba necessariamente por um ponto de admiração (!).

Está entendido que o ponto de admiração é feito pelos

vossos olhos, e não pela machina, que infelizmente não entende nada de grammatica, senão podia-nos bem servir para elucidar as famosas questões do genero do *cholera* e da orthographia da palavra *asseio*. Questões estas muito importantes, como todos sabem, porque, sem que ellas se decidam, nem os medicos, podem assertar no curativo da molestia, nem o Sr. ministro do Imperio pôde publicar o seu regulamento da limpeza da cidade.

Voltando porém á nossa machina, posso assegurar-lhes que a rapidez é tal, que nem o mais cabula dos estudantes de S. Paulo ou de medicina, nem um poeta e romancista a fazer reticencias, são capazes de ganha-la a dar pontos. Se a deixarem ir á sua vontade faz uma ninharia de trezentos por minuto; mas se a zangarem vai aos seiscentos; e então, ao contrario do que desejava um nosso espirituoso folhetinista contemporaneo, o Sr. Zaluar, pôde-se dizer que quando começa a fazer *ponto* nunca faz *ponto*.

Mão! Já me andam os *calembourgs* ás voltas! E' preciso continuar, mas antes de passar adiante sempre aconselharei a certos oradores infatigaveis, a certos escriptores cuja *verve* é inexgotavel, que vão examinar aquellas machinas a vêr se aprendem dellas a arte de fazer ponto. E' uma cousa muito conveniente ao nosso bem-estar, e será mais um melhoramento que deveremos a Mme Besse.

Aos Estados-Unidos cabe a invenção das machinas de coser, que hoje se tem multiplicado naquelle paiz de uma maneira prodigiosa, principalmente depois dos ultimos aperfeiçoamentos que se lhe tem feito. Mme. Besse possui actualmente na sua fabrica seis destas machinas, e tem ainda na alfandega doze, que pretende despachar logo que o seu estabelecimento tomar o incremento que é de esperar.

Mme. Besse corta perfeitamente qualquer obra de homem ou de senhora; e logo que fôr honrada com a confiança das moças elegantes, é de crer que se torne a modista do tom, embora não tenha para isto a patente de *Franceza*, e não more na rua do Ouvidor.

Além disto, como ella possui machinas de diversas quali-

dades, umas que fazem a costura a mais fina, outras proprias para coser fazenda grossa e ordinaria, podem tambem muitos estabelecimentos desta côrte lucrarem com a sua fabrica um trabalho, não só mais rapido e mais bem acabado, como mais modico no preço.

Presentemente a fabrica já tem muito que fazer, mas quando se possue seis machinas, e que por conseguinte se dá tres mil e seiscentos pontos por minuto, é preciso que se tenha muito panno para mangas.

Sou, meu caro collega, etc.

Al.

Rio, 5 de Novembro.

I

Lacrimæ rerum.....

A religião, essa sublime epopéa do coração humano, tem um symbolo para cada sentimento, uma imagem para todos os accidentes da nossa existencia.

E' aos pés do altar que o homem vê abrir-se para elle a fonte de todas as supremas venturas deste mundo—a familia ; e quando o sopro da desgraça vai desfolhando uma á uma as flôres da vida, é ainda aos pés do altar que achamos o consolo para as grandes dôres, a esperanza nos maiores infortunios.

E' que nesta breve romaria que fazemos pelo mundo, a religião nos acompanha como esses guias mudos do deserto, apontando-nos umas vezes o nada de onde partimos, outras a eternidade para onde caminhamos ; e mostrando-nos á espaços com um aceno a linha negra que prognostica o *simoun*, ou os rastos dos animaes que annunciam o *oasis* no meio das vastas safaras de arêa.

Quantas vezes no seio das alegrias e dos prazeres, quando nossos olhos vêem tudo côr de rosa, quando o ar que respiramos parece vir perfumado dos bafejos da ventura, não

sentimos de chofre o coração apertar-se como tomado por um doloroso pressentimento, e a alma confranger-se n'uma angustia pungente?

O deslumbramento passa rapido como o pensamento, que o produziu. Mas dir-se-hia que o coração, comprimindo-se, como que vertêra na taça do prazer uma gota de fel; e que entre o rumor da festa e os sons alegres da musica, viera ferir-nos os ouvidos um éco surdo das lamentações de Job: *Memento quia pulvis est!*...

Tambem ás vezes a fortuna nos embala docemente, e a ambição nos empresta suas azas de ouro, ao passo que a gloria envolve-nos com a sua aureola brilhante. Então o homem caminha com os olhos fitos na sua estrella, e com a cabeça alta passa sem perceber as miserias do mundo. *Sublimi feriam sidera vertice.*

Mas lá vem um dia, uma hora, um instante em que o corpo verga com o pezo de tanta grandeza, e a cabeça acurva-se para a terra. Os olhos que mediam o espaço, vacillam; a vista que se dilatava pelos horisontes e ousava sondar os arcanos do futuro, quebra-se de encontro a uma lousa, á um fosso, onde a pá do coveiro traçou n'um estreito quadrado e com um pouco de terra revolvida o emblema daquella sentença do ecclesiastico:—*Vanitas vanitatum et omnia vanitas!*

Se porém a religião é severa nos seus conselhos, se durante os dias de paz e de ventura fortifica o homem por meio da tristeza, na dôr ao contrario é de uma bondade ineffavel.

Nem uma fibra palpita no corpo humano, nem uma pulsação abala o coração, nem um soluço arqueja n'um peito quebrado pelo soffrimento, que não ache nella um éco, uma voz que lhe responda.

Nesse grande livro da fé e da esperanza, neste sublime dialogo entre Deus e o homem, todas as lagrimas têm uma palavra, todos os gemidos têm uma phrase, todas as dôres uma prece, todos os infortunios uma historia.

A vida humana se resume na religião; nella se acha a

essencia de todos os grandes sentimentos do homem e de todas as grandes cousas do mundo.

Tem a severidade e o respeito que inspira a paternidade, e ao mesmo tempo todos os zelos da maternidade. Aconselha como um pai, quando falla pelos labios do sacerdote; é a mãe que se multiplica para seus filhos, quando abriga no seu seio todos os infelizes.

Mas se quando se folhêa este livro da vida, e que se chega à ultima pagina—à morte,—quando a alma, em face do nada sente-se tomada desta grande e assombrosa ameaça do completo aniquilamento, é que se sente quanto ha de consolador na religião.

Entre as sombras da duvida, entre o vago do infinito, a eternidade surge para nossa alma como uma dessas estrellas furtivas que brilham entre o criz negro da tempestade, e que guiam o nauta perdido na vasta amplidão dos mares.

Se quereis ler a legenda desta crença sublime de todos os povos, e de todos os tempos, ide no dia 2 de Novembro, dia que a igreja destinou à commemoração dos finados, fazer uma visita aos nossos cemiterios.

Haveis de sentir calar-vos dentro d'alma um effluvio consolador, quando virdes toda aquella piedosa romaria que percorre as alêas formadas pelos tumulos, relendo entre o pranto as letras de um epitaphio singelo, e espargindo sobre a lousa algumas flôres misturadas de lagrimas e de preces.

Este aspecto de uma multidão forte e cheia de vida prostrada ante as cinzas de alguns mortos, não exprime alguma cousa de mysterioso, alguma cousa de incomprehensivel, que de certo se prende a esse religioso culto dos tumulos, sempre venerado por todos os povos?

Para que o homem venha assim cada anno avivar uma dôr quasi extincta, e vêr reflectir-se na lousa da campa os transes acerbos de uma triste provança já acalmada pelo correr dos tempos, é necessario a força irresistivel da verdade revelada pelos impulsos do coração.

Sem isto não é possivel comprehender-se o respeito que

votamos aos mortos, nem essa melancolica poesia da saudade que inspira a religião dos tumulos.

Se nestas campas que ha annos se abriram para receber um corpo, houvesse apenas um pouco de terra e alguns vermes, o homem que se prostrasse em face dellas não commetteria uma profanação? Ajoelhando á beira da lousa, e sagrando um culto ao pó, não rebaixariamos a dignidade de um ser moral, escravizando a razão á materia, a vida ao nada? Se outra cousa mais forte do que a recordação não nos impellisse a estes espectaculos de luto e de tristeza, não dariamos uma mesquinha idéa da natureza humana?

E' verdade; mas os restos dos mortos encerram de envolta com as recordações deste mundo as esperanças de outra vida. E' por isso que no meio das preces, e das lagrimas e flôres que vem depôr ao pé da campa a mão amiga, a cruz singela se ergue como o simbolo da fé e da religião.

Os nossos cemiterios creados ha bem pouco tempo, ainda não apresentam este aspecto grave e imponente que resumbra ordinariamente no *campo dos mortos*.

Ainda não ha ahí essas longas e sombrias alamedas de arvores, essas bancadas de relva onde se destaca uma lousa branca, nem esses ciprestes e chorões plantados á beira de uma sepultura symbolizando no seu aspecto triste e melancolico a oração que se eleva ao céu, ou as lagrimas que se desfiam á tombar sobre a terra.

A nudez do campo quasi despido de arvores, o desabrigo das lousas sobre cujas pedras brancas o sol bate constantemente, punge o coração, e como que torna acre e acerba aquella magoa da saudade, que a religião repassa de tanta doçura e de tanto allivio. Naquellas quadras descampadas a morte não tem sombras, a dôr não tem écos, e a religião não tem mysterios.

Entretanto este anno, cumpre dizer em honra do espirito religioso da nossa população, empregavam-se todos os esforços para fazer desaparecer aquelle aspecto de nudez, e a romaria foi talvez mais numerosa do que nos annos anteriores.

O cemiterio de S. João Baptista sobretudo estava preparado da melhor maneira possível ; e além do arranjo devido aos esforços do administrador, podia-se admirar alguns monumentos funerarios de uma singeleza e de um gosto perfeito.

Sinto que não me seja possível copiar aqui algumas inscripções, cheias dessa simplicidade e dessa unção que respira uma dôr verdadeiramente sentida ; mas vós que lá fosteis deveis tê-las lido, embora uma mão desconhecida não houvesse ahi gravado aquelle epitaphio antigo : *Sta viator !*

II

Não sei que poeta disse que a vida é um contraste. Pindaro chamou-a o sonho de uma sombra, e Byron comparou-a á uma estrella, que ora desliza docemente entre o azul do céu, ora vacilla entre as nuvens escuras da borrasca.

Para mim, que não sou poeta, e que por conseguinte não aspiro á methaphysica do sentimento e das imagens, se tivesse de comparar a vida a alguma cousa, seria á um *bouquet*, do qual cada flôr symbolisaria um anno, um dia ou uma hora da nossa vida,

Assim umas flôres morrem ceifadas pelo ferro ou pisadas ao chão, outras murcham lentamente ao tepido contacto de um seio assetinado. Umas são desprezadas e seccas por lagrimas de despeito, ou depositadas n'uma campa como pia offerenda, outras passam de uma mão á outra mão amiga, e vem embelezar-nos alguns momentos de schisma.

De qualquer modo que se compare a vida, o que é certo é que a semana que findou foi uma pequena miniatura do grande quadro da existencia humana.

O dia 2 de Novembro fórma a sombra da têla ; os claros foram lançados aqui e ali, uns mais brilhantes, outros mais desvanecidos pelo acaso, que é um grande pintor de quadros historicos.

A segunda-feira foi um dia de decepção, porque não só faltou-nos o beneficio da Charton, como o espectáculo annun-

ciado em substituição, que não teve lugar, segundo dizem, por molestia do Gentili.

Em compensação tivemos na terça um baile do Cassino. Caso a comparação de Byron sobre a vida humana seja exacta creio que nesta noite se para alguns as horas correram deliciosamente, para outros nem o céu esteve azul, nem luziu a *estrella* (de Byron, está entendido). Provavelmente as nuvens encobriram-n'a.

Para outros que preferem a comparação do poeta grego, a vida foi durante essas horas não o sonho de uma sombra mas a sombra de um nome ou de uma letra.

Estão já os leitores curiosos por saber que nome e que letra era esta que me incommodava tão seriamente, a ponto de fazer-me sonhar com ella no meio de um baile. O nome não lhes direi, mas a letra é um—C.

Este—C—memoravel, com que se escreve *aceio*, e que eu apesar do amor que lhe consagro tive a desgraçada lembrança de substituir por dous—SS—valeu-me um quinão em orthographia dado pelo collega do *Velho Brasil*, que não deixa passar camarão pela malha.

Esquecia-me porém dizer que podem saltar este artigo, que não vale a pena de ser lido. Como é um *claro* do quadro da semana, acho razoavel que o passem em *claro*.

Asseguro-lhes que nada perderão com isto, porque neste artigo não se trata de cousa séria e grande. Prommetti uma vez vestir o folhetim de casaca preta e gravata branca, e tiveram logo a impiedade de chamal-o *monstro*! Portanto agora, quando me vier á idéa trajar mais curialmente o meu folhetim ha de ser de casaca parda com botões amarellos e calças de ganga, como costuma sahir na *semana* e especialmente no domingo um collega contemporaneo.

III

Estamos quasi no fim do quadro.—Faz uma bella noite, a lua passeia solitaria pelo céu reflectindo-se nas aguas serenas de um lago, e reflecte sua pallida claridade sobre as lousas

de um cemiterio. Algumas ruinas, o silencio da noite, a sombra das arvores completam a vista.

Dous vultos, um amante infeliz e uma moça em desespero, —um condemnado e uma louca—, occupam o meio da scena. Cantam um duêto, desenlace feliz de uma historia triste: se a musica se pudesse perceber entre os applausos ruidosos que enchem o salão, ouvirieis o bello duêto dos Puritanos, magnifico trecho de musica de Bellini, cantado pela Charton, que nesta noite fazia o seu beneficio.

Todos esperavam anciosos esta festa musical dada pela cantora predilecta do publico, e às oito horas a creme dos *dilettanti* desta côrte enchia o salão com as suas pessoas, e com uma quantidade enorme de flôres e versos, que opportunamente surgiram de dentro dos bolsos e dos lenços, e inundaram o theatro.

Ergueu-se o panno, e começou o côro da alvorada. De repente mudou-se a vista, e a platêa estremeceu com uma salva triplice de applausos quasi unanimes, que annunciaram a entrada da cantora.

Vinha trajada de azul, da mais bella côr que a natureza creou para cobrir as cousas mais lindas deste mundo,—as montanhas, o céu, o mar, e emfim as moças bonitinhas e alvas como o lyrio, que não podem deixar de comprehender que o azul foi feito para moldurar o branco.

A Charton disse admiravelmente a aria do segundo acto, e apesar de todos os contratempos que sobrevieram, teve o poder de fazer da noite de seu beneficio um completo triumpho.

Algumas scenas desagradaveis tiveram lugar esta noite: pôrêm a imprudencia que as motivou foi sufficientemente castigada, não só pela manifestação publica, como pela energia da policia, que conseguiu reprimir muitos abusos. A' sua actividade devemos ter-se evitado um facto, que calamos por vergonhoso, e que talvez produzisse consequencias bem tristes, pela exacerbação a que tinham sido levados os animos.

Ao terminar o espetaculo a orchestra do theatro, executando varias musicas, conduziu triumphalmente á sua casa a Charton, que seguiu a pé no meio de um concurso de mais

de quatro centos *dilettanti*, entre os quaes se contavam pessoas muito decentes, que o enthusiasmo impellira a dar essa subida prova de dilettantismo.

Eu, apezar de muito enthusiasnado, retirei-me prosaicamente de carro, envergonhadissimo de que a musica não tivesse o poder de obrigar-me a andar mais de uma legua a pé.

Rio, 12 de Novembro.

Desta vez não ha razão de queixa. O paquete de Southam-
pton trouxe-nos uma boa colleção de noticias á respeito da
guerra do Oriente. A curiosidade publica, suspensa á muito
tempo, pôde finalmente saciar-se com alguns episodios inte-
ressantes, como o de uma batalha em campo raso, o da pas-
sagem de um rio, o da morte de um general e da fugida de
um principe á unha de cavallo.

Passada a primeira impressão, cada um tratou de commen-
tar as noticias a seu modo, de maneira que já ninguem se en-
tende, e não ha remedio senão appellar para o vapor seguinte
afim de sabermos a verdadeira solução do negocio.

A tomada do rio Alma sobretudo abriu um campo vasto á
essa guerra de ditos espirituosos e de epigrammas, em que se
acham seriamente empenhados os russos e turcos desta cidade.

Uns entendem que a vista das noticias é fóra de duvida que
Mesckintoff deixára tomarem-lhe *Alma*, embora a muito cus-
to escapasse com o corpo salvo das mãos dos Francezes e In-
glezes. Entretanto das proprias noticias dadas pelos jornaes,
ninguem pôde duvidar que quem perdeu a *alma* não foi o
principe russo, mas sim o general Saint-Arnaud.

No dia da chegada do paquete, um espirituoso redactor de
uma das folhas diarias da côrte, dizia ao ler a discripção da

batalha, que o exito da guerra estava conhecido, e que a Russia nada podia fazer desde que Nicoláo perdêra *Alma*. « Ao contrario,—retrucou-lhe o seu collega—agora é que os Ingleses e francezes estão em apuros, porque os Russos depois da batalha ficaram *desalmados* e não ha nada que lhes resista.

Muita gente, que sabe como os Francezes são fortes nos trocadilhos e jogos de palavras, persuade-se que talvez todo este barulho da batalha de *Alma* não passe de algum *calembourg*, que elles nos querem impingir. Não vou tão longe nas minhas supposições : porém quando leio as duas participações de lord Raglan e de Saint-Arnaud, não posso deixar de lembrar-me daquella antiga anecdotá dos dous compadres da aldêa, que descobriram o modo de se elogiar a si mesmo sem faltar á modestia.

Em toda essa batalha só ha a sentir uma cousa ; e é que os aliados fizessem poucos prisioneiros, e não pudessem ajuntar uma boa collecção de principes russos, que tivessem nomes de oito syllabas com a terminação em *off*, que é de rigor. Se isto acontecesse seria uma felicidade para o genero humano ; porque os taes boiardos passariam á França, espalhar-se-hiam pela Europa e talvez chegassem ao mercado do Brazil onde immediatamente havia de manifestar uma grande procura delles para noivos. Se viessem alguns da Hircania, e uma meia duzia de madgiars da Hungria, tambem não seria máo, para assim haver mais onde escolher, conforme o gosto de cada um.

Emquanto porém não lhe é possível mandar-nos esse genero de que tanto necessitamos, a Europa vai nos enviando algumas cantoras *eximias* (é o termo do rigor), para nos distrahir as noites de uma maneira agradavel. Chegou ultimamente uma, que se a reputação corresponder ao nome, terá de apagar de todo no espirito publico as recordações que deixou a Stoltz, senão como cantora, ao menos como excellente tragica.

Crear-se-ha provavelmente um terceiro partido que se intitulará *Rachelista*, e então o theatro tornar-se-ha interessan-

tissimo. Applausos de um lado, pateada do outro, bravos, gritos, estalinhos, caixas de rapé á ranger, tudo isto formará uma orchestra magnifica, e realçará a voz das cantoras de uma maneira admiravel. Isso pelo que toca ao ouvido ; quanto á vista, tomando a directoria o bom accordo de reduzir a illuminação *brilhante* do theatro, as nuvens de poeira que se levantam da platéa, crearam o *demi-jour* necessario á illusão optica.

Que progresso ! possuiremos um theatro Lyrico, no qual não se ouvirá musica, e quasi nada se enxergará ! Só quem não tiver uso de frequentar theatros é que poderá negar as grandes vantagens que resultam de tão engenhosa invenção.

Emquanto os emprezarios europeos se matam e se esforçam por contractar boas cantoras, ensaiar as melhores operas, e adquirir pintores scenographos para satisfazer o publico e dar-lhe espectaculos que agradem, nós descobrimos o meio de poupar todo este trabalho inutil e dispendioso.

Para isto basta duas ou tres cantoras com os seus competentes partidos, e se houver tambem uma dansarina como a Baderna, melhor será. Com estes elementos conseguir-se-ha por noite umas quatro pateadas e algumas salvas de palmas ; a noite tornar-se-ha animada, e o gosto pela musica italiana se irá *popularisando* cada vez mais.

De certo aquellas noites monotonas, em que levavamos a ouvir a Stoltz, commovidos e attentos aos seus menores movimentos, descobrindo um estudo da arte, uma inspiração do talento no seu gosto o mais simples, ou nas intonações graves de sua bella voz ; essas noites frias e calmas, em que depois de longas horas de extasi, a alma afinal transbordava de emoções, e arrancava no fim da representação applausos espontaneos ; essas noites, não valem os espectaculos animados, como temos agora, cheios de fervor e enthusiasmo, e em que nos possuímos tanto do encanto da musica, que todò o corpo se agita para dar a mais solemne manifestação de *amor á arte*.

Um *dilettanti* é hoje no Rio de Janeiro o homem que se acha nas melhores condições hygienicas e que deve menos temer

a invasão do cholera, porque ninguem o ganha em exercicio. A cabeça bate o compasso mais regularmente do que a vaqueta do Barbieri : as mãos dão-se reciprocamente uma sova de bolos, como não ha exemplo que tenha dado o mais carasco dos mestres de latim de todo o orbe catholico. Dos pés não fallemos ; são capazes de macadamisar n'uma noite a rua mais larga da cidade.

Ajunte-se a isto os bravos, os fóras, os espirros, os espreguiçamentos (novo genero de pateada), e de vez em quando um passeio lyrico de uma legoa fóra da cidade, e ver-se-ha que d'ora em diante, quando os medicos quizerem curar alguma molestia que exija exercicio, em vez de mandarem o doente para a serra ou para os arrabaldes, lhe aconselharão que se aliste n'algum dos partidos, chartonista ou casalonista, e vá ao theatro.

Um espirito observador, recorrendo a certos dados estatisticos, conseguiu tambem descobrir que o homem mais util desta côrte é o *dilettanti*. Cumpre-me porém notar que quando fallamos em *dilettanti* não comprehendemos o homem apaixonado de musica, que prefere ouvir uma cantora, sem por isso doestar a outra. *Dilettanti* é um sujeito que não tem nenhuma destas condições, que vê a cantora mas não ouve a musica que ella canta ; que grita bravo justamente quando a *prima-donna* desafina, e dá palmas quando todos estão attentos para ouvir uma bella nota.

São muito capazes de levantar alguma questão grammatical sobre a minha definição, taxando-a de paradoxo, ou demonstrando por meio da etimologia da palavra que estou em erro. Mas isto pouco abalo me dá ; os grammaticos que discutão, fazem o seu officio ; comtanto que não se arvorem em alfaiates e comecem a talhar carapuças.

Voltando porém á nossas observações, é factó provado que o *dilettante* é o homem que mais concorre para a utilidade publica. Em primeiro lugar, o extraordinario consumo que elle faz de flôres, não pôde deixar de dar grande desenvolvimento a horticultura, e de auxiliar a fundação de um estabelecimento deste genero, como já se tentou infructiferamente

nesta côrte antes do *dilettantismo* ter chegado ao seu apogeu.

Os sapateiros e luveiros ganham tambem com o theatro, porque não ha calçado nem luvas que resista ao enthusiasmo das palmas e das pateadas. Na occasião dos beneficios as floristas e os joalheiros têm muito que fazer; e os jornaes enchem-se de artigos que para os leitores têm o titulo de *publicações a pedido*, e para o guarda-livros da casa o de *publicações a dinheiro*.

Além de tudo isto, além dos estalinhos, dos versos avulsos das fitas para os *bouquets*, é preciso não esquecer a carceragem que de vez em quando algum vai deixar na cadêa, onde se resigna a passar a noite, fazendo um sacrificio louvavel pelo seu extremo amor á arte.

Isto sem fallar das outras vantagens que já apresentamos como de fazer que não se ouça a musica e não se veja cousa alguma. De maneira que assim, toda a opera é boa e bem representada; e estando o theatro escuro com a poeira, não ha risco que as mocinhas troquem olhares malignos para as cadeiras. Só este ultimo facto é de um alcance immenso; é uma garantia da moralidade publica!

Se a directoria soubesse apreciar esses bons resultados, em vez de transferir constantemente o espectáculo por molestias deste ou daquelle, em vez de nos dar uma só representação por semana, regularisaria os espectaculos, e repetiria o *Trovador* cincoenta vezes, para que os moleques da rua aprendessem a assobiar de principio a fim toda esta sublime composição de Verdi, a qual daqui a alguns mezes apparecerá correcta e augmentada n'uma porção de valsas, contradanças e modinhas.

Outra cousa, a que a directoria não tem dado muita attenção é ao estado do edificio e á decencia deste salão, onde se reúne a flôr da sociedade desta côrte. Agora que se trata com tanta efficacia do asseio publico, parece-nos que era occasião que o asseio chegasse até o interior do theatro, e fizesse desaparecer essa pintura mesquinha, essas paredes sujas, e esse pó que cobre as cadeiras e que reduz as abas das nossas

casacas á triste condição de espanador. A julgar pela poeira que se levanta quando apparece a Charton ou a Casaloni, creio que ha no soalho do theatro terra para encher algumas carroças.

Se faltam á directoria meios de remover essa terra, pôde requisita-los da administração da limpeza publica, que por certo não se recusará á vista da actividade que tem mostrando ultimamente nos trabalhos que lhe foram incumbidos.

Com effeito, embora em começo, o serviço já tem conseguido apresentar bons resultados: e basta percorrer as ruas desta cidade, para reconhecer os signaes de uma vigilancia activa, que vai pouco a pouco substituindo o deleixo e a incuria que ali reinava entre a lama e os charcos.

O Sr. ministro do Imperio tomou nesta questão da limpeza, o verdadeiro partido de um bom administrador, e o expediente de um homem de acção. Emquanto a discussão se ateava, tratou de realizar a sua idéa, e crear com os factos, argumentos irresistiveis, argumentos que calam immediatamente no espirito publico. Os escrupulos cessaram, apenas as nossas ruas começaram a mostrar o zelo da autoridade; e creio que removendo a lama e o cisco das ruas, se removerá igualmente qualquer opposição extemporanea á uma medida de tanta utilidade.

Já podemos ter esperanças de ver a nossa bella cidade reivindicar o seu nome poetico de *princeza do valle*, e despertar de manhã com toda a louçania para aspirar as brisas do mar e sorrir ao sol que transmonta o cimo das serras. Talvez daqui á alguns mezes seja possivel gosar á deshoras o prazer de passear *á la belle étoile*, durante uma dessas lindas noites de luar como só as ha na nossa terra; ou percorrer sem os dissabores d'agora a rua aristocratica, a rua do Ouvidor, admirando as novidades chegadas da Europa, e as mimosas galanterias francezas, que são o encanto dos olhos e o desencanto de certas algibeiras.

Esses passeios, que hoje já vão cahindo um pouco em desuso, ainda se tornarão mais agradaveis com algumas novidades interessantes que se preparam naquella rua, e que lhe

darão muito mais realce, excitando as senhoras elegantes e os *gentlemen* da moda a concorrer a esse *rendez-vous* da boa companhia.

O Desmarais está acabando de preparar a sua antiga casa com uma elegancia e um apuro, que corresponde ás antigas tradições, que lhe ficaram dos tempos em que ahí se reunia a boa roda dos moços desta cõrte, e os deputados que depois da sessão vinham decidir dos futuros destinos do paiz. Ali tinham elles occasião de estudar os grandes progressos da agricultura fumando o seu charuto *regalia*, e de apreciar os melhoramentos da industria pelo effeito dos cosmeticos, pela preparação das diversas aguas de tirar rugas, e pela perfeição das cabelleiras e chinós.

Como o Desmarais, a *Notre-Dame de Paris*, abrirá brevemente as portas do seu novo salão, ornado com luxo e um bom gosto admiravel. As *moirées*, os velludos e as cachemiras, todos os estofos finos e luxuosos e destinados aos corpinhos seductores das nossas lindezas, terão uma moldura digna delles, entre magnificas armações de pão setim; e o pézinho *mignon* que transpuzer os umbraes desse templo da moda, pouzará sobre macios tapetes, que não lhe deixarão nem sequer sentir que pizam sobre o chão.

Assim pois, quando os pais e os maridos passarem de longe e virem este bello salão com toda a sua elegancia, resplandecendo com o refluxo dos espelhos, com o brilho das luzes, apressarão o passo, e se tiverem lido o Dante, lembrar-se-hão immediatamente da celebre inscripção :

*Lasciate ogne speranza, voi che entrate ;
Ma guarda, i passa !*

De todos esses progressos da rua do Ouvidor o mais interessante porém pelo lado da novidade, é a *Galeria Geolas* que deve nos dar uma idéa das celebres passagens envidraçadas de Paris. A *Galeria Geolas* vai da rua do Ouvidor á rua dos Ourives: tem uma extensão sufficiente, apesar de um pouco estreita, está bem arranjada.

Os repartimentos formam um pequeno quadrado envidraçado, e já estão quasi todos tomados. Na locação desses armazens seria muito conveniente, não só aos seus interesses, como aos do publico, que o proprietario procurasse a maior variedade possivel de industrias, afim de que a passagem offerecesse aos compradores toda a commodidade.

Os moços de boa companhia que se reúnem ordinariamente n'um ponto qualquer da rua do Ouvidor, deviam tomar um daquelles repartimentos e formar como que um pequeno salão, que se tornaria o *rendez-vous* habitual do circulo dos *flaneurs*. Emquanto não pudessemos ter um *Club*, a passagem iria satisfazendo esta necessidade tão geralmente sentida.

Se ainda não estaes satisfeito, meu amavel leitor, com todas estas novidades, vou dar-vos uma que supponho vos causará tanto prazer, como me causa á mim; e é que estou fatigado de escrever, e por conseguinte termino aqui.

Rio, 19 de Novembro.

Se a mythologia dos povos antigos tivesse dado fórmãs de mulher, de fada ou nympha, ás semanas, como o fez com as horas, não me veria á vezes em tão serios embaraços para escrever esta revista.

Em lugar de estar á cogitar idéas, á parafuzar novidades, e á lembrar-me de factos e cousas passadas, pederia emprestado á algum dos typos da grande galeria feminina as feições e os traços para desenhar o meu original.

Assim quando me viesse uma semana alegre e risonha, mas muito inconstante, com uns dias cheios de nuvens, e outros, limpidos e brilhantes illuminados pelos raios esplendidos do sol, uma semana elegante de theatros e de bailes, imaginaria alguma fada de fórmãs graciosas, de olhos grandes, com uma certa altivez misturada de uma dóse soffrivel de loureirismo.

Vestiria a minha fada de branco com algumas fitas cõr de rosa, pedir-lhe-hia que me contasse com toda a graça e travessura do seu espirito os segredos de suas horas e de seus instantes.

Ao contrario, se fosse uma semana bem calma e bem tranquilla, em que os dias corressem puros e serenos, em que fizesse umas bellas noites de luar bem suaves e bem calmas, de céu azul e de estrellas scintillantes, lembrar-me-hia de

alguma moreninha da minha terra, de faces côr de jambo, *ojos adormidillos*, como dizem os Hespanhóes.

Então escreveria uma poesia, um poema, um romance ou um idyllo singelo, e livrava-me assim de metter-me em certas questões graves e importantes que occupam a actualidade. Faria como o poeta; e limitar-me-hia ás pequenas cousas que me tivessem interessado. *Nugæ, quarum pars parva fuit.*

E' verdade, que quando me acertasse cahir uma semana como esta passada, onde iria eu procurar um typo, um modelo que a caracterisasse perfeitamente? Lembro-me de uma mulher, que descreveu Byron, a qual, com algumas modificações, talvez me pudesse bem servir para o caso.

Seu unico aspecto (da mulher) valia um discurso academico; cada um de seus olhos era um sermão; na sua frente estava estampada uma dissertação grammatical. Emfim, era uma arithmetica ambulante. Dir-se-hia uma correspondencia ou alguma *velha* polemica que se houvesse despegado do seu competente jornal, para andar pelo mundo á discutir e á argumentar.

Com effeito só este typo imitado de D. Juan poderia dar uma ligeira idéa da semana passada, a qual n'um formulario de botica podia bem traduzir-se pela seguinte receita:—uma dôse de sol, duas de chuva, e tres de massada. Admiravel receita para curar a população desta côrte da febre de novidades que tem produzido a guerra do Oriente.

Os antigos porém, que fizeram tanta couza boa, esqueceram-se dessa invenção de personificar a semana, e por conseguinte não ha remedio senão deixar as comparações, e voltar ao positivo da chronica, desfiando factos por factos, dia por dia.

Aposto que já estais a rir deste meu projecto, perguntando com os vossos botões, que factos são estes que descobri na semana passada, que acontecimentos se deram nestes dias, que valham a pena, não já escrever simplesmente, mas contar.

Ides vêr. Em primeiro lugar contar-vos-hei que a semana teve sete dias e sete noites, tal e qual como as outras. Destes sete dias muitos foram de chuva, e alguns estiveram tão

bellos, tão frescos, tão puros, que sentia-se a gente renascer com o sol que vivificava a natureza. As noites foram quasi todas de inverno e de theatro.

No Provisorio estreou a nova cantora, completando-se assim o numero das tres deusas que devem disputar o pomo de ouro, o qual tambem foi pomo da discordia. O publico *dilettanti* está por conseguinte arvorado em Paris; e os poetas já se prepararam para cantar a nova Illiada e as causas terriveis de tão funesta guerra. *Et teterrima billi causas.*

Em S. Pedro de Alcantara o apparecimento de João Caetano produziu uma noite de enthusiasmo, e um novo triumpho para o artista distincto, unico representante da arte dramatica no Brazil.

Infelizmente as circumstancias precarias do nosso theatro, ou outras causas que ignoramos, não tem dado logar á que João Caetano forme uma escola sua, e trate de elevar a sua arte, que no nosso paiz ainda se acha completamente na infancia.

E' á este fim que deve presentemente dedicar-se o actor Brasileiro. Sua alma já deve estar saciada destes triumphos e dessas ovações pessoaes que são apenas a manifestação de um facto que todos reconhecem. Como actor, já fez muito para sua gloria individual; é preciso que agora como artista e como Brasileiro trabalhe para o futuro de sua arte e para o engrandecimento de seu paiz.

Se João Caetano comprehender quanto é nobre e digna de seu talento esta grande missão, que outros, antes de mim, já lhe apontaram; se, corrigindo pelo estudo alguns pequenos defeitos, fundar uma escola dramatica que conserve os exemplos e as boas lições do seu talento e a sua experiencia, verá abrir-se para elle uma nova época. (1)

O governo não se negará certamente auxiliar uma obra tão util para o nosso desenvolvimento moral; e em vez de vãs

(1) V. no—*Guanabara* n. 4 de Outubro de 1852 o art.—O nosso Theatro Dramatico—e em o numero de Nov.—As artes e o nosso publico.—P. C.

ostentações, de corôas e de versos que se procuram engrandecer unicamente pelo assumpto, terá o que lhe tem faltado até agora, o apoio e a animação da imprensa desta côrte.

Uma das cousas que tem obstado a fundação de um theatro nacional é o receio da inutilidade a que será condemnado este edificio, com o qual de certo se deve despender avultada somma. O governo não só conhece a falta de artistas, como sente a difficuldade de crea-los, não havendo elementos dispostos para esse fim.

Não temos uma companhia regular, nem esperanças de possuí-la brevemente. A unica scena onde se representa em nossa lingua occupa-se com *vaudevilles* e comedias traduzidas do francez, nas quaes nem o sentido nem a pronuncia é nacional.

Deste modo ficamos reduzidos unicamente ao theatro italiano, para onde somos obrigados, se não preferimos ficar em casa, a dirigirmo-nos todas as noites de representação, quer *cante* a Casaloni, quer *encante* a Charton, quer *descantem* as coristas. Tudo é muito bom, visto que não ha melhor.

Já algumas vezes temos censurado a directoria do theatro por certas çousas que nos parece se podem melhorar sem grandes sacrificios. Hoje cumpre-nos fazer-lhe uma justiça, e até um elogio, que ella merece sem duvida alguma, pela resolução que nos consta ter tomado de reparar o edificio e illumina-lo á gaz.

A policia tambem tem-se esmerado em fazer cessar as scenas tumultuarias e desagradaveis, que se iam tornando tão frequentes naquelle theatro, e que se continuassem, acabariam por afugentar delle os apaixonados da musica de batuque.

Não é porém unicamente no theatro que a policia tem dado provas de actividade. Effectuou-se esta semana a prisão de um moedeiro falso, que se preparava á montar uma fabrica dessa industria lucrativa.

O crime de moeda falsa é um dos mais severamente punidos em todos os paizes, porque ameaça a fortuna do Estado e a dos particulares. Entretanto não acho razão no legislador em ter punido unicamente o falsificador de moeda, deixando

impunes muitos outros falsificadores bem perigosos para a nossa felicidade e bem-estar.

Todos os dias lemos nos jornaes annuncios de dentistas, de cabelleireiros e de modistas, que apregoam posições de todas as qualidades, sem que a lei se inquiete com semelhantes cousas.

Entretanto imagine-se a posição desgraçada de um homem que tendo-se casado, leva para casa uma mulher toda falsificada, e que de repente em vez de um corpinho elegante e mimoso, e de um rostinho encantador, apresenta-lhe o desagradavel aspecto de um cabide de vestidos, onde toda a casta de falsificadores pendurou um producto de sua industria.

Quando chegar o momento da decomposição deste todo mechanico,—quando a cabelleira, o olho de vidro, os dentes de porcellana, o peito de algodão, as anquinhas, se forem arrumando sobre o *toilette*,—quem poderá avaliar a tristissima posição dessa infeliz victima dos progressos da industria humana !

Nem ao menos as leis lhe concedem o direito de intentar uma acção de falsidade contra aquelles que o lograram, abusando de sua confiança e boa fé. E' uma injustiça clamorosa que cumpre reparar.

Um homem qualquer que nos dá a descontar uma letra de uns miseraveis cem mil reis falsificada por elle, é condemnado á uma porção de annos de cadêa. Entretanto aquelles que falsificam uma mulher, e que desgraçam uma existencia enriquecem e riem-se á nossa custa.

Deixemos esta importante questão aos espiritos pensadores, aos amigos da humanidade. Não temos tempo de trata-la com a profundeza que exige, se não resumiríamos o quadro de todas as desgraças que produzem não só aquellas falsificações do corpo, mas tambem muitas outras, como um olhar falso, um sorriso fingido, ou uma palavra mentida.

Demais, temos ainda de fallar de uma outra medida do chefe de policia a respeito dos cães, e que interessa extraordinariamente a segurança publica. O que cumpre é zelar a sua execução para que não se torne letra morta, e faça cessar o

perigo que corremos todos os dias de encontrarmos a cada momento na rua ou no passeio a morte do hydrophobo.

Alphonse Karr levou dous annos a escrever para conseguir que a policia de Paris adoptasse esta util medida de segurança publica, a que ordinariamente damos tão pouco cuidado, e muitas vezes mesmo nos revoltamos por um mal entendido sentimento de humanidade.

Um dos maiores obstaculos que elle encontrou sempre, foram certos prejuizos, certos erros consagrados e que todo o mundo repete, sem reflectir, nem comprehender o sentido das palavras que profere.

Assim desde a antiguidade se diz que o cão é o amigo fiel do homem, o typo e o modelo da amizade.

Este consentimento unanime, diz o escriptor francez, é uma singular revelação do character do homem. O cão obedece sem reflexões, se submete á todos os caprichos e á todas as vontades sem distincção; quando o castigam, em vez de se defender, roja-se aos pés de seu senhor, e caricia a mão que o castigou. E é isto o que o homem chama um amigo!

Já se vê que o sentimento não é tão nobre como o parece á principio. Todas estas vãs declamações dos poetas sobre esse animal, que dizem representar o symbolo da fidelidade, dão uma bem mesquinha idéa do coração humano.

Não é pois o prazer de possuir um automato, que se move á nossa vontade, que póde compensar um dos maiores riscos á que estamos sujeitos, e para o qual olhamos indifferente-mente. (1)

(1) No theatro de S. Pedro, noite de sexta feira desta semana, por motivo do reapparecimento em scena de João Caetano, entre outros versos saudando o actor Brasileiro, foi recitada por Mll.^o Hortense Arago uma bella poesia composta por seu tio, o velho poeta cego Jacques Arago. Acha-se impressa no *Correio Mercantil* n. de 19 de Nov.

Rio, 26 de Novembro.

O tempo corre, passam-se os dias, e o anno vai rapidamente chegando a seu termo; mais algumas semanas, e elle cahirá na eternidade como um grão de arêa na ampulbeta das horas.

A comparação não tem nada de novo, é muito antiga; mas por isso mesmo acho-a excellente para um anno velho e caduco, que está tão proximo á deixar-nos, que os historiadores já se preparam para dissecá-lo, e fazer-lhe autopsia.

Assim esse pouco tempo que nos resta é consagrado ao adeus e ás despedidas. Tudo se despede, e os dias vão correndo de despedida em despedida até que chegue o momento de dizermos a este anno, como se diz no *barbeiro de Sevilha* ao masante D. Basilio:—*Buena serd, mio signor.*

A primeira despedida foi a do Cassino na segunda-feira. Pela ultima vez o baile aristocratico abriu os seus salões aos convidados. Para o anno,—se é exacto o que nos promettem,—em logar desta casa antiga e desses repartimentos acanhados, veremos elevar-se nesse mesmo logar algum *palacio de fadas*, que nos dará uma vez por mez, e sem ser preciso irmos ao Oriente, uma cópia fiel das *Mil e uma noites*.

Talvez isto faça reviver os bellos tempos do Cassino quando reunia nos seus salões a fina flôr da sociedade desta côrte. E' verdade que então não se tinha ainda introduzido a moda

elegante das moças não gostarem de baile, provavelmente porque isto é um prazer commum, e que ordinariamente têm quasi todas as meninas aos dezoito annos.

Uma mocinha do tom,—que se quer distinguir,—deve aborrecer o baile, e gostar de alguma cousa que não seja trivial, como, por exemplo, de rezar, de ler annuncios, e sobretudo conversar com os diplomatas sobre questões de alta politica internacional.

Por isso naquelle tempo o salão do Cassino foi uma especie de palacio encantado, que a fada do prazer e da alegria creava por uma noite com um toque de sua varinha magica; não era á todos que se revelava as palavras magicas que serviam de chave á porta mysteriosa desse recinto:—*Abre-te, Sezamo!*

Apezar disto porém o ultimo baile não esteve como era de esperar, á vista dos outros que houve este anno. Assim devia ser: era um baile de despedida, e os antigos frequentadores não podiam deixar de sentir o desejo de dizer um ultimo adeus á estas salas, á estas paredes, que foram testemunhas de tantos momentos deliciosos, cuja lembrança ainda o tempo não apagou.

Outros, que ainda não têm tão remotas reminiscencias, despediam-se da sociedade brilhante que se achava reunida aquella noite, e que daqui á alguns dias se irá dispersando como as folhas de uma arvore, que voam á discrição e aos caprichos dos ventos.

A força do verão já se vai fazendo sentir; e aquelles que não estão presos á vida da cidade, estão já tratando de fugir desse clima ardente, e de procurar algures um refrigerio aos calores da estação.

Petropolis,—a alva e graciosa Petropolis, com suas brumas matinaes, com suas casinhas allemãs, com seus jardins, seus canaes, suas ruas agrestes,—lá nos envia de longe um amavel convite aos seus passeios poeticos, á vida folgazã que se passa nos seus hoteis, á missa dos domingos na capellinha da freguezia, e á tantos outros passatempos campestres, que se gozam durante esses dias em que ahi vivemos como aves de

arribação, promptas á bater as azas ao primeiro sorriso da primavera.

Quanta cabecinha loura ou morena já não se está recordando do verão passado, e refazendo na mente os gozos desses dias alegres e descuidosos! Quanta imaginação não começou já á fazer esta pittoresca viagem, e não vai singrando pelas aguas limpidas e azues da nossa linda bahia, á contemplar o formoso panorama que desenham as ribeiras do mar sobre a arêa da praia, e os recortes das montanhas nas fimbrias escarlates do horizonte!

Além de Petropolis, muito além, lá estão as serras, as mattas ainda virgens, as florestas sombrias de nossa terra, as arvores seculares, os lagos e as correntes d'agua que atravessam os lagos e as planices.

Ahi se eleva á espaços pelas abas das montanhas ou pelas margens de algum rio, a fazenda do agricultor, onde se vive a verdadeira vida do campo, onde as horas correm isentas de cuidados e de tribulações no doce remanso de uma existencia simples e tranquilla.

Como Petropolis, como a Tijuca, como todos os arrabaldes da cidade, a serra tambem nosvai roubar uma á uma as mais bellas flôres da nossa cidade, as mais preciosas joias dos nossos salões, as mais lindas estrellas do nosso céu. Uma bella noite, quando levantardes os olhos, tereis de vê-las deslisarem-se no horizonte, como esses astros de que falla Virgilio, deixando apenas nas trevas um longo rasto de luz.

Stellas

*Precipites cælo labi, noctisque per umbram
Flammarum longos a tergo albescere tractus.*

No outro dia, quando procurardes por ellas terão completamente desaparecido. Irão caminho de mar ou de terra, buscar longe da cidade os ares puros, que dão vida e saude, que fazem voltar ás faces empallidecidas as côres frescas e rosadas.

Quanto á vós, que ficais curtindo as magoas da ausencia, consolai-vos com essa idéa; e se durante a ausencia encontrades por acaso n'algum passeio pelos jardins uma linda florzinha azul, que os jardineiros chamam *miosotis*, e á que os Allemães deram o nome de *vergis-mein-nittch*, fazei, como Alfredo de Musset, alguma bella poesia á saudade, e mandai-m'a, que eu a publicarei nas *Paginas Menores*.

Se isto ainda não vos consolar de todo, lêde as noticias da guerra do Oriente, que cada vez se vão tornando mais interessantes. O ultimo vapor trouxe-nos a noticia de que em honra de Saint-Arnaud se tinha levantado em Constantinopla uma cruz, — a primeira depois de quatrocentos annos. Ora, se é exacto que o diabo foge da cruz, como diz um rifão portuguez, é de crer que á esta hora toda caterva de Turcos, principiando pelo Sultão, tenham abandonado a formosa Stamboul.

Quanto á tomada de Sebastopol, não se realizou ainda; mas pelo vapor seguinte teremos por ahí infallivelmente esta portentosa noticia, que, á fallar a verdade, já vai se parecendo alguma cousa com os annuncios do nosso theatro Provisorio.

De manhã os jornaes avisam aos leitores que á noite haverá espectáculo lyrico; á tarde apparece uma molestia qualquer, e o espectáculo fica transferido para o dia seguinte. Novo annuncio de manhã, nova transferencia de tarde.

Ora isto não tem senão uma explicação; e é que os directores entenderam que, sendo o theatro *provisorio* apezar do baptismo, precisavam de vez em quando, principalmente nestes tempos de chuva, publicar um annuncio para fazer constar que o edificio ainda existe, e não veiu á terra.

Cumprê porêem advertir que com isto não me refiro á transferencia de hontem, a qual teve um motivo muito justo. Com aquelle tufão que desabou sobre a cidade, arrancando arvores e fazendo estragos, qual seria o *dilettanti* capaz de deixar o seu tecto hospitaleiro para arrostar um tempo tão desabrido?

E' verdade que á esta mesma hora, quando as rajadas do vento cahiam mais fortes e com mais violencia, alguns homens atravessavam as ruas da cidade, e á um e um se

iam remir na sala das sessões do Instituto Historico. Pouco depois chegou Sua Mesgestade, e a sessão se abriu com sete membros. (1)

Se eu não tivesse lido ha tempos que Metternich, ou não sei que outro diplomata, havia dito que a pontualidade é a politica dos reis, quando de hoje em diante me succedesse ouvir semelhante palavra, seria capaz de apostar que tinha sido lembrança de algum dos sete membros do Instituto, que para fazer honra ao tempo, se entretiveram com a leitura de um trabalho sobre terremotos. (2)

Achava-me muito disposto á terminar aqui, mas lembro-me que estou na obrigação de afirmar aos meus leitores que este artigo é escripto por mim mesmo, e não por um pseudonimo que me descobriram, e que se acha arvorado em redactor de um periodico intitulado—*O Brasil Illustrado*.

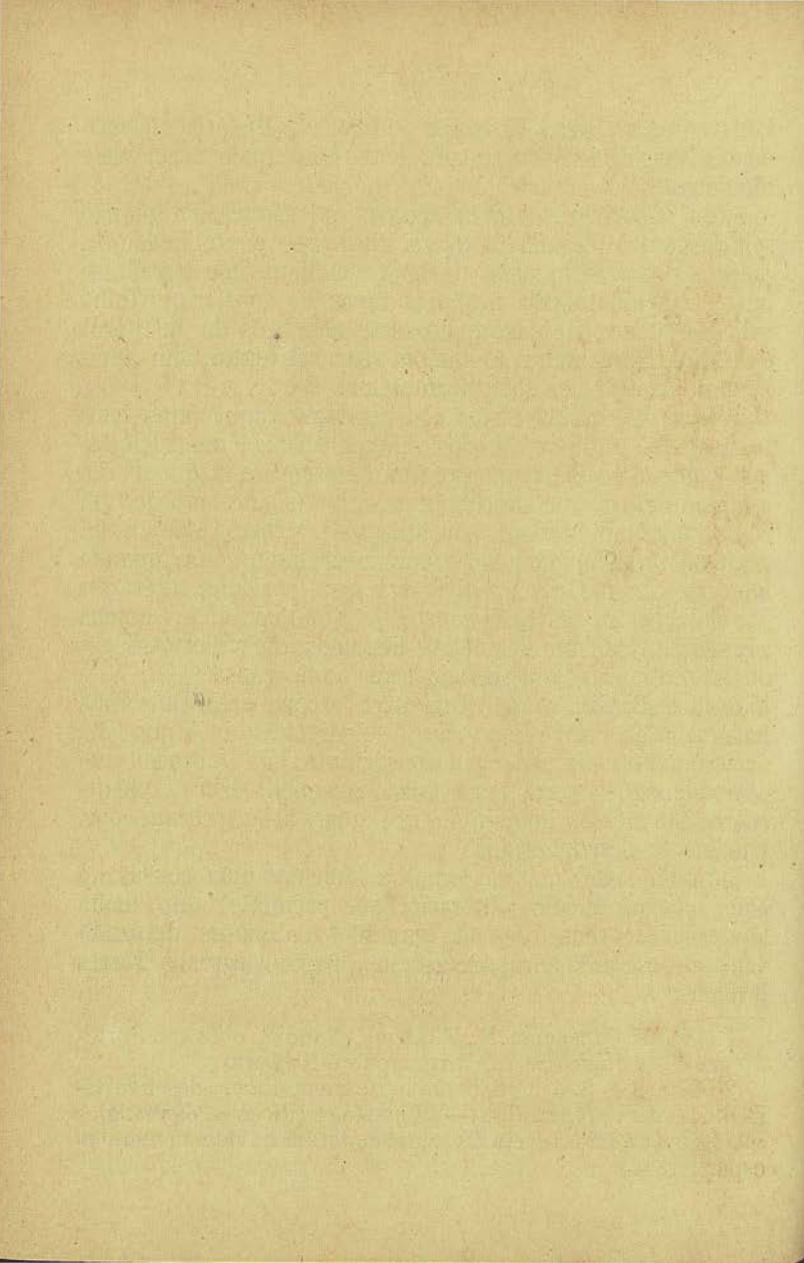
Quando a p. incipio me contaram semelhante cousa, quando me disseram que eu ia redigir um novo periodico litterario, duvidei; porém o facto é exacto, e o que mais é, lá se acha a assignatura de um dos nossos litteratos, o Sr. Porto-Alegre que affirmou não ter assignado semelhante cousa.

Ora, o Brasil, sendo tão *illustrado* como se intitula, não pôde ignorar certa disposição do Codigo Criminal que falla de assignaturas fingidas: por conseguinte, não ha duvida que os homens que se acham assignados naquella lista á que me refiro são nossos homonimos, os quaes até hoje eram completamente desconhecidos.

Em tudo isto pois só temos a lamentar uma cousa, e é que o novo periodico litterario, que promete tanto, tenha ido procurar redactores tão ignorados e obscuros, deixando de parte os verdadeiros, Octavianos, Porto-Alegres e Torres Homens.

(1) Os drs. Capanema, M. F. Lagos, Claudio, e os srs. Porto-Alegre, conselheiro Serra, Drummond e Norberto.

(2) O dr. G. S. de Capanema leu a memoria em desenvolvimento do seg. programma:—« Quaes as tradições, os vestigios geologicos que nos levem á certeza de terem havido terremotos no Brazil? »



Rio, 3 de Dezembro.

Um dos mais bellos traços, que apresenta a historia da humanidade, é o culto respeitoso que votam os grandes povos aos grandes dias de sua patria. A influencia mysteriosa que exerce o passado sobre o futuro tem o que quer que seja de grande e de sublime.

Ha um sentimento nobre nessa força irresistivel que de anno á anno, de seculo á seculo, n'um momento determinado, obriga as gerações que se vão succedendo á irem por sua vez depositar no livro dos fastos nacionaes o testemunho de uma justa veneração pelas suas antigas tradições, renovando com o exemplo, a fé e a crença nas instituições do paiz.

As datas memoraveis figuram na vida das nações como esses marcos que se collocam á beira do caminho para designar o espaço percorrido, e ao pé dos quaes o viandante vem descansar, refazendo-se das fadigas, e cobrando novas forças para continuar a jornada.

Assim quando o historiador, elevando-se pelo pensamento acima das condições materiaes da existencia humana, lança os olhos sobre o quadro da humanidade, pôde vêr cada povo, cada nação, percorrendo seu caminho atravéz dos seculos, como o individuo que transpõe dia por dia o curto espaço da vida.

Como o individuo, a nação passa por todás as vicissitudes da existencia, vai da infancia á velhice, do mal ao bem, soffre todas as alternativas da fortuna. Como o homem tem o germen de todos esses nobres sentimentos que vivem no coração, fortifica-os pela união, engrandece-os pelo enthusiasmo e os transmite pela tradição.

Como nós, o povo sente todos os affectos, curte todas as dôres, experimenta todos os estados da vida. Como nós, ama, odeia, chora ou ri: é um pai ou um filho, um amigo ou um inimigo; é um menino fragil que precisa ser guiado, um delinquente á quem se inflinge o castigo, e muitas vezes um soberano que dicta a sua vontade, e impõe a lei.

Por isso ha vinte e nove annos, no dia de hontem, a nação Brazileira vinha aos pés de um berço saudar o nascimento de um menino com toda a effusão do homem, que contempla o seu primeiro filho. Durante quinze annos serviu-lhe de pai; e em todo este tempo nem uma só vez se desmentiu esse amor paternal que a nação votava ao seu Imperador ainda na infancia.

Veiu o anno de 1840. (1) A' infancia seguiu-se a juventude: o berço foi substituido por um throno. A nação brazileira veiu então, não mais como um pai, e sim como um depozitario fiel, restituir a corôa eo sceptro que lhe foi confiado. A scena ia mudar-se: o amor, que um dia fôra paternal, começava á envolver-se do respeito que inspira o poder e a magestade.

Deixemos ainda correr o tempo; cheguemos ao dia de hontem; vinte e nove annos apenas nos separam, porém a mudança é completa. Sabeis o que significam essas festividades que por toda a extenção do paiz celebram o dia 2 de Dezembro? Sabeis que sentimento exprimem essas manifestações expontaneas da nação, por occasião do anniversario do seu monarcha?

(1) Em nosso estudo—*Paginas politicas do 2.º reinado*—(que mais tarde publicaremos) damos colligidas todas as diversas apreciações sobre esse periodo da nossa historia a que se refere aqui o A., cujas opinões acatamos por sinceras.

E' o povo brasileiro que, como um filho reconhecido, veiu aos degrãos do throno para beijar a mão ao pai da nação, para agradecer-lhe os beneficios recebidos, e pedir-lhe ainda a direcção, a paz, o trabalho, a instrucção, a industria, a colonisação, e todos esses outros elementos de força e de grandeza, todos esses germens de civilisação, que o paiz encerra no seu seio, e que serão um dia fecundados pelo pensamento creador do seu governo.

A' esta grande manifestação do seu povo, o Imperador respondeu agraciando-o na pessoa daquelles Brasileiros, cujos serviços entendeu mereciam ser remunerados. Algumas dessas mercês, não são unicamente uma graça, mas uma antiga divida que S. M. pagou em nome da nação á alguns velhos servidores do estado, cuja vida se acha intimamente ligada á historia do nosso paiz. Entre estes ha especialmente alguns nomes, que, para fazer-se o seu elogio aos Brasileiros, basta despi-los do seu titulo e repeti-los.

Havia cinco annos que não se realizava esse poetico costume das monarchias, de fazer a distribuição das graças nos dias anniversarios de algum acontecimento feliz. Sempre uma contrariedade qualquer vinha obstar aquelle acto. Este anno porém, as circumstancias favoraveis de uma actualidade calma e serena, permittiram que a munificencia imperial pudesse ao mesmo tempo pagar as dividas da nação, e auxiliar a realisação do pensamento de união e concordia, que é o programma de governo do Sr. D. Pedro II, e o seu voto o mais ardente como Brasileiro e como soberano.

Este anno já a tolerancia tinha passado a esponja por sobre todos estes nomes de guabirú e de praieiro, de luzia e de saquarema, de exaltado e conservador, aos quaes outr'ora os odios politicos fizeram representar na luta encarniçada dos partidos o papel de guelfos e gibelinos. S. M. por conseguinte podia lançar os olhos pela união Brasileira, e ver unicamente cidadãos que se distinguiam pelo seu merito e pelos seus serviços, sem que uma necessidade dolorosa do seu governo viesse, como nos annos anteriores, baptisal-os de

ministeriaes, de descontentes, ou de opposicionistas. O preceito constitucional começou enfim a ser para os Brazileiros uma verdade benefica, precursora de n'ovos melhoramentos.

Além destes factos, que se prendem necessariamente ao dia 3 de Dezembro, tiveram hontem lugar alguns extraordinarios, que foram reservados para este dia, para assim receberem maior realce, e se realisarem sob os auspicios felizes de uma data memoravel para o Brazil.

A's dez horas do dia a camara municipal desta cõrte inaugurava na sala de suas sessões, em presença de um grande concurso, o novo retrato de S. M. O salão está pintado com todo o apuro. O tecto representa um quadro allegorico da industria e do commercio, trazendo a abundancia ao Brazil : aos lados estão os bustos de D. João VI e de D. Pedro I, do conde de Bobadella, de D. Luiz de Vasconcellos, de Estacio de Sá e de José Bonifacio.

Todo o trabalho de pintura, executado por R. D'Agostini e Julio Lechevrel, debaixo da direcção dos Srs. Porto-Alegre e Costa Ferreira, é digno de attenção pelo bem acabado, e pelo risco do desenho ; merece com effeito ser examinado pelas pessoas que sabem apreciar essas obras de arte, ainda bem raras em nosso paiz.

Depois desta solemnidade teve lugar na academia das Bellas-Artes, por volta do meio-dia, a inauguração da *Pinacotheca Imperial* pelo Sr. ministro do Imperio. A medalha da inscripção gravada na casa da moeda, com o busto de S. M. n'uma face, e o nome do fundador na outra, é um trabalho, que mostra os progressos que vamos fazendo neste ramo de arte

A fundação da Pinacotheca Imperial, destinada á exposiçãõ das obras dos artistas nacionaes, vai dar um salutar impulso ao desenvolvimento da pintura, da esculptura e da estatuaria no nosso paiz. E' com as suas grandes exposições annuaes, com os seus premios de honra, que a França, promovendo uma nobre emulaçãõ entre os artistas, e creando o bom gosto na populaçãõ, tem conseguido elevar a arte á um grãõ de

perfeição e desenvolvimento, que actualmente nada tem que desejar á Italia, á terra das obras primas, á patria dos grandes pintores, dos grandes estatuarios, dos grandes architectos.

O dia que começára tão artisticamente, devia acabar da mesma maneira, e de facto acabou com a representação do *Roberto do Diabo* no Theatro Lyrico. Apesar de estarmos conversando hoje, creio que comprehendéis bem a razão porque não vos conto alguma cousa dessa representação que se deu hontem : são cousas da imprensa.

Comtudo, como estamos no theatro, supponde que houve na scena uma mutação rapida, e que vos achaes de repente n'um salão illuminado, no meio de musica, de perfume, de flôres, de espelhos, de moças, e de velhas tambem. Dança-se... Advinhai o que?

Não é nem quadrilha diplomatica, nem a valsa estonteada, nem a schottisch com os seus requebros, ou a polka com os seus pulinhos. E' uma cousa que tem um pouco de tudo isto, e que me faz lembrar o meu bom tempo de collegio, porque ha uma especie de marcha que se executa ao som de palmas, tal e qual como nas classes. Chama-se esta dança *Ril da Virginia*, terra donde eu sabia que vinha bom fumo, mas donde não me consta que nunca se despachassem dansas na alfandega.

O caso é que, pela alfandega ou por contrabando, dança-se hoje no Rio de Janeiro o *Ril da Virginia*, que os velhos bailarinhos aborrecem de morte, pela razão muito simples de não admittir canellas de cincoenta annos passados. Os moços porém adoram-n'o; e isto tambem por uma razão muito simples, porque cada um, embora tire seu par, nem por isso deixa de dansar com todas as moças, e de ser ao mesmo tempo par de todos os pares dos outros.

De maneira que agora já não ha risco de se ir tarde para o baile, e não encontrar o par que se deseja; nem de andar á catar pelo meio da casa as moças bonitas e espirituosas. Outra vantagem ainda: como a dança é uma roda-viva, estamos dispensados de estar ahi a inventar motivos de conversa,

e de levarmos uma boa meia hora á esgrimir-nos contra um *sim* ou um *não*, que si encastellam n'alguma boquinha arrebitada, donde não ha força tiral-os.

Ao menos se o *sim* fosse constante, eu começava logo por pedir alguma cousa que me conviesse. Mas qual ! O *sim* e o *não* se revesam como duas sentinellas sempre alérta e promptas a impor o respeito á menor infracção da disciplina. Por conseguinte, o melhor é tomar-se o expediente de que uso,—fazer-lhes a continencia, e passar de largo.

Mas onde já ando eu ? Comecei n'um salão de baile, e parece-me que estou n'algum corpo de guarda. Eis ahi o risco de escrever ao *correr da penna*. Se eu tivesse um *compasso* e um *tira-linhas*, não me havia de succeder semelhante cousa. Riscaria primeiramente o meu papel, escreveria o meu artigo letra por letra, pensando maduramente sobre cada palavra, reflectindo profundamente na collocação dos pontos e virgulas ; depois convocaria um conselho de sabios, e discutido o artigo em conclusões magnas, entrega-lo-hia ao compositor, quando se findassem os nove annos de correcção que impõe o preceito da *Arte Poetica*. Então cheio de enthusiasmo ao contemplar o meu artigo mettido entre quatro gravuras de páo, exclamaria como Sanzio :—*Anch'io son pittore !* Agora já posso aspirar á honra de escrever um artigo *illustrado* !

O que é verdade é que já não sei onde deixei a nossa agradável *soirée*, na qual se dançava com tanto prazer e animação o *Ril da Virginia*, dança que daqui a alguns dias deve estar com muita razão no galarim da moda. E sobre isto desejo communicar aos directores das sociedades uma observação que fiz á proposito deste dansado. Tenho notado que depois de um ril, cada um daquelles turcos transforma-se n'um cossaco temível ; e então não ha empadas nem chocolate que os farte. A' respeito de gêlo não fallemos ; seria necessario algum Hymalaia ou Chimborazo feito sorvete. Por isso a moda tem muito razoavelmente destinado a dança para o fim da noite.

Com tudo isto ainda não vos disse em que lugar da cidade nos achamos; mas contentai-vos em saber que estamos n'um dos nossos lindos arrabaldes, n'uma excellente casa de campo. E como já é perto de duas horas, e as estrellas começam a fugir com as claridades precursoras do dia, segui o meu exemplo, dizei adeus á esses salões, á essas horas de prazer, que tão cedo não voltarão, e ide fazer poeticamente ao vosso travesseiro as intimas confidencias de algum segredo do coração.

4 de Dezembro.

O *Jornal* demorou-se; e portanto assentei de pagar-vos já a divida em que estou á respeito da representação do *Roberto do Diabo*, que teve lugar na noite de sabbado.

Eram oito horas quando SS. MM. appareceram na tribuna, e receberam ás saudações costumadas ao som do hymno nacional. Uma chuva de rosas e de versos cahiu sobre a platêa; houve algumas pessoas que receberam na cabeça seguramente uma resma de papel.

Os camarotes apresentavam neste instante uma vista encantadora. Cada ordem formava uma especie de graciosa chorea de corpinhos seductores e de lindos rostinhos, entre os quaes apparecia á espaços a cabeça calva e a farda bordada de algum novo visconde, ou barão, ou commendador.

Muitas vezes é este o mais bello momento de uma noite de theatro em dia de gala. Com um simples lanço d'olhos corre-se todo esse painel magnifico, desenhado ao mesmo tempo pela natureza, pela arte e pela moda. Póde vêr-se, alli um typo suave, uma bella face sempre pensativa, um pouco melancolica, como dessas almas puras, filhas do céu, que sentem na terra as saudades de sua mansão divina. Além o rostinho moreno de uma houri de olhar scintillante e labio risonho.

Deste lado uma imagem de mulher, a qual a natureza deu a mais bella expressão de belleza altiva, e que recebeu de Deus, em vez de coração a mania dos caprichos.

Depois de alguns recitativos, de dous sonetos, sobre os quaes eu me *calo*, para seguir o exemplo do poeta, cantou-se o novo hymno do Imperador; e os espectadores, attentos e cheios de curiosidade, esperavam o momento de ouvir pela primeira vez naquelle theatro as harmonias de Meyerbeer.

Onde quer que te aches agora, sublime maestro, estou certo que sabbado á noite, até por volta de duas horas em que o diabo na figura de Bouché sumiu-se pelo tablado, não pudeste conciliar o somno, e levaste á rolar na cama, como se te perseguisse um exercito de pulgas e de mosquitos. Esses sobresaltos que naturalmente sentiste, esses ardores de orelhas, esses fruridos de pelle, tudo isto não era nada menos do que as pancadas da vaqueta do Barbière, a rouquidão do Gentili, a desafinação de não sei quem, e finalmente a tessorá do ensaiador, que dizem cortou á larga pela tua sublime partitura. Consola-te pois, meu amigo, são os precalços do officio.

Em tudo isto porém só te debes queixar daquelle que assegurou á directoria que era possivel metter-se em scena, com os modestos recursos do nosso theatro, uma peça que tu sabes quanto te custou a montar no *Grande Opera* de Paris Sem cantores, sem orchestra, sem machinismo proprio, era facil prever o que resultaria de semelhante projecto.

E não pára ahi: para que a caricatura fosse mais completa, ensaiou-se na vespera até as duas horas da noite, e admittiu-se que o mestre de danza lhe dêsse a ultima demão, inventando um dansado no meio de um torneio, e prolongando infinitamente a scena do cemiterio, como se ainda não fossem sufficientes seis horas de massada.

Nem o habil pincel do Bragaldi, nem a expressão original da musica, ás vezes terrivel, as vezes singela e encantadora, puderam destruir a desagradavel impressão que produziu nos *dilettanti* essa vigilia lyrica, que durou até a madrugada.

O Gentili, rouco como estava, não pôde fazer valer os seus recursos ; o Bouché não estava em bom dia. A Charton porém foi, apesar de tudo, para a scena e para os *dilettanti*, o bom anjo que protegia Roberto do Diabo:—com a differença porém que na scena venceu o diabo, e no animo dos *dilettanti* não pôde vencer o caiporismo fatal que presidiu á execução da partitura. O duque da Normandia foi para o céu : —a representação da opera de Meyerbeer cahiu no inferno.

Talvez muita gente nesta noite estivesse como Roberto na scena, ás lutas com dous sentimentos oppostos, tendo á direita o seu bom anjo, á esquerda o seu máo genio. Queira Deus que a imagem encantadora de alguma Alice lhes tenha apparecido com seu ingenuo sorriso, e os salvasse de uma vez para sempre da tentação,—guiando-os como sua boa estrella através dos escolhos da vida,—e acenando-lhes de longe com suas azas côr de rosa, como o Anjo da Guarda que figura nas poeticas legendas da nossa religião.

Rio, 10 de Dezembro.

Farewell! Farewell!... Adeus á côrte, aos bailes, aos theatros! Adeus ás bellas noites do Rio de Janeiro; aos seus magnificos salões, aos seus brilhantes sarãos! Até á volta! Chegou a época das viagens; é preciso partir.

A cidade vai ficando tão monotona e tão insipida, que já não ha prazer em andar por ahi á arruar, vendo sempre as mesmas ruas e as mesmas casas, algumas tristes e abandonadas, entregues ao genio protector dos lares domesticos.

A' caminho pois, meu amavel leitor. Tomai o vosso bordão de *tourista*, o vosso sacco de viagem, o vosso album de recordações; esquecei por alguns dias os negocios, esquecei as obrigações, esquecei tudo e segui-me. Viajaremos de companhia, iremos juntos procurar além novas impressões, outros cuidados.

Onde iremos? A' Cantagallo, á Santa Cruz, á Nova Friburgo, ao Morro-Queimado, á esses lugares onde o clima é doce e saudavel, onde as aguas são puras e cristalinas? Nada; vamos a Petropolis, a terra das flôres, a terra dos *amores perfectos*; vamos percorrer a Allemanha como sobre uma carta geographica; vamos vêr os neveiros da serra, os despenhadeiros das montanhas, e finalmente aquellas graciosas

casinhas tão alvas com as suas janellinhas verdes, que se destacam aqui e ali pela beira do caminho, ou pela margem dos canaes.

A barquinha de vapor corta ao largo resvalando docemente pela flôr d'agua, mas sem aquella excessiva velocidade que dá aos objectos um aspecto fantastico. A cidade do Rio de Janeiro vai fugindo á vista e com o vago da distancia começa a retratar-se no horisonte como um painel magnifico illuminado pela esplendida claridade dos raios do sol.

Aqui e ali aponta sobre todo aquelle confuso e variado panorama da cidade, a torre de alguma igreja ou a cruz singela de um campanario, como para advertir ao viajante que do meio das saudades da patria, da familia, ou de algum ente que se idolatra, o pensamento deve erguer-se a Deus no momento da partida.

Ali, onde as vagas se desfazem em alvos frocos de espumas, estão as *Feiticeiras*, celebres na chronica do mundo elegante, pelo quasi naufragio do *Guarany*. (1) Quantas *feiticeiras* não conheço eu mesmo em terra, que já produziram e são capazes de produzir ainda mais terriveis naufragios ! Ha porém entre estas e aquellas duas pequenas differenças. A primeira é que em umas morre-se pela agua, nas outras pelo fogo. A segunda differença é muito mais curiosa. Nas *feiticeiras* do mar o *Guarany* salvou-se por ser um barco novo : nas *feiticeiras* de terra são justamente os barcos novos os que correm maior perigo.

Perdoai-me esta observação humoristica, meu amavel leitor e companheiro de viagem ; prometto-vos que será a ultima. Abandonemos de uma vez, com os olhos e com o pensamento, esta cidade que já não tem encantos para nós. Quereis o bello sob outras fórmãs, quereis a natureza da nossa terra em outros quadros ? Lançai os olhos por este vasto

(1) A narração do desastre do *Guarany* na noite de 30 de Abril de 1854 pelo sr. A. de Pascoal (*Adadus Calpe*) uma das testemunhas oculares do acontecimento, foi publ. no *Cor. Merc.* de 3 de Maio do mesmo anno.

estendal das ondas alisadas ao sôpro cariciador da briza ; vêde aquelles grupos de pequenas ilhas verdes e graciosas, que com a carreira da barca parecem que vão fugindo umas atraz das outras ; vêde as alvas praias de arêa onde a vaga se espreguiça e murmura, ao longe os claros e escuros das encostas, e o vulto das montanhas que se debuxam no azul do céu.

Mas eis a ponte do desembarque que se alonga pela prôa da barca ; chegamos á Mauá. Saltemos, e como o lugar não tem nada que vêr, como as construcções da Companhia ainda estão em principio e não offerecem nada de curioso, tratemos já de tomar os nossos lugares no *wagon*, e de preparar-mo-nos para a nova viagem, tendo o nosso bilhete em mão, segundo o regulamento.

Deu o signal. Lá vamos levados pelo monstro de fogo que se lança, rugindo como uma fêra, vomitando fumo, devorando o espaço. Alexandre Dumas já o disse ; o prazer da velocidade tem um gozo, uma voluptuosidade inexprimivel. A primeira vez porém a novidade, o vago do desconhecido, destróem em parte aquelle prazer, e produzem uma especie de embriaguez de espirito, que de alguma maneira paralisa o pensamento. Não ha idéa fixa, não ha preocupação por mais forte que seja, que resista á esse choque subito de tantas emoções, a esse tumulto confuso das impressões, que se succedem rapidamente, que se agglomeram, se repellem e se destróem.

Depois de dezenove minutos desse vôo fantastico, desse sonho acordado, despertais repentinamente aos gritos do cocheiro, e aos trancos de um dos incommodos carros da Companhia, que vos faz immediatamente lembrar dos passeios ao Catete. Resignai-vos como eu ; e se tendes alguma idéa favorita, alguma imagem suave, que vos ande a sorrir na mente, abri-lhe a vossa alma, e esquecei as miserias deste mundo. Quando mal pensardes estareis no alto da serra.

Salve, louçã e faceira Petropolis ! Salve, lindos chalets, casinhas campestres, montanhas, cascatas, canaes ! Como tudo isto é gracioso e simples ; como a existencia é doce e

tranquilla nestes lugares apraziveis e nesta conveniencia agradavel da gente da terra ! Que risonhas que são essas manhãs de cerração, que ao nascer do sol começam a desdobrar o seu véo branco, com toda a garridice e todo o disfarce de uma andaluza, quando entreabre a sua mantilha !

E comtudo nunca Petropolis esteve como agora entregue ao abandono e ao deleixo. O estado das ruas é pessimo ; não se cuida da limpeza dos canaes, e de outros melhoramentos urgentes. Ao passo porém que isto succede, consome-se dinheiro em edificar uma capellinha no antigo hospital, que ha muito se trata de remover. Compra-se um terreno para servir de matadouro publico, e consente-se que um particular continue a cortar n'um açogue, infectando assim a principal rua da colonia—a rua do Imperador.

Pelo menos é isto o que dizem todos os habitantes de Petropolis, cujo clamor é geral. Foi preciso que chegasse o tempo da viagem costumada de SS. MM. para que se tratasse de melhorar os caminhos, e reparar algumas ruas que se acham em miseravel estado, e que offerecem peor transito do que a estrada da serra.

Em quanto o director da colonia não fôr obrigado a residir em Petropolis, embora tenha boas intenções e grande actividade, não poderá prestar a devida attenção ás necessidades do logar, nem entregar-se completamente ao estudo dos objectos de sua competencia. O governo devia tomar isto em consideração, e regular melhor as obrigações da directoria, ou então acabar com ella e substitui-la por outro qualquer meio de administração.

Entretanto, apesar do máo estado das ruas, meu leitor, se já não estaes fatigado e não me abandonastes na viagem, vamos sahir á passeio e dar uma vista de olhos áquillo que nos parecer mais interessante, e mais digno de attenção. Quereis ir ao Palacete, ver o jardim que se está concluindo ? Quereis subir ás colonias, e dar um gyro á cavallo até á cascata de Itamaraty ? Ou preferis arruar sem destino, onde vos levar a fantasia ?

Como quizerdes; mas se estás disposto a seguir o meu conselho, não deixai de fazer uma visita aos dous collegios Kopke e Kalogeras. O primeiro tem a grande vantagem de ser uma casa construida de proposito para o fim a que foi destinada, e reúne por conseguinte todas as condições economicas e hygienicas. Assim o que se nota logo neste estabelecimento é o asseio, a limpeza, a claridade dos aposentos, a facilidade com que o ar se renova nos dormitorios, e finalmente as côres sadias, o vigor, a boa disposição que mostram os collegiaes. A par disto a regularidade dos trabalhos, a acertada divisão das classes e a vigilancia activa do director, tornam este collegio muito util para a educação, não só dos meninos filhos da côrte, como daquelles que vêem das provincias, e que por conseguinte ainda mais necessitam do clima saudavel de Petropolis.

No estudo das primeiras letras, o Sr. Kopke adoptou o methodo do ensino repentino com algumas modificações, e tem tirado d'elle grandes vantagens. Nos outros ramos, os seus alumnos apresentam igualmente muitos progressos; e quando observamos que apesar do adiantamento geral dos alumnos, eram justamente os meninos de menor idade os que respondiam com mais acerto e maior segurança, confirmamo-nos na idéa de que isto era devido ao systema de estudo seguido pelo director.

O collegio Kalogeras é um estabelecimento montado em grande escala, mas cujo edificio não foi construido com a idéa de adapta-lo á instrucção primaria e secundaria. Possui alguns professores muito habéis, começando pelo seu director e proprietario. Sobre os seus trabalhos nada posso dizer, porque apenas corri o edificio, e em horas destinadas ao repouso dos alumnos.

Já temos viajado muito; portanto montemos a cavallo, e desçamos a serra com as primeiras claridades do dia, quando o sol mal desponta entre os cabeços da montanha. Correi os olhos por essas quebradas da serra, por essa nevoa da manhã docemente esclarecida pela frouxa luz da aurora, e não

tenhaes receio que como Horacio os cuidados montem na garupa para seguir-vos. *Post equitem sedit atra cura.*

Quatro horas de caminho—e eis-nos de novo no Rio de Janeiro, restituídos ao nosso penales, e as obrigações esquecidas durante tres dias. Recomecemos a vida interrompida, voltamos á fallar de theatros, de jornaes, á criticar, palestrar, estudar a questão das carnes verdes, e á preparar-nos para a fome que nos ameaça senão tomarmos promptas providencias, e senão cuidarmos seriamente deste objecto, procurando quanto antes os meios de evitar a escacez dos generos alimenticios.

Se bem me lembro, o Sr. marquez de Abrantes iniciou a sessão passada no senado um projecto a respeito de pescarias, que era em minha opinião um dos grandes recursos a lançar mão para o futuro. Cumpre que o governo, e as camaras tomem a peito aquelle projecto, que vem satisfazer uma grande necessidade, e produzir um beneficio que de ha muito se devia ter realisado.

Com estas medidas e outras tendentes á favorecer á criação dos gados, isentando-a dos direitos de passagem e de barreiras, é de esperar que o governo consiga prevenir essas faltas de generos alimenticios, que não se deviam dar n'um paiz novo, de grandes recursos, e extraordinariamente productivo, como é o nosso.

Estes factos porém servem de despertar ainda mais a nossa attenção para a colonisação, para a navegação de grandes rios, principalmente do Amazonas, cujas varzeas immensas estão ahí incultas, e encerram nas suas matas virgens um manancial de riqueza, que convem quanto antes ser explorado.

Ultimamente, um moço destemido, sem recursos, sem meios, que penetrou por estes invios sertões, e desceu o grande rio desde o Chile atéo Pará, escreveu um itinerario de sua viagem, que provavelmente ha de conter observações novas e de muito interesse. Este moço é o Sr. Dutra, 2º tenente da nossa armada, e que os leitores já devem conhecer pelo curioso artigo que publicou sexta-feira no *Jornal do Commercio* a respeito das origens da lingua tupy.

E' de crêr que o Sr. Dutra publique opportunamente o relatório de sua viagem, e então o nosso governo não deixará sem remuneração os serviços prestados por elles, durante essa longa travessia cheia de tantos perigos e de tantos incommodos, que só um homem de genio apprehendedor se animaria a tenta-la com os mesquinhos recursos pecuniarios que tinha a sua disposição. São serviços deste quilate, quasi espontaneos, que é mister gratificar generosamente, para excitar em nossa mocidade esse espirito de louvavel ambição, que é o movel das grandes empresas.

Porém quanto ainda, convem estimular os nossos officiaes á apprehender cousas desta ordem, de tanta utilidade para o paiz, visto que não temos, como tem a França e a Inglaterra no Oriente, um campo vasto onde se está illustrando o seu exercito e a sua marinha batendo-se com toda a galhardia contra o colosso inabalavel do Imperio Russo.

Apezar porém de todos os seus esforços Sebastopol, a sentinella avançada da Russia, continua a resistir com firmeza. Os Francezes e Inglezes que a principio olhavam com desdem para essas massas de granito, cuja bruta resistencia contavam vencer pela pericia de suas armas, viram de repente surgir de dentro das muralhas soldados em vez de homens indisciplinados, e conheceram no momento preciso que a defeza era digna do ataque.

Com effeito, quando marinheiros Francezes, ao ler a ordem do dia do almirante Hamelin—*A França vos contempla*—se arrojjaram ás muralhas, e recuaram deixando mais de seiscentos mortos e feridos, é que a cousa era impossivel, e que a Russia, embora houvesse perdido a *alma*, defendia o seu corpo a todo transe.

Todas estas noticias, e muitos outros detalhes importantes á respeito das operações dos dous exercitos inimigos, vieram-nos pelo *Severn* entrado quinta-feira. O Sr. conselheiro Paulo Barboza que era esperado neste paquete, chegou dous dias depois n'um navio procedente do Havre. Tendo ido á Europa, incumbido de uma missão importante pelo nosso governo, demorou-se para restabelecer a sua saude gravemente alterada.

Sempre que um cidadão como o Sr. Paulo Barboza volta á sua patria, não são unicamente os seus amigos que têm motivos de felicitar-se, mas sim todo o paiz, todos aquelles que conhecem a honradez do seu character, e a distincção de seu trato e de suas maneiras.

Como deveis estar fatigado da viagem que fizemos, e por conseguinte com muito pouca disposição para conversar, faço-vos os meus cumprimentos, mea caro leitor, até o proximo domingo, em que voltarei a fazer-vos a minha visita habitual.
Good bye.

Rio, 17 de Dezembro.

Por enquanto, em falta de melhor, fallemos do Theatro Lyrico, que está hoje na *ordem do dia*, justamente pela desordem em que tem andado todas estas noites, depois que o diabo lhe entrou no corpo.

Todos os jornaes têm dito a sua opinião á respeito: todas as opiniões são muito acertadas; mas parece-me que ainda ninguem chegou á consequencia necessaria deste estado anormal em que se acha o nosso theatro italiano.

Nas circumstancias actuaes, só ha um remedio, e é interromper os espectaculos pelo menos durante um mez, para dar tempo a que a nossa companhia de cantores invalidos se restabeleça, e possa novamente entrar em trabalhos.

Consta-nos que a maior parte dos embaraços e difficuldades, que a directoria tem ultimamente encontrado, nasce dos seus proprios empregados. Ora com o fechamento do theatro durante um mez, poderão os directores restabelecer a ordem necessaria, e destruir essa *soberania do capricho*, que até agora era privilegio das *primas-donas* mas que já se vai estendendo ás comprimarias, e breve passará ás coristas e ás comparsas.

Temos um regulamento de theatro, que senão é perfeito, contém ao menos um bom numero de disposições acertadas,

sufficientes para impor o respeito á alguns cantores, que, por terem meia duzia de panegyristas, entendem poder abusar da indulgencia do publico.

Faça a directoria cumprir rigorosamente este regulamento, requesite nos casos necesarios a acção da policia que se tem mostrado zelozza, e pôde ficar certa que ninguem deixará de applaudir essa boa resolução, cujos effeitos salutaes em pouco tempo se começarão a fazer sentir.

Que importa que um cantor, punido por uma falta de suas obrigações, seja recebido com palmas a primeira vez que appareceu na scena, depois do seu acto de insubordinação? Ha sempre nos homens um bom instincto que o illude, e os faz tomar o partido daquelles que julgam opprimidos, que consideram como victimas. Isto porém não é uma razão para que se deixe de manter o principio da autoridade, sem o qual não ha ordem nem tranquillidade possivel.

Se todas as infracções do regulamento tivessem sido punidas como essa de que fallamos, ninguem se lembraria de enxergar uma victima no actor que cahira em falta, nem de protestar contra o acto dos directores por uma semelhante manifestação de sympathia.

Tomando a directoria a posição que lhe convem, e fechando o theatro pelo tempo necessario para preparar as operas que tem de levar á scena, poderá em pouco tempo continuar os espectaculos sem interrupção e com aquella regularidade que até hoje tem sido impossivel conseguir.

Todos os annos por este tempo a imprensa lembra a idéa de fechar-se o theatro Lyrico por um ou dous mezes, e, apesar disto, ainda não nos compenetrámos bem desta necessidade; não queremos reconhecer que se na Europa a opera italiana abre-se por uma estação, no nosso paiz, com o nosso clima, é quasi impossivel continuar os espectaculos sem dar aos artistas algum tempo de repouso e descanso.

Estou certo que este anno succederá a mesma cousa; que a directoria não julgará necessaria uma medida sem a qual se passou muito bem os annos anteriores. Mas tambem este anno veremos acontecer o mesmo que o verão passado. O theatro

continuará aberto por formalidade e por luxo unicamente, os cantores estarão constantemente doentes; passarão doze dias sem espectáculo; o calor e o receio das transferencias afugentará os espectadores: e por fim, depois de dous ou tres mezes de vegetação, a companhia ficará extenuada e incompleta, e como o anno passado, seremos obrigados a fechar o theatro justamente quando se acabar o verão, e quando os espectaculos começarem a ser agradaveis.

Talvez percamos o nosso tempo a fallar destas cousas. O theatro Lyrico que já tomou as proporções gigantescas de uma questão de gabinete, hoje apenas serve de thema sedição ás palestras e correspondencias de jornaes. Entretanto isto não pôde continuar assim; já não podemos passar sem opera italiana, e por consequente mais cedo ou mais tarde se descobrirão os meios de possuirmos constantemente no nosso theatro uma companhia regular e composta de artistas de merecimento.

Para isso o governo pôde achar um grande auxilio no nosso *Conservatorio de musica*, dirigido pelo habil professor, o Sr. Francisco Manoel da Silva. O gosto e a aptidão que tem geralmente as Brasileiras para o canto pôde concorrer para o futuro do nosso theatro fornecendo as empresas de coristas e comprimarias, e facilitando-lhe assim os meios de contratar na Europa as primeiras partes, pelo preço que pagam os melhores theatros europeus.

Na visita que o Sr. ministro do Imperio fez ultimamente a este estabelecimento, assistiu aos trabalhos da aula destinada ao sexo feminino. Estiveram presentes 34 jovens alumnas, que executaram entre outras, tres peças de musica sacra, compostas pelo director, duas sobre poesias do padre Caldas, e uma sobre a letra latina—*O salutaris hostia*.

O Sr. ministro do Imperio conta visitar igualmente a aula dos meninos, e depois que tiver assistido a todos os trabalhos do Conservatorio, é de crêr trate de completa-lo, annexando ás aulas rudimentaes, unicas que existem, aulas de applicação, que poderão daqui a algum tempo dar-nos optimos instrumentistas para as nossas orquestras.

A escassez dos recursos é a primeira causa do pouco desenvolvimento que tem tido o Conservatorio. Os auxilios concedidos por meio de loterias, estão hoje reconhecidos como pouco efficazes, principalmente correndo ellas com longo espaço. Fôra preferivel que o corpo legislativo votasse uma dotação annual, com a qual o governo poderia contar para ir melhorando gradualmente esta instituição.

Hoje ninguem se lembra do *Conservatorio de musica*. Entretanto quem sabe d'aqui a alguns annos quantas horas agradaveis não nos dará elle por occasião dos seus concursos e dos seus exames annuaes! Quem sabe se ainda não terei de contar aos meus leitores a historia de alguma Rosina Stoltz Brasileira, educada neste Conservatorio, e para quem algum Donisetti tambem Brasileiro escreverá uma nova Favorita.

Talvez julguem que isto são vôos de imaginação: é possível. Como não dar largas á imaginação, quando a realidade vai tomando proporções quasi fantasticas, quando a civilização faz prodigios, quando no nosso proprio paiz a intelligencia, o talento, as artes, o commercio, as grandes idéas, tudo polulla, tudo cresce e se desenvolve.

Na ordem dos melhoramentos materiaes sobretudo cada dia fazemos um passo, e em cada passo realizamos uma cousa util para o engrandecimento do paiz.

Não ha muito tompo que S. M. teve a bella idéa de fundar em terras de uma fazenda sua uma colonia, que recebeu o nome de Petropolis. O anno passado, á imitação da primeira, se começou a crear uma nova cidade, á qual se deu o nome de Theresina. Hoje sabemos que uma terceira colonia se vai formar na serra dos Orgãos, na fazenda do Marsch; já começou a divisão dos prazos, pelo mesmo systema de Petropolis.

A situação é a mais aprazivel e a mais linda que se póde imaginar: é plana, cortada por um bello rio, e acha-se no alto da serra, n'um ponto de muita passagem, e por onde talvez tenha de seguir um dos ramaes da estrada de ferro do valle do Parahyba.

A viagem desta côrte é a mais commoda possível. Vai-se até Sampaio em barca de vapor; o resto é um agradável

passeio de duas leguas e meia, que se pôde fazer de carro, por uma excellente estrada. Reune portanto todas as condições, a commodidade, a rapidez e a segurança.

Isto no estado actual; porque logo que se começar a povoar o logar, logo que os habitantes desta côrte tiverem gosado aquelle clima frio e secco, aquelle céu sempre azul, aquellas aguas frescas e puras, logo que se estabelecer a concorrência, não faltarão companhias regulares de omnibus e de carros, que ainda tornarão a ida mais breve e mais commoda. Então não será uma viagem, mas um passeio; poder-se-ha almoçar na côrte, e ir lá jantar-se, mas jantar-se á hora curial, e não ás cinco como succede com Petropolis por causa da maré.

De maneira que daqui a uns dez ou vinte annos se as cousas continuarem assim, em vez de se passar o domingo em Andarahy, Botafogo, ou no Jardim Botânico, iremos a Petropolis, á Theresina, ou á cidade dos Orgãos; depois do almoço se estivermos aborrecidos, tomaremos a estrada de ferro e iremos por distracção vêr correr o Parahyba; de noite voltaremos para o theatro, ou para o baile, e nos recolheremos tendo andado de leguas o que hoje andamos de braças.

Talvez ainda me taxem isto de sonho e de utopia. Será sonho, não o nego; mas que melhor se pôde fazer neste tempo de repouso e descanso, do que sonhar? O trabalho vai cessar: as festas ahí vem, cheias de prazeres e de folias para aquelles que estão alegres e dispostos á goza-las.

As ferias começam. Os collegios se fecham desde que concluem os seus exames, os quaes este anno já tem mostrado mais zelo da parte dos directores, e mais applicação nos discipulos. O que se nota apenas é que em cada collegio o menino resente-se um pouco da influencia de uma ou outra especialidade, conforme a educação dos directores.

Com as ferias, com os dias de festa, nem a exposição da rua do Ouvidor, verdadeira *exposição*, porque deixa a bolsa dos passeantes *exposta* a um perigo terrivel. Este anno apresenta-se á concorrência uma nova casa Brasileira do Sr. C. Lage, que entrou pelos dominios estrangeiros, mas com um

luxo e um brilhantismo que nada tem que invejar ás casas francezas.

Se não preferis pois o socego e a tranquillidade do campo, tereis durante esses dias algumas horas bem agradaveis, vendo passar diante daquelles salões brilhantemente illuminados, tudo quanto ha de elegante e distincto na nossa sociedade.

Tereis ainda o prazer de poder escolher entre tantas galanterias, uma bem delicada, bem mimosa como as mãozinhas á que a destinardes; e em paga recebereis algum olhar, alguma palavra de agradecimento, que vos fará andar por ahi a roer as unhas e á sorrir ás pedras das calçadas até o momento em que o cruel e positivo negociante vos traduzir aquelle encantador olhar em liguagem de cifra, e lhe der um valor em moeda corrente.

Tudo isto, e os mais divertimentos que gozardes durante a festa, me referireis a primeira vez que nos encontrarmos no anno seguinte. Em troca vos contarei a festa do campo, os dias passados á sombra a conversar com algum amigo, á contemplar a natureza, e á evocar as lembranças adormecidas de outros dias já passados.

II

Voltemos uma folha ao livro da semana. Um grande pensamento, uma idéa brilhante foi nella escripta pelo amor da patria, e pelo amor da sciencia,

O Instituto Historico do Brazil celebrou a sua sessão anniversaria sexta-feira no Paço Imperial. SS. MM., o seu conselho de estado, alguns ministros, o corpo diplomatico, e quasi todas as illustrações do paiz, assistiram a este acto solemne, celebrado com as formalidades do estylo.

Depois da breve allocução do Exm. visconde de Sapucahy, o Sr. Dr. Macedo, 1º secretario, leu o seu relatorio dos trabalhos do Instituto durante o anno. E' um resumo completo, um pouco longo como exigia o seu assumpto, mas ao qual o seu autor soube, com rara habilidade, dar uma fôrma amena,

e muitas vezes eloquente. Depois de mostrar a incansavel sol-
licitude com que S. M. continúa a proteger o Instituto, o Sr.
Dr. Macedo passou á enumeração dos trabalhos, e terminou
por um bello trecho, notavel não só pela boa dicção da phrase,
como por uma verdadeira apreciação da actualidade.

Rio, 24 de Dezembro.

Estamos na vespera do natal.

A' meia noite começa esta festa campestre, a mais linda e a mais graciosa da religião christã. Victor Hugo confessa que não ha nada tão poetico como esta legenda das *Mil e Uma Noites* escripta no Evangelho.

Com effeito tudo é encantador nesta solemnidade da igreja, nesses symbolos que commemoram a poetica tradição do nascimento de um menino sobre a palha de uma mangedoura. A missa do gallo á meia noite, os presepes de Bethlem, as cantigas singellas que dizem a historia desse nascimento humilde e obscuro, tudo isto desperta no espirito uma idéa ao mesmo tempo risonha e grave.

Não é porém na cidade que se póde gosar deste idyllo suave da nossa religião. Censurem-me embora de um lyrismo exagerado; mas afinal de contas hão de confessar comigo que no meio do prosaismo classico da cidade, entre essas ruas enlameiadas, de envolta com o rumor das seges e das carroças, a festa perde todo o seu encanto, todo esse mysterioso recolhimento que inspira a legenda biblica.

E' no campo, no silencio das horas mortas, quando as auras apenas suspiram entre as folhas das arvores, quando a natureza respira o halito perfumado das flôres, que o coração

estremece docemente ouvindo ao longe o tanger alegre de um sinozinho de aldêa, que vem quebrar a calada da noite.

Dahi a pouco, á luz das estrellas, no meio dessa sombra mal esclarecida, distinguem-se os ranchos de moças, que se encaminham para a igrejainha rindo, gracejando, cochichando bisbilhotando, como um bando de passarinhos a chilrear em tarde de outono.

A porta da capellinha, está aberta de par em par ; e a luz avermelhada dos cirios, os vapores perfumados do insenso, os sons plangentes do órgão, o murmúrio das preces recitadas á meia voz, enchem todo o corpo do templo. De vez em quando um rumor do campo, o esvoaçar de alguma andorinha despertada de sobresalto pela claridade, vem interromper alegremente a calma e placidez da festa.

Se quereis tomar o meu conselho, minha amavel leitora, não idé a missa do gallo nas igrejas da cidade. Escolhei alguma capellinha dos arrabaldes a beira do mar como a de S. Christovão, cercada de arvores como a do Engenho-Velho, ou collocada n'alguma eminencia como a igrejainha de Nossa-Senhora da Gloria, tão linda com suas arcadas e o seu vasto terraço.

Ouvi a vossa missa devotamente, isto é, olhando apenas uma meia duzia de vezes para os lados, e estou certo que voltareis com a alma cheia das mais suaveis e mais risonhas inspirações. Sentireis que o culto da religião, quando verdadeiro e sincero, é uma fonte rica de emoções doces, e não traz os dissabores deste outro culto do amor, no qual vós sois algumas vezes o anjo, e muitas a serpente do paraíso.

Bem entendido, se vos dou este conselho, é persuadido que não aspirais aos fôros da *alta fashion*, porque neste caso deveis ficar na cidade e ir ouvir missa n'alguma igreja bem quente e bem abafada, para pilhardes uma boa constipação na sahida.

A directoria do Theatro Lyrico, que tem o *bom gosto* de conservar o theatro aberto neste tempo, não devia deixar de dar algum espectáculo na noite de hoje, afim de vos preparar por um banho russo, para a visita das estufas nas igrejas.

E' pena que não se lembrassem de repetir o *Roberto do Diabo*, que acaba justamente ás 2 horas, tempo em que cantam os gallos degenerados da cidade, e em que os sacristães da côrte, dando desconto á antiguidade da tradição, começam a tanger os sinos.

Tudo neste mundo depende das occasiões, disse-me um *dilettanti* que vós conheceis :—Se a directoria tivesse sabido aproveitar a noite de hoje, o *Roberto do Diabo* estaria apenas no purgatorio, d'onde naturalmente o conseguiria tirar algum artigo hierologlyphico, maçonico ou brahmina, escripto unicamente para os espiritos sublimes. Então não se veria na dura necessidade de conservar o theatro aberto, recordando atrasados e obrigando os accionistas e os assignantes a pagarem as diabruras, não do *Roberto*, mas de algum *S. Bartholomeu* que não conhecemos.

Eu não concordo com esta opinião. Julguei á principio que convinha interromper-se os espectaculos por um mez ao menos porém hoje estou convencido que o theatro presta uma tão grande utilidade a esta côrte, que a policia devia intervir para que houvesse representação todas as noites. Se duvidam vou enumerar-lhes as enormes vantagens economicas, hygienicas, politicas e moraes, que resultam do theatro.

Em primeiro lugar cura constipações pelo systema homoeopathico, alivia o rheumatismo dos velhos, e dá ás mocinhas do tom uma côr baça e amarella, do melhor effeito, a qual os poetas têm convencionado chamar—a *pallidez romantica*. No fim de uma semana ou quinze dias uma bella menina viva e rosada, começa á definhar ; desmaiam-lhe as côres, os olhos tornam-se febricitantes, o corpo toma um ar de languida morbidez.

Para o medico, homem positivo, isto é o symptoma funesto de alguma consumpção ; mas o poeta, espirito elevado, que tem a pretensão de viver de ar como os camaleões, extasia-se em face desse rosto macerado pelas vigalias satisfeito por achar uma occasião de applicar a sublime comparação do *pallido lirio languidamente reclinado sobre a haste delicada*,

No fim de contas o medico faz um diagnostico importante; o poeta escreve algumas centenas de versos no estylo de Byron, ou de Alfredo de Musset. O boticario avia receitas sobre receitas; e o typographo tira duas edições do volume de poesias. Faz-se uma consulta de medicos, em quanto os folhetins e as revistas criticas dissecam e fazem a authopsia dos versos novamente dados á luz. Trava-se a discussão, e no momento justo em que os medicos enchem de causticos e cataplasmas a heroina do romance, o paiz attonito reconhece que surgiu alfim o seu Petrarca, o seu Dante, o seu Tasso.

Eis ahi pois o theatro Provisorio concorrendo para o desenvolvimento litterario, e fazendo aprofundar o estudo da medicina. Isto porém não é tudo. A directoria que emprehen- deu a regeneração da nossa opera lyrica visa tambem a outros resultados mais reaes e positivos.

A Charton é a cantora predilecta do publico, é o rouxinol das bellas noutes pintadas por Bragaldi, é a rosa perfumada em cujo calix bubul fez o seu ninho gracioso, e onde se reclina soltando nos ares as ricas melodias de suas notas. Pois bem, a Charton continuará a representar pelo verão sem ter nem sequer um mez de descanso: bubul cantará todo o estio como uma cigarra importuna; a flôr se fanará exposta ao tempo, sem sombra e sem abrigo.

Um bello dia a Charton ficará com a voz cansada como a Zecchini; e este publico caprichoso e exigente ficará ensinado e aceitará ahi qualquer comprimaria que lhe queiram impingir na qualidade de cantora de cartello.

Então, como a guerra do Oriente e a exposição de Paris não permitirão novos engajamentos na Europa, a empreza, livre de reclamações exageradas, poderá fazer importantes economias, contratando nesta côrte algumas cantoras de modinhas para coristas, e promovendo por antiguidade as coristas á comprimarias e á prima-donas: teremos neste caso espectaculos baratos, a palaca e a quinhentos réis. O publico tomará o seu banho de vapor pela quinta parte do que paga hoje.

Pouco tempo depois que a directoria tiver obtido este grande resultado, o publico se convencerá que a musica

(do theatro lyrico), como disse alguém, é o mais supportavel dos barulhos, o theatro é o mais insupportavel dos suadores.

Os espectaculos pois serão abandonados, o *dilettanti* começará a ser uma especie de masthodonte *anti-robertiano*, objecto do estudo dos archeologos e antiquarios, e o barracão terá um destino muito semelhante ao que tem hoje, e ficará sendo uma dependencia do Museu.

Não se póde portanto deixar de tributar todos os elogios a quem emprehendeu, e trata de executar com tanta habilidade a util empreza de desacreditar a opèra Italiana e de nos fazer aborrecer o theatro lyrico. Todo o publico desta côrte deve auxiliar este projecto, por todas as razões, até mesmo porque é de mellhor gosto, é mais elegante, nestas noites de calma, ir suar no Provisorio, do que tomar fresco no Passeio Publico.

No theatro olha-se para um camarote, procura-se uma feição mimosa e assetinada, umas faces que são de suave côr de rosa, um collo alvo de jaspe, e tem-se o desprazer de ver um rosto açodado, vermelho, mudando de cores, um seio arfando difficilmente sem aquellas doces palpitações que lhe dão tanta graça e tanta seducção : vê-se emfim um bello quadro, uma tela amarrotada e cheia de dobras.

Ao contrario no Passeio Publico o quadro realça com a luz do gaz, que, ao longe, entre as arvores, semelha um pouco a claridade da lua ; todas as noites, mas especialmente nos domingos, a concurrencia é numerosissima. A's nove horas a multidão se retira, o passeio torna-se mais agradavel, e começa-se a encontrar-se de espaço a espaço uma ou outra familia conhecida, das que frequentam ordinariamente os nossos salões.

Não nos enganámos pois quando diziamos á tempo que a illuminação a gaz concorreria muito para a concurrencia do Passeio, e daria ao publico desta côrte um ponto agradavel de reunião. Resta porém que se trate de outros melhoramentos como de reparar ao menos as grades da rua principal, de ceder-se os dous pavilhões do terraço para nelles se estabele-

cerem cafés decentes que possam servir ás familias, e de fazer-se com que haja musica aos domingos, das oito até ás dez horas.

Faça-se isto, faça-se alguma cousa mais que for conveniente; e todas as noites em que houver espectáculo lyrico, durante a força do verão, eu terei o prazer de ver os mais entusiasticos *dilettanti* sentados nos bancos de pedra do circulo que fôrma a rua principal do Passeio, vendo, como eu, passarem os grupos das lindas passeadoras, enquanto apenas um ou outro melomaniaco, com os cabellos pregados na testa, contemplará heroicamente o holocausto lyrico da voz da Char-ton, do Bouché e do Gentile, condemnados á rouquidão para assegurar o futuro da opera italiana, que ficará comprometida nesta côrte, se não se cantar nos mezes de Dezembro e Janeiro.

O natal, o theatro, o passeio me iam fazendo esquecer das questões serias que este anno se guardaram para o tempo das festas, justamente para não deixarem nem um dia de ferias ao jornalista. O livro do Sr. de Angelis sobre o Amazonas e ultimamente o decreto do governo sobre as sociedades commanditarias vieram agitar a imprensa da côrte, e faze-la sahir da rotina edictorial. Sobre a primeira questão deveis ter lido não só a obra do Sr. P. de Angelis, como os artigos que publicou nesta folha um nosso patricio, conhecido pelo seu talento. Quanto á segunda esperai mais alguns dias, e vereis sob que aspecto importante ella vai apresentar-se: não vos fallo mais largamente a respeito, porque deveis saber que os advogados estão de ferias, mais felizes nisso do que os folhetinistas que não as têm.

Finalmente vou dar-vos uma boa nova. Como a festa é tempo de muita indigestão, podeis contar já com mais trinta e dous medicos, que no dia 18 deste mez receberam o seu grão na Academia militar em presença de SS. MM. e de um brilhante e numeroso concurso de pessoas gradas desta côrte. O digno director da escola recitou um bello discurso, e um dos doutorandos, designado pelos seus collegas, agradeceu em nome

delles o grão que acabavam de receber, fazendo nesta occasião acertadas considerações sobre o estudo da anatomia e da physiologia.

Terminando a sua carreira, vão dar agora o primeiro passo no mundo, e trabalhar para um futuro que a esperança, companheira inseparavel da mocidade, lhes aponta tão risonho, e tão feliz, Deus os fade bem por interesse seu e da humanidade; e possam um dia, repassando na memoria esta primeira pagina de sua vida, sentirem essas doces recordações do homem feliz que se revive no seu passado.

Rio, 31 de Dezembro de 1854.

Antes de tudo, preciso contar-vos um caso singular que me succedeu ha dous dias.

Tinha acabado de ler os contos de Hoffman, sentei-me á meza, cortei as minhas tiras de papel, e ia principiar o meu artigo quando chegou-me uma visita inesperada.

Se algum dia fordes jornalista haveis de comprehender como é importuno o homem que vem distrahir-vos, justamente no momento em que a primeira idéa, ainda em estado de embrião, começa a formar-se no pensamento, e quando a penna impaciente espera o primeiro signal para lançar-se sobre o papel.

Haveis de ver que não ha nada neste mundo que se lhe compare ; nem mesmo o sujeito que vem interromper-vos precisamente na occasião em que ides fazer uma declaração de amor, ou o massante que vos agarra e vos faz perder a hora do omnibus ou da barca.

Por isso, podeis imaginar com que máo humor, e com que terrivel disposição de espirito, me preparei para receber a tal visita, que escolhera uma hora tão impropria, a menos que não fosse uma mulher bonita, para quem estou persuadido que não se inventaram os relgios.

A porta abriu-se ; e entrou-me um homem já idoso, vestido em trajes de pretendente, de calça, casaca e colete preto. Havia naquelle carão um não sei que, um certo ar de ministro demittido, de deputado que não foi reeleito, ou de diplomata em disponibilidade.

Trazia debaixo do braço um masso enorme de jornaes, de planos de estrada de ferro, de projectos de navegação fluvial e de regulamentos e leis brazileiras. Quando dei com aquella papellada, fiquei horrorisado e com a idéa de que o sujeito se lembrasse de a desenrolar.

Emfim o homem chegou-se, fez as duas cortezias do estylo temperou a garganta, e dirigiu-me a palavra.

—E' ao Sr. Al. que tenho a honra de fallar ?

—Um seu creado.

—Pois Senhor, eu sou o Anno de 1854.

—O que ?

—Eu sou o Anno de 1854.

Desta vez não havia que duvidar ; tinha ouvido bem. O tal homem dos papeis ou era um hospede que se tinha escapado do Hospicio de Pedro II, ou então queria caçoar comigo. Em qualquer dos casos não ganhava nada com zangar-me ; por consequente tomei o bom partido de acceitar a minha visita por aquillo que ella se annunciava.

—Muito bem, senhor ; respondi-lhe eu, queira ter a bondade de sentar-se, e dizer-me o que me dá a subida honra de ser visitado pelo anno de 1854.

—O senhor não ignora que estou breve a concluir a minha carreira politica, e a retirar-me de uma vez dos negocios.

—Não, senhor, não ignoro : depois de amanhã, creio que é dia de S. Silvestre, dia em que todos os membros de sua familia costumam abdicar.

E' verdade, replicou-me o sujeito com um suspiro ; depois d'amanhã terei cessado de reinar !

—Mas creio que não foi para me dar esta grande novidade que tomou o incommodo de procurar-me ?

—De certo : o que me trouxe aqui foi especialmente pedir-lhe a sua benevolencia.

—Como! a minha benevolencia?...

—Pois o senhor não é folhetinista?

—Tenho esta honra.

—Ora, os folhetinistas costumam sempre fazer a despedida ao anno que finda, e emittir o seu juizo a respeito dos seus actos.

—Não me lembrava dessa! Assim....

—Vinha supplicar-lhe toda a indulgencia para comigo, visto a boa vontade que sempre manifestei de bem servir, não só a este paiz, como a toda a humanidade.

—Meu amigo, a boa vontade só não basta. Os homens estão hoje muito positivos; exigem factos.

—Passo a apresenta-los.

—Então vamos a isso: espere, deixe-me preparar o papel para tomar meus apontamentos. Agora estou ás suas ordens.

—Em primeiro lugar, senhor, mencionarei a estrada de Mauá, o primeiro caminho de ferro que se construiu no Brazil. Isto é uma gloria que ninguem me pode roubar: um facto pelo qual a posteridades me abençoará.

—Concordo, sim Senhor; mas, que contas me dádas promessas brilhantes da estrada de ferro do valle do Parahyba, que já se devia estar construindo?

—A culpa não é minha; foi herança que recebi e negocio que já vinha um pouco transtornado. Entretanto, eu organizei a companhia do Joazeiro, e dei começo aos seus primeiros trabalhos.

—Bem, escrevo cá nos meus apontamentos as estradas de ferro: passemos ao mais.

—O Senhor, lembra-se que fui eu que primeiro empreguei toda a sollicitude no asseio e limpeza da cidade...

—Basta, basta!... Por ahí advirto-lhe que vai mal. A' respeito de limpeza e de asseio da cidade, temos contas á ajustar; o Senhor comprometteu-me horriavelmente.

—Eu, Senhor! Não é possível!

—Escute-me: Quando o Senhor começou com as suas azafamas de asseio das ruas, de regulamentos, etc., eu julguei que o negocio era serio, fiz-lhe o meu elogio, e deendi-fo

contra aquelles que o atacaram ; mas, hoje vejo que tudo aquillo quasi que não passou de palavras, e que as ruas continuam a ser charcos de lama.

—Mas, Senhor...

—Tenha paciência, deixe-me acabar. Ha ahí uma pretendida rega, que o Senhor poz em voga, e que só serve de enlamear os passeios todas as tardes : ao meio dia tudo está secco ; quando ameaça chover ahí temos as carrocinhas á refrescarem as ruas, provavelmente para que a chuva não as constipe.

—Já vejo que neste ponto o Senhor está prevenido contra mim.

—Prevenido, não. O Senhor caçoou completamente conosco ; não tem desculpas.

—Bem, não insisto mais sobre isso ; mas, creio que não me poderá negar a illuminação á gaz.

—Ah ! a illuminação á gaz ! Não estou bem certo, mas tenho uma lembrança vaga de que isto já é idéa do 53. Entretanto concedo que seja sua. Como se defende o Senhor contra as accusações que se lhe tem feito de nos ter roubado o encanto dos bellos luares, e de haver privado os namorados daquellas noites escuras tão favoraveis á uma conversinha de rotula, ou á um passeio de rua do Ouvidor ?

—Ora, Senhor, esses homens não sabem o que dizem : todo o namorado, toda a mocinha—é cousa sabida—precisa de um pouco de *gaz*. Quanto á lua, é já tão antiga que era bem tempo de acabar com ella. Entretanto esses ingratos, que fallam de tudo, não se lembram que lhes fiz um grande beneficio livrando-os da lua.

—E esses eclipses não annunciados na folhinha, a má qualidade do *gaz*, o preço exorbitante dos combustores, o calculo excessivo da quantidade consummida ! Como se defende desta e outras censuras graves que lhe têm feito os jornaes ?

—A' fallar a verdade eu carreguei um pouco a mão ; mas além de outras razões, era preciso não desacreditar o *gaz*, vendendo-o muito barato logo em começo.

—Bella theoria ! Mas, como eu não possuo acções da companhia do gaz, ha de permittir que tome uma nota nos meus apontamentos :—« illuminação á gaz, ainda não satisfactoria e muito cara.»

—Porém...

—E' negocio decidido ; que mais temos ?

—A rua do Cano.

—Isto é, o projecto da rua do Cano.

—Eu não tenho culpa que o tempo não me chegasse para leval-o á effeito.

—Mas tem culpa de haver demorado perto de quatro mezes a incorporação da companhia : durante este tempo se o Senhor não se andasse divertindo com questões de prerogativas municipaes, podia ter ao menos dado começo áquella obra importante.

—De maneira que o Senhor não me concede nem a rua do Cano ?

—Concedo-lhe o projecto, e nada mais : a idéa creio que foi de 53.

—Pois bem, passemos agora á uma outra ordem de cousas. Fui eu que iniciei na camara dos deputados diversos projectos importantes ; que effectuei a reforma da instrucção publica e reorganisei a academia das Bellas-Artes. Parece-me que estes factos são titulos á estima publica.

—Certamente ; sou o primeiro a confessar ; é verdade que eu tenho minhas duvidas sobre alguns desses melhoramentos ; mas, isto são cousas que eu tratarei de deslindar com o seu successor, que amanhã deve-nos mandar o seu bilhete de *faire part*.

—E' preciso não esquecer as condecorações do dia dous...

—O que ? O Senhor toma-me por algum official da secretaria do Imperio ?

—Como ! O Senhor mesmo já não me elogiou por ter tido a idéa deste facto.

—Está enganado ; elogiei-o por ter cumprido o legado dos cinco annos passados : e, de mais, isto é uma cousa que

póde dar gloria á um dia como o 2 de Dezembro, mas nunca á um anno como o Senhor.

—Finalmente esta cidade não póde deixar de agradecer-me o não ter querido imitar aquelle malvado 1850.

—*Parce sepultis*, meu caro.

—Perdão, Senhor : não quero fallar mal de ninguem ; mas á vista daquelle anno, acho que se deve levar-me em conta a ausencia da febre amarella e de outra qualquer epidemia.

—Ora, é boa ! Nisso não fez o Senhor mais do que cumprir o seu dever.

—Entretanto...

—Espere... espere... lembra-me agora ; e aquelle grande medo que o Senhor nos metteu com o cholera !

—Ora, Senhor ; retorquiu-me o sujeito com um risozinho malicioso !

—Explique-se.

—Aqui em segredo ; aquillo foi um negocio com os medicos.

—Ah ! o Senhor então protegeu os medicos ?

—Não se zangue, senhor ; lembre-se do que eu fiz pelos advogados com a questão das sociedades commanditarias ; do que fiz pelos jornalistas, a quem presenteei com uma boa quantidade de *pufs* ; lembre-se, finalmente, que esse mesmo receio do cholera deu-lhe materia para um folhetim em occasião em que o Senhor estava bem apertado.

—Bem ; o dito por não dito. A' respeito da salubridade publica póde ficar descansado.

—Agradeço infinitamente a V. S.

—Não se apresse tanto ; talvez no fim não tenha muito que agradecer-me. Até aqui tem o Senhor allegado os seus direitos ; agora hã de permittir-me que capitule as minhas queixas. Trate portanto de defender-se, e bem.

—Farei o que puder.

*
* *

Havia já algum tempo que me parecia que o tal sujeito ia emagrecendo de uma maneira espantosa, e tornando-se del-

gado como um varapão ; mas, como já era alta noite attribui isto á allucinação da vista, effeito talvez da fadiga e dos raios amortecidos da luz que mal esclarecia o vasto aposento. Não fiz portanto muito caso disto, e tratei de continuar a minha singular conversação.

—Meu caro Senhor ; sinto dizer-lhe que o Senhor embora me dêsse alguns momentos de prazer, comtudo fez-me muitos males, e um principalmente que eu não lhe posso por maneira alguma perdoar.

—Qual, Senhor ?

—O ter-me feito mais velho um anno.

O homem ficou fulminado. Eu continuei :

—Roubou-me uma boa parte daquellas doces illusões dos primeiros annos da mocidade ; desfolhou-me algumas dessas flores que nascem nos seios d'alma, orvalhadas com as primeiras lagrimas do coração, e que perfumam os sonhos mais bellos desta vida.

Cada dia, cada hora, cada momento que passa, rouba-nos um pouco dessa poesia sublime, que embeleza os nossos prazeres e consola as nossas dôres. Lá vem tempo em que a alma perde as suas azas de ouro, azas que Deus lhe deu para voar ao céu.

O que ha neste mundo que valha os nossos sonhos côr de rosa, as nossas noites de placida contemplação, os idyllios suaves de nossa imaginação á conversar com alguma estrella solitaria que brilha no céu, semelhante á essas amidades santas,

*Qui se cachent parfois en nos heures d'azur,
Et reviennent á nous entendant nos plaintes.*

Quando todas essas flôres murcham, que resta para encher o vacuo que fica em nossa alma ? Nada: o tempo foge rapidamente, e apenas deixa uma ruga na face, alguns cabellos brancos na cabeça, e um numero de mais á somma dos nossos dias.

—Não. Com os annos ahi vem os pensamentos serios, as grandes cousas, a gloria, a ambição, a politica, as honras, os estudos graves. Confesse que isto vale mais do que todas estas frivolidades que preoccupam o espirito da mocidade, e com as quaes se gasta o tempo inutilmente.

—Chama á isso frivolidades? O que é então que ha neste mundo de serio e de real? A gloria por ventura? E' interessante; trata-se de bagatella o amor, as verdadeiras affeições, as mais bellas expansões de nossa alma, zomba-se do homem que segue por toda a parte um vestidinho de uma certa côr, que se mataria por um sorriso, e que guardaria preciosamente uma flôr murcha que cahisse de um bouquet

Entretanto vós, homem serio e grave, que calculaes reflectidamente, que do alto da vossa importancia lançaes um olhar de desprezo para essas futilidades do mundo, que fazeis vós?

Sacrificaes a vida, a preguiça, o prazer, como diz Alphonso Karr, para um dia atar á gola da casaca uma fita de uma certa côr. Em quanto nós supplicamos um sorriso de uma bella mulher, vós darieis um dedo da mão pelo sorriso do ministro ou do conselheiro de estado.

Despresais a moda; é uma cousa ridicula mas sonhaes noite e dia com a farda bordada. Se nós esquecemos tudo para, em um momento de expansão, colher n'uma lindia boquinha rosada duas palavras que nos abrem o céu :—vós renegaes os amigos, prostituis a consciencia unicamente para ter o prazer de ouvir (que gloria!) um passante dizer-vos—*Sr. barão*.

Oh! se tudo é illusão e chimera neste mundo, meu Deus, deixai-me os lindos sonhos da mocidade, deixai-me as visões poeticas de meus vinte annos, as minhas horas de scismar deixai-me todas estas futilidades, e reservai para outros as cousas serias, calmas e reflectidas. Mas isto é um vão desejo Daqui mais á alguns annos tudo terá passado, e tambem entraremos, como os outros, na luta dos homens graves e sidos, e como elles, lançaremos um olhar de desdem para essas paginas douradas da nossa vida. Apenas, nas horas

da solidão, nos virá encantar a doce recordação desses bellos dias em que tínhamos, como diz Lamartine :

*Un flot calme, un vent dans sa voile ;
Toujours sur sa tête une étoile,
Une esperance devant lui.*

Não sei se dizia, ou se unicamente pensava todas estas cousas. Tinha-me esquecido do meu hospede.

Deu meia noite. Senti um estalar de juntas. Voltei os olhos para o sugeito. A' ultima pancada do relógio, um outro homem se destacou do primeiro e desapareceu.

Obstupui, steterunt que comæ, et vox faucibus hæsit. Fiquei pasmo. Decididamente passava-se naquelle momento alguma cousa de fantastico e de sobrenatural.

Entretanto o sugeito, calmo, mas repentinamente emmagrecido, olhava-me com um semblante tranquillo, um pouco melancolico. Compreendeu o meu espanto, e respondeu á pergunta muda que lhe fazia o meu olhar espantado.

—E' o dia 29 que acabou, e que se foi embora. Só me restam agora dous dias de vida.

Esta resposta ainda mais me atordoou. Mas, afinal, como o meu companheiro esperava pacientemente a continuação da conversa, tomei uma resolução ; accendi o meu charuto na vela que estava quasi a apagar-se, e fui por diante, disposto a não me admirar de mais cousa alguma.

Palestrámos muito tempo. Dissertámos sobre a guerra do Oriente, sobre a Europa, e mais largamente sobre os futuros destinos do Brazil. Contou-me algumas chronicas escandalosas, que presenciou ; referiu-me muita anecdota engraçada, e muita historia galante.

Vimos á fallar do theatro ; e elle confessou-me francamente que, á principio, tentou deita-lo á baixo com o negocio das thesouras, e mesmo com algumas chuvas e com a grand ventania do mez passado. Que infelizmente não o conseguiu ; e porisso assentou de torna-lo a cousa mais ruim e a mais

desenxabida, para ver se assim se resolvem á cuidar da opera lyrica, e á construir um edificio digno desta côrte.

Por fim, já pela madrugada, comecei a fechar os olhos insensivelmente, e não sei o que mais se passou.

*
* *

Agora, meu leitor, se vos destes ao trabalho de ler o que ahí ficou escripto, talvez desejeis saber a explicação disto. E' muito simples. Tinha, como vos disse, acabado de ler alguns contos de Hoffman. Supponde que, como eu, folheaes uma daquellas paginas, e segui a regra da antiga sabedoria — *Nihil admirari*.

Rio, 8 de Janeiro de 1855.

*Et une année entière a replié ses ailes
Dans l'ombre d'une seule nuit !*

(LAMARTINE.)

Ainda vos lembrais do anno passado ? Ainda não esquecetes a ultima noite de 1854 ?

Era uma noite de luar, mas turva e carregada. O céu cobria-se de nuvens. A natureza estava calma e socegada. As horas corriam silenciosamente.

Deu meia noite. Um anno terminava,—um anno começava. Mas nem um signal, nem um vestigio attestava essa grande revolução do tempo que se acabava de consumir.

Tudo continuava tranquillo. A noite seguia o seu curso ordinario, e a lua deslisava solitaria por entre as nuvens cinzêntas e carregadas que alastravam o céu.

Que importava com effeito que essa hora que soava marcasse o termo de um anno ? Que importava que a fraca intelligencia do homem procure limpar a obra de Deus ?

O tempo corre eternamente ; os dias se succedem como os mezes, como os annos e os lustros. Um seculo que acaba,

uma idade que finda, um mundo que desaparece, é sempre a rápida transição de um segundo, é apenas um instante que passa.

Todos nós sabemos isso ; todos nós vemos correr o tempo com indiferença ; e entretanto o coração nos palpita com emoção quando ouvimos soar esta hora fatidica da meia noite, que marca o fim e o começo de um anno.

E' quasi impossivel reprimir nesse instante solemne um movimento involuntario, que nos faz volver um olhar saudoso ao passado, e procurar no fundo d'alma algum vago presentimento, alguma promessa risonha, que nasce subitamente como o novo anno que começa.

Na vida de alguns homens esse rapido instante é o canticó de um bello poema. Recordações dos dias que passaram, saudades de uma quadra feliz, culto respeitoso á algumas reminiscencias sagradas, aspirações de gloria e de ambição, fé em Deus, esperança no futuro,—todas estas grandes cousas lhes perpassam confusamente na fantasia, brilham rapidamente, e se extinguem como esses fogos brilhantes que sulcam as trevas nas noites calmas e serenas.

Para aquelles que ainda se deixam involuntariamente dominar pela poetica e graciosa ficção do *anno bom*, este dia é um oraculo cheio de presagios e de vaticinios. Quanto desejo querido, quanto voto ardente, não vem affagar no fundo desses corações aquella primeira aurora do anno ! Neste dia pensa-se naquillo que mais se ama no mundo, janta-se no seio da familia, visita-se os amigos, e troca-se mutuamente as boas entradas de anno, os presentes de amizade, as *étrennes*.

E assim no meio de tudo isto, no meio desses cuidados e desses prazeres, dos receios e das esperanças novamente creadas, esquecemos a verdadeira e talvez unica realidade deste dia. Um anno que passa,—um outro anno que vem, e com elle a idade e a velhice.

Bem entendido, não fallo aqui de certa gente, que desejaria que um anno fosse um minuto, e que passasse como uma hora de tédio, ou um dia de convalescença. Parece incrível, porém não é menos verdadeiro.

Logo em primeiro lugar temos o pretendente á senatoria, que se acha na idade critica dos trinta e nove annos. Vem depois o orphão que espera os vinte para requerer supplemento de idade, e empolgar a herança paterna. Finalmente a menina que desterra as malditas calças e o vestido curto, e entra no rol das moças em estado de cazar; e o estudantinho de latim que todos os dias procura no queixo as promessas de um buço rebelde, e que suspira pelo dia em que se emancipará do collegio, e conquistará a santa liberdade da academia, e o direito de fumar o seu charutinho.

E' preciso não esquecer o sугeito que tem os seus cincoenta e nove annos, e que deseja os sessenta para vêr-se livre da guarda nacional e do recrutamento; nem tambem o empregado publico que suspira pelo ultimo anno para a jubilação, e o juiz de direito que está a completar o tempo de ser promovido á primeira entrancia.

Para esses o novo anno é sempre alegre e feliz; é o anno da salvação. Mas para nós, que não estamos nesse caso, que nos prometterá este anno, que nasceu no meio da chuva como um sapo, tendo por madrinha a lua cheia?

Será isto máo agouro, como entendem as velhas, ou será ao contrario um presagio de abundancia e fertilidade, que nos livrará da carestia dos generos, e não nos deixará mais á mercê das usuras de alguns marchantes?

Creio antes esta ultima versão. Já não me fascinam essas promessas brilhantes que nunca se realisam. Embora turvo e carrancudo, o anno novo para mim se annuncia cheio de futuro e de prosperidade para o meu paiz, cheio de flôres, de sorrisos e de esperanças.

Ninguem sabe que encantadores mysterios, que risonhos segredos occultas no teu seio. Ninguem sabe quanto primor, quanta graça, quanto mimo de belleza, tuas azas de ouro exparsirão sobre alguma cabecinha virgem que ainda brinca com os sonhos da infancia!

Vem, novo anno! Vem como o habil artista do tempo dar os ultimos toques á alguma bella estatua moldada pela

natureza, e arredondar a curva graciosa, as ondulações suaves de umas formas encantadoras !

Vem, como o sopro de Deus, como o fogo do céu, desabrochar uma rosa ainda em botão ; perfumar a flôrzinha delicada que apenas começa abrir os seios ás auras da vida, e tecer de fios de ouro os dias de uma existencia pura e tranquilla !

Vem igualmente dar um pouco de juizo a muita cabecinha louca que ahi anda ás voltas por este mundo, tirando o juizo a quem o tem ! Vem fertil de maridos, de bailes, de theatros, de modas, de cazamentos. Traze-nos da Europa algumas boas cantoras ; e não te esqueças de substituir a anarchia que hoje reina no theatro por uma opera digna de ti, e da boa sociedade desta côrte. Para isto já tens o projecto de uma nova companhia lyrica no theatro de S. Pedro de Alcantara, o qual pôdes realizar perfeitamente.

Quando tiveres feito todas estas cousas, meu caro, tem paciencia, toma a vassoura e a carrocinha, e trata de varrer e de limpar as ruas da cidade, no que farás um grande serviço. Estimarei que removas ao menos a lama de algumas ruas, porque então ser-me-ha possivel especialisar as outras, e defender-me assim da censura que me fizerem nesta folha e no *Jornal do Commercio* por ter fallado geralmente ; como se a culpa fosse minha, de não poder achar uma excepção á falta de asseio !

Acho escusado dizer-te que dispensamos o calor de oitenta grãos, as febres de qualquer côr que sejam, as guerras por mais interessantes que te pareçam. Quando muito para quebrares a monotonia do tempo, ficas com o direito salvo de elevares a temperatura até o ponto de desejar-se o sorvete e os gelados ; e de produzir algumas intermittentes, para que os medicos não esqueçam de todo a sciencia. Em vez de guerras do Oriente pôdes fazer apparecer alguns processos monstros, daquelles que passam á quarta geração, e que os advogados inglezes dão de dôte ás suas filhas.

Se seguires este programma essencialmente conciliador, pôdes contar comigo. Escrever-te-hei as mais pomposas ephemerides de que haja noticia no mundo : e em Dezembro

farte-hei um epitaphio, digo, um retrospecto, que occupará as columnas do *Correio Mercantil* durante oito dias consecutivos.

E para começar vou já cuidando em traçar a historia desta primeira semana, que começa pelas *étrennes*, e acaba pelas cantilenas dos *reis*. A chuva, as tardes de trovoadas, o tempo enfarruscado, entristeceram quasi todos estes dias.

Na sexta-feira porém uma bella noite de luar, fresca e agradável, parecia convidar as alegres procissões, que lembram a antiga tradição dos tres reis magos, vindos do Oriente guiados por uma estrella para adorar o Menino-Jesus.

Hoje, como todos os antigos costumes, esta festa vai cahindo em desuso. Já quasi não se vêem nesta côrte aquellas romarias folgazãs, aquelles grupos de pastorinhas, aquellas cantigas singelas que vinham quebrar o silencio das horas mortas.

A noite de *Reis* actualmente é apenas a noite das ceias lautas, dos banquetes esplendidos; de maneira que, a julgar da tradição pelas festas de agora, dir-se-hia que os reis magos eram tres formidaveis comilões, que vieram do Oriente unicamente para tomarem um fartão de peixe, de ostras, de *mayonaises* e gelatinas.

Em todas as épocas o homem teve a balda de desfazer no presente, e de encarecer o passado. «No nosso tempo era outra cousa,» dizem os velhos desde o principio do mundo. Entretanto, seja pelo que fôr, seja que aquillo que passou exerça sobre a nossa imaginação um prestigio poderoso, o que é verdade é que nossos pais sabiam divertir-se melhor do que nós.

Outr'ora todas as festas tinham o seu que de original, o seu cunho particular que as distinguia uma da outra. O *Natal* era a festa do campo; tinha a sua missa do gallo á meia noite, as suas alegres noitadas ao relento, os seus presepes toscos, mas encantadores. Logo depois vinham os *Reis* com as suas cantigas, as suas romarias noturnas, as suas collectas para o jantar do dia seguinte. *S. João* tinha as suas fogueiras,

os seus horoscopos á meia-noite. Ao *Espirito Santo* ar-mavam-se as barraquinhas, e faziam-se leilões de fructos e de aves.

Presentemente todas as festas se parecem. Um baile, uma ceia, e está tudo feito. Desde o principio ao fim do anno vai-se ao baile ou ao theatro. Isto ainda seria supportavel se procurassem conformar esta especie de divertimento á estação que reinasse.

Agora, por exemplo, que entramos na força do verão, como não seriam agradaveis alguns bailes campestres, onde se dan-sasse á fresca, entre as arvores, n'algum pavilhão elegante levantado no meio de jardins? As moças trajariam seus lison-geiros vestidinhos brancos proprios da estação; os cavalleiros usariam de um toilette de verão. Nada de rigorismos diplo-maticos e de penteados sobrecarregados de enormes jardi-neiras.

Ha nesta côrte uma *Sociedade Campestre* que se podia in-cumbir de realisar esta idéa; porém infelizmente parece que ella vai marchando rapidamente para sua completa extincção. De *campestre* só tem o titulo: no mais é uma sociedade como as outras, com a differença que dá as suas partidas n'um pavilhão muito sujo, muito velho e de muito máo gosto.

Houve a lembrança o anno passado de rehabilita-la, e para isso comprou-se um terreno para uma casa; dis-tribuiram-se acções pelos socios, e recebeu-se a primeira prestação. Planejou-se, calculou-se, e por fim não se fez nada, na fórmula do costume. O terreno está a vender, e os socios que esperem pelas calendas gregas para serem reem-bolçados do seu dinheiro.

Entretanto parece-me que a sociedade ainda tem muitos elementos que se podem aproveitar; e que se alguem procu-rasse dar-lhe um salutar impulso, poderíamos vir a ter uma reunião bem agradável. Então a sociedade devia limitar as suas partidas campestres aos seis mezes de verão, e deixar os outros seis mezes para os bailes aristocraticos do Cassino, e para os sarãos brilhantes que costumam aparecer naquella quadra do anno.

Temos conversado tanto e sobre tantas cousas, que deixo ainda muita idéa bonita que ahi fica com as outras no fundo do tinteiro esperando a sua vez de se estenderem sobre o papel. Para as idéas é este um dia de baile ; a penna faz-lhes o toilette, como uma creada grave ; e depois de bem vestidinhas, e bem elegantes, largam-se pelo mundo a namorar, a torto e a direito, á fazer epigrammas, e a dizer graças, á bolar com este e com aquelle, até que um dia ninguem faz mais caso dellas.

Antes porém de deixar-vos, minha gentil leitora, quero dar-vos as minhas *étrennes*, embora não vos lembrasseis de mandar-me as festas. O meu *cadeau* é uma noticia, que estou haveis de apreciar tanto quanto ella merece. Com o novo anno vai continuar (ou já continuou) a ser publicado um lindo jornal italiano e portuguez, do habil professor Galleano Ravara. Já prevejo com que prazer acolhereis a *Iride*, que, como uma boa mensageira, irá fallar-vos a doce e rica linguagem do Tasso, do Dante e de Petrarca, e recordar-vos aquellas magicas palavras de Romeu e Julieta, quando ouviam cantar o rouxinol e a cotovia ao raiar da alvorada.

Por emquanto contentai-vos com estas doces recordações que vos avivarão saudades da Stoltz, e das bellas noites do nosso theatro italiano. Dizem porém que daqui a algum tempo tereis mais do que simples reminiscencia: promettem-vos uma scena lyrica, onde verdadeiros artistas executarão as obras primas dos *maestros* antigos e modernos. Cumprir-se-hão tão bellas promessas ?

Como sabeis, formou-se nesta côrte uma associação para montar no theatro de S. Pedro de Alcantara uma companhia italiana de primeira força. Já foram publicadas nesta folha as bases da nova sociedade que intenta levar a effeito aquelle projecto.

No estado em que se acha a nossa scena lyrica, semelhante idéa é um grande beneficio. A nova empreza vem promover uma salutar emulação entre os dous theatros, e destruir o monopolio que até agora tem existido, com grave prejuizo do publico.

Além deste melhoramento, que resulta do simples facto da concorrência, a organização de uma sociedade deste genero pôde trazer muitas vantagens importantes. Os bons espectáculos, o exemplo e a lição de artistas de merito, hão de necessariamente desenvolver entre nós o verdadeiro estudo da musica italiana, e aproveitar muito aos talentos nacionaes que apparecerem.

Se a nova sociedade realisar as suas idéas, se em vez de amostras lyricas nos der verdadeiras operas, ainda continuará a admitir-se a absoluta necessidade de uma subvenção do governo? Ainda haverá empreza desinteressada que receba 120 contos de réis do thesouro para carregar com um *deficit* enorme?

Estes exemplos de philantropia desappareceram infelizmente, porém o governo economisará por anno uma centena de contos, que poderá destinar á construcção de um theatro nacional ou de uma pequena opera, feita pelo modelo dos melhores theatros da Italia e da Allemanha.

A nova empreza tem de lutar com immensas difficuldades; mas se conseguir vence-las, o theatro de S. Pedro de Alcantara virá ater as suas bellas noites, e reunirá no seu pequeno salão a fina flôr da sociedade desta côrte.

Que importa que estas noites custem mais caro?

Todos conhecerão que este augmento de preço é puramente nominal. Uma noite em que além de uma brilhante reunião se tem o prazer de ouvir a verdadeira musica de Rossini, de Verdi e de Bellini, de Donizetti e de Meyerbeer, vale mais do que quatro ou cinco noites de ensaios no Provisorio, onde algumas vezes se canta para os bancos e para os camarotes vazios.

Entretanto cumpre que a sociedade, desprezando os funestos precedentes do nosso theatro, guarde toda a lealdade nos seus empenhos com o publico, e se esforce por manter aquella ordem e regularidade tão necessaria á commodidade dos espectadores, e aos proprios interesses da sociedade.

Assim, os espectáculos devem ter dias certos e determinados na semana, e começarem á horas precisas, nunca exce-

dendo de meia noite. Seria muito util que se estabelecesse tambem o costume de interromper os espectaculos durante os dous ou tres mezes da força do verão. Esta interrupção, cuja vantagem ainda não se comprehendeu entre nós, facilita á empreza o estudo e preparo de novas operas, e dá-lhe tempo de contratar novos artistas na Europa.

Realizando a nova sociedade estas condições, pôde contar da nossa parte com um apoio fraco, mas leal. Ao cantrario se não corresponder ás suas brilhantes promessas ; não se poderá livrar de uma grave censura ; e os nomes que nella se acham empenhados terão de responder ao publico e á imprensa pelos males que possam occasionar ao nosso theatro.

Rio, 14 de Janeiro.

As sociedades em commandita, eis a questão do dia. O abecedario inteiro tem sahido a campo; e cada letra é um novo campeão que desce á liça do combate.

Todas as armas têm sido tomadas. A logica, o estudo profundo do objecto, a dialectica de uma argumentação vigorosa, resaltam nos primeiros artigos, publicados no *Jornal do Commercio*, e assignados por duas iniciaes, que, como todos sabem, denunciam uma das nossas capacidades, um dos espiritos mais bem organizados em materia de jurisprudencia.

Abrangendo a questão n'um ponto de vista largo e profundo, aquelles artigos desenvolveram a questão commanditaria desde a sua verdadeira base até as ultimas consequencias do decreto de 13 de Dezembro de 1850.

Ha poucos dias um dos advogados mais distinctos do nosso fôro nos dizia, á respeito destes artigos, que poderiam ter sido escriptos por elle:—Não é um artigo de jornal, é um tratado.

No *Correio Mercantil* a questão tomou outra face; mas foi habilmente tratada. A penna que defendeu o anno passado o projecto de reforma judiciaria, que se discutia na camara, veiu de novo á imprensa para sustentar o decreto do governo,

com os conhecimentos, com o estylo claro e fluente de que já havia dado provas.

Infelizmente porém a questão não se manteve na altura a que a tinham elevado os dous illustres membros da magistratura e da classe dos advogados.

Insinuações pessoaes, allusões injustas e deslocadas, vieram tomar o lugar de argumentos, e responder aquillo que o direito, a justiça, e os principios de razão haviam estabelecido no desenvolvimento da questão.

Por ora a discussão tem sido unicamente entre as consoantes: as vogaes conservam-se neutras, e esperam talvez o resultado da luta para emittirem com verdadeiro conhecimento de causa, uma opinião conscienciosa.

Se os espiritos graves se preoccupam com esta questão interessante, com as ultimas noticias do Oriente, e com o resultado provavel da nossa guerra do Paraguay, os outros pensam no carnaval, que ahi bate á porta, e que já nos está fazendo figas com todo o seu cortejo de folias e extravagancias.

O carnaval!... Emquanto elle está longe, emquanto elle não vem transtornar o juizo com os seus momos grotescos, e as suas voluptuosas bacchantes, aproveitemos a occasião, e fallemos sério a seu respeito.

Creio que são inteiramente infundados alguns receios que ha, de vêrmos reviver ainda este anno o jogo grosseiro e indecente de entrudo, que por muito tempo fez as delicias de certa gente. Além das boas disposições do publico desta côrte, devemos contar que a policia desenvolverá toda a vigilancia e actividade.

Depois que o Sr. desembargador Siqueira, entre tantos outros beneficios que nos fez, conseguiu extinguir esse antigo costume portuguez, a policia carrega com uma responsabilidade muito maior do que nos annos anteriores. Outr'ora era um uso arraigado com o tempo, e por consequente difficil de extirpar; hoje seria um abuso, que só a negligencia poderia deixar que se renovasse.

Muitas cousas se preparam este anno para os tres dias de carnaval. Uma sociedade creada o anno passado, e que conta já perto de oitenta socios, todos pessoas de boa companhia, deve fazer no domingo a sua *grande promenade* pelas ruas da cidade.

A riqueza e luxo dos trajos, uma banda de musica, as flores, o aspecto original desses grupos alegres, hão de tornar interessante esse passeio dos mascarados, o primeiro que se realisará nesta côrte com toda a ordem e regularidade.

Quando se concluir a obra da rua do Cano, poderemos então imitar, ainda mesmo de longe, as bellas tardes do *Corso* em Roma.

Entretanto a sociedade teve já este anno uma boa lembrança. Na tarde de segunda-feira, em vez do passeio pelas ruas da cidade, os mascarados se reunirão no Passeio Publico, e ali passarão a tarde, como se passa uma tarde de carnaval na Italia, distribuindo flores, *confetti*, e intrigando os conhecidos e amigos.

Naturalmente, logo que a autoridade competente souber disto, ordenará que a banda de musica que costuma tocar ao domingo, guarde-se para a segunda, e que em vez de uma sejam duas ou tres.

Confesso que esta idéa me sorri. Uma especie de baile mascarado, ás ultimas horas do dia, á fresca da tarde, n'um bello vasto terraço, com todo o desafio, deve ser encantador.

O que resta é que as nossas patricias, todas mimosas e aristocraticas como são, não se deixem levar de velhos prejuizos, e continuem a temer a simples vista de um mascarado como de uma cousa perigosa.

Todos os membros da sociedade são pessoas delicadas e do mais fino trato:—e por conseguinte podem ter certeza que quaesquer palavras, qualquer galanteria, não serão capazes de offender nem sequer uma susceptibilidade.

Assim pois cessem estes escrupulos. Quando vos offerecem com tanta amabilidade uma bella occasião de gosar de algumas horas de prazer, não está bem da vossa parte uma recusa

e um completo desdem. Ao contrario, mostrai que lhe dais algum apreço, porque isto nos animará a fazer uma outra cousa que ainda está em muito segredo, mas que eu vos conto em *confidenzza*, com a condição de que ficará entre nós unicamente.

Lembraram-se alguns amigos, a conversar a respeito do carnaval, que era possível dar-se um baile de mascaras no qual vós podesseis tomar parte, e não ser simples espectadoras, como nos theatros.

Querem vêr que já estaes a fazer algum muchocho de desdem, e a pensar que todos os annos se falla nisto, e que nunca se chega a effectuar? Paciencia! Tanto se ha de fallar que um dia a cousa se ha de realisar. Mas vale tarde do que nunca.

Entretanto supponde que a directoria do Cassino toma a peito esta idéa, e que com os mesmos socios do Cassino, e com algumas outras pessoas approvadas por ella, fôrma uma nova sociedade filial para dar todos os annos um baile mascarado, começando por este carnaval.

Feito isto, ainda duvidareis do bom exito da nossa lembrança? Estou certo que não. Vós conheceis os directores do Cassino, e vos lembrais dos bailes magnificos que nos tem dado o seu amavel presidente. Assim pois a difficuldade está em convencê-lo. Pedi-lhe:— e não se me dá de apostar que é cousa feita.

Como já deveis estar aborrecidas da prosa chã e rasteira deste artigo, dou-vos uns lindos versinhos que li n'um album um destes dias. Se os quereis achar ainda mais bonitos do que elles realmente são, supponde que vos foram dedicados.

.
.

Rio, 21 de Janeiro.

.....
Sexta-feira, era tarde da noite. Pensava, não me lembra a que proposito.

Se ha cousa que dê azas ao pensamento, que solte o vôo á fantasia, é uma dessas mudas contemplações pelo silencio da noite, quando n'um momento de tedio o espirito se revolta contra as miserias do presente, e procura além, no futuro, ou nos tempos que passaram um novo elemento de força e de actividade.

A imaginação se lança no espaço, percorre mundos desconhecidos, atravessa o tempo e a distancia, e vai muitas vezes acordar os écos do passado, revolver as cinzas das gerações extinctas, ou contemplar as ruinas de uma cidade opulenta, de um vasto imperio abatido.

A historia se desenha então como um grande monumento. Ao volver-lhe as paginas, volvem-se os seculos. Os annos correm por minutos. As raças, que desappareceram da face da terra, se levantam do pó, e passam como sombras fugitivas. Cada folha do grande livro, é o berço de um povo, ou o tumulo de uma religião,—um episodio na vida da humanidade.

Era tarde da noite.

Ao redor tudo estava tranquillo. A cidade dormia ; o silencio pairava nos ares. Apenas algumas luzes suspensas na frente de uma ou outra casa e perdidas no clarão do gaz, faziam reviver do esquecimento uma grande recordação da nossa historia.

Havia apenas vinte dias que começára o novo anno ; e esses dias que agora corriam tão calmos e tranquilllos, ha mais de tres seculos passavam e repassavam sobre esta cidade ador-meçada, deixando-lhe sempre uma data memoravel, escrevendo-lhe o periodo mais brilhante dos seus annaes.

O tempo, por uma coincidencia notavel, parece ter confiado ao mez de Janeiro os maiores acontecimentos, os destinos mesmos desta grande cidade que d'elle recebeu o seu nome,— que com elle surgiu do seio dos mares aos olhos dos navegantes portuguezes,—e nelle recebeu o primeiro influxo da civilisação e ergueu-se das entranhas da terra para um dia talvez vir á ser a rainha da America.

E todas essas recordações se traçavam no meu espirito vivas e brilhantes. As sombras se animavam, os mortos se erguiam, o passado renascia.

Aquella massa negra da cidade que se destacava no meio da escuridão da noite, levantava-se aos meus olhos como um pedestal gigantesco, onde de momento á momento vinha collocar-se uma grande figura da nossa historia, que se dezenhava no fundo luminoso de um quadro fantastico.

Era uma visão como o sonho de Byron, como a scena da gruta no Mackbeth de Shakspeare.

Vi ao longe os mares que se alisavam, as montanhas que se erguiam, as florestas virgens que se balouçavam ao sopro da aragem, sob um céu limpido e sereno.

Tudo estava deserto. A obra de Deus não tinha ainda sido tocada pela mão dos homens. Apenas a piroga do indio cortava as ondas, e a cabana selvagem suspendia-se na escarpa da montanha.

A bella virgem do Guanabara dormia ainda no seio desta natureza rica e magestosa, como uma fada encantada por algum condão das lendas de nossos paes.

A aurora de um novo anno—de 1531—surgia d'entre as aguas, e começava a illuminar esta terra inculta. Algumas velas brancas singravam ao longe sobre o vasto estendal dos mares.

Passou um momento. A figura de *Martim Affonso* destacou-se em relevo no fundo desta scena brilhante, e tudo appareceu como um sonho que era.

Mas um novo quadro se dezenhou no meu espirito.

No meio de um povo em lagrimas, ergue-se o vulto imponente de um fidalgo portuguez. Sua vida lia-se no distico gravado sob o pedestal em letras de ouro.

*Arte regit populos, bello præcepta ministrat ;
Mavortem cernis milite, pace Numam.*

Ergueu-se. Era o *conde de Bobadella*. Contemplou um instante esta cidade que havia governado vinte e nove annos e cinco mezes, esta cidade que tinha aformoseado e engrandecido. Depois deitou-se no seu tumulto e passou. Um grande prestito funebre o seguiu.

Novo quadro ainda se dezenhou no meu espirito.

Vi um combate naval. Vi o assalto de uma fortaleza,—de Villegaignon. A fumaça envolve os combatentes : ronca a artilharia ; a flexa vôa com o pelouro ; a piroga do selvagem lança-se no ataque.

Um cavalheiro desconhecido atira-se ao mais forte da peleja, e anima os combatentes Portuguezes. Seu corpo é invulneravel, suas palavras excitam o enthusiasmo e a coragem. Dir-se-hia que uma auréola cinge a sua bella cabeça.

Mas longe o general Portuguez expira, e seus soldados redobram de esforço e de valor para vingar a sua morte, e para ganhar enfim uma victoria tão valentemente disputada pelos Francezes.

Terminou o combate.—Aquelle soldado que com a ponta de sua espada ainda tinta do sangue do inimigo, traça sobre

o campo da batalha a planta de uma nova cidade—é *Estacio de Sá*, o fundador do Rio de Janeiro.

A pequena colonia começou a estender-se pelas ribeiras da bahia, e cresceu no meio dessa terra cheia de força e de vigor. De simples governo passou a vice-reinado; depois á capital de um reino unido; e por fim tornou-se a côrte de um grande Imperio.

Mas que vulto é este que assoma no meio do entusiasmo e da exaltação patriótica do povo agradecido? Não tem ainda a corôa, nem o manto; mas ha nelle o typo de um grande imperador, de um herôe.

E' *D. Pedro I*, que em resposta a representação do senado da camara, e do povo da cidade, profere essa palavra memoravel, que decidiu do futuro do Brazil, e que firmando as primeiras bases da nossa independencia politica, concorreu igualmente para elevar o Rio de Janeiro a capital do novo Imperio.

Contemplei por muito tempo, tomado de santo respeito, esse typo sympathico de um monarcha cavalheiro, que deixou na nossa historia os mais brilhantes traços da sua vida.

Lançando os olhos sobre esta cidade, que elle tanto amára seu rosto expandiu-se. Viu o commercio e a industria florescerem, creando esses grandes capitaes que alimentam as empresas uteis para o paiz. Viu o amor e a dedicação nos degrãos daquelle throno em que se sentára. Viu por toda a parte a paz e a prosperidade.

Volveu ainda um ultimo olhar; e sumiu-se de novo nas sombras do passado.

.

O que acabais de ler é uma pagina perdida, é uma folha arrancada a um livro desconhecido, que talvez daqui a algum tempo vos passará pelos olhos, se não tiver o destino de tantos outros, que antes de nascidos, vão morrer entre as chammas.

A historia do Rio de Janeiro tem algumas paginas, como essa, tão bellas, tão poeticas, que as vezes dá tentações de

arranca-las das velhas chronicas, onde jazem esquecidas, para orna-las com algumas flôres deste tempo.

Hoje não apparecem mais desses factos brilhantes de coragem e heroismo. A época mudou: aos feitos de armas succederam as conquistas da civilisação e da industria. O commercio se desenvolve: o espirito de empreza servindo-se dos grandes capitaes e das pequenas fortunas promove o engrandecimento do paiz, e prepara um futuro cheio de riqueza e de prosperidade.

Ide á Praça. Vereis que agitação, que actividade espantosa preside as transacções mercantis, ás operações de credito, e sobretudo as negociações sobre os fundos de diversas emprezas. Todo o mundo quer acções de companhias; quem as tem vende-as, quem não as tem compra-as. As cotações variam á cada momento, e sempre apresentando uma nova alta no preço.

Não se conversa sobre outra cousa. Os agiotas farejam a creação de uma nova companhia; os especuladores estudam profundamente a idéa de alguma empreza gigantesca. Emfim hoje já não se pensa em casamento rico, nem em sinecuras; assignam-se acções, vendem-se antes das prestações e ganha-se dinheiro por ter tido o trabalho de escrever o seu nome.

Este espirito de empreza, e esta actividade commercial promettem sem duvida alguma grandes resultados para o paiz; porém, é necessario que o governo saiba dirigi-lo e applica-lo convenientemente; do contrario em vez de beneficios, teremos de soffrer males incalculaveis.

E' preciso não conceder autorisação para incorporação de companhias que não revertam em bem do paiz, que não tenham todas as condições de bom exito. Não procedendo desta maneira se falseará o espirito da lei e a natureza das sociedades anonimas, e se perderá indubitavelmente o concurso deste poderoso elemento de riqueza e de engrandecimento.

Companhias, que, como algumas que já existem, não forem creadas no pensamento de uma necessidade publica, ou de uma grande vantagem do paiz, não só esgotarão os capitaes que podem servir para outras obras de maior alcance, como des-

acreditarão o espirito de empreza desde que, como é natural, os seus lucros não corresponderem ás esperanças do commercio.

Cumpra tambem—já que fallamos em companhias,— que o governo trate de examinar se algumas emprezas privilegiadas, que existem nesta côrte, principalmente sobre navegação do costeiro, têm satisfeito as condições de sua incorporação. Falla-se em tantos abusos, em tantas negligencias, que é provavel haver um fundo de verdade nas exagerações que costumam envolver certas censuras.

E sobre isto me parece que é tempo de quebrar-se esse circulo de ferro do exclusivismo e do monopolio, que tanto mal começa a fazer a nossa navegação de costeiro. O privilegio é um agente aproveitavel nos paizes novos; mas convem que seja empregado com muita reserva, e unicamente no periodo em que a industria que se quer proteger ainda não tem o desenvolvimento necessario.

Actualmente que nos nossos estaleiros, e na *Ponta da Areia*, já se constroem tantos vapores proprios para a navegação do interior, qual é a vantagem que resulta das emprezas privilegiadas? Não é isto matar a concurrencia, e impedir que uma industria util se desenvolva e se aperfeiçõe?

Repetimos. O governo deve examinar escrupulosamente este objecto; e não só abster-se de conceder incorporações de companhias privilegiadas desta natureza, como desautorisar na fórmula do codigo commercial a existencia daquellas que não tiverem cumprido as condições da sua organização.

E' porque desejamos unicamente o bem do paiz, que tememos esses desvios no espirito de empreza que se está desenvolvendo tão poderosamente no Imperio, e sobretudo na praça do Rio de Janeiro.

Entretanto ha algumas companhias, como por exemplo a da rua do Câno, que se encorporou ultimamente com o nome de *Reformadora*, a qual deve merecer do governo toda a protecção, por isso que para o futuro ella pôde vir a realizar grandes melhoramentos urbanos, e crear um systema da architect-

tura de casa muito necessario ao aformoseamento da cidade, e a hygiene publica.

E' inconveniente porém a demora que tem havido no regulamento da companhia, principalmente apparecendo na praça algumas apprehensões (que julgo infundadas) á respeito de condições rigorosas que se suppõe seriam impostas á sociedade. O objecto me parece maduramente estudado, esclarecido por uma luminosa discussão nas camaras, e pelos planos e dados estatisticos colligidos na municipalidade pelo dr. Haddock Lobo. Não enxergamos pois uma razão plausivel para essa tardança do regulamento, aliás tão prejudicial ao publico e aos proprietarios da rua do Câno.

Depois da empresa *Reformadora*, organisou-se a companhia de colonisação Agricola do *Rio Novo*, com um capital de quinhentos contos de réis, representado por 2,500 acções. Foi o major Caetano Dias da Silva, fazendeiro na provincia do Espirito-Santo, municipio de Itapemirim, quem teve a idéa da creação desta sociedade.

A importancia do seu objecto, a intelligencia e a longa pratica do seu director, junta a fertilidade, á um clima salubre e á facilidade de communicações com as grandes praças de commercio, asseguram á esta companhia grandes vantagens, que reverterão todas em proveito do paiz, e particularmente da provincia do Espirito-Santo.

A colonisação para um povo novo e de vasto territorio, como o nosso, é a primeira condição de riqueza e de engrandecimento. O estrangeiro que procura o nosso paiz, não nos traz unicamente braços e forças para o trabalho material; não é sómente um numero de mais que se augmenta ao recenseamento da população.

E' uma intelligencia pratica que melhora a industria do paiz e um grande elemento de actividade, que desinvolve as forças productivas da terra; é finalmente uma nova seiva que vigora, uma nova raça que vem identificar-se com a raça antiga, aperfeiçoando-se uma pela outra. O nosso governo tem comprehendido o grande alcance da colonisação, e o que é mais, tem se empenhado em promovê-la efficazmente.

Depois que o Sr. Conselheiro Euzebio de Queiroz travou a ultima luta contra o trafico, e conseguiu esmagar essa hydra de *Lerna* cujas cabeças renasciam do seu proprio sangue, o nosso governo tratou de aproveitar o favoravel ensejo que lhe offerecia a crise proveniente da deficiencia dos braços para a agricultura.

Começou-se então a olhar com mais attenção para as nossas pequenas colonias do Sul; e animou-se a *Sociedade Hamburgo* á qual devemos neste ponto grandes serviços pela exactidão com que tem cumprido as suas obrigações e pelo zelo com que constantemente na Allemanha defende a nossa causa, contra os ridiculos inventos de alguns detractores.

Consta-nos agora que o nosso governo acaba de tomar suas medidas que são da maior importancia para o futuro da colonisação.

A 1ª é a autorisação mandada ao nosso ministro em Londres afim de promover a emigração de Chins para o Brazil, segundo as bases e instrucções que já lhe foram remettidas. Os bons resultados que se têm conseguido desta emigração nas colônias inglezas e n'alguns logares d'America Meridional, nos deve dar boas esperanças para a nossa cultura do chá e do café.

A outra deliberação do governo, que nos consta, que se deduz de alguns actos ultimamente praticados—é a da subvenção de 30\$000 concedida por cada colono maior de dez annos e menor de 45, honesto e lavrador, sendo estabelecidos em colonias ou fazendas pertencentes a empresas agricolas. O governo reservou-se muito prudentemente de julgar destas condições, e de apreciar por si as circumstancias em que convem conceder o favor.

Esta medida inquestionavelmente é um poderoso auxilio para as companhias agricolas, ao mesmo tempo que corta certas empresas mercantis muito prejudiciaes, e que previne de alguma maneira a introduccão de colonos que não tenham boa moral e uma vida honesta.

Depois destas rapidas observações, creio que se pôde dizer com toda a franqueza de uma opinião sincera, que o governo

cumpriu o seu dever e faz mais do que se podia exigir dos poucos recursos de que dispõe.

Estamos porém em tempo de tratar não de pequenas colónias, mas de uma colonisação em vasta escala, de uma emigração regular que todos os annos venha augmentar a nossa população.

O governo pois que chame a attenção do corpo legislativo sobre este assumpto e que inicie um projecto de lei, no qual se adoptem as medidas tomadas pelos Estados-Unidos para promover a emigração. Eu lembraria neste caso a conveniencia de limitar os favores concedidos unicamente áquellas nações, cuja população desejariamos chamar ao nosso paiz.

Não temos nada a invejar á America Ingleza em recursos naturaes, em fertilidade do solo, em elementos de riqueza. O nosso clima é mais salubre; desde o sul ao norte temos no alto das nossas serras uma temperatura quasi européa. Como paiz ainda inculto offerecemos muito maior interesse ao colono agricola que quizer explorar a terra.

Porque razão pois não havemos de ter a mesma emigração?

Porque temos ciume do estrangeiro, porque guardamos como um avaro este titulo de cidadão Brasileiro, e o consideramos como uma especie de quinhão hereditario que se amesquinha á proporção que se divide. E' por isso que vemos no estrangeiro um intruso, um herdeiro bastardo, que nos quer disputar a herança paterna, isto é, os empregos, os cargos eleitoraes, e as sinecuras.

Sacrifiquemos esses prejuizos ao interesse publico, e pensemos ao contrario que é levando por toda a parte este titulo de cidadão Brasileiro, que é recebendo na nossa communhão todos os irmãos que nos estendem a mão, que um dia faremos aquelle nome grande e poderoso, respeitado da Europa e do mundo.

Voltai! Voltai depressa esta folha, minha mimosa leitora! São cousas sérias que não vos interessam. Não lestes?... Ah! fizestes bem!

Com effeito, que vos importa a vós estas especies de companhias, se tendes as vossas a noite, junto do piano, a ensaiar com alguma amiga um bello trecho de musica, a cantar alguma aria, algum dueto do Trovador? Que vos importa nestes momentos saber o que vai algures, se as acções baixam, ou se uma pobre cabeça atordoada de pensar já não pôde de tanto que lhe *corre a penna*?

Era melhor que tivesse tomado a boa resolução de ir fazer um giro pelo Passeio Publico e vêr os.....

A acceitação dessa e de outras idéas que temos lembrado nos anima ainda a dizer alguma cousa sobre os melhoramentos do Passeio Publico principalmente quando o Sr. ministro do Imperio, como homem do bom gosto que é, se tem mostrado tão desejoso de embelesar este logar, e torna-lo um agradável ponto de reunião.

Para isso a 1ª cousa a fazer é o aceio e a limpeza. As arvores ainda estão muito maltratadas; os dous tanques natu-raes sobre os quaes se elevam as duas agulhas de pedra, estão tão bem fingidos que são natu-raes de mais; pelo menos têm lodo e limo como qualquer charneca de pantano. A arte deve imitar a natureza, mas nem tanto. Ha tambem uma palhoça a um dos lados do passeio, que a não estar ali como cousa exotica, não lhe comprehendo a utilidade. Não digo que a deitem ábaixo como uma *parasyta*: mas é bom cuidar em fazê-la seguir o destino das cousas velhas e feias.

Outro dia me disseram que o Sr. Conselheiro Pedreira tencionava renovar as grades das alamedas, e substituir o muro exterior por gradêados de ferro para o que já se havia feito o orçamento.

A 1ª idéa é muito acertada; todos sentem a necessidade, e nós mesmos já a lembramos. Quanto á 2ª, não acreditamos. E' impossivel que o Sr. ministro do Imperio tenha tido esta lembrança. Para que servem nos jardins as grades exteriores? Para descobrir a belleza das alamedas e abrir um lanço de vista agradável.

No 1º Passeio Publico porém, servirão para mostrar arvores velhas, ruas estragadas e finalmente o tal Nestor das casinhas

velhas de que já fallamos. Tratemos pois primeiro do interior, e façamos de.....

Assim parece-nos que seria muito agradável e muito facil fazer correr veias de agua limpida ao longo das alamedas, e construir-se nos quadros alguns repuxos e *jets d'eau*....

Ai! lá me cabiu a palavra do bico da penna. Nada; vamos tratar de nacionalisar a lingua; um correspondente do *Correio Mercantil* de segunda-feira reclama de nós este importante serviço.

Mas que quer dizer nacionalisar a lingua portugueza? Será mistura-la com a Tupy? Ou será dizer em portuguez aquillo que é intraduzivel, e que tem um cunho particular nas linguas estrangeiras?

Ha de ser isso. Mãos á obra. Daqui em diante, em vez de se dizer passeei n'um *coupé*, se dirá andei n'um *cortado*. Um homem incumbirá a algum sugeito que lhe compre *entradas*, e elle lhe trará bilhetes de theatro em vez de *étrennes*. E assim tudo o mais.

Quanto a termos de theatro, fica prohibido o uso das palavrinhas italianas, porque emfim é preciso nacionalisar a lingua.

E é bom que os *dilettanti* (perdão—amantes de musica) fiquem desde já prevenidos disto porque breve parece que vamos ter uma excellente companhia.

A nova empreza de que vos fallei ha quinze dias organisou-se e nomeou a sua directoria. Pelo *Maria 2.^a*, partem para a Europa duas pessoas encarregadas de contratar os artistas necessarios, entre os quaes virão quatro primeiras partes, escolhidas no que houver de mais notavel na Europa. Levam ordem de offerecer honorarios dignos das melhores reputações européas, e capazes de..... (1)

A empreza pôde já contar com 2:500\$000 por noite, de assignaturas tomadas até hoje; e espera augmentar esta somma. A primeira estação de quarenta recitas começará a 12 de Julho deste anno e terminará a 12 de Dezembro de 1856.

(1) Esta bem como as duas anteriores linhas de pontos não se acham no original, nestes lugares da nossa copia illegiveis.

Basta. Vamos agora desfolhar algumas flôres, e derramar uma lagrima de saudade sobre a lousa de um grande poeta.

Emquanto seus irmãos na inspiração e na poesia vão acordar os ecos da morte com um cantico sentido, seja-me permitido á mim, humilde prosador, misturar um goivo ás flôres perfumadas da saudade, e derramar uma lagrima sobre o fogo sagrado.

A beira desse tumulto onde repousa o poeta dos grandes amores, das paixões ardentes, o poeta do coração, talvez que venha pender uma cabeça pallida, e que os ecos da tarde murmurem ás brizas, que passarem aquella endeixa repassada de tanta magua :

*Correi sobre estas flôres desmaiadas
Lagrimas tristes minhas, orvalhai-as
Que a aridez do sepulchro as tem seccado.*

Mas erguei os olhos! Nesses versos que ahí vêdes, é um irmão que falla. Silencio pois! Deixemos ao poeta dizer as saudades da poesia. Lêde a bella poesia do Sr. Andrada Machado sobre a morte de Garrett.

AL.

A' MORTE DO INSIGNE POETA PORTUGUEZ VISCONDE DE

ALMEIDA GARRETT

Morrer ! Porqu'extinguir-se assim tão rapida
A centelha vivaz que allumiava
Por entre os véos da noite a turba varia ?
Morrer ! e além perder-se fenecida
A fronte poderosa que abrigava
A vontade de Deus !—Nem mais seus olhos
Lerão nos astros a marcada rota
Que o mundo ha de seguir.

De Lysia a musa,—joelho em terra,—para
Junto da campa que entre a noite alveja !—
Treme-lhe o corpo, como sacudido

Por ventania rija, e os olhos turvos
Em vão se esforçam por verter um pranto—
Consolo que lhe adoce a dôr cruenta.—
E as lagrimas enxutas se derramam
Por sobre a face em convulsivos traços
Do sangue coagulado que nas veias
De subito estancou.

Que maldição, Senhor, açouta o seculo !
A morte hedionda, entrechocando os ossos,
Tripudia de júbilo espreitando
A victima infeliz. Seu peito cavo
Anceia de alegria.—Os que mais alto
Erguem a fronte refulgindo glorias
Decrepita manceba—ella os escolhe ;
E tenta remoçar o amor adusto,
Chupando o sangue que mais puro gyra
Em coração de homem.

E assim de um só impeto se apaga
Uma vida que rútila brilhára,
Seus raios desferindo á acalentarem
Com seu almo calor as mãos do povo !
E assim resvala no soidão perdida
A voz que decantára em lyra d'oiro,
Com coração pungido de amarguras,
A cruenta desgraça do poeta
Que morreu com a patria.

Oh ! que sina tão negra a do poeta !
Escolhido da dôr—perlustra a vida,
Rasgando o seio que a desgraça opprime,
A derramar nos cantos inspirados
Essa de vida seiva tão possante
Que prodigo o offerece ás multidões.
E por troco o soffrer angustiado
Do maldito de Deus que vaga incerto
No caminhar continuo.

Nenhum consolo — sobre a terra ao pobre !
E quando era sentado sobre o marco
Pendoada a frente á descantar ás auras
A dulcia ineffavel de seu seio—
A morte lhe interrompe o canto suave,
Que elle vai terminar na eternidade
Junto ao throno de Deus.

Que placido repouse nas alturas—
No remanso da paz—entre os archanjos,
Que em seus braços o acolhem pressurosos
E unindo sua lyra em nota amena
As harpas divinaes—ufano entõe
Os hymnos do Senhor.

Feliz—despiu a tunica póenta
E se prostrado jaz—na loisa frigida
Entanguido seu corpo pela morte,
Eternos viverão seus divos cantos,
Que não ha esquecer obras que o genio
Com seu sôpro inspirou.

ANTONIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADA MACHADO.

Rio, 25 de Fevereiro.

Foi-se o carnaval. Passou como um turbilhão, como sabbat de feiticeiras, ou como um galope infernal.

Nesses tres dias de frenesi e delirio a razão fugiu espavorida, e a loucura, qual novo *Mazaniello*, empunhou o sceptro da realleza.

Ninguem escapou ao prestigio fascinador desse demonio irresistivel : cabeças louras, grisalhas, encanecidas,—tudo ce-deu á tentação.

Entre as amplas dobras do dominó se disfarçava tanto o corpinho gentil de uma moça travessa, como o porte grave de algum velho titular, que o espirito remoçava.

Dizem até que a politica,—essa dama sisuda e pretenciosa—se envolveu um momento nas intrigas do carnaval, e descreveu no salão uma *parabola* que ninguem talvez percebeu.

Deixemos porém dormir no fundo do nosso tinteiro esses altos mysterios que se escapam á penna do folhetinista. Já não estamos no carnaval, tempo de livre pensamento,—tempo em que se póde tudo dizer,— em que é de bom gosto intrigar os amigos e as pessoas que se estimam.

Agora que as mascaras cahiram, que desapareceu o disfarce os amigos se encontram, trocam um affectuoso aperto de

mão, e riem-se dos dissabores que causaram mutuamente uns aos outros.

O nosso collega do *Jornal do Commercio*, que se disfarçou com tres iniciaes que lhe não pertenciam, comprehende bem essas immunidades do carnaval.

Hoje, que o reconhecemos, não é preciso explicações : elle tem razões de sobra para acreditar que sinceramente estimamos o seu valioso auxilio na realisação de uma idéa de grande utilidade para o paiz.

Nunca desejamos o monopolio ; ao contrario teriamos motivos de nos felicitar, se vissemos geralmente adoptada pela imprensa do nosso paiz uma tentativa, um ensaio de publicação, cuja falta era por todos sentida.

Quando deixamos cahir do bico da penna um ligeiro remoque á publicação do collega, não era que temessemos uma imitação ; não era porque receiassemos uma emulação proveitosa entre os dous mais importantes órgãos da imprensa da côrte.

Esta luta,—mantida com toda a lisura e toda lealdade,— nós a desejamos em bem do paiz, embora nos faltem os recursos para sustenta-la com vantagem. E' della, é do calor da discussão, do choque das idéas, que têm nascido e que hão de nascer todos os progressos do jornalismo brasileiro.

O que nós receiavamos era a reproducção de uma dessas lutas mesquinhas, indignas de nós ambos, e das quaes a historia da nossa imprensa apresenta tão tristes exemplos. Era um desses manejos improprios de jornalistas, e aos quaes o mecanismo complicado da nossa administração tanto favorece. Era emfim uma representação dessa ridicula farça de *publicidade* tão em voga nas nossas secretarias, nas quaes se dão por favor as cópias dos actos officiaes ao jornal que quer fazer um favor publicando-as.

Temiamos uma luta desta natureza, porque não estamos ainda affeitos á chicana ; porque do momento em que ella se tornasse necessaria, seriamos forçados á abandonar uma idéa, pela qual trabalhamos com todo o amor que nos inspira a nossa profissão.

E' tempo porém de voltarmos ao carnaval, que preoccupou os espiritos durante toda a semana, e deu materia larga ás conversas dos ultimos dias.

Entre todos os festejos que tiveram lugar este anno cabe o primeiro lugar á sociedade—*Congresso das Summidades Carnavalescas*,—que desempenhou perfeitamente o seu programma, e excedeu mesmo a expectativa geral.

No domingo fez esta sociedade o seu projectado passeio pelas ruas da cidade com a melhor ordem; foi geralmente recebida nos lugares por onde passou com flores e *bouquets* lançados pelas mãosinhas mimosas das nossas patricias, que se debruçavam graciosamente nas janellas para descobrirem entre a mascara um rosto conhecido, ou para ouvirem algum dito espirituoso atirado de passagem.

Todos os mascaras trajavam com riqueza e elegancia. Alguns excitavam a attenção pela originalidade do *costume*; outros pela graça e pelo bom gosto do vestuario.

Nostradamus,—uma das mais felizes idéas deste carnaval,—com o seu longo telescopio examinava as estrellas,—mas erão estrellas da terra. Um *Merveilleux* dandynava-se na sua carruagem repetindo á cada momento o seu *c'est admirable!* quando a cousa mais incrível deste mundo é a existencia de um semelhante typo da revolução franceza,

Luiz XIII, livre do cardeal de Richelieu, tinha ao lado uma *Bayadère*, e parecia não dar fé do seu rival *Lord Buckingham* que o seguia a cavallo no meio de um bando de cavalleiros ricamente vestidos.

Esquecia-me dizer que ao lado do *Merveilleux* ia um *Titi* de marinha, que atirava *conchetti* em vez de *confetti*. Era o mais facil de conhecer, porque a mascara dizia o que elle seria se as moças que o olhavam fossem cordeirinhos.

Em uma das carruagens iam de companhia *Themistocles*, *Soulouque*, *Benevenuto Cellini*, *Gonzalo-Gonzales*, quatro personagens que nunca pensaram se encontrar neste mundo, e fazerem tão boa amisade.

Se fosse possivel que *Themistocles* e *Benevenuto Cellini* passassem esta tarde por uma das ruas por onde seguiu o

prestito, estou persuadido que o artista Florentino crearia uma nova *Hebe* mais linda que a de Canova; e que o general antigo rasgaria da historia a pagina brilhante da batalha de Salamina por um só desses sorrisos fugitivos que brincam um momento n'uma boquinha mimosa que eu vi, e que apenas roçam os labios como um sopro d'aragem quando affaga o seio de uma rosa que se desfolha.

Quanto a *Van-Dick*—que seguia-se logo após—este quebraria o seu pincel de mestre, desesperado por não achar na sua palheta essas côres suaves e assetinadas, essas linhas puras, esses toques sublimes que o genio comprehende, mas que não pôde imitar.

Eram tantos os mascarados e os trajos ricos que se apresentaram, que me é impossivel lembrar de todos; talvez que aquelles que agora esqueço sejam os mais geralmente lembrados; e portanto está feita a compensação.

Como foi este o primeiro ensaio da sociedade, de proposito evitamos fazer antes algumas observações á respeito do seu programma, com receio de occasionar, ainda que involuntariamente, difficuldades e embaraços á realização de suas idéas. Hoje porém essas reflexões são necessarias, afim que não se dêem para o futuro os inconvenientes que houve este anno.

O entrudo está completamente extinto; e o gosto pelos passeios de mascarados tomou este anno um grande desenvolvimento. Além do *Congresso*, muitos outros grupos interessantes percorreram diversas ruas, e reuniram-se no Passeio Publico, que durante os tres dias esteve litteralmente apinhado.

Entretanto, como os grupos seguiam diversas direcções, não foi possivel gozar-se bem do divertimento; não se sabia mesmo qual seria o lugar, as ruas, donde melhor se poderia apreciar-o.

Afim de evitar esse dissabor, a policia deve no anno seguinte designar com anticipação o circulo que podem percorrer os mascarados, escolhendo de preferencia as ruas mais largas e espaçosas, e fazendo-as preparar convenientemente para facilidade do transitio.

Desta maneira toda a população concorrerá para aquelles pontos determinados: as famílias procurarão as casas do seu conhecimento; os leões arruarão pelos passeios; e o divertimento, concentrando-se, tomará mais calor e animação.

Tomem-se estas medidas, preparem-se as ruas com todo o esmero, e não me admirarei nada se no carnaval seguinte apparecerem pelas janellas e sacadas grupos de moças disfarçadas, intrigando tambem por sua vez os mascarados que passarem, e que ficarão desapontados não podendo conhecer atravéz de um *loup* preto o rostinho que os obrigou a todas estas loucuras.

Se o Sr. desembargador chefe de policia entender que deve tomar essas providencias, achamos conveniente que trate quanto antes de publicar um regulamento neste sentido, designando as ruas por onde podem circular os mascarados, e estabelecendo as medidas necessarias para a boa ordem e para a manutenção da tranquillidade publica.

Estas ultimas medidas são facéis de prescrever, quando se tem um povo socegado e pacifico, respeitador das leis e da autoridade, como é o desta côrte. Nestes tres dias que passaram o divertimento e a animação foi geral; e entretanto n'uma população de mais de trezentas mil almas não tivemos um só desastre á lamentar. Exemplos como estes são bem raros, e fazem honra á população desta cidade.

Na terça-feira sobretudo houve no Passeio Publico uma concurrencia extraordinaria. Grande parte das *Summidades Carnavalescas*, ahí se achavam; e a curiosidade publica não se cançava de vê-los, a elles e a muitos outros mascarados que tambem tinham concorrido ao *rendez-vous* geral deste dia.

A' oito horas da noite o theatro de S. Pedro abriu os seus salões, nos quaes por volta de meia noite passejavam, saltavam, gritavam ou conversavam perto de cinco mil pessoas: era um pandemonio, uma cousa sobrenatural, uma allucinação fantastica no meio da qual se viam passar figuras de todas as côres, de todos os feitios, e todos os tamanhos.

Muitas vezes julgarieis estar nos jardins do propheta, vendo brilhar entre a mascara os olhos negros de uma *hourí*, ou

sentindo o perfume delicioso que se exhalava de um corpinho de *lutrín* que fugia ligeiramente.

Foi n'uma dessas vezes que, ao voltar-me, esbarrei face a face com *Lord Raglan*, que acabava de chegar da Criméa, e que deu-me algumas balas, não das que costuma dar aos Russos; eram de estalo. Conversamos muito tempo; e o nobre lord deixou-me para voltar de novo á Criméa, onde naturalmente não deram pela sua escapula.

A' meia noite em ponto serviu-se no salão da quarta ordem uma bella ceia que o *Congresso* offereceu aos seus convidados e socios. A mesa estava brilhantemente preparada; e no meio das luzes, das flôres, das moças que a cercavam e dos elegantes trajés de phantasia dos socios,—apresentava um aspecto magnifico, um quadro fascinador.

Bem queria vos dizer todas as loucuras deste ultimo baile até as derradeiras arcadas do galope infernal; mas na quarta-feira de cinza esqueci tudo, como manda a religião. Por isso ficais privados de muita chronica interessante, de muito segredo que soube naquella noite, mas de que já não me lembro.

Rio, 4 de Março.

A noticia da tomada de Sebastopol, a abertura das academias, a representação da *Linda de Chamounix*, duas procissões de quaresma, e a chuvinha aborrecida de todas as tardes, —são os factos mais importantes da semana.

Resta saber, entre tanta cousa interessante, por qual dellas começaremos.

Pela noticia da Criméa, ou antes da Bahia,—não. Estou pouco disposto hoje a fazer conjecturas e supposições sobre a probabilidade deste facto.

Pelas procissões,—ainda menos. A chuva declarou-lhes guerra este anno ; e os anginhos, com receio do tempo, encolheram as azas, e não desceram do céu onde habitam.

Ora, para mim, procissões, sem *anginhos* é cousa que se não pôde vêr. Os outros pensarão o contrario : estão no seu direito ; cada um é livre de ter máo gosto.

Deixando pois de parte as procissões, não ha remedio senão irmo-nos sentar n'alguma das cadeiras do Theatro Lyrico, e passar tres ou quatro horas bem agradaveis a ver a *Linda de Chamounix*, ou qualquer outra *linda* mesmo aqui da nossa bella terra.

O primeiro acto é uma musica simples e encantadora, que traduz as impressões da vida tranquilla da aldéa, e que

termina com o bello duetto do baixo e do barytono, e com a despedida de LINDA.

Esperemos porem pelo segundo acto ; deixemos passar algumas scenas comicas ; cheguemos ao momento terrivel em que a palavra de maldição expira nos labios paternaes. LINDA, —a pobresinha innocente,—a menina illudida,—que se ajoelhára para implorar o perdão,—ergue-se louca.

Vêde como lutam naquelle espirito desvairado as recordações alegres de um bello tempo, com a lembrança tremenda da maldição paterna, e com a ameaça terrivel da colera celestes.

De repente esta voz suave e harmoniosa, cuja doçura todos nós conhecemos, estala n'um grito de dôr, n'uma agonia atroz; mas no fundo da alma brilha um raio de luz, uma idéa risosinha, uma reminiscencia de gosos passados; e quando pensais que aquella angustia chega ao seu ultimo paroxismo, lá se desprende dos labios, de envolta com um sorriso, uma melodia graciosa, umas notas feiticeiras, que vem brincar docemente com o vosso ouvido arrebatado.

Vem afinal o terceiro acto,—o desenlace feliz desta historia simples da vida de uma moça.

A filha torna ao lar paterno ; e a *graça de Deus* faz voltar a alegria, a paze e o socego ao coração de toda esta pobre gente, que experimentára por algum tempo todas as provanças da fortuna. O final é magnifico, como vos dirá com toda a sua graça costumada, o folhetim lyrico de terça-feira.

Eis o que é para mim a representação da *Linda de Chaumou-nix* ; uma noite de emoções deliciosas, e mais positivamente —uma ou duas paginas de revista em uma semana, sobre a qual sou obrigado a confessar que não ha muito de que tratar.

Além de ser tempo de quaresma, tempo de provações, de jejum, de expiação de peccados, ainda em cima ahi vem todos os dias uma chuvinha miuda, umas nuvens cinzentas e carregadas tirar-nos o bello azul do céu, os raios do sol, e as lindas noites de luar que a folhinha nos tinha promettido.

Quem não está disposto a ser regado pelas aguas do céu como as ruas desta heroica cidade, ou como as flores dos

jardins, passa o dia inteiro a resolver a importante questão— se deve sahir ou ficar em casa. Afinal vem uma estiada, decide-se, veste-se, e chega-se á porta, justamente quando começa de novo a chover. Não ha remedio senão despir-se, e resignar-se a desfiar as horas e os momentos sózinho, e a conversar com os seus botões.

Ora, se ha tempo em que a solidão seja insupportavel é este de agora, em que não se falla, não se trata, nem se pensa senão *em companhia*. Janta-se em *companhia* dos amigos, passa-se a noite em boa *companhia*,— e ganha-se dinheiro em *companhia*.—

Nada hoje se faz senão por *companhia*. A illuminação a gaz, as estradas, os açougues, o asseio publico, a construcção de ruas, tudo é promovido por este poderoso espirito de associação que agita actualmente a praça do Rio de Janeiro.

Se encontrardes por ahí algum sugueitinho de chapéu rapado, de laço de gravata á bandida, roendo as unhas, ou coçando a ponta da orelha, não penseis que é um poeta ou um romancista á cata de uma rima, ou de um desfecho para seu ultimo romance. Nada! o tempo destas bagatellas já passou. Podeis apostar que o tal sugueitinho rumina o projecto de uma empreza gigantesca, e calcula na ponta dos dedos o ganho provavel de uma companhia qualquer.

E assim tudo o mais. Vê-se hoje pelos salões, pelas ruas, a cada canto, certos individuos a segredarem,—a trocarem palavras inintelligiveis,—e a fallar *á mezza voce* uma linguagem incomprehensivel, cabalistica. Um homem pouco experiente toma-los-hia por carbonarios ou membros de alguma sociedade invisivel, de alguma confraria secreta. Qual! são finorios que farejam a creação de uma companhia, e que tratam de se arranjamem para não ficarem *sós*, isto é, sem dinheiro.

Até a nova empreza lyrica, que se creou nesta côrte ha couza de dous mezes, assentou de organizar uma companhia para a construcção de um novo theatro apropriado á cantoria e consta-nos que já pediu ao governo a competente auctorisação.

Com a facilidade que ha actualmente em conceder-se semelhante favor, parece-nos que o governo não deixará de autorisar a incorporação de uma companhia para fim tão util e tão vantajoso para esta côrte.

Sómente lembrariamos a necessidade de exigirem-se para a construcção do edificio condições de grandeza e capacidade proporcional á população desta côrte. O Theatro Lyrico que possuímos presentemente não pôde durar muito ; e se outro não o substituir, breve teremos de nos vermos reduzidos ao acanhado salão de S. Pedro de Alcantara.

Assim como neste, podia o governo aproveitar em muitos outros objectos de serviço publico o espirito de empreza e associação que tão rapidamente se desenvolveu no nosso commercio.

Porque em vez de esperar que os interesses individuaes especulem sobre a utilidade publica, não promove elle mesmo a criação das companhias que entender convenientes para o paiz ?

A limpeza publica, as postas ou correios urbanos, e muitos outros objectos de interesse vital, exigem essa solitudine da administração.

Uma cousa, por exemplo, de que ainda não vimos o governo se occupar seriamente, é da carestia progressiva dos generos alimenticios, tanto nacionaes como estrangeiros. O trigo está por um preço exorbitante, segundo dizem. O pão diminue, — e diminue no seculo de progresso, em que tudo vai em augmento, em que as menores cousas tomam proporções gigantescas. Quanto ao *pão de rala*, celebre em outros tempos, — este desapareceu do mercado ; pertence hoje á historia.

Os ministros, os grandes, os ricos, não sabem disto ; mas o pobre o sente, — o pobre que, no meio de toda essa agitação monetaria, de todo esse jogo de capitaes avultados, vê as grandes fortunas crescerem e formarem-se, absorvendo os seus pequenos recursos, e elevando o preço dos generos de primeira necessidade a uma taxa quasi fabulosa.

Sé os capitaes são para o paiz um poderoso agente de progresso e desenvolvimento, cumpré-nos não esquecer que em

todos os paizes é na classe pobre que se encontram as grandes intelligencias, as grandes almas e os grandes espiritos.

A Providencia parece tê-los lançado no mundo sem recursos para prova-los e fortalecê-los com essa luta constante da fortuna, na qual, ou morrem sacrificados como martyres ou se elevam ás summidades da hierarchia social para communicarem ao paiz a actividade do seu espirito e as forças de sua intelligencia.

Tão desprezível, tão digna de compaixão, como parece esta classe aos ricos enfiados que rodam no seu *coupé*,—a ella pertence o futuro; nella está a alma, a força, a intelligencia, a esperança do paiz.

Quereis saber o que são e o que valem esses cresos modernos, ou esses capitaes amontoados, essas sommas de dinheiro de que o rico tanto blasona e tanto se devanece? Uma materia bruta, uma alavanca inerte a que um dia algum homem sem fortuna, mas cheio de ambição e de talento, vem dar o impulso de sua actividade, e fazer trabalhar para um grande fim.

Esta classe pois merece do governo alguma attenção; o que hoje é apenas carestia e vexame,—se tornará em alguns annos miseria e penuria. E' preciso, ao passo que o paiz engrandece, prevenirmos a formação dessa classe de proletarios, dessa pobreza, que é a chaga e ao mesmo tempo a vergonha das sociedades europeas. Appliquem-se os nossos espiritos economicos a este estudo digno de uma grande intelligencia e de um grande povo.

Porque a Europa ainda não conseguiu chegar á solução deste grande problema social,—não é razão para desanimarmos. Somos um paiz novo; o progresso espantoso da actualidade deve ter reservado alguma cousa para nós; o mundo velho eleva a industria a um desenvolvimento admiravel; talvez que os segredos da sciencia tenham de nos ser revelados na marcha da nossa propria sociedade.

O que é verdade é que não devemos deixar de concorrer com as nossas forças para essa obra philantropica da extincção da pobreza proletaria. E isto, não porque receiemos tão

cedo a existencia deste cancro social, mas porque semelhante estudo deve-nos guiar nos meios de prevenir os vexames e miserias porque pôde passar a classe pobre no nosso paiz.

Agora é que percebo que este folhetim vai muito grave de mais; porém lembro-me tambem que não devo distrahir as minhas leitoras do seu exame de consciencia para a proxima confissão da quaresma.

Que interessante cousa não deve ser o exame de consciencia de uma menina, pura e innocente, quando á noite, entre as alvas cortinas de seu leito, com os olhos fitos n'uma imagem, prescruta os refolhos mais profundos de sua alma á cata de um peccadinho que lhe faz enrubecer as faces côr de...

Arrependi-me! Não digo a côr. Reflectam e adivinhem se quizerem. Tenham ao menos algum trabalho em lerem, assim como eu tenho em escrever.

Mas voltando ao nosso exame de consciencia, estou certo que se algum dos anjos que cercam o throno de Nossa Senhora pudesse descer do céu nesse momento, viria beijar aquelle rostinho adormecido, e dizer-lhe em sonho que os anjos não peccam.

Rio, 18 de Março.

A semana que passou foi a dos anniversarios felizes.

Domingo festejaram-se os annos da nossa Princeza, que trocou a bella terra do Brazil pelo poetico céo da Italia.

Quarta-feira teve lugar a solemnidade do anniversario da nossa Imperatriz que deixou as lindas ribeiras de Napoles pela magestosa bahia do Rio de Janeiro.

Assim, logo apóz da saudade, veiu uma lembrança prazenteira. Se perdemos por algum tempo uma flôr graciosa da nossa corôa imperial, ganhâmos para sempre um anjo de bondade, um exemplo das bellas virtudes.

E isto me faz lembrar do quanto somos devedores áquella boa terra de Italia, que nos confiou com tanto prazer a filha de seus reis, e acolheu com tanto amor a irmã do nosso monarcha.

Sem fallar dos artistas que dahi nos têm vindo, e das bellas noites de theatro que devemos á sua escola e aos seus genios musicaes, lembremo-nos que é lá, nessa terra classica das artes e do bello, que muitos Brasileiros se têm illustrado e adquirido os conhecimentos que actualmente são deroveitados em bem do paiz.

Foi ainda no meio dessas ruinas seculares de tantas gerações que passaram, no solo onde viveu o povo rei, na terra

em que nasceu Virgilio, que um poeta brasileiro foi beber as ultimas inspirações do seu poema nacional, como que para imprimir-lhe esse cunho de grandeza e de sublimidade que o tempo tem deixado na historia daquelle povo.

Tudo isto deve o Brazil á Italia; porém mais que lhe devesse o pagaria com o amor e a dedicação que consagra á sua Imperatriz, e da qual ainda quarta-feira deu uma prova bem solemne.

Todo este dia foi votado ás *graças*. De manhã appareceu a lista daquelles cujos serviços a munificencia imperial julgou dever remunerar. Logo depois vieram as *graças* daquelles que não vendo seus nomes contemplados motejavam dos outros e especialmente dos ministros. A' noite tiveram os *diletianti* as graças do *D. Pascoale*, que é de crer fossem engraçadas.

Estive alheio inteiramente a tudo isto; mas uma cousa me deu que pensar seriamente. Acho o direito de agraciar uma das mais bellas instituições da monarchia; comprehendo que os homens possam ser chrismados em barões, condes e marqueses; mas ha uma cousa a que decididamente não me ageito, e é como se poderá fazer um sujeito feio, desengraçado e sem elegancia, um *gentil-homem*.

Está bem entendido que isto não se refere a nenhum dos ultimos agraciados, que são perfeitos cavalheiros, servidores antigos, e que todos mereciam o favor do monarcha. E' uma simples hypothese que por hora não tem applicação, e que o espirito e bom senso imperial repellem para não haver occasião de se parodiar o dito de D. Pedro I a respeito do cavalheiro.

Um sujeito, contando-me hontem os festejos do dia quatorze, disse-me: «Houve graças, *des-graças* e *sem-graças*. As graças os jornaes publicaram; as *des-graças* sabem os que ficaram logrados; e as *sem-graças* foram as daquelles que esperavam uma cousa e tiveram outra.»

Até que ponto isto é exacto não sei; apenas me lembro que já os nossos antigos diziam que não podia haver graça sem

sal; razão esta porque naturalmente se inventaram os emolumentos, que algumas vezes são bem salgados.

Já é tempo de passar adiante e acabar por hoje com as graças, tanto mais quanto já me sahi mal por ter tido o arrojado de dizer que o paiz devia dar justiça de graça.

Como me escapou semelhante blasphemia? Pois n'um tempo em que tudo se compra e se vende,—em que até se trafica com o pensamento e com a consciencia,—é possível fazer-se cousa alguma gratuita?

Tudo tem um preço. A honra, a probidade, o dever, a reputação, essas cousas sagradas que Deus confiou ao coração humano, têm a sua cotação. Porque a justiça sahirá da regra geral, e deixará de receber a sua esportula?

Já se vê que foi um absurdo em que cahi. Não ha cousa mais razoavel e mais sábia, como disse um correspondente do *Jornal do Commercio*, do que obrigar-se as partes a pagarem aos magistrados e officiaes de justiça, visto que estes empregados são instituidos para utilidade publica.

Ora, os ministros de estado, os presidentes de provincia, os militares, todos os funcionarios publicos enfim são creados para utilidade publica; por conseguinte em vez de ordenado dêem-se-lhes custas. O ministro ganhará dous mil réis por cada nomeação, privilegio, ou graça que conceder; dez tostões por cada aviso ou portaria, etc.

Não vêem como simplifica-se de repente todo este mecanismo administrativo, que a França e a Prussia,—nações ignorantes e atrasadas,—tanto têm estudado, e tanto se esforçam para regularisar? Deixará de haver thesouros, repartição de fazenda e leis de orçamento, e systema de impostos, e receita e despeza publica. Tudo isto é burla. Quem precisar do empregado que o pague; o governo o nomeia, o paiz o tolera, e nisto já fazem muito.

Quem diria que a sciencia administrativa, tão desenvolvida na Europa, tinha de ser completamente aperfeiçoada por um genio Brasileiro que occulta modestamente o seu nome com receio de assombrar o mundo?

Que força de dialectica, que logica de aço ! Os Francezes têm as *epices* ; logo, nós devemos conservar as custas. Pobre Genuense ! Que eras tu á vista deste portento ?

E eu animei-me a tocar na arca santa, no sagrado palladio, no regimento das custas ? Uma obra elaborada pelas summidades pretorianas pôde ser discutida ahi por qualquer moço que ainda não tem, e nem quer ter o charlatanismo necessario para se fazer alguma cousa ?

Fechem-se as camaras ; mandem-se os senadores e deputados passeiar á Europa em missão especial ou geral : acabe-se de uma vez com a imprensa e com a tribuna. Não percamos o tempo, que é precioso. O ministro fará as leis, e tendo-as feito não haverá que retrucar, *magister dixit*.

Santo regimen ! Quando te veremos em inteiro vigor, para felicidade do paiz, para o socego e a paz do governo ! Então a marcha da administração se aperfeiçoará. Os ministros serão os unicos que terão o direito de saber alguma cousa ; e, depois delles, só os que estiverem dispostos a defende-los cegamente, sem criterio e sem consciencia.

Os outros, aquelles que julgam do seu dever expôr francamente uma opinião contraria, mas que nada tem de offensiva ao character do ministro, aquelles que entendem que a censura leal é a prova mais evidente da sinceridade de uma alliança de idéas e de principios, — estes serão classificados no rol dos ignorantes, porque não receberam de algum *genio engarrafado* o placet da sciencia e do estudo.

Assim pois o dito por não dito. O regimento das custas é uma obra perfeita, tão perfeita, que sendo publicado a cinco deste mez, no dia oito, isto é, tres dias depois, o presidente da relação se viu obrigado a officiar tres vezes ao ministro da justiça, sobre a intelligencia de algumas de suas disposições.

A razão disto não é a que muita gente suppõe, não é o sentido dubio e confuso das palavras empregadas. Qual ! os homens são imperfeitos ; e por isso não podem comprehender toda a sabedoria daquelle novo mandamento do monte Sinai, daquelle lei das Doze-Taboas.

Querem vêr outra perfeição do regimento de custas, que é muito sublime para ser comprehendida por intelligencias como a nossa ?

Diz o art. 169 que o porteiro dos auditorios perceberá meio por cento sobre o valor dos objectos arrematados. Supponhamos que o minimo das arrematações civis e commerciaes feitas nesta côrte seja dous mil contos, o que é um calculo muito restricto. Temos uma porcentagem de dez contos de réis, que por tres porteiros dá só por si um ordenado tres vezes superior ao que tem qualquer juiz municipal, qualquer deputado, qualquer juiz de direito ou official de secretaria.

Póde-se duvidar da sabedoria de semelhante disposição ?

E' possivel ainda negar a conveniencia, a necessidade das custas, que produzem tantas vantagens praticas ?

Lêde o art. 61, e comparai-o com o art. 167. O presidente da relação tem por cada sentença que transitar pela chancellaria o mesmo que seu porteiro, isto é 300 rs. Como é bello para a justiça e para o prestigio da magistratura este exemplo de igualdade, que manda que o chancellor e o seu porteiro, — os dous élos quasi extremos da hierarchia judiciaria, — se toquem e estendam a mão para receber seis ou oito moedas de cobre !

Que emblemas, que symbolos inventados pelos povos da antiguidade, valem semelhante lição ? Que invenção moderna póde substituir a harmonia e a uniformidade desta sublime instituição das custas, que alguns vindouros querem que se reforme ?

A principio, quando comecei a escrever sobre o regimento, tinha a idéa de que se deviam acabar com as custas, os emolumentos, e dar-lhes o character de uma contribuição percebida, como qualquer imposto, pela repartição competente. Assim, sobre as causas se cobraria, em vez de dizimos de chancellaria, uma porcentagem que se julgasse acertada, e que a parte pagaria no acto de levantar o dinheiro da execução ; e com isto remunerasse o estado os seus empregados de justiça.

Hoje já nem me lembro de tal cousa. Era uma extravagância, que me passou, apenas pude apreciar as innumerables bellezas que formigam no regimento das causas.

E por hoje basta de tanta massada ; não achais, meu benevolo leitor ? Deixemos em paz a justiça, que irá tranquilamente fazendo o seu negociozinho aos duzentos e trezentos réis, e vamos fallar de outras cousas, tristes e alegres, por que esta é a ordem do mundo.

Já deveis saber que o Sr. conselheiro Euzebio de Queiroz foi accommettido, na noite de segunda-feira, de uma molestia grave, da qual felizmente já se acha melhor. S. Exc. tem sido visitado por seus numerosos amigos, que deram ainda mais uma prova da grande consideração que votam ao distincto estadista brasileiro.

Desejamos de coração o prompto restabelecimento de S. Exc., tanto mais quando tambem acabamos de curtir á beira de um leito de dôr todos os transees crueis de soffrimento e de angustia.

São paginas negras do livro da nossa vida, que devemos voltar com paciencia e resignação, para chegar ás folhas brancas e douradas, ás imagens risonhas de dias mais felizes e mais tranquillós. A dôr, disse Lamartine, remoeça o homem, dá-lhe nova força, novo vigor. *Tu fais l'homme, ó douleur !*

Parece que depois de uma crise de soffrimento a alma se apura, adquire um tacto finissimo, capaz de sentir as mais delicadas impressões, uma sensibilidade exquisita para os menores prazeres.

A enfermidade tem um quer que seja das viagens.

E' uma viagem um pouco perigosa, muito incommoda, e que em lugar de ser feita em um vapor ou em um wagon, o é sobre um leito ou sobre uma enxerga. A's vezes naufraga-se, salta-se com a explosão do vapor ; mas se chegamos ao porto, se saltamos em terra, tudo nos parece novo, tudo nos sorri, tudo é côr de rosa e perfumado. A agua é

uma bebida do céu, o pão é um manjar dos deuses, o dia é uma festa de reis, o somno é uma voluptuosidade do paraíso, um sibaritismo do sultão.

Talvez seja por esta semelhança que se dá a coincidência de cahir no mesmo tempo a quadra das molestias e das viagens. Tudo parte, tudo vai mar em fóra, vêr novos climas, correr terras, para ter na volta o que contar.

Queixam-se por ahí que tudo vai para a exposição de Paris, menos os nossos productos. Quem sabe? Talvez que a par da *Estrella do Sul*, appareçam na exposição muitos outros productos brazileiros, muitas raridades dignas de menção.

Os novos viajantes vão achar em Paris uma verdadeira epidemia bailante. Tem havido para mais de 500 bailes. A febre é geral: dança-se nos palacios, nas embaixadas, nos hotéis, nas casas, nos salões e nos prados, sobre a relva e sobre os tapetes.

Além da dança, a unica cousa em que os Francezes presentemente se occupam é na conjugação do verbo fiar e seus compostos.

Assim, os homens *fiam* seu dinheiro por subscrição; as mulheres *desfiam* panno para os feridos da Criméa; o imperador *confia* nos seus generaes e no seu exercito; a gente timorata *desconfia* do feliz exito da guerra; Bousquet *enfia* balas pelo corpo dos Russos; Canrobert *porfia* no seu projecto de arrazar Sebastopol.

A guerra pôde dizer-se que está reduzida a fios. Onde passou o fio da espada, applicam-se fios de linho. Os homens incumbiram-se do primeiro; as mulheres do segundo. Que phazes não tem tomado essa luta de gigantes?!

Antes de vos deixarmos, temos ainda um triste dever á cumprir. Celebrou-se a missa por alma do deputado Apri-gio, e apezar de tantos amigos que o finado tinha nesta côrte, aquelle acto foi muito pouco concorrido.

Não é facil explicar-se semelhante facto, pois que o aviso para a missa foi feito pela folha official, que a annunciou nas suas columnas como um holocausto do governo. E' verdade

que não tendo os membros do gabinete feito um convite em seu nome, talvez entendessem os amigos do fallecido, que se tratava de uma solemnidade muito particular, a que só deviam assistir as summidades ; e por isso guardaram a conveniente reserva, e não compareceram.

Não ha remedio pois senão reunirem-se os amigos do dr. Aprigio, e pagarem á sua memoria o devido tributo de saudade e de estima, fazendo dizer uma missa solemne, ou um officio sem character politico, sem reserva de pessoas ; a este acto estamos certos que assistirá um numeroso concurso das pessoas mais distinctas desta côrte.

Acabemos por onde começámos,—pelas graças. Temos algumas pequenas observações a fazer sobre os estylos officiaes em voga neste ponto.

Assim, nos parece mais regular desenglobar os despachos, e commetter a cada ministerio a referenda das graças concedidas por serviços feitos nas suas respectivas repartições, ou em objectos que lhe são annexos.

Conviria igualmente crear-se uma ordem destinada exclusivamente a premiar o merecimento litterario, assim como existe uma para os serviços militares. Chame-se esta ordem a *Estrella do Sul*, á imitação do *Cruzeiro*,—ou a *Pleiade Imperial* ; demos-lhe emfim um nome que tenha alguma significação,—e acabemos com o costume de premiar a intelligencia com a mesma graça com que se remuneram serviços de uma ordem muito diversa.

Esta idéa, realizada com a sabedoria e a prudencia que é de esperar, traria grandes vantagens, porque excitaria os estímulos, crearia uma emolucção salutar, e daria assim incremento ao nosso progresso litterario. Apreciamos todos os serviços feitos ao paiz, qualquer que seja a sua natureza ; estimamos que todos sejam galardoados ; mas desejamos que se dê ao talento, á intelligencia, ás sciencias e ás artes, essa nobreza e essa distincção, que lhes cabe por todos os titulos.

E deixai-me dizer-vos uma cousa. Esta idéa me sorri ainda mais, porque o grão-mestre da ordem merecia sê-lo, ainda

quando não tivesse uma corôa. Quanto aos dignitários, que seriam sete, no caso de adoptar-se o titulo de *Pleiade Imperial*, deviam ser escolhidos de entre o que temos de mais distincto e de mais illustre.

Para dar á condecoração maior merecimento, e para tirar-se della grande utilidade, podia fazer-se com que formasse uma verdadeira ordem, trabalhando em sessões regulares como o Instituto de França, e sob a presidencia de Sua Magestade como grão-mestre, ou do dignitario mais antigo. Quem sabe daqui a alguns annos que importancia não teria semelhante instituição, e que gloria não daria ella ao nosso paiz ?

Agora é que me lembro ! Estou a perder o meu tempo ! Não ha duvida que esta minha idéa é bella, é digna de um monarcha erudito, e de um povo que tanto se distingue pela sua aptidão litteraria ; mas não foi lembrada por um homem, que já tenha alguns cabellos brancos e uma boa dôse de importancia e de *morgue* ; portanto não presta decididamente.

Dizem que aos vinte annos não se pôde pensar assim por si, nem ter uma boa idéa. Entendem que a intelligencia vigorosa e ardente dos moços deve estar ao serviço dos velhos, os quaes brilham como essas flôres parasitas que sugam das arvores novas e robustas a seiva com que alimentam a sua vegetação rachitica.

De que servem esses lampejos brilhantes, essas scintillas de fogo, que passam as vezes pelas almas jovens, e illuminam de repente um mundo de idéas, ou desenham um horisonte vasto e immenso ? E' preciso que estas faiscas do talento sofram o bafo frio e enregelado dos velhos ? Porque esta chamma da intelligencia, em vez de expandir-se livremente, ha de ser condemnada a aquecer a alma gasta e consumida de um corpo vergado pelos annos ?

Não foi Deus que estabeleceu esta tutella despotica e sem limites que a idade quer exercer. Não : Deus mandou respeitar os velhos, como as mulheres, porque são fracos ; Deus mandou consultar aos velhos, como aos livros, porque nelles

se encerra a historia da experiencia ; porém Deus deu á mocidade a força, a esperanza, a ambição, confiou della o trabalho, a acção, o progresso,—e apontou-lhe o futuro.

Ninguem venera[] mais a velhice do que eu ; ninguem sabe melhor comprehender o que ha de respeitavel n'uma grande intelligencia que alimenta ainda um corpo gasto pelos annos ; mas o que acho irrisorio é que se pense que toda a ruga é um poço de sciencia, que todo o cabello branco é um titulo de capacidade.

Felizmente o tempo dos desenganos ahi vai chegando ; o circulo de ferro já se quebrou ; e o paiz já começa á aborrecer-se dessas patentes de capacidade e de illustração dadas n'um salão de baile, ou n'uma ante-camara de ministro.

Rio, 25 de Março.

Hoje é o dia do anniversario da nossa constituição, e hontem o theatro Lyrico representou um baile intitulado o *Remorso*. Se foi uma simples coincidencia, ou um epigramma, não sei; o tempo não está para *graças*, e por isso não se pôde com facilidade aventurar conjecturas.

Já houve um tempo, em que, de facto, o dia de hoje devia ter sido o dia do *remorso* para o governo, para as autoridades, para o menor empregado de policia; todos haviam perjurado, todos por sêde de mando ou por um espirito exagerado de reforma e progresso, haviam desrespeitado a constituição.

Felizmente passou esta quadra de tristes consequencias para o paiz, e chegamos a uma época de adormecimento das paixões politicas, de inercia dos partidos, de calma nos espiritos, que, bem dirigida, pôde ser aproveitada em grandes melhoramentos de que o paiz necessita, em excellentes reformas da legislação, e de muitos outros ramos de administração.

Mal dirigida porém a situação actual ha de caminhar rapidamente para uma crise tanto mais forte, tanto mais violenta, quanto foi profundo o lethargo dos espiritos, e a prostração proveniente da exarcerbação das paixões.

Ha uma febre surda que começa por abater as forças dos homens e acaba pelo delirio. Talvez que os observadores, os homens experientes e amestrados nessas oscillações politicas e sociaes, já tenham presentido os primeiros prodromos, os symptomas caracteristicos de uma proxima crise.

Entretanto parece-nos que se enganam. Ainda é tempo de arripiar caminho ; e a situação actual, que começou tão rica de esperanças, tão cheia de futuro, ainda tem muitos elementos que não foram sacrificados, e que, bem desenvolvidos, podem servir de programma ás circumstancias actuaes.

Rehabilite-se esta bella idéa da conciliação dos espiritos, evite-se que seja substituida por uma conciliação de interesses individuaes ;—aceitem-se todas as adhesões, mas não se suplique nem uma ; chamem-se todas as intelligencias a concorrer para o bem do paiz, mas não se exija uma transigencia immoral e que não póde ser duradoura ; respeitem-se todas as opiniões e deixe-se a opposição inteiramente livre, porque se fôr leal auxiliará o governo, se fôr licenciosa se desacreditará por si mesma.

Por hoje tenho feito os meus cumprimentos á constituição, dando-lhe os bons annos, e desejando-lhe muitos seculos de vida para gosto dos seus amigos e de toda a sua familia : posso portanto dar uma vista de olhos pelo que me vai por casa.

Date veniam! Permitti, mestre, que ainda uma vez profane o sagrado sanctuario da justiça, cuja guarda vos foi confiada. Estou convertido ás custas ; mas como neophito ignorante tenho algumas duvidas a respeito.

Que fizeram as pobres irmandades e corporações de mão-morta para pagar ao juiz de capellas e residuos um juro de 6 % de um capital que não receberam ? E isto sem terem demandas nem pleitos ; e sómente porque o estado julgou conveniente inspecionar as suas contas.

Ai ! perdão ! não me lembrava que tinha sido erro de imprensa. Santa invenção de Guttemberg ! Não ha nada que te pague ! Com que facilidade fazes do branco preto ! A penna diz o que quer : a imprensa é quem paga as *custas* !

Depois da descoberta do erro de imprensa feita pelo P. do *Jornal do Commercio*, *dezenove dias* depois da publicação do regimento, está me parecendo que o melhor é abandonar a questão das custas, porque do contrario a nossa imprensa fica desacreditada para o estrangeiro.

O meio por cento do porteiro? *Erro de imprensa*. Os seis por cento do juiz de capellas? *Erro de imprensa*. Os dez contos que ha de lucrar o porteiro de orfãos? *Erro de imprensa*. A ridicularia de estabelecerem custas de 200 rs. até para o presidente da Relação, em vez de uma gratificação annual? *Erro de imprensa*.

Já estou com medo que não descubram que o titulo do regimento e a referenda do ministro são erros de imprensa.

Que papel ficamos nós fazendo, Sr. Conselheiro Ferraz, tendo gasto o nosso tempo a atacar apenas uns *typos trocados*, e umas letras sem sentido, sem idéas!

Mas, que cousa celebre! Parece que os tres jornaes da côrte se apostaram para errar justamente no meio por cento! E o erro foi tão imperceptivel (era de cerca de dez contos annuaes) que só depois de um escrupuloso exame de *dezenove dias* é que se deu com elle!

O proprio Sr. P., no seu artigo de quinta-feira defendeu o erro de imprensa illudido como nós; e só hontem é que fez a importante descoberta. Maldita imprensa! Eis a razão porque se prefere uma compilação do direito civil manuscripto, tendo-se uma em letra redonda, cujo unico defeito é estar prompta.

A proposito, tomo a liberdade de pedir ao Sr. P. que assista ao curso de leitura repentina do Sr. Castilho.

Como deve saber, o curso foi aberto quinta-feira por um discurso de uma extrema simplicidade, e que talvez por esta mesma razão satisfez o auditorio. Estavam presentes o Sr. ministro do Imperio, o Sr. marquez de Monte-Alegre, viscondes de Itaborahy e Sapucahy, o conselho de instrucção publica, e muitas pessoas de distincção.

O Sr. ministro dos estrangeiros chegou tarde, porque foi *de gondola*, segundo observaram os mirones.

Se o methodo do Sr. Castilho produzir vantagens reaes, como esperamos, não acontecerá ao Sr. P. a mesma cousa que na quinta-feira, em que com as pressas de responder mostrou não ter lido o meu artigo de domingo.

Onde viu o correspondente que me queixei? Onde foi que lhe pedi tempo para expor as minhas opiniões? Quando viu que me calei, e fugi da questão?

A isto só uma resposta. Se o Sr. P. tem o costume de estudar, de trabalhar, e escrever para a imprensa, quando um motivo grave de afflicção exige todos os seus cuidados, e preoccupa inteiramente o seu espirito, eu o respeito como um homem forte, que não dá peso ás miserias da vida humana. Entretanto considero-me muito feliz por fazer-lhe o contraste.

Quem se queixa é o correspondente, que, depois de ter commungado com as defezas improprias de certos campeões do regimento de custas, extranha que o motejo tenha substituido a argumentação, e pede não trilhemos a senda dos declamadores politicos.

Quem primeiro abriu esta senda? Quem primeiro chamou a discussão a semelhante terreno? Não fomos nós de certo,— nós que atacamos abertamente uma idéa, mas guardando toda a consideração para com o seu autor, sem procurarmos a capa do anonymo, e firmando com o nosso nome, essa censura comedida e extremamente delicada.

Como nos responderam? Não quero reviver uma cousa de que felizmente parece-nos que os defensores do regimento estão arrependidos; e já que o Sr. P. quer voltar á argumentação, pedimos-lhe que discuta, mas que não veja nas censuras feitas ao regimento uma contradição com o tempo que levou a elaborar-se. Isto póde ser uma circumstancia aggravante contra o regimento, e nunca uma contradição.

Com o artigo do correspondente, publicado no *Jornal* de hontem, lemos igualmente a noticia de ter professado um frade no convento do Carmo desta côrte.

Não sabemos quem autorizou semelhante acto, sobre o qual o nosso governo desde muito tempo guarda uma prudente reserva. Pretende-se acaso rehabilitar as ordens monasticas, o

claustro, e fazê-lo concorrer para o bem publico auxiliando a instrucção publica, os estabelecimentos de caridade, a cathequese, ou mesmo a vigilancia das prisões, como se usa em Leão?

E' tarde;—os ultimos restos de algumas ordens religiosas que tivemos, não têm regra nem disciplina, nem a instrucção que outr'ora adquiriam; e apenas vegetam entre quatro paredes, esperando o dia de sua completa extincção, que não ha de estar muito remoto.

A regeneração do claustro no nosso paiz é uma obra impossivel; alguns homens illustres que hoje existem, como Monte-Alverne, o bispo de Chrysopolis e outros, são representantes ainda daquelles tempos de prestigio e de illustração, em que a solidão do claustro era illuminada pelo fogo do céu.

Presentemente, se um ou outro moço se distigue, o que é raro, nada deve á clausura, e sim á sua intelligencia, ao seu estudo, aos seus esforços pessoaes; o frade antigo ainda pôde existir, como uma velha ruina; mas a ordem, o espirito de união, o vínculo sagrado, desapareceu, e, com elle, a existencia dos conventos.

Se a regeneração pois não é possivel, que explicação tem esse acto da profissão? Não descubro nenhuma; não me occorre um motivo que possa actualmente justificar a inhabilitação de um homem para os cargos publicos, a condemnação de uma actividade e de um elemento de trabalho a que o paiz tem direito.

Para mim o frade é um typo da historia, que passou como o antigo sacerdote, como os philosophos, os escolasticos, os eremitas, os cavalleiros, os maçons, e que, tendo feito o seu tempo, pertencem ás lendas e ás chronicas.

Não sabem quanto me pesa ter de fallar contra os frades justamente na quaresma; mas não ha outro remedio: é como eu não fallo contra os homens, e sim contra o burel ou a estamenha que os cobre, a consciencia não me accusa de peccado.

Outra cousa seria,—se me dêsse na cabeça subir o morro de Santa Thereza, ou mesmo ir até o recolhimento da Ajuda, onde talvez me revelassem bem lindos mysterios!

Se o Sr. ministro da justiça quer fazer uma obra meritoria, é dar a estes estabelecimentos um fim caritativo e de beneficencia publica. O que lucra o paiz com ter uma casa para algumas doceiras presentear as pessoas de amizade ?

Ao contrario, se estes estabelecimentos podessem crear mulheres como as—*Irmãs de Caridade*,—é facil prever as vantagens que d'elles nos resultariam.

Demos um salto ; e supponhamos que é chegado o domingo de Ramos, tempo em que já se pôde tratar de cousas profanas. O Cassino não nos pretende dar bailes este anno ?

N'um tempo de tantas *graças*, acho que esta é demais ; porém se tal é a sua tenção, avise-nos, porque, com a febre de companhias que ha, n'um momento se organizará uma empresa para bailes.

Vai crear-se uma de seguro geral. Não ha nada melhor. Muito sugueitinho pretende segurar-se contra o casamento : os maridos vão segurar a vida da mulher na esperanza de perder. De um finorio sei eu que, accendendo *umavela a Deus e outra a Satanaz*, se propõe a segurar a opposição e o ministerio : a duvida é quanto á primeira, se apparecerá seriamente ; e quanto ao segundo, se a companhia o aceitar.

Eu, se fosse a companhia, aceitava, com algumas clausulas e reservas, como, por exemplo, repellindo todos os erros . . . mesmo os de imprensa.

Não sabeis qual o verdadeiro *erro de imprensa* ? Foi o de censurar o tal regimento de custas ; foi o de discutir uma obra tão *augusta* ; foi o de se ter animado a defender-se de insultos pagos policialmente.

Basta : nem mais uma palavra. Só a agora é que me recorde que o ministerio tem estado de dôr de *cabeça*. O Sr. Marquez de Paraná, desde segunda-feira, soffre de uma molestia de figado, da qual costuma ser atacado. Felizmente tivemos a satisfação de saber que S. Ex. acha-se sensivelmente melhorado.

No meio de todos os contratempas que tendem a embaraçar a marcha regular da justiça no nosso paiz, apraz-nos ver

como os magistrados novos vão dando alguns exemplos de integridade e firmeza.

Não ha muito tempo o Dr. José Caetano pronunciou um homem que se dizia ter fortes protecções. Agora o Sr. Dr. Izidro condemna uma pessoa, que occupa uma posição distincta na sociedade pelos seus grandes haveres e pela sua influencia.

Não entramos no merito da sentença, nem podemos apreciar os seus fundamentos ; mas o que não se pôde negar é que o juiz que lavrou uma condemnação desta ordem, deu uma prova incontestavel de inteireza e de rectidão. Quando mesmo a sentença não fosse justa, estamos certos que a intenção que a dictou foi da mais vigorosa equidade.

Agora, meu amavel leitor, até 1.º de Abril.

Entendeis ?

Rio, 1.º de Abril.

Descobriu-se! afinal! A questão das custas é uma *querelle d'allemand!* O regimento foi o pretexto, e a causa verdadeira não se pôde conhecer.

Quem sabe! Talvez os que censuram o regimento sejam empregados da secretaria da justiça, ou eminentes juriscônultos incumbidos da factura de códigos civis!

Os defensores, estes, são homens independentes, que nunca solicitaram coisa alguma do ministério da justiça, que podem ter aceito uma comissão científica, sem por isso haverem transigido com a sua consciência, ou desistido da mais ampla liberdade de pensamento.

O que porém ha de notavel nisto é que a censura não procura disfarçar-se com a capa do anonymo, ao passo que o elogio tem pejo, tem vergonha de apparecer em publico com o seu verdadeiro nome. Como é bello e louvavel essa *modestia* dos grandes talentos!

Mas qual será essa verdadeira causa que não se pôde conhecer? Será alguma das anedotas que se contam por ahi a respeito da maneira por que vai a nossa repartição da justiça? Será um desses muitos mysterios de secretaria que já começam a divulgar-se, e a tomar as proporções de um grande escandalo?

Não estamos agora para investigar este ponto ; mas se os defensores do regimento desejam muito, estamos promptos a tentar com elles uma pesquisa, que talvez se torne bem interessante. A exemplo de Xavier de Maistre, de A. Karr e de Garrett, escreveremos a nossa viagem *Autour du Palais de Justice*.

Esta obra ha de ser um monumento de gloria para muita gente, um livro precioso, digno de ser estudado pelos *pretendentes*, profissão esta que ainda não tem um roteiro certo pelo qual se guiem aquelles que a seguem.

Mas por fallar nisto, ia-me esquecendo dizer o quanto me tem incommodado ver a causa do Sr. ministro da justiça,— uma tão bella causa,—compromettida sem dó por um dos *P. P.* do ministerio, pelo *P.* do *Jornal do Commercio*.

Depois de ter fallado (à proposito de custas) em fivellas de calção, em oraculos de Themis e sphynxes do Egypto, nas historias da vovó, nos iconoclastas, no ministro Roland, e na abobada celeste,—acabou por chamar a justiça *barata* !

E então ! Que me diz a isto o Sr. ministro da justiça ? Vê como se desrespeita a S. Ex., como se ridicularisa uma instituição de tanta gravidade sobre a nossa magistratura, e sobre todos os empregados dessa repartição ?

Se a justiça é *barata*, segundo diz o *P.* do *Jornal do Commercio*, a consequencia é facil de tirar ; razão porque o autor da lembrança tem o cuidado de declarar que é inteiramente alheio a essas cousas judicarias e forenses.

Mais um titulo, por conseguinte, para bem tratar de questões desta natureza !

Quanto aos negocios das custas, já não tenho nada que dizer em semelhante discussão, visto que os defensores do regimento estão fazendo sabbatina, e destruindo mutuamente as objecções e argumentos que cada um apresenta.

O *P.* do *Jornal do Commercio* elogia as custas, a sciencia de vovô, a razão dos seculos passados, as cousas velhas e carunchosas ; o *P.* do *Correio Mercantil* aceita a idéa civilisadora da revogadora das custas, e condemna o *systema emolumentario* como usança obsoleta dos nossos antepassados. Um

diz que temos justiça barata e gratuita, o outro que urge fazer os tribunaes accessiveis ao rico e ao pobre.

Assim pois lá se avenham os dous, que nós lavamos as mãos neste negocio: podem discutir livremente, podem brigar á sua vontade. Só peço a Deus, para bem do Sr. ministro da justiça, que não se realize o antigo anexim:—*Brigam as comadres descobrem-se as verdades.*

Com effeito, a questão está o mais interessante possível. As *estrellinhas* do *Jornal do Commercio*, depois de uma luminosa definição de imposto, declararam magistralmente que as custas não podem ser classificadas como uma contribuição daquella natureza. Hontem appareceu o *P.* na mesma folha, dizendo « que as custas se devem considerar como um *imposto*, que afinal recae integralmente sobre o demantista de má fé para punir a sua avidez. »

Parece mesmo uma cousa de proposito, e caso pensado; um diz uma cousa, o outro contraria immediatamente, e, o que é mais engraçado, contradiz-se a si mesmo. Assim o Sr. *P.* do *Jornal*, que, « pouco sabe de estylo forense e de formulas sacramentaes, » declara dogmaticamente que não se devem prescrever essas palavras que elle nem comprehende.

Mas o correspondente tem medo que, « condemnando aquellas formulas como inuteis, se sacrifique uma garantia de precedencia (não entendo) para com os direitos da parte; » e como o Sr. *P.* tem medo, está acabado, não se deve fazer a reforma.

Na verdade, que fortes garantias não existem nesses *aranzeis* dos termos antigos, nesses erros grammaticaes que formam uma giria, a que infelizmente se chama estylo forense!

Quando no começo de uma escriptura se diz: « *anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e cincoenta e cinco, aos tantos de tal mez. etc.*, » a parte tem mais garantia do que se se escrevesse simplesmente a data do anno e do mez.

Se o advogado no libello se esquecer de traçar meia duzia de letras maiusculas, que traduzidas formam um palavreado

de rabula, a causa está perdida, as leis da justiça ficam desrespeitadas!

E portanto conservemos essas phrases oucas, que nada exprimem, que só servem de fazer da linguagem da justiça uma especie de algaravia, uma giria incomprehensivel que ainda mais auxilia a dependencia em que vivem as partes a respeito dos homens de justiça.

Olhe, Sr. P., quem o obriga a fallar dessas cousas, commette uma impiedade, porque está compromettendo a sua reputação de anonymo, que já ia tão bom caminho com aquelles seus primeiros devaneios juridicos, com aquellas glosas feitas à reforma judiciaria.

Dizem que os *motes* vinham da secretaria da justiça, mas eu não creio em semelhante aleive. São cousas que espalham adrede os invejosos, que têm ciume do seu genio, da sua sciencia infusa, capaz de tratar profundamente de questões de que pouco entende.

E o erro de imprensa? Não é interessante essa omissão em que fallam todos os defensores do regimento, mas que nenhum delles sabe qual ella é? Não é tão regular que o regimento esteja em execução, que os porteiros vão recebendo o meio por cento, e que o ministro activo e laborioso, nem sequer se dê ao trabalho de expedir uma circular rectificando a omissão do regulamento?

Todos os dias apparece um novo achado. O primeiro foi o erro de imprensa, depois os erros de cópia. Pobres compositores, pobres copistas, que carregais com as culpas de vossos illustres collegas! quando digo vossos illustres collegas refiro-me aos que *compoem* codigos, e aos que *copiam* regulamentos e reformas dos livros francezes e das revistas de legislação.

Semelhante lembrança do erro de imprensa foi desgraçada; todos viram nisto uma confissão dos defeitos e das irregularidades do regimento de custas,—confissão desairosa—porque nem ao menos tiveram a coragem de a fazer como uma declaração formal, como uma satisfação ás justas e comedidas censuras que appareceram.

Mas entenderam que ficava mal aos mestres, aos decanos da sciencia, aos novos Papinianos, dizerem claramente que tinham errado, sobretudo quando discutiam com uns ignorantes, que não sabem cousa alguma, e que sem a menor modestia ousam fallar em jurisprudencia, quando homens como o Sr. P., sacudindo a sua cabelleira empoada, deixam cair o *polme succoso da sciencia*.

Esta ultima phrase é *augusta*: servimo-nos della, mas não sabemos o que quer dizer. Não faz mal: seguimos o exemplo do correspondente do *Jornal do Commercio*.

Concluindo porém este artigo, não podemos deixar de felicitarmo-nos por ver que alguns dos mais distinctos e extremos defensores do regimento de custas confirmam com o seu talento e os seus conhecimentos a necessidade de acabar com as custas que percebem os juizes, e de livrar a magistratura desse cancro,—embora se conserve o regimen antigo para os officios de justiça.

Nunca desejámos reformas precipitadas. Quando atacámos em geral a instituição das custas, foi sempre na idéa de que, reconhecida ella como defeituosa, devia ser pouco a pouco substituida por um systema mais perfeito.

Por isso, se o Sr. ministro da justiça pretende realisar semelhante melhoramento, poderá contar da nossa parte com aquella mesma pequena e pouco valiosa adhesão, que temos mostrado sempre que S. Exc. tem iniciado uma medida util para a nossa legislação.

A penna, que sem interesses nem considerações defendeu a sua reforma judiciaria, e censurou o seu regimento de custas, desejaria poder fazer alguma cousa para a adopção de uma idéa cujo grande alcance todos comprehendem.

Isto porém não quer dizer que voltamos da nossa maneira de pensar a respeito do regimento. Não: temos a este respeito uma opinião firme; mas desde que attingimos o fim desejado, guarde cada um a sua convicção, e unamo-nos para fazer um serviço á justiça do nosso paiz.

Quando a questão que presentemente se agita nos levar á extincção das custas que percebem os juizes, todos nós teremos motivos de nos felicitar-mos.

Se a razão está da parte dos defensores do regimento que sustentam a necessidade de uma autorisação do corpo legislativo, cabe-nos a nós a iniciativa de uma idéa util e conveniente.

Se ao contrario nós temos a justiça pelo nosso lado, os defensores do regimento terão prestado um relevante serviço á causa publica, dando o exemplo de uma discussão leal, aceitando a verdade de onde quer que ella venha, e auxiliando com as suas luzes uma reforma de grande interesse.

Agora, meu amavel leitor, podemos conversar mais familiarmente sobre outras cousas da semana.

Esquecei que hoje é o 1º de Abril. O que vos tenho a dizer é muito sério. Pretendia escrever-vos um folhetim apropriado ao dia; mas neste tempo de *custas* tudo *custa*, e por isso resignai-vos á semsaboria da quadra.

Demais, os *poissons* do 1º de Abril começaram este anno tão cedo, que já perderam a graça.

O *tudo e nada* do *Jornal do Commercio*, que escreve sempre a segunda parte do seu artigo e nunca chega á primeira descobriu que o regimento de custas era uma pulha.

No Maranhão os visionarios espalharam que o Dr. Olympio Machado fôra demittido da presidencia justamente no momento em que aquelle digno funcionario merece toda a confiança do governo pela sua excellente administração.

Nesta côrte o Theatro Lyrico tambem nos prégou um formidavel logro com o seu baile alcunhado de *Remorso*. Se alguma cousa ha nesta farça que se pareça com o titulo, é o sentimento do autor por tê-la composto, e o da directoria por se ter animado a fazer representar uma cousa tão grottesca.

O outro logro foi a recita de quinta-feira, que se transferiu a pretexto de molestia. Se esse foi o verdadeiro motivo, não sei; a directoria soberana não dá satisfações ao publico; mas diziam por ahi que naquelle dia, por volta do meio dia, ainda não se tinha vendido um só bilhete de geral. Natural-

mente os apaixonados da Zecchini estavam todos afflictos com a molestia da *terza-dona*.

Ainda uma vez insistimos para que se acabe com esse monopolio lyrico, tão prejudicial aos interesses do publico. Não sei que razão, ou antes que escrupulo, pôde fazer continuar semelhante estado, e receiar uma concurrencia, cujas vantagens são geralmente reconhecidas.

Temos uma nova empreza lyrica, que sem nenhuma subvenção se propõe dar espectaculos no Theatro de S. Pedro de Alcantara. O governo devia não só autorisar semelhante empreza, como facilitar-lhe todos os meios de levar a effeito o seu projecto; porque assim conseguiriamos ter excellentes representações, melhores artistas, e fariamos dentro de alguns annos uma grande economia, reconhecendo que podem existir emprezas lyricas não subvencionadas.

Outra grande vantagem desta empreza é a edificação de um grande theatro lyrico com as proporções necessarias para facilitar a entrada a todas as classes da sociedade: para isto pede a empreza durante dez annos uma subvenção annual de 120 contos, ficando o theatro pertencendo ao governo no fim do prazo da duração da companhia, que é de quinze annos.

Ora, — se attendermos a que o governo teria de despender, mais de mil contos na edificação de um theatro daquellas proporções, — se considerarmos na economia da subvenção, — é evidente que muito ganhamos em auxiliar a nova empreza, e fazer com que ella realize o seu plano o mais breve possivel.

E basta de ideias profanas; estamos na Semana-Santa, no tempo da Sagrada Paixão, dos santos e poeticos mysterios da nossa religião: ahí vem os dias de prece e recolhimento, e as romarias pelas igrejas.

Este anno a rua do Ouvidor deve estar brilhante. Além das bellas casas que por este tempo costumam apresentar-se com todo o luzimento, teremos um novo estabelecimento preparado com o maior luxo e bom gosto.

A *Notre Dame de Paris* abre amanhã o seu magnifico salão. A respeito de elegancia e riqueza é decididamente o primeiro estabelecimento deste genero que existe na côrte.

Que felicidade para os maridos e pais de familia ! Não de pagar caro os vestidos e as modas ; porém ao menos terão o consolo de reverem-se em magnificos espelhos, de pisarem macios tapetes, e recostarem-se em cominodas poltronas.

O que é verdade é que de amanhã em diante as mocinhas do tom terão um lindo palacio de fadas, e os homens casados um verdadeiro purgatorio em vida.

Iamos fechar este artigo quando nos contaram que a relação desta côrte tinha absolvido ao procurador de causas Antonio Manoel Cordeiro. No logar competente examinaremos este processo, e apreciaremos a justiça dessa absolvição, dada a favor de um homem sobre o qual pesava tão grave accusação.

Rio, 15 de Abril.

Nestor Roqueplan, o espirituoso escriptor que tão exactamente descreveu o typo de *larmoyeur*, esqueceu-se de classificar uma das especies mais interessantes deste genero de bipede implume: o *larmoyeur* jornalista.

E' verdade que esta importante descoberta estava reservada para nossos dias. Conheciam-se diversas classes de *larmoyeurs*, como os politicos, os parlamentares, os pretendentes, os conquistadores; mas o *larmoyeur* jornalista só appareceu pela primeira vez no sabbado da alleluia, no dia de Judas.

Appareceu declarando que estava triste, muito triste, e queixando-se, e pedindo que o consolassem! Que pena! Que penna! . . .

Lastimava-se por causa do dia? Não creio; é mais natural que se resentisse de alguma injustiça grave, que estivesse possuido de algum despeito violento.

Que pena! Consolai-o, leitores, porque do contrario ficareis privados do vosso divertimento das quintas, da graça e do espirito de tão bellos artigos. Napoleão quer abdicar; Cesar recusa o imperio; Talma retira-se do theatro! Oh! desgraça!

Acho escusado dizer-vos a folha a que devemos essa tão curiosa invenção do *larmoyeur*, assim como o nome do seu abençoado autor.

Qual o jornal desta corte que se distingue pela brilhante iniciativa que tem tomado nos melhoramentos da imprensa?

O *Jornal do Commercio*.

O que é que exprimem as lagrimas com a sua eloquencia sublime, com a sua expressão irresistivel? *Tudo e nada*.

Só vos peço, por bem de todos, que não deixeis de consolar o nosso *larmoyeur*, pelas razões que já vos disse. Escrevei algumas correspondencias elogiando o seu estylo, o chiste dos seus artigos, e sobretudo que não vos esqueçam os lindos *Post-Scriptum*,—dignos de rivalisar com as scenas de uma comedia hespanhola!

E' preciso tambem chama-lo algumas vezes, a proposito, de sabio, de genio, de portento. *Gato ruivo do que usa disso cuida*,—diz um proverbio nosso.

Demais, o homem é amigo de todo o mundo. Conselheiros de estado, marquezes, viscondes, ministros, pertencem ao circulo dos intimos. « Meu amigo Bellegarde, meu amigo Pedreira, meus amigos marquezes, » são phrases que lhe vem a todo o momento ao bico da penna.

E não cuidem que é por vangloriar-se; não, é simples força de amisade, é o poder da *sympathia*. O nosso escriptor é o *Pollux* de todos os Castores, é o *fidus Achates* da humanidade ministerial.

Ora, um homem que se acha nesta posição, e que não é justamente apreciado, tem direito a ficar triste, a mostrar-se despeitado e a esmagar os outros com a sua ironia tranchante, chamando-os de sabios e de genios:—isto é: atirando-se em corpo e alma, em palavras e obras, sobre a cabeça daquelles que ainda o não reconheceram como tal!

E, a fallar a verdade, o publico tem sido injusto e o *Jornal do Commercio* ingrato. Já lá vão não sei quantos artigos, e nem sequer ainda fizeram sahir a mais pequena publicação a pedido elogiando o luzeiro da imprensa, que *tudo* sabe e *nada* ignora,—o amigo de todo o mundo.

Voltando porém ao meu autor, a appareição do *larmoyeur* jornalista faz-me lembrar uma pagina sua que li ha tempos, e que recommendo aos meus leitores.

Na opinião do espirituoso escriptor, a arte de chorar a proposito é a primeira das artes, assim como as lagrimas são a unica lingua universal que existe na terra, e que provavelmente foi fallada antes da Torre de Babel.

Quereis a prova?

Abri a boca e chorai.... todo o mundo entenderá que tendes fome.

Chorai e bebei as lagrimas; e logo se conhecerá que estais morrendo á sede.

Levai a mão ao coração e chorai olhando uma mulher; e ella comprehenderá que a amais.

Erguei ao céu os olhos razos de prantos, juntai as mãos; e ninguém deixará de entender a prece muda de uma alma infeliz.

Voltaí as algibeiras e deixai correr algumas lagrimas; e logo se verá que não tendes dinheiro nem credito.

Uma lagrima isolada, que pende da palpebra, e corre lentamente por um rosto pallido e triste, exprime uma dôr silenciosa e concentrada; é como uma gota de fel que verte o coração.

Duas lagrimas limpidas que empanam ás vezes o brilho dos olhos, e se desfilam docemente pelas faces, dizem uma saudade, uma suave recordação.

O pranto e os soluços são a expressão do desespero, assim como uns olhos razos de lagrimas e um sorriso, revellam o momento da suprema felicidade deste mundo.

E entretanto, apesar do poder irresistivel desta linguagem universal, todo o mundo trata de rir, e ninguém sabe chorar. As lagrimas vão cahindo em desuso; e apenas nas despedidas e nos enterros ainda se usa, bem que raras vezes, deste meio persuasivo.

O Sr. ministro do imperio na sua reforma da instrucção publica esqueceu-se de crear uma aula especial desta arte, ou desta lingua, como quizerem. N'um tempo em que o ensino se multiplica, em que ha escolas para tudo, é imperdoavel que não exista uma escola onde se aprenda a chorar a proposito.

O choro, segundo o nosso autor, é um *flux à deux robinets*; é um jorro que vos inunda n'um instante, penetra pelos póros da vossa sensibilidade, e vos faz transbordar o coração.

E' preciso portanto que cada homem tenha a sua disposição uma fonte lacrimal abundante, e sempre prompta a soltar o repuxo. E' preciso tambem que saiba usar della conforme as regras d'arte.

Assim, ás vezes é mais conveniente uma dessas lagrimas silenciosas de que já vos fallei; outras, é preferivel uma chuvia, uma garoa; e alguns casos haverá que seja necessario uma inundação, um verdadeiro diluvio lacrimal, do qual nem o mesmo Noé escaparia.

Só os mestres podem ensinar esses segredos d'arte, e adestrar os seus discipulos nestes rasgos, nestes tropos, nestas figuras da eloquencia lacrimal: por conseguinte, uma escola do choro é indispensavel.

Aberta a aula, os primeiros que se matriculam são os namorados de ambos os sexos; em segundo lugar os pretendentes, os candidatos á eleição; depois os oradores, os ministros, os ministros e os jornalistas que aspiram á popularidade.

Finalmente se formará uma sociedade importante, uma ordem notavel, uma corporação distincta, cujos membros terão o titulo de—*chevaliers de la larme à l'œil*.

Não esqueçam porém uma cousa, e é que não sou eu que digo essas cousas: se não lhes agradam, queixem-se de *Nestor Roqueplan*, que foi quem as inventou. Eu o que fiz apenas como bom traductor foi presumir alguns pensamentos que de certo lhe escaparam, e que elle naturalmente teria se escrevesse nesta cidade, e não em Paris.

Isto posto, estou as vossas disposições; podemos conversar sobre o que nos parecer, sobre o *D. Paschoal* no theatro lyrico, sobre as noticias do *Paraguay*, sobre o frio e sobre osdivertimentos da semana.

Fostes sexta-feira á noite á Botafogo?

Vistes como estava brilhante a linda praia, com a sua bella illuminação, com as suas alegres serenatas, e com os bandos de passeadores que circulavam em frente do palacio ?

Havia uma expansão de contentamento e de jubilo em todas estas demonstrações com que era acolhida e festejada a vinda de Suas Magestades. O arrabalde aristocratico se desvanecia por ser durante algum tempo a residencia da cõrte.

Uma banda de musica desfilava ao longe da praia soltando ás brisas da noite e aos écos harmoniosos daquella bahia alguns temas favoritos do *Trovador*. Os grupos de mocinhas travessas e risonhas se encontravam e se confundiam um momento n'uma nuvem de beijos e abraços.

Aquellas arêas felizes eram pisadas por muito pezinho mimoso, habituado á roçar com o seu sapatinho de setim os macios tapetes e o lustroso soalho dos ricos salões ; e por isso, se observasseis bem, havieis de ver entre os passeadores perdidos na multidão muito Romeu, muito Ossian, muito Goethe improvisado.

As auras da noite, que agitavam aquelles cabellos avelludados, que roçavam por aquelles labios maliciosos, que passavam carregados de ruido, de musicas, de perfumes, trouxeram-me no meio dos rumores da festa ao lugar onde estava umas palavras soltas que pareciam a continuação de uma conversa interrompida.

A primeira voz que me chegou ao ouvido era doce e melodiosa : era de moça, e pelo timbre devia ser de uma boqui-nha bonita.

— Está tudo muito lindo, dizia a voz : mas acho que falta uma cousa.

— O que ? perguntou o cavalheiro, que naturalmente dava o braço, não á voz, mas á dona da voz.

— Devia haver um *fogo de artificio*.

— E o ha com effeito.

— Mas onde ? Não vejo

— Nem o pôde ver, porque está nos seus olhos.

— Engraçado ! . . .

A brisa escasseou neste momento, e não me trouxe o fim da conversa; mas eu fiquei comprehendendo a razão por que hoje não se usam, como antigamente em todas as festas, as gyrandolas, as rodas de fogo, etc. Foram substituidas por outra espécie de *fogo de artificio*.

O que se usava outr'ora tinha o inconveniente de queimar a gente; mas esta queimadura curava-se ahi com qualquer remedio de botica. O que está em moda presentemente é peor, porque em vez de queimar abraza, e dizem que por muito tempo.

O que eu sei é que é esta uma arte capaz de fazer concorrência a do *larmoyeur*, e digna de serio estudo, não só para se poder bem usar della, como para se evitarem os enganos e as ciladas em que pôde cahir quem não tiver perfeito conhecimento desses segredos da *coqueterie*.

Os homens que fallam de *tudo e nada* dizem, têm ahi um bello thema para dissertarem; podem mostrar a influencia util que deve ter aquelle estudo sobre o desenvolvimento da nossa arte dramatica, tão desprezada e tão desmerecida entre nós.

É isto vem a proposito, agora que a nova empreza do Gymnasio Dramatico se organisou, e promete fazer alguma cousa a bem do nosso theatro.

Assistimos quinta-feira á primeira representação da nova companhia no theatro de S. Francisco: foi á scena um pequeno drama de Scribe, e a comedia do Dr. Macedo.

Embora fosse um primeiro ensaio, comtudo deu-nos as melhores esperanças: a representação correu bem em geral, e em algumas occasiões excellente.

O que resta pois é que os esforços do Sr. Emilio Doux sejam animados, e que a sua empreza alcance a protecção de que carece para poder prestar no futuro alguns serviços.

Cumpra que as pessoas que se acham em uma posição elevada dêem o exemplo de uma protecção generosa á nossa arte dramatica. Se ellas a encorajarem com a sua presença, se a guiarem com os seus conselhos, estou certo que em pouco tempo a pequena empreza que hoje estrêa se tornará um theatro

interessante, no qual se poderão ouvir alguns dramas originaes, e passar-se uma noite bem agradável.

Que vale entre tantas despezas de luxo a mesquinha assignatura de um pequeno theatro? Que importa que se sacrifique uma ou duas noites para dar um impulso á nossa arte dramatica, e ganhar para o futuro um passatempo util e agradável?

No momento em que se soubesse que algumas das nossas notabilidades, citadas pelo seu bom gosto e pelo seu amor á arte, eram assignantes do Gymnasio, que as senhoras distinctas estavam promptas a applaudir um bello lance dramatico, não haveria mais penna que julgasse se desmerecia escrevendo para o theatro.

Assim pois a essas pessoas compete dar o exemplo:—quanto aos autores, estes estão promptos, e um dos mais distinctos já tomou a iniciativa dando uma composição sua para abertura do theatro.

Não é este o lugar proprio para uma critica litteraria, e por isso nos abtemos de fallar da espirituosa comedia do Dr. Macedo, a qual foi muito bem acolhida.

Tivemos esta semana boas noticias do Paraguay. A perspectiva de guerra desapareceu; e assim era de esperar, visto que aquella Republica não era de força para lutar conosco. Tem, é verdade, as suas *Tres-bocas*; mas cada um dos nossos vapores tem muito maior numero de bocas; e não são bocas d'agua, ou de rio, são bocas de fogo.

Nas altas regiões da politica trata-se da vaga de senador pela provincia da Bahia.

Não faltam candidatos; mas ha um que é recommendado pelo seu merecimento e pelos seus serviços, lembrado pelos homens mais illustrados, e que será muito bem aceito pela sua provincia; fallamos do Sr. Wanderley.

Rio, 22 de Abril.

O Botafogo continúa a ser o *rendez-vous* da sociedade elegante desta cõrte.

As tardes não têm sido tão lindas como deviam ; mas felizmente ahi vem o mez de Maiõ, o mez das flores, da poesia,— a verdadeira primavera da nossa terra.

Começa a estação dos bailes e dos sarãos. O Campestre dá a sua primeira partida por estes dias ; o Cassino nos promete uma bella noite antes do fim do mez.

Teremos naturalmente, como nos annos passados, uma febre dansante. Ninguem escapará a epidemia ; e até alguns malevolos espalham que o proprio ministerio fará uma *contradansa*.

Venha pois o mez gentil, a estação das flôres, com as suas bellas tardes, com as suas lindas manhãs de cerração, com os seus dias puros e frescos !

Quanta cousa bonita que se prepara para este tempo ! Que bellas noites, que alegres divertimentos nos promete ainda o arrabalde de Botafogo !

Uma regata, um baile popular, e um fogo de artificio suspenso sobre as aguas limpidas da bahia ! Que magnifico espectáculo !

A minha penna, coitadinha, já está tremendo de susto, só com a idéa de que ha de ser obrigada a descrever todas essas maravilhas ! Que se arranje como puder : é cousa que bem pouco me embaraça.

Além destes encantadores divertimentos, ainda teremos outros que por ora estão em segredo, e que se revelarão a seu tempo ; assim como muita novidade politica que se está guardando para a abertura das camaras.

Que novidades são estas ?—Não sei ; correm tantas versões, que é impossivel acertar com a verdadeira. Cada um descreve a situação á sua maneira, fôrma conjecturas, e acaba fazendo uma pergunta que está no pensamento de todos :

— Haverá opposição ?

Entretanto, na minha fraca opinião, a situação é a mais bella e a mais esperançosa que é possivel. Navegamos n'um mar de rosas ao sopro das brizas bonançosas ; faz um tempo soberbo : tudo sorri, tudo brilha.

E se não, lancem os olhos sobre a actualidade, e estudem com attenção os prognoticos favoraveis que vão apparecendo.

Com a entrada da boa estação as *folhas* de uma arvore que diziam carunchosas, as folhas da *Constituição*, reverdecem. Hercules reveste-se da tunica de Nesso, e dispõe-se a recommençar os sete grandes trabalhos. A nossa marinha se enriquece consideravelmente com uma *não de pedra*, invento que não possuem os paizes mais civilizados da Europa. Finalmente, o exercito leve uma promoção !

Não ha pois que duvidar. A época é toda de esperanças : e se por ahi se vêm esvoaçar alguns *urubús*, não é porque o ministerio esteja doente. Qual ! é porque estamos tratando agora da *limpeza das praias*.

Ha tambem uns sujeitinhos que espalham que o ministerio já não *regula*. Que contrasenso ! O ministerio dos *regulamentos* ! Bem se vê que são cousas a que não se deve dar o menor credito.

Assim pois, creio que se pôde responder negativamente á pergunta que fazem todos os politicos. Não teremos opposição.

Tratar-se-ha de uma ou outra questão juridica e administrativa; far-se-hão algumas interpeilações, e nada mais.

Quatro mezes depressa se passam: e os ministros, que gostão tanto do *gabinete*, mas que têm uma ogeriza particular ás *camaras*, tomarão um meio termo, e decidirão nos *salões* com os deputados as questões mais importantes da administração.

O *salão* é um terreno neutro entre a camara e o gabinete. No *gabinete* só entram os intimos, aquelles que estão no segredo do dono da casa, e que gozam da sua familiaridade. A *camara* é o aposento onde ordinariamente têm lugar os arrufos e as zanguinhas do marido com a mulher, onde se ralha e se passam algumas horas de máo humor.

No salão porém recebem-se todas as visitas de cerimonia ou de intimidade; dão-se bailes, reuniões dansantes e concertos. Conversa-se ao som de musica; conferencia-se a dous no meio de muita gente,—de maneira que nem se falla em segredo nem em publico.

Se a palestra vai bem, procura-se alguma *chaiselongue* n'um canto da sala, e a pretexto de tomar sorvete ou gelados, faz-se uma transacção, effectua-se um tratado de aliança.

Se a conversa toma máo caminho, ahí apparece uma quadilha que se tem de dansar, uma senhora a que se devem fazer as honras, um terceiro que chega a proposito; e acaba-se a conferencia, e livra-se o ministro do dilemma em que se achava, do compromettimento de responder sim ou não.

Um ministerio prudente deve por consequente procurar sempre o *salão* antes de entrar na *camara*, e isto até mesmo por uma analogia com o que se passa nas relações domesticas e na vida familiar.

Um namorado imprudente que, prescindindo das etiquetas, quizesse logo do primeiro dia penetrar na *camara* de alguma belleza facil que requestasse, corria seu perigo de ver-se obrigado a saltar pela janella, a quebrar uma perna, e talvez a ser agarrado pela policia.

Ao contrario, um conquistador de tactica, que primeiro se faz apresentar no *salão*, que concilia as boas graças da mamã,

e se inicia nos negocios do papai, que se faz necessario, dahi a pouco passa á varanda, ao *gabinete*, e por fim conquista a *camara*.

Bem entendido, conquista a *camara* com o auxilio da igreja ; assim como o ministerio deve conquista-la com o auxilio da justiça.

Está pois definido o programma da nossa situação politica. O ministerio deve abrir os seus salões, dar um baile todas as noites, e tratar de fazer com que haja bons espectaculos lyricos, afim de os theatros serem concorridos.

Realizando este programma, não deve ter medo dos deputados, porque ninguem deixará as bellas salas illuminadas, e as elegantes rainhas da moda com todas as suas fascinações, para se ir metter n'uma *camara* velha e escura, que até já foi *cadêa* !

Além do socego de espirito, ganharão os ministros uma popularidade espantosa entre as moças, entre os leões da cidade, e até entre os musicos e os sorveteiros, que abençoarão este diario consumo de *notas* e de sorvetes.

Nenhum folhetinista poderá deixar de fazer o seu elogio quando no domingo passar em rezenha os magnificos sarãos que tiverem lugar durante a semana, e acharem nas suas recordações as mais bellas, idéas e as mais bonitas inspirações para um artigo poetico.

As moças com este trato continuo fascinarão de todo os seus adoradores : e o numero dos casamentos se multiplicará consideravelmente, trazendo um sensivel augmento de população, devido unicamente á politica do ministerio.

Deixemos por um momento esta perspectiva brilhante, para olhar um quadro triste da semana,—uma scena de luto em que devemos tomar parte.

Falleceu na noite de segunda-feira o Sr. conselheiro João Duarte Lisboa Serra. Ainda na flôr da idade, succumbiu a uma enfermidade cruel, depois de um longo soffrimento de cerca de tres mezes.

Reunia ás virtudes civicas e á intelligencia e integridade da vida publica, os mais nobres sentimentos do homem : era

um zeloso empregado, um cidadão honesto, um amigo leal, e um excellente pai de familia.

Não ha muito tempo, n'uma carta que nos dirigiu, offereceu-nos uma poesia feita nas suas noites de insomnia e de padecimento. Mal sabiamos nós,—ao lèr estes versos tão simples e tão repassados de magoa e de sentimento,—que ouviamos o *canto do cysne*.

Aqui os copio com o trecho da carta. Os seus amigos, aquelles que o estimavam, ouvirão ainda uma vez as suas palavras.

« Adeus !

Bem quizera terminar mandando-lhe alguma flôr mimosa colhida como por encanto no meio das vastas e monotonas campinas deste meu prosaico retiro. Mas apenas deparo com os ramos funebres do cipreste.

.

Leia pois, no meio das esperanças que lhe sorriem, esses tristes versos do desengano ; e receba no grito do moribundo uma lembrança indelevel do amigo.

E' a minha oração da manhã.

Domine, exaudi orationem meam !

Morrer tão moço ainda ! quando apenas
Começava a pagar á patria amada
Um escasso tributo, que devia
A seus doces extremos !

Morrer tendo no peito tanta vida,
Tanta idéa na mente, tanto sonho,
Tanto afan de servi-la, caminhando
Ao futuro com ella ! . . .

Se ao menos de meus filhos eu pudesse,
Educados por mim, legar-lhe o esforço . . .
Mas ah ! que os deixo tenras florezinhas
A' mercê dos tufões.

Vencerão das paixões o insano embate?
Succumbirão na luta do egoismo?
As crenças, a virtude, o sentimento
Quem lhes ha de inspirar?

Não te peço, meu Deus, mesquinhos gozos
Deste mundo illusorio; mas supplico,
Tempo de vida,—quanto baste apenas
Para educar meus filhos.

E' curto o prazo; dai-me embora o fel
Dos soffrimentos; sorverei contente.
Lucida a mente, macerai-me as carnes,
Estortegai meu corpo.

E após tranquillo, volverei ao seio
Da eternidade. A fimbria do teu manto,
Face em terra, beijando,—o meu destino
Ouvirei de teus labios.

Andarahy, 1855. »

Voltemos a pagina, e passemos dos dramas verdadeiros e reaes aos dramas escriptos, às scenas do theatro.

O *Gymnasio* deu a sua terceira representação, na qual estreou uma espirituosa menina, que tem um bello talento e as melhores disposições para a scena. Em algumas occasiões especialmente representou com tanta intelligencia, com tanta graça, que arrancou applausos geraes.

A companhia vai perfeitamente, tanto quanto é possivel aos modestos recursos de que dispõe. E' conhecida geralmente a falta que temos de bons actores; e por isso não ha remedio senão ir creando novos. O *Gymnasio* por ora é apenas uma escola; mas uma escola que promete bons artistas.

A sala é pequena; entretanto a circumspecção que reina sempre nos espectadores, a lotação exacta das cadeiras e geraes, a regularidade da representação, fazem que se passe

uma noite agradável, e muito mais divertida do que no theatro de S. Pedro de Alcantara.

Se as minhas amaveis leitoras duvidam, vão examinar com os seus proprios olhos se falto á verdade: Vão assistir a uma noite de espectaculo, e ver brincar na scena com toda a naturalidade aquella interessante e maliciosa menina de que lhes fallei.

As minhas leitoras se recusariam por acaso a fazer este beneficio á arte, dando tom a este pequeno theatrinho, que tanto precisa de auxilio e protecção?

Estou certo que não; e está me parecendo que esta noite enxergarei pelos camarotes muito rostinho gentil, muito olhar curioso procurando ver se eu os enganei e faltei á verdade.

Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page.

Rio, 28 de Abril.

Que linda noite, meu Deus !

Fazia um luar magnifico. As estrellas brilhavam no azul do céo. As brizas apenas murmurejavam entre as sombras das arvores.

Era uma noite de Abril, uma dessas bellas noites da nossa terra,—noites de poesia e de romance.

Estavamos no Passeio Publico. Eramos dous, e conversavamos sobre tanta cousa, faziamos tantos sonhos acordados, tantos poemas de imaginação, que nem sei dizer.

Ha muita gente que prefere o dia á noite. Eu, ao contrario, sou da seita dos peripateticos, e sigo neste ponto a opinião de Mery.

Não ha cousa mais bella e mais poetica neste mundo do que sejam as estrellas. O sol é um astro egoista, incommodo, e que de mais a mais faz-se de espião, e quer intrometter-se em tudo.

O sol causa dôres de cabeça, queima as faces as mais mimosas, estraga as mais bellas côres, obriga a gente a não sahir de casa, rouba-nos o prazer de passeiar no campo, e gera uma alluvião de insectos e mosquitos capaz de morder a todo o genero humano.

Decididamente prefiro a noite com as suas estrellas, com o silencio de suas horas mortas, e as suas sombras pallidas e melancolicas.

E' sempre de noite que temos as nossas melhores idéas ; e quando se trata de tomar uma resolução importante, ninguem deixa de *dormir sobre o caso*.

Quanto á poesia, nem fallemos. Se quereis sentir, se desejais ter inspirações, passeiai de noite ao relento conversando com as estrellas. Ficareis poeta por força.

O mesmo me aconteceu nessa noite de que vos fallei. Conversavamos sobre musica, sobre a representação dos *Puritanos*, sobre o theatro, e de repente senti em mim umas faiscas do fogo sagrado.

Lembrava-me da Charton, e parecia-me ouvir uma dessas bellas volatas que brincam nos seus labios,—que se elevam gradualmente até confundir-se em ondas de harmonias,—que morrem a pouco e pouco, e vão perder-se n'um sorriso ou n'um tenue suspiro que lhe parte o seio.

Muitas vezes faltavam-nos as imagens. Seria necessario recorrer a todas as artes, materialisar o som, colorir a voz, dar corpo á musica, para descrever todas as bellezas desse canto inspirado.

Assim ha umas notas que chammejam, irradiam como chispas brilhantes lançadas no ar ; ha outras que cahem docemente como gotta do orvalho da manhã. Umas são brilhantes que desferem raios de luz ; outras são flôres que exhalam perfumes á noite.

Muitas sorriem, brincam com os labios, aninham-se nas covinhas da boca, fazem mil travessuras, furtam um beijo—e fogem. Algumas suspiram, tremem, vacillam como a lagrima que se desfia pelas faces, palpitam como um seio opprimido, e por fim vem expirar suavemente dentro d'alma.

A's vezes dir-se-hia que o beija-flôr se aninha no calix de uma rosa ; outras que bate as suas azas douradas, e se lança no espaço colorindo-se aos raios do sol.

E todos esses arabescos e fantasias brilhantes que vos traça a imaginação, todas essas flôres mimosas, esses raios de luz

e esses lindos coloridos, não valem o drama cheio de emoções que se passa em vossa alma aos sons daquella voz harmoniosa.

Ha muito tempo não tem o nosso theatro uma noite como a dos *Puritanos* ; a representação correu perfeitamente, e todos os papeis foram mais ou menos bem desempenhados.

Dufrene, o novo tenor, apesar da pouca extensão de sua voz, agradou. E' um excellente artista, e canta com muito estylo e muita expressão. Estou certo que quando estivermos habituados com o seu canto, o ouviremos com muito mais prazer do que nas primeiras noites.

Bouché foi perfeitamente no seu pequeno papel. A sua bella voz produziu o melhor effeito no magnifico duetto do segundo acto.

A *Charton* excedeu-se. Graciosa nas expansões infantis de um amor feliz, sublime no desespero, natural nos desvarios da paixão, foi artista desde o começo ao fim. Havia naquelle dia o que quer que seja que a animava, que a excitava a obscurecer os seus triumphos passados.

No dia antecedente já tínhamos ouvido a *Charton* ; mas despida de todo este prestigio do theatro, de toda esta fascinação das luzes e da scena. Nem por isso a achámos menos brilhante.

Foi isto domingo na festa de S. Francisco. A igreja estava armada com toda a simplicidade. Apenas algumas grinaldas de rosas se destacavam pelas alvas paredes e cahiam do tecto em festões.

Uma meia obscuridade, empallidecida pelos raios dos cirios, realçava o aspecto grave e simples do templo, e dava-lhe uma expressão de recolhimento e de santidade, que não têm ordinariamente as nossas igrejas em dias de festa.

As litanias sagradas e os sons do orgão se confundiam um momento ; depois o silencio se restabelecia, e uma voz harmoniosa erguia ao céu uma prece traduzida n'alguma bella melodia que se casava perfeitamente com as palavras do ritual.

Cantou a *Casaloni*, o *Bouché*, o *Gentili*, o *Arnaud*, e finalmente a *Charton*.

Receivamos uma desillusão; pensavamos que, fóra do theatro, o seu canto não tivesse o mesmo poder. Mas o verdadeiro artista tem n'alma o fogo sagrado, a scentelha divina, que, no instante em que se anima, dá brilho aos seus olhos e expressão aos seus gestos.

Um concurso numeroso enchia a igreja, e assistia com satisfação a esta solemnidade religiosa de uma das ordens mais importantes desta côrte.

Este anno muitos melhoramentos se introduziram, devidos ao zelo de um dos definidores, o Sr. Miranda. Além da simplicidade com que elle fez ornar a igreja, admitiu o costume europeu, e mandou collocar na capella-mór elegantes assentos para as senhoras.

Tudo preparado com muita singeleza e bom gosto, de maneira que as senhoras podem assistir ás solemnidades, sem estarem expostas aos empurrões da multidão que ás vezes se apinha na igreja.

O hospital da ordem teve tambem um grande melhoramento com o serviço da iluminação a gaz que já se acha estabelecido, graças á generosidade de um dos definidores, o Dr. Izidro Borges Monteiro.

Estava em pratica que o definidor incumbido do hospital carregava com a despeza da exposição annual que era costume fazer-se.

Entendeu o Dr. Izidro que devia acabar com este precedente, que além de não trazer utilidade alguma para a ordem, era excessivamente incommodo aos doentes. Nesta idéa dotou o hospital com a iluminação a gaz, que monta a perto de dous contos de réis, e acabou com as exposições annuaes.

Não foi portanto unicamente uma generosidade, mas um beneficio real e muito proveitoso que o Dr. Izidro fez á ordem. O hospital pôde ser visitado em qualquer dia pelas pessoas que solicitarem este favor; e estas poderão bem julgar do estado vantajoso em que se acha este estabelecimento.

Foi ainda por esforços destes dous membros da ordem que se acabou com o uso das mesas lantias e dos banquetes que se costumavam offerecer aos convidados depois da festa,

fazendo assim da casa de Deus uma especie de café ou de *restaurant*.

Neste ponto do meu artigo vi-me obrigado, pela primeira vez, a passar uma reprehensão muito seria á minha penna, que desejava escrever uma dissertação sobre o culto da igreja.

Não houve remedio senão lembrar-lhe os desvios em que muitas vezes sahem certas pennas que escrevem sobre cousas de que não têm perfeito conhecimento.

Assim ha nesta côrte um periodico, de que nem sei o nome, que se julgou habilitado a dirigir uma insinuação perfida a um dos nossos mais distinctos diplomatas, o Sr. Dr. José Maria do Amaral.

Responderíamos a este artigo se não estivessemos convencidos que o unico nome do Sr. Amaral contém a maior defeza e o maior elogio que se possa fazer do seu character honesto a toda prova. Além de que, pessoa mais habilitada já mostrou todas as falsidades em que cahiu o autor daquelle escripto, o qual nem tem a coragem de sua opinião.

Batido com as suas proprias palavras, carregando com a responsabilidade de uma accusação grave feita contra um alto funcionario publico, devia ou aceitar a discussão que lhe offereciam, ou destratar-se do que havia dito. Não o fazendo, classificou muito claramente a natureza dessa insinuação. (1)

(1) A tal respeito, e ainda em 1860 provocado em uns artigos publicados no *Correio da Tarde* sob a epigrapha—*O Brazil e o Rio da Prata*, escreveu o Sr. conselheiro Amaral: «Chegada a hora de tomar a palavra, fallarei sem a minima reserva e á vista de documentos, de modo que a nação fique inteirada cabal e minuciosamente de todas as circumstancias da nossa politica na Assumpção, no Paraná, em Buenos-Ayres e em Montevidéu...— Por hoje limito-me a dizer... que ás pilherias dos mascarados costume responder com indifferença, mas que no caso actual, não posso deixar de rir, vendo caracterizado com tanta propriedade o famoso typo do garoto do caes do Sofré.» (*Cor. Merc.* de 28 de Julho de 1860).— Aquella hora porém, parece que não sou: em tempo... Hoje depois da *triplice alliança* e da guerra com o Paraguay, não temos mais mysterios.—*P. C.*

Depois de lembrar este exemplo á minha penna, lembrei-lhe o que já lhe tinha acontecido a respeito do *tudo e nada*.

Lembrei-lhe que n'uma das revistas passadas tinha-me comprometido horrivelmente e feito commetter uma injustiça clamorosa contra um dos mais notaveis escriptores do Brazil.

E tudo iso produzido por uma virgula travessa que sahiu do seu lugar e foi-se intrometter onde não era chamada.

Eis o caso em duas palavras : N'uma das revistas passadas escrevi eu com a melhor boa fé e sem malicia o seguinte :

« Os homens que fallam de *tudo e nada*, dizem têm ahí um bello thema para dissertarem, etc. »

Agora, passando pelos olhos o meu artigo, fiquei pasmo : em lugar do que eu tinha escripto havia uma blasphemia deste theor.

« Os homens que fallam de *tudo e nada* dizem, têm ahí um bello thema para dissertarem, etc. »

E por isso vem o homem citando as taes malditas palavras : « Os homens que fallam de *tudo e nada* dizem » !...

Eu que sou o primeiro a reconhecer (como ponto de fé, como dogma) a graça exquisita, a fina elegancia, o bom gosto, o espirito delicado do sublime escriptor do *Jornal do Commercio*, podia cahir naquelle contrasenso e avançar que elle falla de tudo e nada diz ?

Falla de tudo!... Que insinuação perfida ! Como podia eu dizer semelhante blasphemia, se elle só falla de si e dos seus amigos.

E nada diz!... Outra falsidade. Não só diz, mas rediz, repete tres e quatro vezes a mesma cousa. Queixa-se sempre de ser obrigado a escrever aquillo de que todos o desobrigam.

Só quem não tiver lido... Que disparate ! Pois alguém deixar pôde de ter lido o *Tudo e nada* ? Não é possível ! Depois da Quaresma, da Paschoa e das confissões, vem o tempo das penitencias.

Já vêm os meus leitores que nunca foi minha intenção escrever aquelle absurdo. A minha penna, que tem a balda dos calemburgos, fez, sem que eu o sentisse, uma transposição de virgula, e arranjou-me assim este grave compromettimento.

O homem porém tomou o negocio ao serio ; e portanto estou perdido. Que será de mim a lutar com uma penna que escreve com tinta *sympathica*, e que por conseguinte tem a amizade de todo o mundo !

E por onde foi começar ? Pelas minhas celeberrimas erratas ! Que ha de ser de mim ? Fui metter-me no orçamento, eu que não estou habituado a sommar o dinheiro da nação e a contar os emolumentos que ás vezes se percebem pelos requerimentos das partes. E' bem feito que o mestre me dê o quinão.

Demais, elle tinha justa razão de zangar-se. Eu offendi-lhe um privilegio exclusivo, usurpei-lhe um direito sagrado, ataquei um elemento essencial de sua existencia, esbulhei-o de um *brevet de perfection*, tirei-lhe um monopolio que elle exercia, emfim, errei sem pedir-lhe venia e permissão.

E antes que o offenda segunda vez, vou mudar de assumpto e fallar de outras cousas.

O governo contratou finalmente a construcção de um theatro com a primeira empreza que para este fim se organisou. Era tempo, porque o Provisorio começa de novo a revoltar-se contra a permanencia.

Na segunda-feira alguns barrotes do soalho entenderam que, estando passados os tres annos de existencia, tinham todo o direito de apodrecerem e partirem-se. E assim o fizeram, dando ao governo e á empreza um grande exemplo de exactidão e lealdade no cumprimento dos contratos.

A policia que assistiu ao factu registrou-o ; e como o soalho estava no seu direito, assentou que seria uma violencia inaudita o contraria-lo.

Vejam que respeito se vota entre nós á lei dos contratos ! Que boa fê preside ás convenções ! O theatro Provisorio pôde cahir em cima das nossas cabeças, e ninguem tratará de prevenir semelhante desastre,—porque emfim o edificio só tem obrigação de existir tres annos, e estes tres annos estão concluidos.

Assim pois estamos bem servidos de theatros lyricos ; um está em projectos, o outro em ruinas. Veremos quem ganha a aposta. Se o novo se construe antes do velho cahir.

Quanto a mim, aposto pelo velho, apesar da boa vontade da empresa *Pedro II*, que se empenha em realizar a sua idéa o mais breve possível.

Desta vez deixemos em paz a politica ; os ministros estão muito occupados com os relatorios. E um relatorio vale por dez regulamentos.

Rio, 6 de Maio.

Hontem por volta de nove horas do dia sahi de casa com tenção de visitar o novo estabelecimento optico do Reis á rua do Hospicio n. 71.

Tinham-me feito tantos elogios deste armazem, do seu arranjo e elegancia, que assentei de julga-lo pelos meus proprios olhos.

Não foi porém esta a unica razão que excitou a minha curiosidade. O que principalmente me levava áquella casa era um sentimento egoísta, um desejo de myope.

Les yeux sont les fenêtres de l'âme,—diz Alphonse Karr n'um livrinho espirituoso que dedicou ás mulheres.

Ora, ha muitas almas que têm a felicidade de poderem de manhã cedo abrirem as suas janellas de par em par, e se debruçarem nellas para espreitarem o que se passa adiante do nariz.

Outras mais modestas, como as almas das mocinhas timidas, abrem a meio as suas janellas, mas se escondem por detraz das *gelozias* que formam seus longos cilios de seda; e assim vêm tudo sem serem vistas.

Algumas porém são tão infelizes, que quando abrem as suas janellas, vêem-se obrigadas a descerem immediatamente as *empanadas*. Estas são as almas dos myopes que usão de oculos fixos.

Estou portanto convencido que as *janellas d'alma* são em tudo e por tudo semelhantes ás janellas das casas; com a unica differença do architecto.

Assim, ha olhos de sacada, de peitoril, de persianas, de empanadas, de cortinas; da mesma maneira que ha janellas azues, pretas, verdes, de fôrma chinesa ou de estylo gothico.

Essas *janellas d'alma* são de todo o tamanho.

Umás excedem a medida da camara municipal, e deviam ser multadas porque affectam a ordem e o socego publico: são os olhos grandes de mulher bonita.

Outras não passam de pequenas frestas ou setteiras, como certos olhos pequeninos e buliçosos que quando olham fazem coegas dentro do coração.

O que porém dava materia á um estudo muito interessante é o modo porque a alma costuma chegar á janella.

A alma é mulher e como tal padece do mal de Eva, da curiosidade; por isso, apenas ha o menor barulho nas ruas, faz o mesmo que qualquer menina janelleira, atira a costura ao lado e corre a varanda.

Entretanto cada uma tem o seu systema differente.

As almas francas e leaes debruçam-se inteiramente na sacada, sorriem ao amigo que passa, cumprimentam os conhecidos, e ás vezes offerecem a casa á algum dos seus íntimos.

Outras, ao contrario, nunca se reclinam á janella, ficam sempre por detrás da cortina, e olham o que se passa por uma pequena fresta. Deste numero são as almas dos diplomatas, dos *jesuitas* e dos ministros de estado.

Em compensação ha tambem algumas almas, que quando pilham um espirito descuidado, saltam pela janella como um estudante vadio, e vão *flanar* pelas estrellas, abandonando por um instante o corpo, seu hospede e companheiro.

*Animula vagula, blandula,
Hospes comesque corporis.*

As almas das andalusitas, e de algumas mulheres *coquetes* que eu conheço, têm um costume mui lindo de chegar á janella.

Escondem-se e começam á brincar com as cortinas, á fazer tantos requebros graciosos, tantos meneios encantadores, que seduzem e martirysam um homem.

Para exprimir esta travessura d'alma na janella, os hespanhoes inventaram uma palavra muito doce, o verbo *ojejar*, que não tem traducção nas outras linguas.

Ia eu meu caminho pensando em todas estas cousas, e formando um plano de estudo sobre as janellas d'alma, quando encontrei um amigo que se prestou a me acompanhar.

Chegámos juntos ao armazem optico da rua do Hospicio n. 71. O seu proprietario nos recebeu com toda a amabilidade e cortezia, e nos mostrou o seu estabelecimento.

Com effeito não eram exagerados os elogios que me tinham feito dessa casa, onde se encontra um sortimento completo de instrumentos e objectos de optica,—tudo perfeito e bem acabado.

Vi um telescopio que me asseguraram ser o melhor que existe no Rio de Janeiro actualmente, e com o auxilio do qual pôde um homem uma bella noite ir fazer uma visita aos planetas, e examinar de perto os aneis de Saturno.

Vi muitos outros instrumentos para medir as distancias, tomar as alturas das montanhas, estudar as variações da atmosphera, muita cousa emfim que os nossos avós teriam de certo classificado como *brucaria*.

Chegámos finalmente aos oculos, e entre todos aquelles primores d'arte, no meio de tantos trabalhos delicados e de tantas invenções admiraveis,—causou-me reparo uma velha luneta de grossos aros de tartaruga, de feitio tão grosseiro que me pareceu ser uma das primeiras obras do inventor dos oculos.

Estava mettida n'uma caixa de marroquim rôxo sobre o qual se destacavam uns traços apagados que me pareciam de letras desconhecidas de alguma lingua antiga.

Disse-me o proprietario que esta luneta lhe viera por acaso entre uma colleção de elegantes *pince-nez* que lhe chegára ultimamente da Europa; excedia o numero da factura, o que fazia suppor que naturalmente tinha-se confundido com as outras, quando o fabricante as arrumára na caixa,

Embora não me dê a estudos de antiquario, comtudo aprecio esses objectos de outros tempos, que muitas vezes podem ter um caracter historico.

Continuei a examinar a luneta, levei-a aos olhos, e por acaso fitei o amigo que me acompanhava.

Horresco referens !

Li na boca do meu companheiro, em letras *encarnadas*, estas formaes palavras :

— Forte massante ! Está me fazendo perder o tempo !

Agarrei mais que depressa a minha alma que ia lançar-se à *janella* ; e disfarçando a minha surpresa, voltei-me para o proprietario.

Atravéz do seu ar amavel e cortez, li ainda o seguinte :

— Que extravagancia ! Com tantos oculos bonitos occupar-se com uma luneta velha que não vale nada !

Emfim olhei para o caixeiro da casa, e vi immediatamente a traducção de um sorriso complacente que lhe assomava nos labios :

— Ah ! se o homem me livra deste alcaide !—dizia o sorriso do caixeiro.

Não havia que duvidar. Tinha em meu poder a celebre luneta magica de que fallam os sabios antigos. Comprei-a por uma bagatella apezar da insistencia do proprietario que não queria abrir preço a um traste velho e sem valia.

Despedi-me do meu amigo pedindo que desculpasse a massada, guardei com todo o cuidado a minha luneta, e segui o meu caminho.

Precisava reflectir.

Como é que aquelle vidro magico que se perdera na antiguidade, e que depois Frederico Soulié achou nas Memorias do Diabo, o emprestou um instante a Luigi, se achava nesse momento na minha algibeira ?

Porque fatalidade o *Lorgnon* de Delfina Gay viera parar ao Rio de Janeiro, e se achava naquella casa desconhecido, ignorado de todos, podendo cahir nas mãos do chefe de policia, que então se veria obrigado a prender nove decimos da cidade ?

Pensem que turbilhão de idéas, que torvelinho de pensamentos, me agitava a mente exaltada por este facto. Visões fantasticas surgiam de repente, e começavam a dançar um *sabbat* virtiginoso no meu cerebro escandecido.

Via scenas do Roberto do Diabo, de Macbet, do Paraiso Perdido, e da Divina Comedia, mais bem pintadas do que as de Bragaldi, de Dante, de Milton, e de todos os pintores e poetas do mundo.

Emfim decidi-me e fui almoçar.

O almoço,—e especialmente o almoço diplomatico e parlamentar,—é um dos mais poderosos calmantes que eu conheço. Actúa sobre o espirito pelo systema homeopathico.

Se este anno pudesse haver a mais pequena sombra de opposição, aconselharia aos ministros que pozessem em voga nesta estação os almoços parlamentares.

Depois de almoçar senti-me mais senhor de mim, e pude reflectir friamente sobre a posse da minha luneta.

Lembrei-me que era escriptor, e avaliei o alcance immenso que tinha para mim aquelle vidro magico.

Bastavam-me tres ou quatro *coups de lorgnon*, para escrever uma revista que antes me roubava bem boas horas de descanso e socego.

Não precisava mais estar preso a uma banca, a escrever, a riscar, a contar as taboas do tecto em busca de uma idéa, a esgrimir contra a muza rebelde.

O meu folhetim tornava-se um agradavel passeio, um doce espaciar, olhando á direita e á esquerda, medindo á calçada a passos lentos, e rindo-me das cousas engraçadas que me revelaria a minha luneta.

Assim pois não é um artigo ao *Correr da Penna* que ides hoje ler, mas um simples passeio, uma revista ao *correr dos olhos*.

§

São duas horas.

E' a hora da *flanerie* parlamentar.

Lá vem braço á braço dois deputados *opposicionistas*.

Opposicionistas?... Quero dizer queixosos. Opposicionista é uma palavra anti-diluviana, cujo sentido se perdeu na confusão das linguas da Torre de Babel, e que naturalmente existiu no tempo que havia governo.

Opposicionistas ou queixosos eram dois bellos typos a estudar. Isto é, eu pensava que eram dois: mas fitando-lhes a minha luneta, vi com pasmo que ambos pensavam não só da mesma maneira, mas com as mesmas palavras.

—A fallar a verdade,—diziam os olhos de ambos,—é uma asneira comprometter-me com o ministerio, que parece estar seguro a duas amarras. O melhor é esperar!... Entretanto vamos a ver se este sujeitinho, que aqui vai, toma a cousa ao serio, e mette-se na corriola!...

Quasi ao mesmo tempo em que terminavam esta idéa luminosa, um delles virou-se para o outro:

—Então sempre estais decidido?

—De pedra e cal.

—Pois conta comigo.

Um sorriso, um aperto de mão, e separaram-se na mais estreita *entente cordiale*.

Um tomou a direcção do *Caminho Novo de Botafogo*; o outro entrou no *Jornal do Commercio*.

§

Estava ainda moralisando o facto, em pé na porta do Wallerstein, quando descobri um moço politico, esperanças da patria, que vinha mordendo os beiços de uma maneira desesperada.

—Que lhe terá acontecido? disse eu comigo.

E assestei-lhe a luneta.

Um interessante monologo, que tinha lugar no seu espirito, acompanhava as furiosas mordeduras de beiços.

—Que epocha! Que epocha!—pensava o homem. *Le monde va de mal en pire*. Tudo se profana! Tudo se desmoralisa!

« Não ha mais *credito* senão no commercio. Em politica é vender a dinheiro, e não fiar de ninguém !

« Esses oradores, que promettiam esmagar o ministerio, nem se atrevem á tocar na casa dos maribondos; antes de começarem os discursos já adoçaram a boca; já beberam o copo *d'agua com assucar.*»

« No tempo de *Cicero* e *Demosthenes* não se usava o copo d'agua com assucar: por isso nota-se que o estylo daquelles famosos oradores é forte e vigoroso.

« Os de hoje ao contrario levam *mel pelos beiços*, e por isso tem sempre palavrinhas doces e assucaradas.

« E tenha um homem principios n'uma quadra como esta! Tudo é mentira! Tudo é falsidade!

« *Fronti nulla fides!* Não ha homem hoje em dia no qual se possa acreditar.

« Até o reverendo *consta-nos* do *Jornal do Commercio*, já não é uma verdade official, uma confidencia de ministros, uma pagina da pasta....

« Esse *pigeon* ministerial, mensageiro fiel dos segredos de estado, tornou-se velho, mudou de *pennas*, e hoje não passa de um *canard*, que por ahí anda mariscando a beira da praia os *poissons* de primeiro de abril!

« Ha dias fez o Sr. José Ricardo tomar posse da presidencia duas vezes; hontem nomeou um chefe de policia que infelizmente o ministro da justiça não quiz confirmar. »

Neste ponto do dialogo o nosso philosopho dobrou a esquina de modo que não pude mais acompanhar o seu monologo.

§

Voltando-me dei com um representante de provincia que cahiu sob o raio do meu *lorgnon*.

Estava occupado a guardar um livrinho verde: o seu *Agenda*.

Veiu-me a curiosidade de lêr uma pagina desse livro; e com o auxilio da luneta o consegui.

A primeira folha resava assim:

LEMBRANÇAS

1.º—Encomendar um fraque de côr no *Dagnan*, e visitar os ministros.

2.º—Projecto para que se trate seriamente de providenciar a respeito do papel existente no mercado, afim de que não se sinta falta com o consumo feito em regulamentos.

3.º—Proposta para que se autorise o governo a confeccionar um regimento de custas para a camara dos deputados, com o fim de estimular o trabalho, e fazer com que se abra a assembléa no dia marcado.

§

Pouco depois do representante, passou um folhetinista dando o braço á um personagem importante.

— Então como é isso,—dizia o personagem, desvaneceu-se a nuvem negra? Não ha mais opposição?

— Não; tudo isto acabou.

— Ora senhor....

— De que se admira, meu amigo?

— Pois esses homens que gritavam tanto...

— Ouviram a missa do *Espirito Santo*, meu caro.

— E então?...

— Ficaram *inspirados*.

— Ah! *Intendo*, como diz o Gentile.

— Por fallar nisto,—retrucou o folhetinista,—lembra-me que na occasião da abertura da assembléa a musica tocava a aria de tenor do 4.º acto do *Trovador*. *Madre infelice corro á salvarti!*...

— Seria uma allusão?

— Não sei, meu amigo: mas a época é de calemburgos e trocadilhos.

§

Ahi vem um capitão de artilheria....

Enganei-me: é um correio de ministro vestido em grande uniforme.

Depois que os estafetas do correio adoptaram a jaqueta de panno com vivos,—é justo que o estafeta do ministro, que constitue a aristocracia da classe, recorra a sobrecasaca militar. *A tout seigneur, tout honneur.*

Tinha já visto tanta cousa, faltava-me ver o que existe dentro de uma pasta de ministro.

Em primeiro lugar havia o rascunho de um projecto para estabelecer o emprego de escriptor publico, á guisa do promotor, do professor e do advogado publico.

Necessidade de marcar-se um bom ordenado ao escriptor publico,—o qual deve ser examinado como o professor, e marchar de accordo com a policia como o promotor.

Vi tambem os papeis relativos á nomeação do novo inspector da instrucção publica, logar que exerce intiridamente o illustrado e infatigavel Dr. Pacheco da Silva.

Entre os nomes li o do Sr. visconde de Sapucahy, do Sr. marquez de Abrantes, e de muitas outras pessoas habilitadas; mas n'um cantinho descobri escripto de um modo especial o nome do Sr. Herculano Penna.

Deixei estes papeis, convencido que a dignidade e energia com que o Sr. visconde de Itaborahy exerceu este cargo, exige que o governo medite bem antes de decidir-se na escolha do seu successor.

Vi tambem uma porção de pedidos de demissões de presidentes, de nomeações de outros, de lembranças á respeito, que me deram a entender ia haver uma contradansa geral nas altas posições administrativas.

Tudo isto porém ainda é segredo; e vos conto em confidencia.

Parece que os Srs. Penna e Zacharias renunciaram as suas presidencias, e que irá para o Alto-Amazonas o actual presidente do Maranhão, um dos mais dignos caracteres e dos mais notaveis administradores que temos.

Os presidentes da Bahia e Rio Grande do Sul vêm assistir a esta sessão com a idéa firme de não reassumirem os seus cargos.

Ja-me esquecendo dizer que estava na tal pasta um voto de agradecimento da provincia do Rio de Janeiro, por se acharem na vice-presidencia, e no cargo de chefe de policia, dous dignos fluminenses.

Vinha de envolta uma pequena queixa por ser tudo isto apenas uma interinidade ; mas tambem para uma provincia cuja deputação não tem em seu seio quem a possa reger, é ser muito exigente.

§

Passou o tal capitão improvisado, e eu limpei os vidros de minha luneta, guardei-a cuidadosamente para me servir em melhores occasiões, e fui tratar de escrever alguma cousa, para que os meus leitores não me tomem por negligente.

Li hoje um bello folhetim lyrico em que se acha máo tudo quanto o *Mercantil* cahiu na asneira de achar bom. Li-o com muito prazer, e sem surpresa.

Quem julga que a *Zechini* encantou na Luiza Miller, devia logica e necessariamente achar que a *Chariton* cantou como uma furia nos Puritanos.

O *Campestre* deu sua partida no dia 28 de Abril. O baile vai em decadencia quanto á dansa ; mas em compensação o serviço é excellent e de uma profusão inexgotavel. O *Francioni* conseguiu vencer a sorvete e a empada a carga cerrada dos *Cossacos* e *Zuavos* de vinte pollegadas de altura.

A nova empreza lyrica fez a eleição da sua directoria, e da noticia que publicaram os jornaes haveis de ver o acerto da escolha. O sr. visconde de Giquitinhonha aceitou a presidencia.

No horisonte poetico da bella sociedade já se lubriga um baile do Cassino, uma regata em Botafogo, e algumas partidas familiares e encantadoras.

Venham essas flores do mez de Maio, flores perfumadas dos salões, que apenas vivem uma noite, mas que deixam na alma tantas reminiscencias.

Rio, 13 de Maio.

Estou hoje com bem pouca disposição para escrever.
Conversemos.

A conversa é uma das cousas mais agradaveis e mais uteis que existe no mundo.

A principio conversava-se para distrahir e passar o tempo; mas actualmente a conversa deixou de ser um simples devaneio do espirito.

Dizia Esopo que a palavra é a melhor, e tambem a peor cousa que Deus deu ao homem.

Ora, para fazer valer este dom é preciso saber conversar, é preciso estudar profundamente todos os recursos da palavra.

A conversa, portanto, pôde ser uma arte,—uma sciencia,—uma profissão mesmo.

Ha porém diversas maneiras de conversar. Conversa-se a dous, *en tête-à-tête*; e palestra-se com muitas pessoas, *en causerie*.

A *causerie* é uma verdadeira arte como a pintura, como a musica, como a esculptura. A palavra é um instrumento, um cinzel, um *crayon* que traça mil arabescos, que desenha baixos relevos, e tece mil harmonias de sons e de fórm.

Na *causerie* o espirito é uma borboleta de azas douradas que adeja sobre as idéas e sobre os pensamentos, que sugalhes o mel e o perfume, que esvoaça em zig-zags até que adormece na sua *chrysalida*.

A imaginação é um prisma brilhante, que reflecte todas as côres, que decompõem os menores atomos de luz, que faz scintillar um raio do pensamento por cada uma de suas facetas diaphanas.

A conversa a dous, ao contrario, é fria e calculada como uma sciencia : tem alguma cousa das mathematicas, e muito da estrategia militar.

Por isso quando ella não é um calculo de algebra ou a resolução de um problema, torna-se ordinariamente um duello e um combate.

Assim quando virdes dous amigos, dous velhos camaradas, que conversam intimamente e a sós, ficai certo que estão calculando algebricamente o proveito que podem tirar um do outro, e resolvendo praticamente o grande problema da amizade classica dos tempos antigos.

Se forem dous namorados *en tête-à-tête*, que estiverem a desfazer-se em ternuras e meiguices, requebrando os olhos e afinando o mais doce sorriso, podeis ter a certeza que ou zombam um do outro, ou buscam uma incognita que não existe neste mundo,—a fidelidade.

Em outras occasiões a conversa a dous torna-se, como dissemos, uma perfeita estrategia militar, um combate.

A palavra transforma-se então n'uma especie de *zuavo* prompto ao ataque. Os olhos são duas sentinellas, dous ajudantes de campo postos de observação n'alguma eminencia proxima,

O olhar faz as vezes de espião que se quer introduzir na praça inimiga. A confidencia é uma falsa sortida ; o sorriso é uma verdadeira cilada.

Isto succede frequentemente em politica e em diplomacia.

Um ministerio, aliás bem conceituado no paiz, e que se sente cheio de força e prestigio, vê-se incommodado por uma pequena opposição nas camaras,—e recorre á *conversa*.

Como faziam os exercitos antigos, como fez Roma e Alba, em vez de uma batalha campal, acha mais prudente e mais *humano* appellar para o juizo de Deus, e decidir a victoria pelo combate dos Horacios e dos Curiacios.

Novo Horacio, separa os inimigos por uma *ruse de guerre*, e combate, isto é, conversa com cada um dos inimigos.

Ora, todos nós sabemos, desde o tempo em que traduzimos Tito Livio, que um Curiacio não é para se medir com um Horacio ; por conseguinte o resultado da conversa é sabido com antecedencia.

Instancias de uma parte, confidencias da outra, protestos, accusações, queixas e promessas, tudo de mistura, eis em resumo os elementos de uma conversa ministerial e parlamentar.

De ordinario esta conversa começa friamente. Caminham lado a lado, mas guardando uma certa distancia. Nota-se na physionomia alguma reserva, uma indecisão mesmo. As palavras trocam-se lentamente, e como que medidas e pesadas.

São os primeiros passos, os botes preliminares de dous jogadores de florete.

Dentro em pouco tempo ha um pequeno arranhão, faz-se sangue. Os homens tomam fogo, fallam ao mesmo tempo, gesticulam desesperadamente, e medem o assoalho a passos largos e desencontrados.

Mas :

Depois de procellosa tempestade,
Sombras de opposição que leva o vento,
Traz a *pasta* serena claridade
Esperança de *voto* e salvamento.

(CAMÕES.)

A conversa chega ao seu terceiro periodo, á sua ultima phase. Passeiam então braço a braço, ou sentam-se n'algum canto, risonhos, contentes, satisfeitos, como dous amigos que se encontram ao cabo de uma longa ausencia, como dous amantes que se abraçam depois de um pequeno arrufo,

Desde que começou a ter voga este genero de conversa governativa, ou politica, immediatamente certos espiritos methodicos e systematicos trataram de classificar por ella as diversas especies de opposicionistas ou descontentes.

Assim ha hoje tres classes distinctas de opposicionistas. 1.^a dos que já conversaram ; 2.^a dos que querem conversar ; 3.^a dos que não admittem conversa.

Esta ultima classe dizem que é das mais pobres, e com toda a razão. E' preciso ser-se bem misantropo e anti-social para fugir a uma conversa tão amavel e de tão grande interesse.

Não vão tomar a má parte esta expressão. Quando eu disse que a conversa ministerial é de grande interesse, foi no sentido de ser instructiva e de deleitar o espirito, deixando impressões agradaveis.

Mas, voltando ao nosso assumpto, é innegavel a influencia benefica que exerce a *conversa* sobre a alma do homem civilisado.

Nos primeiros dias da sessão da camara, como ainda ha pouco se tinha conversado, a chapa ministerial da commissão de resposta á falla do throno soffreu um *echec*.

Porém neste dia mesmo conversou-se. O ministerio tem neste ponto uma grande vantagem : é um senhor que conversa por seis boccas.

O resultado foi que a cousa tomou outro caminho, e entrou nos seus eixos.

Dizem, é verdade, que a nomeação dos Srs. Ferraz e Assis Rocha para as commissões de fazenda e justiça civil foi uma verdadeira derrota.

Não creio : estou mesmo convencido que o ministerio desejou de coração que duas intelligencias distinctas, como são estes senhores, fossem aproveitadas, cada uma na sua especialidade.

E tanto isto é assim, tanto essas velleidades de opposição não tomam aspecto serio, que a resposta á falla do throno apresentada hontem mostra a inteira adhesão que presta a camara á politica do governo e á marcha da administração.

Felizmente estamos no tempo das ironias; e não se me dá de crer que a camara é capaz de approvar aquella resposta, e pouco depois declarar-se em opposição aberta.

E nisto não fazia mais do que seguir o exemplo dos ministros que promettem, protestam, dão palavra, e amanhã nem se lembram do que disseram na vespera.

Ora, não vejo porque a camara não aproveitará das lições dos seus mestres, ainda mesmo que seja para dar-lhes lição.

Terá medo de dissolução? Acreditará n'um boato que por ahí espalham certos visionarios?

Custa-me a crer. O tempo em que os ministerios dissolviam as camaras já passou; agora estamos no tempo em que as camaras é que hão de dissolver os ministerios. (1)

Outr'ora, quando os deputados vinham por sua vontade, com toda a pressa, o ministerio os mandava embora.

Actualmente, que é preciso que o governo mande buscar os deputados, é natural que estes mandem embora o ministerio.

E' a regra do mundo. Depois da acção vem a reacção.

Aqui vejo-me obrigado a abrir um parenthesis, e a trocar a minha penna de folhetinista por uma penna qualquer de escriptor de artigos de fundo.

Não brinquem o negocio é muito serio.

Vou escrever uma tirada politica.

§

A situação actual apresenta um aspecto muito grave, e que pôde ter grandes consequencias para o paiz.

Chegamos talvez a esse momento decisivo em que os sentimentos politicos por muito tempo adormecidos vão novamente reaparecer e tomar um grande impulso.

No meio do indifferentismo e do marasmo em que se sepultavam os antigos partidos politicos, começam a fermentar algumas idéas, algumas aspirações, que talvez sejam o germen de um novo partido.

(1) Tornou a voltar o 1.º tempo. Prova: o 12 de maio de 1863 e o 22 de maio da *actualidade*.—P. C.

Os principios desapareceram ; as opiniões se confundem, as convicções vacillam, e os homens não se entendem, porque falta o pensamento superior, a idéa capital que deve traçar a marcha do governo.

A politica e a administração, deixando de ser um systema, reduziram-se apenas a uma serie de factos que não são a consequencia de nenhum principio, e que derivam apenas das circumstancias e das necessidades do momento.

A conciliação apresentada como programma pelo ministerio actual ficou sem realização.

Foi apenas um meio transitorio a que se recorreu quando sentiu-se a necessidade de crear esperanças, que foram depois illudidas.

Todos os symptomas pois indicam que o organismo politico, em que esteve o paiz, começa a fazer crise. Deste cahos de opiniões, de idéas, de theorias, de convicções mortas e de opiniões que se vão creando, ha de necessariamente sahir um elemento novo, uma combinação de principios que deve formar um grande partido.

Quaes devem ser as tendencias e as bases fundamentaes dessa nova politica? Quaes serão as idéas, as reformas, e os melhoramentos que constituirão o seu programma de governo?

E' difficil, é quasi impossivel dizer-lo; mas parece-me que a conciliação, que o ministerio não conseguiu realizar nos homens, se ha de operar nesta confusão de idéas extremas que deve formar o novo partido.

Ha certos factos necessarios, que não dependem da vontade humana, e que entretanto podem ser dirigidos e modificados por ella.

Na época actual o apparecimento de um partido filho das antigas facções politicas que dividiram o paiz é uma necessidade, é uma consequencia fatal do estado de cousas.

Cumpria pois que os homens eminentes que podem de alguma maneira imprimir a sua vontade nos acontecimentos tomassem a iniciativa, e creando os elementos desse novo partido, lhe dessem uma influencia benefica e salutar.

Ha no nosso paiz, ha no seio da representação nacional, ha nas altas posições administrativas homens que deviam incumbir-se dessa missão, e levantar a bandeira, em torno da qual se agrupariam immediatamente todos os espiritos que hoje vacillam, todas as aspirações que agora vão nascendo.

Iniciado na tribuna, sustentado pela imprensa, acolhido pela opinião geral, esse novo pensamento, essa nova profissão de fé, ficaria conhecida pelo paiz inteiro.

A politica não seria mais uma simples luta de interesses individuaes, uma opposição de certos homens. A influencia e o prestigio dos grandes nomes tornar-se-hia então um verdadeiro pronunciamento de idéas e principios.

Todos esperam com anciedade a discussão do parlamento; todos aguardam o momento decisivo de uma demonstração clara e expressa.

Se nem um desses homens de quem ha pouco fallámos tomar a iniciativa, então, perdida a fé que inspiram os nomes conhecidos no paiz, não haverá remedio senão caminhar sem elles.

Os homens novos, que não têm compromettimentos nem precedentes, trabalharão como simples soldados. Algum dia acharão um chefe ; e se o não acharem, crea-lo-hão.

Os melhores generaes foram soldados.

§

Já era tempo.

Vem de novo, minha boa penna de folhetinista, vamos conversar sobre bailes e theatros, sobre essas cousas agradaveis que não custam a escrever, e que brincam e sorriem sobre o papel, despertando tanta recordação mimosa.

Lembras-te do Cassino ?

O lindo baile já não é aquella brilhante reunião de outros tempos, onde se viam agrupadas como flores de uma grinalda todas as moças bonitas desta terra.

Tudo passa ; algumas daquellas flôres levadas pelas brisas do mar lá se foram perfumar outros salões ; muitas brilham aos raios de outro sol, e poucas ainda ahí vão talvez

unicamente para sentirem as reminiscencias de tempos passados.

E' verdade que lá de vez em quando nesta grinalda já quasi murcha desabrocha uma nova flôr, que faz esquecer um momento todo o passado.

Nessa ultima noite era uma flôr do Brasil que, depois de ter brilhado entre as pallidas anemones de Portugal, entre os alvos lyrios da França, entre as suaves myosotes da Allemanha, veiu de novo aquecer-se aos raios do sol da patria, e perfumar as bellas noites de nossa terra.

Se visseis como ella se balouçava docemente sobre a haste delicada, e se reclinava com tanta graça como para deixar cair as perolas de orvalho e fragancia que destillavam do seu seio delicado !

No meio de um baile tudo é fascinação e magia.

Tocava a valsa, e a flôr se transformava em sylphide, em *lutin*, em fada ligeira que deslizava docemente roçando apenas a terra com a ponta de um pezinho mimoso calçado com o mais feiticeiro dos sapatinhos de setim branco.

Um bonito pé é o verdadeiro condão de uma bella mulher.

Nem me fallem em mão, em olhos, em boca, em cabellos, á vista de um lindo pézinho que brinca sob a orla de um elegante vestido, que coquettêa voluptuosamente, ora escondendo-se, ora mostrando-se a furto.

Se eu me quizesse estender sobre a superioridade de um pé, ia longe ; não haveria papel que me bastasse.

Appareceu tambem no Cassino uma bella roseira, coberta de flôres, em torno da qual os colibris adejavam a ver se colhiam um sorriso ou uma palavra meiga e terna.

Mas a roseira só tinha espinhos para os que se chegavam a ella : os estames delicados guardavam o pollen dourado do seu seio para lança-lo talvez ás brisas das margens do Rheno ou do Mondego.

Depois do Cassino, o facto mais notavel da chronica dos salões foi o beneficio da Rachel Agostini com a representação da opera *Semiramis*.

A Casaloni caricaturou outra vez o papel de *Arsace*. O elegante e ardente guerreiro de Babilonia desappareceu naquella porte sem nobreza, naquelles gestos sem expressão, naquella frieza de character,

Por outro lado a beneficiada teria feito um verdadeiro *beneficio* ao publico se tivesse cortado do seu programma uma celebre aria do *Roberto do Diabo* e uma polka de invenção moderna que foi dansada pelo corpo de baile.

O *Gymnasio Dramatico* continúa em progresso. A concurrencia nestas ultimas recitas tem sido numerosa; e o salão começa a ser frequentado pelas melhores familias e por muita gente da sociedade.

Por isso já esperava eu. Colloquei aquella pequena empreza sob a protecção das minhas amaveis leitoras; e, embora o meu valimento seja nenhum, eu sabia que, por amor da arte, ellas não deixariam de olhar com bons olhos para esse seu protegido.

Ce que femme veut Dieu le veut. Se as minhas bellas leitoras quizerem, em pouco tempo o *Gymnasio* será um excellente theatro, e poderá criar artistas novos e dar-nos bem boas horas de agradavel passatempo.

Rio, 20 de Maio.

Domingo passado havia espectáculo no theatro de S. Pedro e no Gymnasio Dramatico.

Mais longe, n'um pequeno salão todo elegante, dansava-se e ouvia-se cantar Bouché, Ferranti, Dufrene e a Charton.

A harpa do Tronconi gemia, e a frauta de Scaramella trinava como um rouxinol.

Seriam dez horas da noute.

Neste mesmo momento, e no meio desta alegria geral, uma grande catastrophe se consumava.

Uma faisca desprezada crescêra, transformára-se em chamma, e ameaçava devorar um quarteirão inteiro.

Os sinos dobravam, o povo apinhava-se em torno, a chamma enroscava-se ao longo das paredes como uma serpente de fogo, e o incendio lançava sobre toda esta scena um clarão avermelhado e sinistro.

Fizeram-se actos de heroismo e de coragem, acções de bravura que passaram desapercibidas no meio desta luta terrivel do homem com o elemento.

Os inglezes portaram-se com o sangue-frio habitual ; os francezestrabalharam com enthusiasmo ; alguns brasileiros sustentaram a honra do seu nome e os brios nacionaes.

No dia seguinte apenas restava de tudo isto um acervo de ruínas ainda fumegantes, um epitaphio escripto pelo fogo, e que todos os passantes iam ler naquellas cinzas ardentes.

Durante dous ou tres dias conversou-se sobre o incendio, fizeram-se mil commentarios, e entre muita cousa que se disse appareceram algumas verdades bem tristes.

Asseguravam que as bombas do arsenal estavam desmanteladas, e que depois de chegarem ao lugar do incendio descobrira-se que não tinham chaves, e portanto fôra necessario esperar uma boa hora para que ellas pudessem prestar serviço.

Não sei até que ponto chega a verdade deste facto ; mas para mim elle nada tem de novo.

Se se tratasse de uma regata, de algum passeio de ministro a bordo dos navios de guerra, naturalmente tudo havia de estar prompto, as ordens seriam dadas a tempo, e se desenvolveria um luxo de actividade e de zelo como não ha exemplo, nem mesmo na Inglaterra, o paiz classico da rapidez.

Tratava-se porém de um incendio apenas, de cinco casas reduzidas a cinzas, e por isso não é de estranhar que não houvesse a mesma azafama que costuma apparecer naquelles outros ramos mais importantes do serviço publico.

Depois do fogo veio a chuva, como era natural ; tinha reinado um elemento, era justo que o outro lhe succedesse.

Toda a semana levou esta senhora a fazer-nos pirraças. Roubou-nos o bello divertimento da regata ; e de vez em quando escondia-se atrás da porta, isto é, por detrás do Corcovado, e deixava que o sol brilhasse e que o céu se tornasse azul, e apenas pilhava um homem na rua, começava a divertir-se á sua custa.

O arsenal de marinha, que não dá grande importancia á extincção dos incendios, podia ao menos tratar de livrar-nos do contratempo da chuva, e fazer a experiencia da theoria de Méry. E' natural que as suas peças de artilharia estejam em melhor estado que as suas bombas.

Entretanto, apesar da chuva tivemos esta semana uma noite de *Trovador* e outra de *Somnambula*.

O Dufrene fazia a sua quarta estréa nesta ultima opera. Na occasião em que se representava uma das scenas do primeiro acto, um amigo que estava ao meu lado lembrou-me as seguintes palavras de Balzac :

« *Un artiste qui a le malheur d'être plein de la PASSION qu'il veut exprimer, ne saurait la peindre, car il est la CHOSE même, au lieu d'en être l'image.* »

O que é que Balzac e o meu amigo queriam dizer com estas palavras ? Não sei ; um citou-as sem commentario ; o outro escreveu-as sem segunda tenção.

Nesta mesma noite teve lugar a reunião da sociedade Estatistica na sala onde se achavam expostos os productos industriaes dos Estados-Unidos, que o Sr. Fletcher offerecera a Suas Magestades e a algumas corporações scientificas desta côrte.

Havia muita cousa a admirar naquella pequena exposição, especialmente pelo que toca a photographia, aos trabalhos de cromolithographia, e ás cartas geographicas feitas pelo novo systema da gravura sobre cêra.

Vimos um busto de Webster, que o Sr. Fletcher nos affirmou ser feito com uma machina, que por meio de um processo engenhoso copia os traços de um outro busto. A semelhança era completa, a julgar-se pelos retratos em photographia que existiam na sala.

Aberta a sessão pelo Sr. visconde de Itaborahy, o Sr. Fletcher pronunciou um discurso em francez, no qual expoz as suas idéas e os projectos que o haviam animado a voltar ao Brazil.

Depois de fallar sobre a ignorancia absoluta e reciproca que existe no nosso paiz e nos Estados-Unidos sobre a organização politica, a administração e o progresso de uma e outra nação,—mostrou os desejos que tinha de fazer conhecido o Brazil na sua patria, e de estreitar assim as relações commerciaes e politicas dos dous povos americanos.

Se o Sr. Fletcher conseguir realizar esta idéa, pela qual

parece trabalhar com tanto enthusiasmo, fará um grande serviço á America. Talvez dessas relações que vão começar nasça um grande pensamento de politica americana, que no futuro venha a dirigir os destinos do novo mundo, e a pôr um termo á intervenção européa.

E se é exacta uma noticia que nos deram, então é muito natural que os projectos do Sr. Fletcher venham a effectuar-se mais breve do que se pensa.

O Sr. William Trousdale, ministro plenipotenciario dos Estados-Unidos na nossa côrte, é um dos candidatos á futura presidencia da Confederação ; e á vista dos valiosos serviços prestados por elle na guerra do Mexico, é de crer que esta candidatura seja bem aceita pelos diversos Estados.

Quanto á politica, é hoje esse terreno tão inclinado, que nelle não nos queremos aventurar, quando os chefes deixam os seus soldados errantes e dispersos combatendo em guerrilhas, sem saberem ao certo que bandeira defendem.

A camara dos deputados tem approvado algumas naturalisações de sугeitos que entendem que as leis do paiz não passam de letra morta, e que reclamam, pela importancia de seus nomes, dispensa naquellas leis.

Até reza a chronica que se deu o fôro de cidadão brasileiro a um estrangeiro recommendado á policia ! Talvez que merecesse esse favor para poder ser empregado na espionagem da gente trefega.

Desejava bem dar-vos alguma noticia da opposição ; porém creio que os opposicionistas modernos procedem de uma maneira muito differente da que se usava outr'ora.

Em vez de atacarem o governo, defendem-no; e por isso contaram-me que, perguntando o presidente a um deputado que pedira a palavra na resposta á falla do throno se era pró ou contra, respondera que seria como quizessem.

E' verdade que lá de vez em quando surge um campeão que não dá quartel ao governo, como succedeu hontem na discussão da falla do throno.

Que de verdades se descobriram ! O paiz está á borda de

um abysmo ! Nós caminhamos a passos de gigante para o mais completo absolutismo !

Quereis as provas ?

As medidas sobre a limpeza da cidade, os regulamentos de instrucção publica e de obitos, o methodo Castilho, e talvez que a reprovação de alguns professores ;—tudo isto na opinião do orador são golpes profundos que se tem dado á constituição e á nossa organização politica.

Pobre constituição ! A quanto não estaes sujeita ! E' verdade que depois que te arrancaram as *folhas* para as lançarem por ahi aos domingos e quintas-feiras,—não tinhas mais que esperar. (1)

Esquecia-me dar-vos uma noticia importante. Um candidato á senatoria, que não teve a fortuna de ser escolhido, foi ultimamente promovido a *tenente*.

E' um acto do governo que merece elogios ; é uma prova de que o ministerio, apreciando em subido gráo os serviços daquelle prestante cidadão, não quiz que elle entrasse no *quartel dos invalidos*, e babilitou-o para continuar em serviço activo.

E o que é mais notavel é que este favor foi feito a um deputado opposicionista ! Que imparcialidade !

Já sabeis que as iguarias preparadas para a regata foram enviadas aos doudos do Hospicio de Pedro II. Decididamente estavam predestinadas !

Seu primeiro destino era servir aos *doudos*, doudos de amor e de enthusiasmo,—que depois das corridas dos escaleres e das amaveis conversas com as bellas convivas, teriam de ir fazer um *toast* á rainha do dia em belleza e ao vencedor do pareo.

Mas tudo isto o tempo veio transtornar, e em vez de uma *regata* deu-se cinco ou seis, e bem *regadas* pela chuva, que a esta hora ainda cahe a cantaros.

E por hoje, despidida á franceza ; até o proximo domingo, em que é provavel que esteja de melhor vêa do que hoje.

(1) Refere-se ao periodico denominado *Constituição* redigido pelo illustre finado jornalista, o dr. Justiniano José da Rocha.

Rio, 27 de Maio.

— Desculpai-me !

Vou contar-vos uma cousa que me succedeu hontem ; é um dos episodios mais interessantes de minha vida de escriptor.

Aposto que nunca vistes escrever sem *tinta* ?

Pois lêde estas primeiras paginas, e comprehendereis como aquelle milagre é possível no seculo actual, no seculo do progresso.

Eis o caso.

Foi hontem, por volta das dez horas. Estava em casa de um amigo, e ahi mesmo dispunha-me a escrever a minha revista.

Sentei-me a mesa, e com todo o desplante de um homem que não sabe o que tem á dizer, ia dar começo ao meu folhetim, quando...

Talvez não acrediteis.

Tomei a penna, e levei-a ao tinteiro ; mas ella estremeceu toda, coitadinha, e sahiu intacta e pura. Não trazia nem uma nihilidade de tinta. Fiz nova experiencia e foi de balde.

O caso tornava-se grave, e já ia sahindo do meu serio, quando a penna deu um passo, creio que temperou a garganta, e pediu a palavra.

Estava perdido !

Tinha uma penna oradora, tinha discussões parlamentares, discursos de 5 e 6 horas. Que elementos para não trabalhar!

Nada; era preciso pôr um termo a semelhante abuso, e tomar uma resolução prompta e immediata.

Comecei por bater o pé, e passar uma reprehensão severa nos meus dous empregados, que assim se esqueciam dos seus deveres.

O meio era bom, e sortiu o desejado effeito como sempre!

Entramos em explicações; e no fim de contas soube a causa dessa dissidencia.

A penna se tinha declarado em opposição aberta; o tinteiro era ministerial *quand même*. E ambos tão decididos nas suas opiniões, que não havia meio de faze-los voltar atraz.

Era impossivel pois evitar uma discussão: resignei-me a ouvir os *prós* e os *contras* deste meu pequeno parlamento.

A penna do meu amigo fez um discurso muito desconxavado, a fallar a verdade. Por mais que lh'o tenha dito, não quer acreditar que a oratoria não é o seu forte: tirando-a da mesa e do papel não vale nada.

Emquanto porém ella fallava, o tinteiro voltava-lhe as costas de uma maneira desdenhosa, o que não achei bonito. Estive quasi chamando-o á ordem; mas não me animei.

Chegou finalmente a vez de fallar elle, e defendeu-se dizendo que todas as *pennas* faziam opposição aos tinteiros logo que estes lhes recusavam o *elemento* para trabalhar, e não lhe davam a *tinta* necessaria para escrever, sem a qual ficavam a *secco*.

— *C'est trop fort!* gritou a penna do meu amigo, que gosta de fallar em *francez*. Quebro os meus bicos antes do que receber uma só gotta de tinta em semelhante tinteiro.

E se o disse, melhor o fez. Não houve forças que a fizessem molhar os bicos no tinteiro, e escrever uma só palavra com aquella tinta.

Atirei-a de lado, abri a gaveta, e tomei um masso de pennas queahi havia de reserva.

Mesma cousa: todas ellas tinham ouvido, todas se julgavam compromettidas a sustentar a dignidade de sua classe.

Por fim perdi a paciencia, zanguei-me, e como já era mais de meio dia larguei-me a toda pressa para a casa, a fim de escrever alguma cousa que pudesse fazer as vezes de um folheto.

Mas uma nova decepção me esperava.

A minha penna, de ordinario tão alegre e tão travessa, a minha penna que é sempre a primeira a lançar-se ao meu encontro, a sorrir-me e a dar-me os bons dias, estava toda amuada, e quasi escondida entre um masso de papeis.

Quanto ao meu tinteiro, o mais pacato e o mais prudente dos tinteiros do mundo, este tinha um certo ar politico, um desplante de chefe de maioria, que me gelou de espanto.

Alguma cousa se tinha passado na minha ausencia, algum facto desconhecido que viera perturbar a harmonia e a feliz intelligencia que existia entre amigos de tanto tempo.

Ora é preciso que saibam que ha completa disparidade entre esses dous companheiros fieis das minhas vigalias e dos meus trabalhos.

O meu tinteiro é gordo e barrigudo como um capitão-mór de provincia. A minha penna é esbelta e delicada como uma mocinha de quinze annos.

Um é sizudo, merencorio e tristonho ; a outra é descuidosa, alegre, e ás vezes tão travessa que me vejo obrigado a ralhar com ella para faze-la ter modo.

Entretanto, apesar desta differença de genios, combinavam-se e viviam perfeitamente. Tinha-os unido o anno passado, e a lua de mel ainda durava. Eram o exemplo dos bem casados.

Façam portanto idéa do meu desapontamento quando comeci a perceber que havia entre elles o que quer que fosse.

Era nada menos do que a repetição da primeira scena.

Felizmente não veio acompanhada de discussões parlamentares, mesmo porque na minha mesa de escrever não admitto o systema constitucional.

E' o governo absoluto puro. Algumas vezes concedo o direito de petição ; no mais é justiça a *Salomão*, prompta e immediata.

A minha penna, como as pennas do meu amigo, como todas as pennas de brio e pundonor, tinha declarado guerra aos tinteiros do mundo.

Não havia pois que hesitar.

Lembrei-me que ella me tinha sido confiada á cousa de nove mezes pura e candida, e que assim a devia restituir.

Lembrei-me de muitas outras cousas e tomei uma resolução inabalavel.

Atirei o meu tinteiro pela janella fóra.

A penna saltou, de tão alegre e contentinha que ficou. Fez-me mil caricias, sorriu, coqueteou, e por fim fazendo-me um gestosinho de Charton no *Barbeiro de Sevilha*, um gestosinho que me mandava esperar, lançou-se sobre o papel, e começou a correr.

Escrevia sem tinta.

Quero dizer desenhava; esgraphiava sobre o papel quadros e scenas que eu me recordava ter visto a pouco tempo: debuxava flores, céos, estrellas, nuvens, sorrisos de mulheres, fórmas de anjos, tudo de envolta, e no meio de uma confusão graciosa.

E eu nem me lembrei mais de escrever, e fiquei horas esquecidas a olhar esses quadros, que de certo não conseguirei pintar-vos.

Recordo-me de um.

Passava-se na segunda-feira, na bahia de Botafogo.

A' uma hora o tempo fez umas caretas, como para metter susto aos medrosos.

D'ahi á alguns momentos o sol brilhou, o azul do céu illuminou-se, e uma brisa ligeira correu com os vapores do temporal que ainda toldavam a atmospherá.

Uma bella tarde desceu do seio das nuvens, pura, fresca e suave como uma odalisca, que roçagando as alvas roupagens de seu leito resvala do seu divan de velludo sob o macio tapete da Persia.

Era realmente uma odalisca, ou antes uma moreninha de nossa terra. Seu halito perfumado se exhalava na aragem que passava: os seus olhos brilhavam nos raios do sol; sua

tez morena se reflectia na opala dourada que coloria o horizonte.

Tudo sorria, tudo enamorava. As nuvenzinhas brancas que corriam no azul do céu, o vento a brincar com as fitas de um elegante *toilette*, uma restea de sol que vinha beijar uma face que enrubecia ao seu contacto,—tudo isto encantava.

Apenas o mar, como um leão selvagem, irrissava a juba, estorcia-se furioso, e arrojava-se bramindo sobre as aréas da praia.

Isto,—em bom portuguez,—quer dizer que havia uma ressaca insuportavel. Mas é necessario recorrer de vez em quando as imagens poeticas, e seguir os preceitos da arte; e foi por isso que dei ao mar a honra de compara-lo a um leão selvagem e indomito.

Na minha opinião elle não passa de um sujeito muito malcreado, que, apesar de tanta moça bonita que se incommodou para ir vê-lo, poz-se a fazer bravatas, como se alguém cá da terra tivesse medo d'elle.

Por isso os barquinhos zombavam dos seus rompantes e brincavam sobre as ondas e corriam tão ligeiros, tão graciosos, que era um gosto vê-los saltando nos cimos das vagas, e inclinando-se docemente com o fluxo da ressaca.

A's tres horas e meia ouviu-se um tiro de peça e começou o pareo que durou até cinco horas da tarde. Apesar de todos os contratempos que sobrevieram havia um prazer e uma animação geral.

Todos os convidados se achavam reunidos no primeiro pavimento da casa do Sr. Teixeira Leite; e ahí foi servido um excellente *toast* que a sociedade fizera preparar.

Sans pain et sans vin; l'amour n'est rien,—diz Brillat Savarin, que é autoridade na materia. Portanto não é de admirar que depois do *toast* todos os rostos se animassem, o sorriso se expandisse nos labios, e a galantaria se tornasse mais amavel e mais affectuosa.

Emquanto lançava um olhar sobre essas mezas carregadas de flores e de manjares, cercadas de tantas moças bonitas, e de talhes tão delicados e tão mimosos,—emquanto o Cham-

pagne espumava e as luzes scintillavam, fazendo brilhar o rubi liquido que tremia nos copos de crystal, vieram-me umas reflexões de philosophia gastronomica, ou de gastronomia philosophica (como quizerem), que me envergonharam.

A minha poesia, a pouca que tenho, aproveitou o primeiro olhar que passou e foi refugiar-se n'uns bellos olhos que ella conhece, até que passassem as reflexões humoristicas que faziam trabalhar o meu espirito.

E ella tinha razão.

N'uma meza de jantar, á menos que não se tenha perdido a razão,—declaro impossivel a menor dôse de poesia.

Neste lugar tudo se nivela, tudo se iguala. O rei e o mendigo, o rico e o pobre, a moça bonita e a mulher feia, todos tem fome.

Vêdes aquella mulher bella e elegante; tem o corpinho tão mimoso, a cintura tão delicada, que julgaes alimentar-se de perfumes e de essencias do Oriente.

Admirai-lhe os olhos grandes que parecem reflectir uma luz divina, os labios feitos para o sorriso, a cercadura de perolas que ornã a sua boquinha, e que um beijo não ousaria profanar.

E' uma flôr, uma estrella, um anjo cercado de luz que vive no meio de uma aureola celeste, uma fada que habita o palacio encantado de vossa imaginação.

Pois bem, chegai-vos á uma mesa bem servida, e olhai a vossa estrella, o anjo dos vossos sonhos.

Os dentes, não são mais perolas, porque mastigam como os vossos e como os de qualquer; os labios rosados, não sorriem, saboream tão bem uma iguaria, como os de um consumado gastronomo.

E dahi a um momento, quando no meio do cheiro das iguarias e das fumaças do vinho, esta mulher vos disser que jantou bem,—se ainda tiverdes um atomo de poesia na vossa alma, podeis gabar-vos de sêr o maior poeta do mundo.

E assim como a mulher é tudo o mais.

O estadista profundo, que gasta a sua vida á resolver os grandes problemas sociaes e politicos, que joga com as massas,

e com as nações como um menino com a sua pêla, senta-se a mesa e esgrime-se contra uma aza de Perú, da mesma maneira que um estudante esfaimado no dia de um enterro de ossos.

A religião, a sciencia, a gloria, o amor, a arte, todas essas cousas grandes e sublimes do mundo, tudo n'um momento dado some-se pelo fundo de um prato, ou pelas bordas de um copo de vinho.

Deixemo-nos pois dessas velleidades, desses orgulhos tolos e sem fundamento. Todos temos as mesmas miserias, todos sahimos do pó, e um dia a elle tornaremos.

Bem razão tinhas tu, meu *Brillat Savarin*, quando dizias que a cozinha é a primeira e a unica sciencia deste mundo ; e que os homens só se distinguem dos animaes, porque estes *comem*, e nós *saboreamos*.

Quantas das minhas leitoras não terão amarrotado estas paginas e condemnado o meu folhetim como a peor das revistas passadas, presentes e futuras ?

Entretanto não tem razão, porque apesar de todas estas reflexões que me assaltavam, tive bastante força de imaginação para não descer do mundo da idealidade.

Quando via um rostinho bonito inclinado sobre a mesa, chamava em meu soccorro todas as comparações dos poetas antigos e modernos e assim conseguia salvar as minhas illusões.

Então não era uma mulher que via a comer, era uma flôr que absorvia os raios de luz e as gotas de orvalho da manhã, era uma phalena que libava o mel e o perfume das flôres.

E tanto que depois dessa hora de tortura, tive de accrescentar uma maxima aos aphorismos tão conhecidos da *Physiologie du Gout*: « O melhor meio de experimentar o amor que se tem a uma malher, é vê-la comer. »

E' preciso porém que advirtão n'uma cousa, e é que não fallo de um jantar á dous, de uma mesa á qual nos sentamos ao lado ou mesmo defronte de uma bella moça.

Não : isto é a quinta essencia da poesia.

O que disse referia-se á posição critica de um sujeito que está morrendo de fome, e que se acha condemnado ao

supplicio de ver comer uma bella mulher: é nesse caso especialissimo que eu digo que o homem que é capaz de conservar as suas illusões, tem uma imaginação que eu respeito.

Voltemos á regata.

A' noite improvisou-se um saráo nos salões do Sr. Leite, e todas as pessoas que se achavam na reunião da sociedade foram convidadas e instadas para subirem.

Havia moças, musica e flôres, esta trindade mystica do prazer, e por conseguinte a festa foi soberba; completou-a a affabilidade dos hospedes e a amabilidade com que todos eram recebidos.

Dansou-se, conversou-se, brincou-se, e ás onze horas cada um retirou-se com a alma cheia das agradaveis impressões do dia.

Eu fui lêr umas paginas de romance escriptas na *Revista dos Dous Mundos* de 1º de Março por . . .

Advinhem por quem, senhores ministros presentes e futuros?

Por Guizot.

O grande estadista, o politico profundo ainda se julga feliz em poder depois dos revezes da fortuna voltar á imprensa e entreter-se com a sua penna á traçar algumas scenas dramaticas, e uma historia simples do coração humano.

Entretanto no nosso paiz se diz que a imprensa é venal e corrompida, e se trata de desacreditar essa força civilisadora da sociedade.

Mas que importa?

Porque o homem n'um momento de humor se revolta contra a chuva, e desespera de apanhar sol, nem por isso os outros deixam de continuar o seu gyro, e as estações de seguirem o seu curso regular.

Assim é a imprensa.

Obscura invenção de *Guttemberg*, simples machinismo para escrever algumas palavras com pequenas fôrmas de páo, cresceu, desenvolveu-se, foi-se estendendo por toda terra; e hoje está destinada á dominar o mundo, como a maior criação do homem.

Nella se concentram os dous mais poderosos elementos da civilisação, os dous grandes agentes que fazem mover o mundo: — a intelligencia e o vapor.

Quem poderá resistir á essa combinação do pensamento com a força, á essa união da palavra com a rapidez ?

Tempo virá em que do obscuro gabinete do escriptor a penna governará o mundo, como a espada de Napoleão da sua barraca de campanha.

Uma palavra, que cahir do bico da penna, dahi á uma hora correrá o universo por uma rede immensa de caminhos de ferro e de barcos de vapor, fallando por milhões de bocas, reproduzindo-se infinitamente como as *folhas* de uma grande arvore.

Esta arvore, é a liberdade ; a liberdade de imprensa que ha de existir sempre, porque é a liberdade do pensamento e da consciencia, sem a qual o homem não existe ; porque é o direito de queixa e de defeza que não se póde recusar á ninguem.

Mas, esta bella idéa me levaria muito longe, e tenho tanta cousa pequena de que fallar, que não sei como me poderei sahir desta difficuldade.

O melhor é cortar o nó gordio com a espada de Alexandre, e não fallar de mais cousa alguma.

Sirva pois a penna de espada, e façamos ponto final.

Rio, 3 de Junho.

Passou,—ligeira e fugitiva como todos os prazeres deste mundo,—a semana das bellas noites, dos magnificos luares, dos brilhantes sarãos musicaes !

Passou,—envolta entre as sombras da noite, e como que temendo crestar as suas azas diaphanas e o seu manto cõr do céu aos raios ardentes do sol de nossa terra !

Passou,—como essas crepusculares que adejam ás ultimas claridades do dia ; ou como essas flôres modestas que vivem á sombra, e se expandem á claridade suave das estrellas e ao brando sopro das auras da noite !

Havieis de vê-la surgir, entre a tibia claridade do crepusculo da tarde, com uma lyra d'ouro na mão; o olhar em extasi, o gesto inspirado ; e, de envolta com os ultimos rumores do dia, talvez lhe ouvísseis os preludios harmoniosos.

Mas passou; e agora só nos restam as recordações das horas de prazer que nos deu, e que vamos desfolhar uma a uma, como as paginas de um bello livro, que lemos pela segunda vez phrase por phrase, apreciando a elegancia do estylo, os lindos pensamentos e as brilhantes imagens.

E de facto é um bello livro de seis paginas douradas, este livro da semana, que abrimos aos nossos leitores, e do qual

bem sentimos não lhes poder dar mais do que uma pallida traducção.

Minto ; não é um livro, é um album de musicas e desenhos, um lindo *Keepsake*, em que os mais habéis artistas trabalharam para fazer uma dessas obras primas, dignas das mãozinhas delicadas para que são destinadas.

E se ao menos uma dessas mãozinhas feiticeiras quizesse folhear comigo as paginas desse pequeno livro da vida, talvez pudesse lêr nelle cousas bem lindas, que diria aos meus leitores, visto que não sou egoista.

Abririamos as primeiras paginas, e poderíamos ver essas bellas noites de luar que tem feito, e um céu tão puro, e umas estrellas tão brilhantes, que ficaríamos encantados.

Poderíamos sentir a frescura dessas tardes serenas, ou acompanhar esses bandos de moças que passeiam, e ouvir as suas fallas doces e os seus risos alegres e festivos.

Se tendes quêda pelos antigos costumes dos nossos pais, que já vão cahindo em desuso, iríamos correr as barracas do Espírito Santo, e talvez nos lembrassemos daquellas novenas do campo tão encantadoras com as suas rjas de palmeiras e as suas toscas luminarias.

Tambem podíamos passeiar aos bellos arrabaldes da cidade, a Botafogo, às Laranjeiras, ao Engenho Velho ou a Andarahy, e fugindo o gaz, ir apreciar o luar na sua belleza *primitiva*, no meio das arvores e por entre as folhagens.

Mas voltemos a pagina.

Estamos na terça-feira, no salão do Theatro Lyrico, assistindo ao concerto do Arnaud.

Podemos ouvir boa musica, de differentes maestros e de gostos diversos, desde o travesso romance francez até a verdadeira musica italiana cheia de sentimento e de poesia.

Arnaud tocou com o gosto que todos lhe conhecem uma fantasia sobre motivos da *Somnambula*, e duas composições suas dedicadas a S. M. a Imperatriz e ao rei de Napoles.

A Charton cantou, entre outras cousas, uma aria de *Marco Spada*, tão graciosa na musica como na letra. E' um lindo gorgeio de rouxinol francez que acaba por este estribilho :

Vous pouvez soupiner,
Vous pouvez esperer,
Mais songez y bien
Je n'accorde rien.

Já vêm pois as minhas leitoras que a tal aria do *Marco Spada* bem se podia chamar aria dos bonitos olhos, que não dizem mais do que aquelle estribilho enigmatico.

O primeiro requebro de olhos que vos lança uma bella mulher, o primeiro sorriso de esperanza que anima os vossos desejos, é o primeiro verso, é uma permissão, um consentimento tacito. *Vous pouvez soupiner.*

Dahi a muito tempo, quando ella vê que já estais ficando tísico de tanto suspirar, pôde ser que se condôa do vosso estado, e que vos lance um segundo olhar; é uma meia promessa. *Vous pouvez esperer.*

Ficais muito contente, fazeis loucuras e extravagancias, julgai-vos o mais feliz dos homens, começais a ser um pouco exigente, quando lá vem o terceiro olhar carregado de uma ameaça. *Mais! songez y bien!*

E não tardará muito que um ultimo volver desdenhoso não venha deitar agua fria na vossa paixão e intimar-vos a sentença final. *Je n'accorde rien.*

Ora, vós sabeis que toda a aria tem repetição (*reprise*); por conseguinte, depois deste primeiro ritornello, os olhos cantam uma segunda vez o mesmo estribilho, e acabam executando um duo, porque tambem depois da aria quasi sempre nas operas se segue o duetto.

Não sei se lá no concerto succedeu semelhante cousa, porque quasi todo o tempo estive fóra do salão com muitas pessoas, para quem não havia lugar dentro.

Ora, isto é uma prova de que o artista que dava o concerto é tão bem aceito da nossa sociedade, que mereceu uma grande

concorrença; mas também é prova que o salão do theatro não se presta a uma reunião de mais de quinhentas pessoas.

Do contrario dar-se-ha o que succedeu terça-feira, e se verão obrigados a fazer aquella mesma separação de homens e senhoras, que de certo não é nada galante.

A musica é uma cousa muito bella, mas seguramente não é um fogo de Vesta que tenha o poder de nos afastar da companhia amavel das senhoras, e privar-nos da sua espiituosa conversação.

Não cuidem que digo isso por mim; apesar de sentir bastante aquella separação anti-social, anti-religiosa e anti-politica, se tomo o negocio tão a peito, é unicamente por causa das senhoras, que eu adivinho haviam de estar desesperadas.

Os motivos do desespero são diversos.

Em umas era porque lhes faltava o quer que é, porque não ouviam uma fineza, não sentiam em torno o murmurio de admiração a que estão talvez habituadas.

Em outras é porque não tinham quem lhes fosse ver o copo d'agua, quem lhes dissesse de que maestro era a musica que se tocava, quem informasse da hora que era, emfim quem lhes servisse de *partner* n'um pequeno jogo de allusões maliciosas.

Mas deixemos os desconcertos, e voltemos ao concerto.

As glorias musicaes da noite couberam a um trio do padre Martini, composto em 1730, e que Ferranti foi desencavar não sei onde: é o trio das risadas.

Foi executado pela Charton e por Ferranti e Dufrenne com muita graça e naturalidade.

Que excellente musica para quando se está triste! Diz um proverbio que quem canta seus males espanta. O tal terceto porém faz mais do que espantar os males; obriga a rir: começa-se cantando, e acaba-se ás gargalhadas.

Voltemos outra pagina.

Entrámos no theatro de S. Francisco na quarta-feira á noite: representam-se duas pequenas comedias muito engraçadas e espiituosas.

Se quereis passar uma noite alegre, e rir de coração durante umas duas ou tres horas, não deixeis de ir aos domingos e ás quartas-feiras ver as representações desse pequeno theatro.

Ouvireis as comicas facecias de um artista que agora começa, mas que promette muito futuro se o animarem e souberem dirigir. Vereis como a mobilidade extraordinaria de sua physionomia se presta admiravelmente ás expressões de todos os sentimentos e de todas as paixões.

Lá de vez em quando, no meio dessas scenas espirituosas e comicas, assistireis á um lance dramatico, em que uma excellente artista já vossa conhecida pinta com a maior naturalidade o amor, a emoção, o susto ou o terror.

E vereis tudo isto no meio de uma sociedade escolhida, e admirando talvez pelos camarotes algumas moças bonitas e elegantes que começam a proteger a nascente empresa, e que promettem em pouco tempo fazer deste pequeno salão um dos mais agradaveis passatempos da cidade.

A sociedade tem lutado com muitas difficuldades, e uma dellas, talvez a principal, seja a repugnancia que tem ainda a classe pobre por esta profissão.

São prejuizos de tempos passados, de que ainda se resentem os paizes pouco illustrados, e que devemos procurar destruir como um erro muito prejudicial ao desenvolvimento da arte dramatica.

O comico hoje em dia já não é aquelle volantim ou palhaço de outr'ora, sujeito aos apôdos e ás surriadas do povilhéo nas praças publicas; já não é aquelle ente despresivel, aquelle pariá da sociedade, indigno do trato da gente que se prezava.

Todo o trabalho é nobre, desde que é livre, honesto e intelligente; toda a arte é bella e sublime logo que se eleva á altura do espirito ou do coração.

O comico pertence a esta grande classe de artistas que trabalham na grande obra da perfeição: é irmão do pintor, do estatuario, do musico, do architecto, de todos esses apostolos da civilisação que seguem por uma mesma religião e um mesmo culto:—a religião da natureza e o culto do bello.

Cessem pois esses escrúpulos irreflectidos que muitas vezes cortam uma carreira e falseam uma vocação decidida.

Quantos grandes pintores a Italia e o mundo inteiro não teriam perdido, se o desprezo pela arte e os máos conselhos tivessem abafado na alma do artista o fogo sagrado, fazendo de um Ticiano e de outros um máo advogado ou um pessimo fidalgo ?

Quem sabe tambem quanta menina pobre e quanto moço sem fortuna ha por ahi por esta grande cidade, e cujas esperanças não passam de um obscuro casamento ou de um emprego mesquinho, e que entretanto têm em si o germen de um brilhante futuro, perdido talvez por uma falsa idéa da arte ?

Actualmente todo o mundo entende que seu filho deve ser negociante ou empregado publico : e tudo quanto não fôr isto, é um desgosto para a familia. Quanto à classe rica e abastada, esta não quer outra cousa que não seja o sonoro titulo de *doutor*.

Doutor actualmente equivale ao mesmo que *fidalgos* nos tempos do feudalismo. E' um gráo, um distinctivo, um titulo, uma profissão, um estado.

No tempo da revolução, os fidalgos, os condes, marquezes e barões emigraram e fizeram-se torneiros, sapateiros, pintores e mestres de meninos.

E' provavel que daqui a dez annos, com a fertilidade espantosa das nossas academias, o mesmo venha a succeder aos doutores.

Tudo isto porém parte de um grande erro.

Todas as profissões encerram um grande principio de utilidade social; todas portanto são iguaes, são nobres, são elevadas, conforme a perfeição a que chegam.

Um máo discurso de deputado não vale um gorgeio ou uma volata da Charton. Um poema insulso, uma poesia sem sentimento não se compara a uma scena pintada por Bragaldi. Um desenho sem gosto não prima sobre as formas elegantes e graciosas que o nosso artista Netto costuma dar a um moel trabalhado por elle.

E assim tudo o mais : o homem é que faz a sua profissão ; a sua intelligencia é que a eleva ; a sua honestidade é que a ennobrece.

Já é tempo de voltarmos a quarta pagina deste livro das *noites*, que me comprometti a traduzir-vos.

Chegamos á historia de uma representação dada no theatro de S. Pedro, quinta-feira a noite, em beneficio de um artista nacional.

Conheceis a comedia, e por conseguinte saltemos por ella para ouvir a Jacobson cantar a aria do *Attila*, que tão bem representava no Theatro Lyrico.

Se a natureza não dotou a esta artista de uma voz doce e suave, deu-lhe em compensação o gosto, o sentimento e a intelligencia necessaria para comprehender todos os mysterios desta arte divina que tem cordas para cada uma das pulsações do coração humano.

O beneficiado tocou no seu violoncello uma phantasia do *Trovador*. Nesse momento algumas pessoas distinctas que ahí se achavam sentiram decerto um assomo de orgulho e de brios nacionaes quando viram o artista brasileiro, filho da vontade e do estudo, arrancar applausos no meio dos habeis instrumentistas estrangeiros que tão cavalheiramente se prestaram a coadjuva-lo.

O violoncello é um admiravel instrumento. Falla, chora, geme e soluça como a voz humana: se não diz as palavras exprime os sentimentos com uma força de expressão que arrebatá.

Como todos os instrumentos de cordas animaes, elle tem com o coração humano essa affinidade poderosa que faz que cada uma das vibrações daquelles nervos destendidos arranque uma pulsação das fibras mais delicadas do homem.

Ainda uma pagina ; a ultima do livro.

Voltamos ao Theatro Lyrico para ouvir *Anna Bolena* em beneficio do Bouché.

Anna Bolena foi uma das oito mulheres desse rei voluvel que estava destinado para nascer sultão na Turquia, mas que

por um capricho do acaso tornou-se filho de uma rainha de Inglaterra.

O caso é que tão máo como se diz que foi Henrique VIII, se elle não tivesse feito as suas brejeiradas, nós não teríamos passado antes de hontem uma tão bella noite.

O que foi esta bella noite sabem os leitores: foi musica de Donizetti cantada por Bouché e pela Charton.

Ora, dizer que o Bouché cantou bem seria repetir o que já disse, e isto é sempre monotono e aborrecido.

Quanto á Charton, que brilhou no romance e no rondó final, já não tenho nada de novo que escrever.

Portanto, como os meus leitores não poderiam supportar que lhes fallasse do theatro lyrico sem fallar de sua cantora predilecta, não ha remedio senão, depois de esgotados os *prós*, recorrer aos *contras*.

D'agora em diante vou estudar-lhe os defeitos, e afinar o ouvido para ver se ella canta em *si* bemol ou em *lá* sostenido.

Naturalmente hei de descobrir alguma cousa, assim como já descobri que a Casaloni canta pelo nariz, e que o Capurri é ventríloco.

Não se admirem se me calo sobre Ghioni, a nova comprimaria, que fez nessa noite a sua estréa. Depois que Dufrene me enganou com as suas maneiras estudadas, não arrisco o meu juízo senão depois da terceira representação.

Entretanto, enquanto nada me animo a dizer, ficam sabendo que a nova comprimaria tem uma bella figura em scena, e que foi applaudida depois da aria do segundo acto.

O vestuario era todo novo, rico e a character. Henrique VIII estava trajado com muito gosto; mas Anna Bolena tinha um feio roupão de velludo rôxo dobrado de setim azul com uns galões de côr duvidosa, que por felecidade ficou esquecido á vista do elegante vestido de setim preto com que se apresentou no ultimo acto.

Todo este vestuario veio-nos instruir de uma verdade que não se encontra nos livros de historias; e é que naquelle tempo os homens usavam de *colleira*, e as mulheres de *azas*.

Ora, como as modas revivem, é natural que hoje se dê a mesma cousa; com a differença que senhoras e homens trazem as suas azas e colleiras escondidas para que ninguem as veja. Antigamente havia mais franqueza.

Temos concluido felizmente a má traducção deste livro, que abrimos na primeira pagina e percorremos até a ultima.

E' natural que os meus leitores me perguntem o que havia no *verso* da pagina.

Eram notas sobre a politica, apontamentos a respeito de alguns discursos parlamentares, noticias curiosas do Paraguay, mas tudo em borrão, n'um tal estado de confusão, tão mal escripto e tão sem nexos, que não me animo traduzir-vos esses trechos informes.

Prefiro antes dar-vos uma ligeira rezenha de tudo, e fazer algumas pequenas observações...

Mão! lá seccou-se-me a tinta?!

Rio, 10 de Junho.

Fallemos de politica.

E' um thema muito delicado, sobretudo na epocha actual.

Mas o que é politica ?

Se a ethimologia não mente, é a sciencia do governo da cidade.

Pode ser que esta difinição não lhes agrade ; mas isto pouco me embaraça. Estou expondo um novo systema social ; é natural que me aparte das opiniões geralmente admittidas.

Continuemos.

A politica é o governo da cidade. A cidade se compõe de freguezias, de ruas, de casas, de familias e de individuos ; assim como a nação de provincias e municipios.

Já se vê pois que a politica deve ser tambem a sciencia de bem governar a casa ou a familia e de promover os interesses dos individuos.

Isto é logico, e ninguem me poderá negar que, promovendo-se estes interesses, não se concorra poderosamente para o melhoramento da freguezia, da provincia e finalmente do paiz.

Daqui resultam portanto dous grandes systemas politicos, dous principios unicos da sciencia do governo.

Um que procede á guisa da analyse, que parte do particular para o geral, que promove os interesses publicos por meio dos interesses individuaes.

O outro é uma especie de synthese, desce do geral ao particular, e melhorando o paiz, assegura o bem estar dos individuos.

Este methodo tanto em politica, como em logica tem geralmente pouca acceitação: de ordinario os espiritos esclarecidos preferem a analyse.

Quereis saber como se faz a analyse em politica ?

Em vez de examinarem-se as necessidades do paiz, examinam-se as necessidades deste ou daquelle individuo, nomeam-n'o para um bom emprego creado sem utilidade publica, e o paiz se incumbe de alimenta-lo por uma boa porção de annos.

Lá chega um dia em que se precisa de um ministro, e lança-se mão daquelle individuo como de um homem predestinado, o unico que pôde salvar o paiz.

Eis portanto os favores feitos áquelle individuo dando em resultado um beneficio real á causa publica; eis a politica por meio do empenho,—quero dizer da analyse—, creando futuros ministros, futuros presidentes, futuros deputados e senadores.

Alguns espiritos frivolos, que não têm estudado profundamente este systema politico, chamam a isto *patronato* !

Ignorantes, que não sabem que calculo profundo, que sagacidade administrativa é necessaria para crear-se um homem que sirva nas occasiões difficeis !

Estes censuram o deputado que em vez de se occupar dos objectos publicos trata dos seus negocios particulares; fallam daquelles que sacrificam os interesses de sua provincia ás exigencias de sua candidatura de senador.

E não comprehendem que estes habeis politicos, promovendo os interesses de sua pessoa, de sua casa e de sua familia, não têm em vista senão auxiliar o melhoramento do paiz, partindo do menor para o maior.

De facto algum dia elles pagarão á nação tudo quanto della receberam, em projecto de reformas, em avisos, em discursos magnificos. Isto enquanto não vão á Europa passeiar e fazer conhecida do mundo civilisado a illustração dos estadistas brazileiros.

E ha ainda quem chame a isto patronato, empenho ou demoralisação! Como se em muitos outros paizes, e até na França, não estivesse em voga este mesmo systema de governar!

Outr'ora se dividiam as fôrmas de governo em republica, monarchia representativa, e monarchia absoluta. Hoje está conhecido que estas divisões são puramente escolasticas, e que não ha senão duas maneiras de governo: o governo individual, e o governo nacional, o governo dos interesses particulares, e o governo dos interesses do paiz.

Cada um delles pôde conduzir ao fim desejado, procedendo por meios diversos.

Um por exemplo, escolhe o individuo para o emprego segundo a sua aptidão; o outro escolhe o emprego para o individuo segundo a sua importancia.

O primeiro ganha um bom empregado, o segundo um excellente alliado. Um pôde errar na escolha do individuo; o outro pôde ser trahido pelo seu protegido.

Se os meus leitores acham muito extravagante esta prelecção politica, tem bom remedio; é não a lerem segunda vez, se tiverem cahido na primeira.

Como estamos nos tempos das profissões de fé, entendi que devia tambem expor a minha opinião sobre a melhor politica a seguir na actualidade.

Não pensem comtudo que pretendo fazer concorrência ás ultimas declarações feitas na camara dos deputados; de maneira alguma.

Qualquer dos methodos ali apresentados é inquestionavelmente melhor do que o meu, começando pelo de um nobre deputado de S. Paulo.

Que politica salvadora! Voltaremos ao tempo das revoltas, das perseguições, das eleições armadas. Teremos uma especie

de fanatismo politico, uma crusada, á que se chama saquaremismo puro !

Ora é innegavel que se podem obter grandes resultados com esta politica. A revolução, segundo dizem, é uma força civilisadora, regenera como o fogo, purifica como o martyrio.

Portanto não ha que hesitar ! Adoptemos esse programma salvador ; arranijemos quanto antes uma meia duzia de *São José dos Pinhaes*, e avante que o futuro é nosso ! A joven opposição entrará no senado, e teremos dado um grande passo para o engrandecimento da nossa patria.

E a respeito de politica, estou satisfeito, quero dizer, estou sufficientemente enfastiado.

E o que mais é, não tenho nada de bonito que dizer-vos. A semana que acabou foi unicamente de esperanças. Todo o mundo esperava ; nestes sete dias passados ninguem teve um pensamento que não fosse uma expectativa.

Até quinta-feira esperou-se que a procissão de S. Jorge fosse brilhante, e por isso uma concurrencia extraordinaria enchia as ruas privilegiadas.

Quasi todas as moças bonitas da cidade estavam reclinadas pelas varandas dessas casas tão tristes e tão solurnas nos outros dias.

Cada janella era um *bouquet* ; e como um *bouquet* pôde ser bonito ou feio, perfumado ou inodoro, segundo as flores de que se compõe, deve cada um entender a palavra a seu modo.

Ha gente que gosta de rosa, porque tem espinhos ; ha outros que preferem a violeta porque é modesta ; e talvez que alguns apreciem o cravo amarello, a papoula, e achem um certo sainete no cheiro da arruda e do mangericão.

Para todos estes gostos havia flores nos *bouquets* de que fallei. O jardim era completo, principalmente no que diz respeito á girasões.

A procissão sahiu.

Se ainda não sabeis, podeis ficar certo disto, assim como do logro que nos pregou. Annunciavam uma procissão muito bonita, e sahiu uma muito feia.

S. Jorge appareceu vestido de novo, mas posso affiançar-vos que não estava à *son aise*. Induzi isto da pallidez, da côr de mortalha que tinha o seu semblante.

De facto o activo guerreiro não podia estar a seu gosto dentro daquelle manto enorme, que cobria cavalleiro e cavallo, de tal maneira, que de longe apenas se via um capacete e uma capa que caminhavam com quatro pés.

Depois da imagem vieram as irmandades do costume ; houve porém uma que eu não conheci, e que entretanto ia de envolta com a do Carmo ; fallo de uma que trazia capa amarella, côr que não me consta tenha sido adoptada por nenhuma confraria desta côrte.

Depois de quinta-feira começou todo o mundo a esperar pelas acções da estrada de ferro, e pelo resultado das cartas entregues á commissão, as quaes montam já a mais de cinco mil !

Nem os ministros, nem as moças bonitas, nem os lentes no tempo de exames, ou os eleitores em época de eleição, são capazes de apresentar um tal numero de *billets doux*.

A commissão tem portanto de fazer o milagre de Jesus Christo, e dividir esse pão, não em fatias, porém sim em migalhas.

E é por essa divisão que todos esperam anciosos, calculando já pelos dedos os resultados provaveis do emprego deste dinheiro que tem seguro um interesse de sete por cento.

Além desta expectativa, preoccupou igualmente os animos a esperança de uma decisão do governo a respeito da questão do Paraguay ; porém, como todas as esperanças da semana, esta ainda não se realizou.

Entretanto, apesar de não sermos dos mais entusiastas da politica actual, estamos convencidos que a resolução do governo, qualquer que ella seja, será dictada pela solicitude que nos inspira a todos a honra e a dignidade nacional.

Emquanto o mundo politico e commercial se occupava com estes dous pontos importantes, o mundo elegante esperava por uma representação lyrica que o consolasse do lamentavel *echec* do Cassino.

Para esta fracção da sociedade, que passa o seu tempo á brincar e a divertir, o baile do Cassino na terça-feira equivale á uma expedição do Paraguay.

A directoria, qual novo Pedro Ferreira, levou-nos para o salão da Phil'Euterpe, no qual tiveram lugar as exequias do baile aristocratico.

Diz *Auguez* que para muitos homens a vida começa n'um salão de baile e acaba na sacristia de uma igreja.

Póde ser ; mas o que sou capaz de apostar é que esse baile de que falla o escriptor do *Mosqueteiro*, não teve de certo nenhuma semelhança com o de terça-feira.

A casa, que é uma excellente estufa para curar constipações, parece que foi construida na Russia ou na Siberia, e de lá mandada vir de encomenda.

Demais tem uma escada immoral, porque deixa ver as pernas de todas as moças e velhas que sobem. Basta postar-se um homem no saguão durante a noite para fazer um estudo completo da *pernologia* da cidade.

Pernologia é um termo novo que eu inventei na noite do Cassino, por não ter outra cousa que fazer ; mal sabia eu que me havia de servir d'elle tão cedo.

Quanto ao serviço do Cassino, não direi mais do que tres palavras ; *não havia pão*.

Um baile sem pão, é uma falta imperdoavel, é um attentado á galanteria, uma cousa incomprehensivel.

E se não que reflectam no proverbio antigo, na maxima dos tempos em que se sabia amar e se presavam todas as bellas artes : *Sine Cerere et Bacho friget Venus*.

Uma sociedade como o Cassino deve ter um serviço magnifico, um serviço delicado e que não seja uma especie de segunda edição do que se encontra por ahi em qualquer bailezinho.

Já me enfastia esta infernal monotonia, que me persegue em todas as reuniões. E' um drama em quatro actos que se repete mais do que os Milagres de Santo Antonio. A's dez horas—primeiro acto—chá. A's onze horas,—segundo acto—sorvetes. A' meia noite—terceiro acto—empadas. A' uma hora—quarto acto—chocolate.

Ha mais de tres annos que os bailes do Rio de Janeiro rezam por esta cartilha, e reduzem-se á apresentar-nos *empadas*, como se já não estivessemos fartos dellas.

E a proposito de *empadas*, quero communicar-vos umas reflexões, que fiz ha tempos sobre o casamento, em um sabbado de tarde quando passavam uns carros destinados para este fim.

Em primeiro lugar não pude deixar de extranhar que se escolhesse o sabbado para a celebração deste acto, quando segundo a tradição popular é neste dia que os diabos andam soltos.

Depois lembrei-me do que diz um escriptor, cujo nome não me lembro ; este santo homem, que naturalmente é celibatario, só comprehende que se casem tres classes de individuos : os politicos, os ambiciosos de fortuna e os velhos rheumaticos e cacheticos.

Os politicos desposam uma boa posição na sociedade, uma protecção valiosa, uma familia influente, um nome de prestigio. Para elles a mulher é um diploma.

Os ambiciosos casam-se com uma boa porção de contos de réis, com uma excellente mesa, um palacio, e todas as commodidades da vida. Para elles a mulher é uma letra de cambio, ou uma *hypotheca* sobre boa herança.

Os velhos rheumaticos casam com as cataplasmas e as tisanas. Para estes a mulher é uma enfermeira, uma irmã de caridade, um xarope de saude.

Além destas tres classes geraes ha algumas excepções que não deixam de ter a sua originalidade.

Ha sугейtinho que casa unicamente para dizer—eu casei—; outros que mudam de estado e deixam a vida de ser solteiros para fazer a experiencia.

Alguns entendem que devem ter uma bella mulher na sua sala, assim como se tem uma *étayère*, um lindo quadro, ou um rico vaso de porcellana de Sévres.

Gostam de levar pelo braço uma bonita moça, por que faz o mesmo effeito que uma commenda ou uma fita do Cruzeiro; chama a attenção.

Muitos casam para terem um aulhomato que lhes obedeça, sobre quem descarreguem o seu máu humor, á quem batam o pé e ruguem o sobrôlho, como Jupiter Olympico.

Finalmente uns dizem que casam por inclinação e por amor, isto é, casam porque não têm motivo, e por isso são obrigados a inventar este pretexto.

Mas deixemos esta materia vasta, e voltemos ao nosso pequeno mundo de seis dias.

Sabeis que vamos ter breve uma celebridade lyrica no nosso theatro ?

Temos tanto esperado que já é tempo de uma vez cumprirmos as velhas promessas que nos costumam fazer.

A nova cantora, o novo rouxinol da Ausonia, que vem encantar as noites da nossa terra, chama-se Emmy la Grua.

E' uma bella moça, de fôrmas elegantes de grandes olhos, de expressão viva e animada. A boca, sem ser pequena, é bem modelada ; os labios são feitos para esses sorrisos graciosos e seductores que embriagam.

Bem entendido, se o retrato não mente ; e se aquella moça esbelta e airosa que vi desenhada não é uma fantasia em *crayon*.

Quanto á sua idade, bem sabeis, que a idade de uma moça é um problema que ninguem deve resolver. Os indiscretos dizem que tem vinte e tres annos ; quando mesmo tenham trocado os numero, não é muito para uma moça bonita.

As bellas mulheres não têm idade ; tem épocas como os grandes monumentos ; nascem, brilham em quanto vivem, e deixam depois essas melancolicas ruinas, em face das quaes o viajante da terra vem reflectir sobre o destino ephemero das cousas deste mundo.

Terminando, tenho de dar-vos o meu parabem pela escolha do novo senador pelo Pará, o Sr. conselheiro Souza Franco. E' uma daquellas graças que honram a quem as faz, honrando ainda mais quem as recebe.

Como sei que alguns dos meus leitores são amantes de originalidades, recommendo-lhes que não deixem de ir contemplar uns jardins babilonicos que a camara municipal e a

policia estão mandando fazer na rua do Ouvidor, esquina da Valla.

Tem a altura de cerca de quarenta palmos ; e se um dos jarros cahir, poderá esmagar algum pobre passante.

Mas é tão divertido, que não vale a pena prohibi-los, por causa de tão mesquinha consequencia.

Deveis ter lido hoje no *Correio Mercantil* um artigo da *Revolução de Setembro* sobre o trafico de africanos no Brazil. Isto mostra quanto é apreciada, mesmo nos paizes estrangeiros, a grande regeneração que devemos aos esforços do Sr. Euzebio de Queiroz.

E' tambem um motivo para que paguemos com generosidade quaesquer serviços, que se tenham prestado neste importante objecto ; ha dividas sagradas que uma vez contrahidas, importam a honra e dignidade do governo, que não deve nem sequer deixar que appareçam queixas.

Uma queixa neste caso equivale a uma injuria ; e o governo não póde deixar de fazer calar essas queixas, ou pelo menos justificar-se dellas.

Rio, 17 de Junho.

Sexta-feira por volta de oito horas ia meu caminho para o Theatro Lyrico, assistir a terceira representação da *Anna Bowlena*, quando me entregaram uma carta que me era dirigida !...

Uma Carta !

De todas as especies de escriptos que eu conheço, a carta é sem duvida a mais interessante, a mais curiosa, e sobretudo a mais necessaria,

A carta é um livro n'uma folha de papel, é uma historia em algumas linhas, um poema sem cantos; pôde ser um testamento, uma confidencia, uma entrevista, um desafio, uma boa noticia, ou o annuncio de uma boa desgraça.

E' um passaro, uma ave de arribação, que vôa a longes terras, aos climas mais remotos para levar ao amigo ausente as palavras e os pensamentos da amizade ou do amor.

E' uma especie de fio electrico que communica atravez do espaço e da distancia duas almas separadas por uma infinidade de leguas, dous homens que muitas vezes nunca se viram, e que entretanto se conhecem.

Quando deram este nome a esse pequeno parallelogramo de papel, que n'um minuto pôde devorar uma fortuna colossal, foi por uma analogia que talvez tenha escapado a muita gente.

Como a carta do baralho, a carta escripta produz as mesmas emoções, o mesmo delirio ; tambem ella tem seus lances de fortuna ou de asar no jogo da vida.

Se uma dama ou um az, ou um valete que se volta sobre o tapete verde, pôde arruinar-vos ou enriquecer-vos, da mesma maneira neste *lansquenet* do mundo a que se chama a existencia, uma carta que se escreve pôde trazer-vos o sorriso da ventura ou a lagrima do desespero.

A unica differença é que o baralho tem quarenta cartas, e que a vida tem mil alternativas. No mais a semelhança é perfeita, e todas as cartas deste mundo são uma e a mesma cousa.

Deveis ter ouvido fallar n'uma especie de compromisso politico, n'um salvaterio que os governos costumam dar às nações, e a que se chama *carta*.

Que é isto senão uma carta com a qual os governos e os povos jogam essa partida de *ecarté politico*, na qual ganha o parceiro que marca seis *pontos*, isto é, que nomeia seis ministros ?

Por isso nós fizemos bem em trocar o nome pelo de constituição, que é mais expressivo, e que não admite nem sequer esses jogos de palavras.

Tudo isto eram reflexões que me acudiam ao espirito enquanto seguia o meu caminho, e procurava adivinhar pela fôrma e pela dobra o que continha à tal carta.

Bem sabeis que isto é uma arte preciosa ; e que ha sугeitiinho capaz de adivinhar a mão que escreveu uma carta, e o fim com que a escreveu, sómente pela maneira porque se acha dobrada, e pelo papel da *enveloppe*.

Assim, uma cartinha fina, perfumada, macia, trahe sempre a mulher ; uma capa elegante mas dobrada às pressas indica geralmente o homem de estado, um ministro, um funcionario emfim sobre que pesa um trabalho invencivel.

Ora, a minha carta não tinha pareença alguma com estas duas especies descriptas ; estava fechada simplesmente como qualquer carta que sahe do correio.

Por isso, como nada tinha que me interessasse metti-a no

bolso e fui ouvir *Anna Bowlena*, sem mesmo ler-lhe o sobre-escrito.

Ahi levei a conversar sobre a nova reorganisação ministerial; e quaesquer que fossem as opiniões daquelles com quem fallei, a todos ouvi o mesmo pensamento e a mesma idéa sobre o novo ministro o Sr. Wanderley. (1)

E' innegavel que este nome dá nova força e novo prestigio ao gabinete, que de certo não podia fazer uma melhor aquisição.

Quanto á necessidade da completa retirada do ministerio, isto é questão á parte, e sobre a qual só daqui a algum tempo se poderá emittir um juizo seguro.

Entretanto felicitemo-nos por vêr definitivamente reconstituido o governo do paiz, que durante os ultimos dias deu signaes de uma solução definitiva.

Dizem que muitos não acceitaram a pasta; e por isso será bom cuidarmos desde já em fazer do cargo de ministro uma especie de guarda nacional ou de jury, a que nenhum cidadão se poderá escusar.

E' preciso de vez em quando fazermos um pequeno sacrificio pela patria, por ella que tantas vezes se *sacrifica* por nossa causa, por nossos interesses pessoaes.

Se não lhe fizermos esses sacrificios, quem preencherá os logares de senadores, deputados, presidentes, ministros, e *bispos* de uma e outra igreja?

(1) Gabinete de 6 de Setembro de 1853.

Pres. do cons. e m. da fazenda—V. de Paraná.

Justiça.—Senador J. T. Nubuco de Aranjó.

Estrangeiros.—Senador Limpo de Abreo (V. de Ahaeté)

Império.—Senador L. Pedreira do Couto Ferraz (B. do Bom-Retiro)

Guerra.—Senador M. de Caxias.

Marinha.—Pedro de Alcantara Bellegarde.

» em 15 de Dez.—J. M. da S. Paranhos (depois V. do Rio-Branco)

Marinha—em 14 de Junho de 1855—João Mauricio Wanderley (depois visconde de Cotegipe).

Além da reconstituição do gabinete nada mais houve de interessante nos altos dominios da politica.

A camara dos deputados esperava e desesperava, conforme os diversos boatos que corriam pelos corredores a cada hora e a cada instante.

O senado (coincidencia notavel) em quanto o ministerio estava em crise discutia magistralmente uma lei de *pescarias*.

Esta lei, apesar de muito bem sustentada pelo seu illustre autor o Sr. marquez de Abrantes, soffreu no senado grande opposição.

Apezar da consideração que merecem as opiniões oppostas ao projecto, cumpre attender á penuria e á escassez de generos alimenticios, que quasi todos os annos em certa epocha vai apparecendo no nosso paiz.

Uma lei de pescarias sabiamente elaborada, seria não só um importante ramo de commercio e industria, mas um meio efficaz de supprir no mercado a falta dos generos de primeira necessidade.

Ultimamente tem-se fallado muito de mudança de presidentes, e entre aquelles que se disignam, ouvimos o nome do Sr. conselheiro Vicente Pires da Motta, que deseja retirar-se do Ceará por incommodos de saude.

Estamos convencidos que o governo empregará toda a sua solicitude para que o Sr. Pires da Motta continue a dirigir a provincia, que tão bem tem acolhido a sua administração.

Quando porém qualquer mudança se dê, esperamos que o Sr. marquez de Paraná faça uma escolha acertada, nomeando um homem que tenha, como o actual presidente, grande tino administrativo, e a energia necessaria para vencer exigencias absurdas de pequenas influencias locaes.

E' isto pelo menos o que exige a politica do actual ministerio, e a sua prudencia governativa, afim de não termos de lamentar scenas desagradaveis, e de não retrogradarmos de um estado, que embora não seja o melhor, é comtudo mil vezes preferivel ao passado odiento de alguns annos atraz.

Ainda uma palavra.

Temos na nossa administração um empregado de alto merecimento, de qualidades eminentes, de uma intelligencia e de um zelo provados por grandes serviços, e importantes trabalhos.

Fallo do Sr. Dr. Eduardo Olimpio Machado, actual presidente do Maranhão, que vai dirigir a provincia do Amazonas.

Estamos certos que logo que haja oportunidade o governo aproveitará melhor este habil administrador, que uma molestia cruel impede de continuar a residir nas provincias do norte.

Parece-nos mesmo que se achando vagas algumas presidencias de provincias do sul, se faria a uma dellas grande serviço, e ao Dr. Olimpio estricta justiça, nomeando-o para um desses lugares. (1)

Mas lá se ergue o panno, e como desejo ouvir o terceiro acto sem perder uma nota, deixo a minha conversa, e entrego-me todo á arte, á musica.

Mas decididamente estava na noite das distrações.

Apenas a Charton começou a cantar o seu bello romance,— o meu pensamenso deixou-me, e em menos de um segundo tinha transposto mares e serras.

(1) Não chegou a presidir a prov. do Amazonas: 3 mezes depois desta data, isto é, no dia 14 de Setembro de 1855 falleceu na capital do Maranhão victima de sua dedicação ao serviço publico.

O senador F. Octaviano, que lhe era ligado por uma amizade fraternal desde os seus estudos em S. Paulo, traçando algumas linhas de verdadeira homenagem ao seu merito, e ás virtudes de uma vida gloriosamente consumida disse no *Cor. Merc.* de 22 de Setembro de 1855:

« Moço de raro talento, de illustração admiravel, de escrupulosa probidade, esmolér sem ostentação e sem calculo, alma nobre que acolhia todos os infortunios, coração generoso que nunca fraqueou no meio das provações da vida publica, Olimpio Machado, presidente de provincia desde 1848 morreu pobre e até sem meios para ser enterrado! Tudo despendera com os indigentes,—nada reservára para si!»

Exemplos como este—consolam e fortalecem.—P. C.

Andava pela Europa,—o bregeiro! Como eu não posso ir, elle mette-me inveja, e leva o tempo a fazer-me figas.

N'um minuto passeou pela Italia, vin Emmy la Grua aprontando-se para a sua viagem d'alem mar, e depois entrou em Londres, e foi a *Convent-Garden* ver a Julienne Dejean, que representava a Norma.

Esta, é uma moça encantadora como dizem que é a linda italiana; não é uma Rosina faceira e graciosa como a Charton, é uma mulher talhada para as grandes paixões, para as commoções fortes e violentas.

Sua voz de soprano, ampla, sonora, de uma grande extensão e volume, dizem que tem esses accents do desespero, esses gritos d'alma, que fazem estremecer como um choque electrico, que fazem correr pelo corpo um calafrio de emoção.

E' uma voz para o ciúme selvagem da *Norma*, para a vingança e para as paixões de *Lucrecia Borgia*, para a ambição de *Macbeth*, para todos esses dramas emfim em que os sentimentos tragicos attingem á sublimidade.

Entretanto esse mesmo timbre de voz torna-se doce, terno, sentimental, quando a artista traduz o amor feliz, e essas delicadas emoções do coração que se expande.

Por isso affirmam que ella não tem repertorio; canta a musica italiana de preferencia; e executa qualquer opera de soprano que lhe disignem.

Com ella deve vir o tenor Tamberlik, que actualmente goza na Europa da reputação de um dos melhores cantores no seu genero.

Foi isto que o meu pensamento viu em viagem; e que me veio contar, tirando-me assim todas as minhas bellas illusões da noite.

Comecei a reflectir sobre o destino das glorias deste mundo.

« Ainda esta noite,—pensava eu,—a Charton pisa a nossa scena lyrica como rainha e como soberana. Algumas reminiscencias que nos deixou a Stoltz já estão apagadas. Brilha n'um céu sem nuvens como o astro das nossas noites, murmura ao ouvidô como o echo das harpas eolias, surge no meio de uma aureola de luz como o anjo da harmonia.

« Daqui a um mez, ou a dous talvez, quem sabe se não lhe arrancarão a sua corôa, e se de tantos *bouquets*, de tantos applausos, terá uma flôr solitaria, e um simples monosyllabo de admiração, desses que partem espontaneamente do peito? »

Os absynios foram um povo da antiguidade que, como os judeus, perderam a sua patria e se espalharam pelo mundo, misturando o seu sangue a todas as raças.

Quando o sol se ergue todos se *levantam*; quando elle chega ao occaso todos se *recolhem*, e tratam de dormir.

Ha porém homens para quem a noite é mais bella do que o dia, para quem uma estrella perdida no azul do céu, é mais encantadora do que o astro rei com todo seu fulgor.

Estes saudam o sol quando nasce,—mas á noite contemplam a estrella fugitiva e a acompanham no seu caminho solitario.

Infelizmente porém ninguem neste mundo depois de ter sido sol, deseja ficar estrella; e este é o grande mal.

De tudo isto nada se conclue.

Esperemos.

O pomo da discordia está lançado; o banquete lyrico se prepara, e o publico, como Paris, tem de julgar.

Que julgue bem, porque a luta deve ser gigantesca, como os combates da Iliada e da Odyssea, como as peregrinações da Eneida.

Aposto porém que já estais desesperados por saber da carta que recebi quando ia para o theatro.

Chegamos á ella.

Era escripta em francez, e continha versos, versos feitos por mulher!

Devo porém prevenir-vos que não acreditei nem um momento na verdade da assignatura; tomei por uma innocente brincadeira de algum amigo desconhecido, e como os versos são bonitos, vo-os offereço.

Eis a carta:

« 13 de Junho de 1855.

« Monsieur.—Si vous voulez les protéger, j'aurai le *courage* de vous en envoyer d'autres.

A' jeudi prochain.

Souffrez que je garde l'anonyme, ce petit air de mystère, a un je ne sais quoi, qui me rend plus *hardie*, ou plutôt moins craintive.

A' vous d'amitié

Elle.

DANS UN ALBUM

185*.

Dans votre album, où la jeune amitié laisse
Des songes de bonheur, des projets d'avenir,
Pourquoi vouloir, ami, que ma sombre tristesse
Vienné jeter son deuil sur aussi doux loisir ?

Vous ne savez donc pas, que le rire de ma lèvre
Déjà depuis long-temps ne va plus à mon coeur ;
Et que de ce bonheur dont hélas, on me sèvre
Je crains même d'écrire le nom si séducteur !

Moi aussi, j'ai connue, ces jours pleins d'espérance
Quand je croyais à tout, aux promesses, au devoir,
Leur souvenir en moi, éveille la souffrance,
Car ils ne m'ont laissé qu'un brulant desespoir.

Ce n'est donc pas la froide indifférence
Qui m'empêchait d'écrire un mot de souvenir ;
Mais je ne voulais pas, vous dont la vie commence,
Que sitôt vous sussiez, que vivre c'est souffrir !

Elle....

Rio de Janeiro. »

Bem vedes que se é uma caçoada, é tão delicada e de tão bom gosto, que vale a penna deixar-me enganar, quando

mais não fosse, ao menos para dar a vossa curiosidade, minhas bellas leitoras, esse lindo thema para sobre elle fantasias á vontade.

E' realmente uma mulher, uma mulher bonita que escreve lindos versos em francez,—que tem no fundo d'alma o desengano e no labio o sorriso, como uma flôr pallida que nasce entre as ruinas, como essa chamma livida que lampeja um momento entre as cinzas quando o fogo se extingue?

Ou será alguma mocinha tímida que vota á poesia as primicias de sua alma, e que deixa cahir, sobre o papel em versos, esses primeiros perfumes de um coração de dezoito annos, essas primeiras flôres da mocidade e do amor?

Podeis fazer como estas mil outras supposições, e aceitar aquella que mais vos agradar, e que mais se harmonisar com o vosso espirito e com os vossos sentimentos.

Quanto á mim, ou porque já estou um pouco sceptico a respeito dessas dôres concentradas e desses soffrimentos mudos que sorriem, ou porque me achasse em más disposições para a poesia, o caso é que, apezar da letra fina e delgada, apezar do pronome da assignatura, nem um instante acreditei que houvesse nisto *dedo de mulher*.

Vi logo que toda esta historia não passava de uma engenhosa invenção de algum sujeito que, ou queria abuzar da minha boa fé, ou se envolvia neste véo poetico do mysterio, para obter de mim a publicação de seus versos.

Fiquei pois firmemente convencido que a tal assignatura de tão mysteriosa significação, não era outra cousa mais do que a letra inicial do nome do poeta escripta por extenso—*elle!*

Tambem pôde ser que o pronome deva ser lido em portuquez, embora os versos sejam francezes; e então toda a poesia desaparece diante desta transformação de sexo, produzida pela mudança de linguas.

O que sei é que em tudo isto ha uns olhos feios ou bonitos, de homem ou de mulher, que estão percorrendo estas linhas, e procurando com anciedade ver se conseguiram enganar-me; e queira Deus que um sorriso ironico não faça côro com esse olhar curioso.

Agora, minhas bellas leitoras, deixo-lhes a decifração do enigma; e só lhes peço que se acaso acertarem com ella, não se tornem egoistas, e m'a communicem, para rir-me tambem da caçoada feita a todos nós.

Entretanto, se a nossa *incognita* (incognita em algebra é commum de dous) se a nossa *incognita* continuar a mandar-me os seus versos, e se elles forem bonitos como os primeiros, continuarei a publica-los, e a dar-vos assim no meio da minha prosa chilra algumas flôres de poesia.

Conversemos agora a respeito de theatros.

O Gymnasio conseguiu fazer a excellente aquisição de uma nova artista, moça de educação fina, e que promette um excellente futuro. E' filha de um artista que já teve seus bellos dias no nosso theatro.

A nova artista deve estréar segunda-feira, n'um pequeno papel que lhe foi distribuido para dar-lhe tempo a familiarisar-se com a scena.

O theatro de S. Pedro continúa no mesmo estado. Breve porém o veremos transformado em uma bella scena lyrica, na qual alguns cantores de *cartello* que dizem devem chegar da Europa, nos darão noites bem agradaveis e bem animadas.

Com a rivalidade dos dous theatros muito ganharemos na bondade dos espectaculos, e no zelo dos emprezarios.

Rio, 24 de Junho.

A Botafogo!...

Acompanhemos essa linha de carros que desfila pela Gloria e pelo Catete; sigamos esse numeroso concurso que vai pouco a pouco se estendendo pela praia, ao longo do parapeito.

O sol já descambou além dos montes; e as ultimas claridades de um dia turvo e annuviado foram se extinguindo entre as sombras do crepusculo.

Dahi a pouco fechou-se a noite; e no meio da escuridão e das trevas sobresahia uma multidão de luzes, reflectindo-se sobre as aguas do mar.

Ranchos de moças a passeiarem, bandas de musica tocando nos coretos, senhoras elegantes debruçadas nas janellas illuminadas, muita concurrencia, muita alegria e muita animação;—tudo isto tornava a festa encantadora

Quanto ao fogo, queimou-se ás oito horas; d'elle só restam as cinzas no fundo do mar. Não estranhem portanto que o respeite como manda a maxima christã. *Parce sepultis.*

As dez horas pouco mais ou menos tudo estava acabado. A praia ficara deserta; e nas aguas tranquilladas da bahia apenas as nereidas murmuravam conversando baixinho sobre o acontecimento extraordinario que viera perturbar os seus calmos dominios.

Não é preciso dizer-vos que isto se passava domingo, no começo de uma semana que promettia tantas cousas bonitas, e que afinal logrou-nos em grande parte,

Tivemos algumas boas noites de theatro italiano, e ouvimos o *Trovador* e o *Barbeiro de Sevilha* com uma linda aria do *Domino noir*, que foi muito applaudida.

Se é verdade o que nos contaram, brevemente teremos o prazer de ouvir toda essa graciosa opera em beneficio da sociedade de Beneficencia Franceza. A lembrança é feliz, e pôde realisar-se perfeitamente com o concurso dos artistas francezes que possui actualmente o nosso theatro lyrico.

A directoria de certo não se opporá a uma representação, que, além do auxilio poderoso que deve dar a um estabelecimento de beneficencia, não pôde deixar de fazer bem aos seus artistas fazendo-os conhecer n'um genero de musica diverso, e no qual é muito natural que se excedam.

Quem sabe mesmo se depois deste primeiro ensaio a empreza não julgará conveniente, para a variedade dos espectaculos e para excitar a concorrência, dar de vez em quando uma pequena representação franceza ?

Sei que a musica italiana é a mais apreciada no nosso paiz ; porém lembro-me ainda do enthusiasmo e do prazer com que foram sempre ouvidas em nossas scenas a Nongaret, a Duval e mesmo a Preti.

Já que não podemos ter ao mesmo tempo uma companhia italiana e uma franceza, não vejo porque não se hão de aproveitar os actores que actualmente possuímos, e contratando mais um ou dous, darem-nos algumas operas francezas, que estou certo haviam ser mui bem acceitas.

Se não ha algum obstaculo que ignoramos, é de crer que a directoria pense em fazer valer este meio de tornar o Theatro Lyrico mais interessante e mais variado.

As operas francezas têm a grande vantagem de não fatigarem tanto os actores como a musica italiana; e por conseguinte se faria um beneficio aos artistas reservando os mezes da orça do verão para esse genero de cantoria.

Assim podiam-se dar as representações italianas com maior intervallo, e não se sacrificaria a voz de alguns cantores obrigando-os a executar musica de Verdi duas ou tres vezes por semana.

Fui-me deixando levar pelo gosto de advogar os vossos interesses, minhas bellas leitoras, e esquecia-me contar-vos uma scena terna que teve lugar sexta-feira no theatro, quando se representava o segundo acto do *Trovador*.

Uns bravos e umas palmas fóra de proposito acolheram a entrada em scena da Casaloni, e continuaram emquanto ella cantava o seu romance da Cigana.

A principio a artista procurou resistir à emoção que de certo lhe causava essa zombaria immerecida; mas afinal o soluço cortou-lhe a voz, e as lagrimas saltaram-lhe dos olhos.

Lagrimas de mulher. . . Quem póde resistir a ellas?

Depois de alguns momentos de confusão, em que a scena ficou deserta e a musica em silencio, a Casaloni entrou novamente em scena com os olhos rasos de pranto e a voz tremula.

Neste momento é que eu reconheci bem o nosso publico, e senti o coração generoso que animava todo esse concurso de espectadores que enchia o salão.

Ninguém disse uma palavra; mas uma salva continuada de applausos percorreu todos os bancos de ponta a ponta: tudo que tinha um pouco de generosidade no coração e um pouco de sentimento no fundo d'alma, protestava contra aquella amarga zombaria, contra aquella offensa sem causa.

A mulher offendida que chora é uma cousa sagrada e que se deve respeitar. Dizem que a lagrima é o symbolo da fraqueza; entretanto quantas armas, quantos braços fortes não se tem curvado ao peso dessa gotta de lympha que não humedeceria sequer uma folha de rosa?

Deixemos aqui este episodio da semana, que não tem outro interesse senão o de mostrar o effeito de uma imprudencia, e de provar a delicadeza do publico que sabe preferir uma cantora, sem por isso offender e maltratar a outras.

O Gymnasio Dramatico tambem teve esta semana uma noite

feliz honrada com a presença de SS. MM. que se dignaram estender sobre elle a sua benefica e augusta protecção.

Representavam-se nessa noite duas comedias, cujos papeis foram muito bem desempenhados pelos artistas da pequena companhia, que parece se esmerou em dar provas dos progressos sensiveis que tem feito.

O *Episodio do reinado de Jacques I* é uma comedia historica e de muito espirito; tem algumas scenas de uma singeleza e de uma naturalidade encantadoras.

E' um idylio de amor aos quinze annos, começado nos muros de uma prisão, á leitura da Biblia, e entre as flores de clematites,—que de repente se vê opprimido nos salões de um palacio sumptuoso, no meio das etiquetas da côrte.

O indylio esteve quasi a transformar-se em drama ou tragedia; mas felizmente achou refugio n'um coração de rei, coração cheio de bondade e de virtude, e ahi continuou a sorrir em segredo até que...

Até que cahiu o panno.

Todos os personagens estavam bem caracterizados e vestidos com bastante luxo e riqueza para os recursos da pequena empreza, que não se poupa a sacrificios sempre que se trata de promover um melhoramento.

Suas Magestades prometteram voltar ao Gymnasio esta semana. Neste facto devem os meus leitores ver a prova a mais evidente dos serviços que este theatro vai prestanto á arte dramatica do nosso paiz.

Animado por tão alta protecção, acolhido pela boa sociedade desta côrte, o Gymnasio poderá brevemente estabelecer-se em um salão mais espaçoso e mais elegante, e ahi abrir-nos as portas ao prazer, á alegria, á um innocente e agradável passatempo.

No resto das noites, em que os theatros estiveram fechados, muita moça, e muita familia passeiou pela rua do Ouvidor para ver o modelo do vestido de casamento da imperatriz Eugenia, que se achava exposto na vidraça do Beaumely.

As moças admiravam mais o vestido de setim branco e o penteado que dizem ser de um gosto *chic*; os homens porém

admiravam mais as moças que o vestido, de quem tinham ciúme, porque lhes roubavam os olhares, a que suppunham talvez ter direitos.

E' incomprehensivel este costume, que tem certos homens que gostam de uma mulher, de se julgarem com direito exclusivo aos seus olhares, sem que ella lhes tenha feito a menor promessa.

Parece que o olhar de uma mulher bonita é como uma vaga de senador. Ninguem tem direito a ella, o que quer dizer que todos o têm.

Assim um *fashionable* apaixonou-se por uma bonita mulher, e sem que ella lhe tenha dito uma palavra, sem mesmo consulta-la, atravessa-se diante dos seus olhares, segue-a por toda a parte como a sombra do seu corpo, julga-se enfim com direito a ser amado por ella.

Se a moça de todo não lhe presta attenção e não se importa com a perseguição systematica, o apaixonado toma uma grande resolução, e *despreza* a mulher bonita de que elle realmente não *faz caso*.

O mesmo succede com a vaga de senador.

Um homem qualquer que tem quarenta annos, seja ou não filho de uma provincia, tenha ou não a affeição dos povos de certas localidades, sem consultar os votantes apresenta-se candidato, e enche o correio de cartas.

Se a provincia mostra não se importar com a sua candidatura, o homem de quarenta annos toma igualmente uma resolução, *renuncia* á eleição a que *tinha direito*.

Ora, eu não sei como se chama o homem de quarenta annos que *renuncia* á vaga de senador: mas o apaixonado que *despreza* a mulher bonita é conhecido entre certa roda pelo titulo de commendador da *Ordem dos Verdes*.

Esta ordem é a mais antiga do mundo; é anterior mesmo á época da cavallaria e da mesa redonda. Data dos tempos em que os animaes fallavam, e deve a sua origem a uma raposa espirituosa que n'uma circumstancia memoravel soltou esta palavra celebre:—*Estão verdes*.

Muito tempo depois Eduardo III, apanhando a liga da condessa de Salisbury, disse tambem uma palavra, que é pouco mais ou menos a traducção daquella :—*Honny soit qui mal y pense.*

Assim como desta palavra se creou a jarreteira, estabeleceu-se muito antes a ordem dos *Verdes*, na qual são commendadores do numero os namorados que *desprezam* as mulheres bonitas, os ministros que *recusam* pastas, os patriotas que *renunciam* á candidatura, os empregados que *pedem* demissão, e muitos outros que seria longo enumerar.

A insignia da ordem é uma folha de parreira, que outr'ora foi o symbolo da modestia e do pudor.

A côr é o verde, como emblema da *esperança* ; porque o estatuto da ordem, embora imponha a abnegação e o sacrificio de uma honra ou de um bem, não inibe que se trabalhe por alcançar cousa melhor.

Os membros desta ordem gozam de grandes honras, privilegios e isenções, e especialmente da graça de *obterem tudo quanto desejarem*. Para isso são obrigados apenas a uma insignificante formalidade, que é não *desejarem senão o que puderem obter*.

Concluiria aqui esta revista se não tivesse dous deveres a cumprir.

O primeiro é a respeito de uma questão que tem occupado a imprensa desta côrte, e que actualmente se acha entregue aos tribunaes do paiz.

Fallo da abalroação da *Indiana*, simples facto commercial, a que a imprensa tem querido dar o character de uma questão de classe e de brios nacionaes.

Um estrangeiro que perde o seu navio não poderá defender os interesses de seu proprietario e dos carregadores, sómente porque semelhante defeza vai offender a tripolação de um vapor brasileiro ?

Ninguem mais do que eu sabe respeitar o espirito de classe, e apreciar a generosa fraternidade que prende os homens de uma mesma profissão ; porém confesso que essa maneira de

identificar o homem com a classe, de julgar do facto pelo merito pessoal, não é a mais acertada para a questão.

O commandante do vapor *Tocantins* pôde ser um excellente official, a sua tripolação pôde ser a melhor, e entretanto ter-se dado um descuido que occasionasse o sinistro.

Felizmente hoje a questão vai ser perfeitamente esclarecida por testemunhas imparciaes e dignas de todo credito.

O *Tocantins* foi encontrado na mesma noite de 11, meia hora antes do sinistro, por um navio cujo capitão já attestou que o vapor trazia apenas uma luz ordinaria, e não tinha sobre as rodas os pharões verde e encarnado.

Como este existem muito outros depoimentos importantes que apparecerão em tempo competente, e que mostrarão de que parte está a verdade e o direito.

O segundo ponto sobre que tenho de fallar é a respeito dos espectaculos lyricos no theatro de S. Pedro de Alcantara, dos quaes tratei na revista passada.

Um correspondente do *Jornal do Commercio* contesta a possibilidade desses espectaculos em virtude de um privilegio dado á actual empreza lyrica.

Entretanto semelhante privilegio não pôde existir; se o governo o concedeu, praticou um acto que não estava nas suas attribuições, um acto nullo, porque é inconstitucional.

Não é monopolizando uma industria já conhecida no paiz, não é destruindo a concurrencia, que se promove a utilidade publica.

A propria directoria do Theatro Lyrico deverá desejar esta concurrencia; porque se, como ella suppõe, a nova empreza não levar avante o seu projecto, isto não pôde deixar de reverter em seu beneficio, dando-lhe nova força e novo prestigio.

Ainda voltarei a esta questão, que na minha opinião interessa muito ao futuro da arte nesta côrte.

Por hoje faço-vos as minhas despedidas.

Vamos ver as fogueiras de S. João, brincar ao relento, e recordar as poeticas e encantadoras tradições de nossos pais.

P. S. A' ultima hora recebo a minha carta promettida para quinta-feira : desta vez reservo para mim a carta, e dou-vos unicamente os versos.

O pronome (em falta do nome) persiste em ser lido em francez, e não em portuguez ; porém agora affianço-vos que estou convencido do contrario,

Podeis crer-me.

CONFIDENCES

Si tu vois une femme au sourire caessant,
Au limpide regard, à la marche assurée,
Et dont l'air de triomphe est toujours ravissant,
C'est qu'elle aime déjà, et sait qu'elle est aimée.

Si tu vois une femme à la marche incertaine,
Au long regard abaissé, à la voix animée,
Et ne se livrant jamais à une joie soudaine,
C'est qu'elle aime, et doute si elle sera aimée.

Mais si tu vois celle au regard triste et morne,
Dont les mouvements brusques et la voix sacadée,
Vienne montrer encore tout l'amour qu'elle donne
A celui qui l'aime, et qui l'a délassée,

Oh ! ne ris pas, ami ! sa douleur est poignante,
Elle ne croit plus à rien ; sa raison égarée
Fait qu'elle ne desire, que d'arriver mourante
Aux pieds de celui qui est toute sa pensée.

Puisque jamais, jamais, cette voix si aimée
Ne parlera plus pour elle le langage du cœur ;
Elle sait qui désormais le triste cours de sa vie
Ne sera plus marqué par un jour de bonheur.

Car il est vrai que les fêtes de ce monde
Passent sur la douleur sans jamais la guérir ;
Et que celui qui souffre une peine profonde
Peut assister aux joies sans jamais les sentir.

Elle . . .

Rio de Janeiro, 1855.

Rio, 8 de Julho.

Se não quereis ficar doudo, abandonai a cidade, fugi para Petropolis, ou fechai-vos em casa.

Sobretudo não vos animeis a deitar a cabeça á janella ou a sair á rua, ainda mesmo de noite.

Apenas derdes os primeiros passos, encontrareis um homem grave, que vos apertará a mão como antigo conhecido.

Pensais que vai perguntar pela vossa saude, ou fallar-vos de algum negocio particular? Enganai-vos completamente.

Desde terça-feira que não ha nesta grande cidade senão um negocio: A fórma vulgar da saudação, o classico *bons-dias*, foi substituido por um comprimento mais cheio de interesse e solicitude :

— Então quantas teve?

— Vinte.

— Ah! dou-lhe os parabens.

E o sугeito deixa-vos com um pequeno sorriso de despeito ou de vaidade satisfeita.

Dahi a dous passos encontrais um outro conhecido de mãos nos bolsos e chapéo á banda.

— Meu amigo, quer vender ?

— O que, senhor ?

— As suas acções.

— Ah! as minhas *acções* ! não se vendem.

— Pois, se quizer, fico com todas a dez.

Este especulador, que tomais por um comprador de acções está desesperado por vender as suas antes do dia onze.

Mais adiante tomam-vos o braço de repente, e vos arrastam para a porta de uma loja, ou para alguma esquina deserta.

— Quero pedir-lhe um favor.

— Pois não, senhor.

— Em quem vota ?

— Em... Não sei ainda.

— Pois então peço-lhe o seu voto para o meu candidato.

— E' membro da commissão ?

— Não.

— Pois então está servido.

— Fico-lhe muito agradecido.

E continuaes o vosso caminho, já um pouco azoado.

— Scio !... scio !...

E' um amigo que vem a correr, naturalmente para participar-vos alguma novidade importante.

— Sabe alguma cousa de novo ?

— A respeito...

— Ora, a respeito das acções.

— Não ; não tenho ouvido dizer nada.

— Falla-se n'uma segunda errata.

— Qual ! não tinha geito nenhum.

— Como ! o regimento de custas era obra de jurisconsultos, e teve duas erratas.

— Tem razão !

— Adeus.

Quando pensais que vos desvencilhais do homem das erratas, cahis nas mãos de um esquecido, que trata de commentar a grande lista dos agraciados, de principio a fim.

Começa a calcular pelas familias, depois passa a analysar os individuos, a examinar a sua profissão, e por fim entra no vasto campo dos parallellos e das comparações.

O homem tem na memoria uma certidão de baptismo de cada um dos agraciados, e um registro dos bens, da moradia e do genero de vida de todos os agraciados na grande loteria do caminho de ferro.

Se o deixarem fallar, disserta cinco horas afias, sem copo d'agua, sem mesmo temperar a garganta, sem fazer uma pausa, nem titubear n'uma virgula.

Afinal vos larga para ir continuar além a sua propaganda, para ir prègar a nova crusada contra os homens da commissão.

Assim enfastiado, aborrecido de todas estas cousas, tendo gasto inutilmente o vosso tempo, entraes no Vallerstein para conversar com algum amigo que não esteja contaminado.

Achais-vos n'um circulo de *flaneurs*, que passam o tempo alegremente a divertir-se e a semear algumas flores neste valle de lagrimas.

Conversa-se sobre as novidades do dia, sobre a probabilidade da vinda de Thalberg, e a noticia do contrato da Stoltz, sobre a proxima representação lyrica em favor da Beneficencia Franceza.

Se fallais de uma moça elegante, de um lindo toilette preto que brilhava um desses dias nos salões, de uns bonitos olhos e de uns requebros graciosos, vos interrompem de repente.

— O pai não teve acções !

Se vos lembrais da Charton na *Filha do Regimento*, e se despertaes todas as vossas bellas recordações para sacia-las segunda-feira, ouvindo aquelles gorgeios maviosos de envolta com as facecias do Ferranti,— não vos deixam acabar.

— E' verdade, — diz um, — á proposito de Ferranti, deram-lhe dez acções !

E sahis desesperado, correndo para a casa antes que vos venham atordoar novamente os ouvidos com a maldita palavra que está na ordem do dia.

Quanto mais se soubesseis o que é realmente para toda a sociedade a lista que publicaram na terça-feira os jornaes diarios da cõrte.

E' uma especie de cadastro, de registro, de *livro negro* da policia, no qual se acham escriptas as *acções* de cada um,

por conseguinte o seu talento, a sua virtude, a sua consideração na sociedade.

As moças lá vão procurar os nomes dos noivos ;—os negociantes indagar se os seus devedores merecem a continuação do credito ;—os amigos saber o grão de amizade que devem despender mutuamente.

Os curiosos divertem-se com as comparações, e os parasitas estudam os nomes daquelles a quem devem tirar o chapéo ou fazer simplesmente um cumprimento de protecção.

E assim são as cousas deste mundo.

D'antes os homens tinham as suas *acções* na alma e no coração; agora tem-nas no bolso ou na carteira. Por isso naquelle tempo se premiavam, ao passo que actualmente se compram.

Outr'ora eram escriptas em feitos brilhantes nas paginas da historia, ou da chronica gloriosa de um paiz; hoje são escriptas n'um pedaço de papel dado por uma commissão de cinco membros.

Aquellas *acções* do tempo antigo eram avaliadas pela consciencia, especie de cadinho que já cahiu em desuso; as de hoje são cotadas na praça, e apreciadas conforme o juro e interesse que promettem.

.

Mas temos muita cousa agradavel sobre que conversar, e não vale a pena estarmos a gastar o nosso tempo com esta questão de jornaes.

Emquanto senadores, deputados, empregados publicos, desembargadores, negociantes e capitalistas correm á praça para saber a cotação das *acções*, vamos nós para o theatro ver o beneficio do Gentile.

O publico deu-lhe todas as demonstrações de apreço e sympathia; os ramos de flores e os versos choveram dos camarotes, e a Charton cantou melhor do que ella mesma costuma cantar.

E' um pouco difficil, mas é verdade. Ha certas noites em que se conhece que não é a obrigação que a faz cantar, mas a inspiração, um movimento espontaneo, uma necessidade de expansão.

Nestas noites canta como o poeta que escreve versos inspirados, como o pintor que esboça o quadro que a sua imaginação illumina, como a alma triste que dirige a sua prece a Deus, como a moça que sorri, como a flôr que se expande, como o perfume que se exhala.

Os labios vertem os effluvios d'alma, as melodias que um genio invisivel lhe murmura aos ouvidos, os segredos divinos que alta noite á horas mortas lhe contaram as estrellas, as sombras, as brisas que passavam sussurrando docemente.

Mas isto são cousas que se sentem, que se comprehendem, e que não se explicam. Ouvi um artista cantar n'um dos seus bons dias, e perceberéis essa nuança inexpimivel que vai de bem representar e bem sentir.

Ia-me esquecendo dar-vos noticia do vosso pequeno theatro, do vosso protegido, minhas bellas leitoras.

Se soubesseis como elle vos agradece a bondade que tendes tido em anima-lo, como se desvanece pelo interesse que vos inspira !

Agora já não é somente um pequeno circulo de homens de bom gosto que ahí vai encorajar o seu adiantamento, e applaudir aos seus pequenos triumphos.

Na balaustrada dos seus camarotes se debruçam as senhoras mais elegantes, as moças as mais gentis dos nossos aristocraticos salões.

O lindo rosto expandindo-se de prazer, o sorriso da alegria nos labios, ellas esquecem tudo para interessar-se pelo enredo de uma graciosa comedia.

E depois a sua boquinha feiticeira vai repetir no baile, ou na partida uma phrase espirituosa, um dito chistoso, que requinta de graça conforme os labios são mais ou menos bonitos.

No theatro lyrico podeis ver um semblante triste, uns olhos vendados pelos longos cilios de seda, uma fronte pensativa e melancolica.

Mas no Gymnasio o prazer roça as suas azas d'ouro por todos esses rostos encantadores ; e bafeja com o seu halito celeste todos os pensamentos tristes, todas as recordações amargas.

Tudo sorri; os olhos scintillam, as faces enrubecem, a fronte brilha, o gesto se anima, e a alma brinca e se embala nas emoções doces, calmas e serenas.

A dôr, a tristeza, a velhice e o pensamento, nada ha que resista a esta franca jovialidade, que como um menino travesso não respeita nem as cãs, nem as locubrações sérias, nem a gravidade e a sisudez.

E quando por volta de meia-noite vos retirais, ides satisfeito, julgando o mundo melhor do que elle realmente é.

E tudo isto é obra vossa, minhas amaveis leitoras: podeis ter este orgulho. Fostes vós que creastes este theatro; que o animastes com um sorriso, que o protegeis com a vossa graça, e que hoje o tratais como vosso protegido.

Entretanto peço-vos que, quando tiverdes occasião, não lhe deixeis de dar uma dessas doces reprehensões, uma dessas ligeiras advertencias, como só sabem dar labios de mulher.

Dizei-lhe que faça com que seus artistas decorem melhor os papeis, e aprendam a pronunciar com perfeição os nomes estrangeiros.

Esqueci-me de pedir-vos isto naquella brilhante reunião em que vos encontrei sexta-feira, tão bonitas, tão satisfeitas, tão risonhas, que bem se via que esta noite tem de ficar gravada na vossa memoria, até que outra a venha fazer esquecer.

E agora atirai o jornal de lado, ou antes passai-o ao vosso marido, ao vosso pai ou ao vosso tilio, para que elle lêa o resto.

Bem entendido, no caso de que não esteja pensando em acções, porque então é escusado; não me dará a attenção de que eu preciso para fallar a respeito da discussão que tem havido ultimamente na camara.

O Sr. Sayão Lobato fazendo a *exhumação* dos partidos politicos, procurou demonstrar que as idéas liberaes tinham sido sempre estereis para o paiz.

Em resposta duas vezes se ergueram; a do Sr. Mello Franco que defendia seus alliados, e a do Sr. F. Octaviano que tomou a si a causa nobre do fraco e do proscripto.

Perdôe-nos o illustre orador, que com tanto afan defende o

passado de seu partido e que, apesar de magistrado imparcial se mostra parcialissimo politico nos seus retrospectos historicos.

Se o partido liberal não escreveu leis de 3 de Dezembro, e não fez grande cópia de regulamentos, nem por isso deixou de fecundar as instituições do paiz com o germen civilizador de suas idéas, de suas crenças, de sua constancia em pugnar pelas reformas uteis e necessarias.

A sua historia é a historia de muito pensamento generoso e nobre no nosso paiz, desde a sua independencia até a calma e tranquillidade de que actualmente gozamos.

Foi elle que nos deu, e que tem defendido ardentemente o jury e a imprensa; foi elle que primeiro proclamou o principio das incompatibilidades, das eleições directas, da independencia do poder judiciario, que iniciou todas estas reformas que hoje se trata de realizar.

Não podemos estender-nos mais; porém em qualquer tempo aceitaremos com o maior prazer esta discussão; pela nossa vez tambem revolveremos as cinzas dos tumulos, mas para honra-las, esquecendo os erros dos mortos, e não para profana-las excitando o desprezo dos vivos.

Os partidos desapareceram da scena politica; pertencem ao dominio da historia. Simples investigadores, podemos apreciar os factos com a calma necessaria, sem sermos influenciados por interesses pessoaes.

*

E agora, vem minha boa penna de folhetinista, minha amiga de tantos dias, companheira inseparavel dos meus prazeres, confidente de meus segredos, de minhas magoas, dos meus prazeres.

Vem! Quero dizer-te *adeus*! Vamos separarmo-nos, e talvez para sempre!

Tenho saudade desses dias em que brincavas comigo sorrindo-me, coqueteando, desfolhando as flôres da imaginação, e levando-me por estes espaços infindos da fantasia.

Oh! tenho muita saudade! Sempre me lembrarei dessas nossas conversas intimas ao canto de uma mesa, com os olhos nos ponteiros do relógio, aproveitando as ultimas claridades do crepusculo para recordar ainda algum facto esquecido.

Mas é necessario. Faça-te este sacrificio, bem que me pese, bem que o levem a mal os meus melhores amigos.

Os outros te esquecerão, mas eu me lembrarei sempre de ti: basta isto para consolar-te.

CORREIO MERCANTIL

Rio, 9 de Julho.

A seguinte carta nos foi remettida pelo Sr. Dr. Alencar. O nosso collega estava em seu pleno direito escrevendo-a.

Não temos a menor observação a fazer sobre o seu conteúdo.

Ha, porém, nella uma recommendação que tornava-se desnecessaria. Quando não fosse por outro principio, a delicadeza nos levaria a não usarmos do titulo dos artigos do collega para darmos valor e merecimento aos nossos.

« A' REDACÇÃO DO « CORREIO MERCANTIL »

Meu collega e amigo.—Tendo sabido inteiramente estropiado o meu artigo de hoje, é necessario que eu declare o motivo porque entendi não dever continuar a publicação da *Revista Semanal* desta folha, visto como desappareceram algumas phrases que o indicavam claramente.

Sempre entendi que a *Revista Semanal* de uma folha é independente e não tem solidariedade com o pensamento geral da redacção; principalmente quando o escriptor costuma tomar a responsabilidade de seus artigos, assignando-os.

A redacção do *Correio Mercantil* é de opinião contraria; e por isso, não sendo conveniente que eu continuasse « a hostilizar os seus amigos, » resolvi acabar com o *Correr da Penna* para não compromette-la gravemente.

Antes de concluir, peço-lhe que tenha a bondade de fazer cessar o titulo com que escrevi as minhas revistas. Não tem merecimento algum, ha muitos outros melhores: mas é meu

filho, e por isso reclamo-o para mim, mesmo porque talvez me resolva mais tarde á continua-lo em qualquer outro jornal que me queira dar um pequeno canto.

Agradeço-lhe infinitamente as expressões delicadas que me dirige, e que não mereço (1). *O Correio Mercantil* nada me deve : sou eu ao contrario quem lhe devo o ter honrado os meus obscuros artigos admittindo-os nas suas columnas entre tantas producções brilhantes, entre tão distinctas intelligencias.

Sou, etc.

J. DE ALENCAR.

Rio, 8 de Julho. »

(1) « O nosso collega, o Sr. Dr. Alencar declarou-nos que não podia continuar a redigir o *Correr da Penna*.

A redacção do *Correio Mercantil* não póde significar melhor o pezar que sente pela cessação de tão delicados e espirituosos artigos, do que declarando-o neste lugar, edando ao Sr. Dr. Alencar agradecimentos cordiaes pelos bons serviços que lhe prestou. ».—*Correio Mercantil*.—Rio, 8 de Julho de 1855.

FIM

APPENDIX

CONSELHEIRO JOSÉ MARIA DO AMARAL

(NOTA A PAG. 219)

Entendendo-se a nota (1) á esta pagina com um dos nomes mais illustres e respeitaveis do nosso paiz e dos que á mais de um titulo nos são caros, devo consignar áqui o seguinte :

« O periodico que se julgou habilitado a dirigir uma insinuação perfida ao Dr. J. M. do Amaral chamava-se *Militar*. —No *Correio Mercantil* de 22 de Abril desse anno de 1855 foi publicada uma refutação documentada relativa ás calumnias do *Militar* n. 16, e na mesma folha n. de 22 de Maio seguinte uma outra e mais completa assignada pelo proprio calumniado, então ministro brasileiro em Montevidéo.

Para se ficar conhecendo que especie de *Militar* era esse, é bastante lembrar o que no mesmo citado numero escreveu, fallando das campanhas de *Tonelero* e *Moron*, á seu vêr : *farronadas de Quixotes, fundadas nos resultados de meros casos ou manejos occultos de nossa machiavelica e pecuniosa diplomacia.* »

INDICE

	Pags.
Os criticos do Sr. J. de Alencar	VII
Declaração	XLIV
Carta do Cons. J. de Alencar	XLVII
<i>Revista de 3 de Setembro de 1854</i>	
Um conto de fada	3
A questão do Oriente	5
Motim theatral em Londres	6
O concerto Malavazi.— <i>Prigion i de Edimburgo</i>	7
A numeração dos assentos no theatro.—Sociedades commanditarias.—As prezas da independencia.	8
Transporte de escravos entre as provincias	9
<i>Rev. de 17 de Setembro</i>	
A primavera.	11
Uma <i>estrella</i> eclypsada.	12
As 3 graças gregas e as <i>dez-graças</i> brasileiras	13
Espectaculo de <i>graça!</i>	14
O baile do Cassino, e a valsa.—As aguas do deluvio. —Uma paixão de loureira.	16
<i>Rev. de 24 de Setembro</i>	
A primeira corrida do <i>Jockey-Club</i>	17
A inauguração do Instituto dos cegos	19

	Pags.
O folhetim, o folhetinista e os criticos.	20
Ainda a questão do Oriente	21
Lição de politica constitucional Egypciaca.	22
O que é uma <i>conversa divertida</i>	23
Reforma de que precisa o cod. penal	23
Ainda os assentos no theatro.—A falta de rigorosa lotação	24
<i>Rev. de 1 de Outubro</i>	
<i>Fatis agimur</i>	25
Razão e modificação de um proverbio.	26
Porque a Biblia deu sómente um dia de descanso.	28
O que é uma ideia.	29
O baile do Cassino e uma observação de Arsène Hous- saye.	30
Para que serve a quarta-feira.	31
O officio funebre pela alma do estudante José Candido de Almeida.—De como com um dia sómente é impossivel fazer uma <i>Semana</i>	32
Jacques Arago.—O dezembargador F. de Mello e o ex-chefe de policia da côrte, Sr. Siqueira.—O A. do— <i>Sebastianista</i>	33
A liberdade do folhetinista	34
<i>Rev. de 15 de Outubro</i>	
O dia 12 de Outubro.	35
Colombo e D. Pedro I.	36
O talento e seus privilegios	37
O genero do <i>cholera-morbus</i>	38
As primas-donnas têm o direito de adoecer em dias de representação ?	39
<i>Rev. de 22 de Outubro</i>	
A festividade de S. Pedro de Alcantara e a reapari- ção na tribuna sagrada de Fr. F. de Mont'Al- verne	41

	Pags.
O passamento da baroneza do Rio-Bonito.	45
O asseio da cidade, e os Srs. ministro do imperio e chefe de policia	46
<i>Rev. de 29 de Outubro.</i>	
O Passeio Publico da côrte.	47
Sabeis o que é a <i>flanerie</i> ?	49
A camara municipal e a limpeza da cidade.	51
A independencia da edilidade.	52
A expedição da Criméa.	53
Um phenomeno artistico musical	54
<i>Rev. de 3 de Novembro</i>	
Machinas de coser.	55
<i>Rev. de 5 de Novembro</i>	
A religião	61
A commemoração dos finados	63
A que se pôde comparar a vida	65
Um quinão em orthographia	66
Os <i>Puritanos</i> de Belline e a Charton	67
<i>Rev. de 12 de Novembro</i>	
Ainda a guerra do Oriente.—A batalha d'Alma	69
Os partidos <i>lyricos</i>	71
De como o homem <i>dilettanti</i> é o homem mais util da Côrte	72
O aceio do theatro	73
Ainda a limpeza da cidade.	74
Á <i>Galeria Geolas</i> .—Um <i>Club</i> na rua do Ouvidor	76
<i>Rev. de 19 de Novembro</i>	
A mythologia e os embaraços do folhetinista.	77
Uma semana, e uma mulher—de Byron.	78
As 3 deusas do Provisorio.—O reaparecimento de João Caetano em S. Pedro d'Alcantara e a arte dramatica	79

	Pags.
O moedeiro falso e os falsificadores da—mulher!	81
Guerra aos cães!	82
<i>Rev. de 26 de Novembro</i>	
O fim do anno.	83
O verão e a emigração para Petropolis.	84
Uma sessão do <i>Instituto Historico</i> .—O <i>Brazil Illustrado</i> e certa disposição do Cod. Criminal	87
<i>Rev. de 3 de Dezembro</i>	
O culto dos grandes dias da patria	89
Vinte e nove annos da nossa historia.	90
O Imperador e o povo.—A distribuição das graças	91
O salão da Camara Municipal.—A inauguração da Pinacotheca Imperial.	92
<i>Roberto do Diabo</i> .— <i>O Ril da Virginia</i>	93
<i>Rev. de 10 de Dezembro</i>	
A época das viagens	99
As <i>Feiticeiras</i> e o <i>Guarany</i>	100
Salve, louçã e faceira Petropolis!	101
Os collegios Kopke e Kalogeras.	103
A colonisação.—A navegação do Amazonas	104
Itinerario de uma viagem importante.—Ainda a guerra do Oriente—Sebastopol	105
<i>Rev. de 17 de Dezembro</i>	
O Theatro Lyrico	107
O nosso <i>Conservatorio de Musica</i>	109
A cidade dos Orgãos	110
Uma sessão anniversaria do <i>Instituto Historico</i>	112
<i>Rev. de 24 de Dezembro</i>	
Vespera do Natal	115
O theatro lyrico e as representações no verão.—As constipações e a <i>pallidez romantica</i> e os medicos	117

	Pags.
Mais 32 Medicos.	120
<i>Rev. de 31 de Dezembro</i>	
Um conto de Hoffman.	123
<i>Rev. de 8 de Janeiro de 1855</i>	
O anno velho e o anno novo	133
O Natal, os Reis, S. João, e o Espirito-Santo, no tempo antigo	137
A Sociedade Campestre	138
A proposito do theatro lyrico.	139
<i>Rev. de 14 de Janeiro</i>	
A Sociedade em commandita.	143
O Carnaval e o entrudo	144
<i>Rev. de 21 de Janeiro</i>	
A imaginação e a historia :—folha arrancada a um livro desconhecido	147
Conquistas da civilisação	151
Emprezas privilegiadas	152
Colonisação	153
Emigração	155
O Passeio Publico da Côte	156
Que quer dizer nacionalisar a lingua portugueza ?	157
Uma lagrima sobre a lousa de um grande poeta	158
<i>Rev. de 25 de Fevereiro</i>	
O Carnaval.	161
<i>Rev. de 4 de Março</i>	
A Linda de Chamounix.	167
A febre das <i>Companhias</i>	169
Os pobres—Cresos e Proletarios	171
Exame de consciencia.	172
<i>Rev. de 18 de Março</i>	
Anniversarios felizes	173

	Pags.
As graças e o direito de agraciar.	174
O paiz deve dar justiça de graça.	175
O regimento das custas	176
<i>Tu fais l'homme o' douleur!</i>	178
O deputado dr. Aprigio	179
<i>A Estrella do Sul</i>	180
Moços e velhos	181

Rev. de 25 de Março

<i>Constituição e Remorso</i>	183
Conciliação dos espiritos	184
Ainda o Regimento das custas	185
Curso de leitura repentina—Castilho	186
As Ordens religiosas.— <i>Irmãs de Caridade.</i>	187
Magistratura brazileira	189
A nossa repartição da justiça.	191
Os defensores do <i>regimento das custas</i>	194
<i>Poissons</i> de 1.º de Abril	196
A edificação de um theatro lyrico.	197

Rev. de 15 de Abril

O typo <i>larmoyeur</i> e suas especies.	199
O <i>larmoyeur</i> jornalista	200
De como a arte de chorar é a primeira das artes	201
Uma festa na bahia de Botafogo.	203
A nossa arte dramatica	204
Noticias do Paraguay.	205

Rev. de 22 de Abril

O mez das flôres	207
O ministerio e a opposição	208
O Gabinete, a camara, e o salão.	209
O conselheiro Lisbôa Serra	210
« Oração da manhã » (poesia)	211
O <i>Gymnasio dramatico</i>	212

Rev. de 28 de Abril

As estrellas e o sol.	215
Mme. Charton e os <i>Puritanos</i>	216
O Hospital de S. Francisco.	218
O cons. J. M. do Amaral.	219
A respeito do <i>tudo e nada</i>	220
Os 2 theatros lyricos	221

Rev. de 6 de Maio

O estabelecimento optico do Sr. Reis	223
Os olhos são as janellas d'alma	224
Uma « luneta magica »	225
Revista <i>ao correr dos olhos</i>	227
Dois deputados opposicionistas	227
Um moço politico	228
Um representante de provincia e seu <i>Agenda</i>	239
Um folhetinista e um programma.—Um capitão	230
Dentro de uma pasta de ministro	231
Contradança geral nas posições administrativas	231
Diversas noticias	232

Rev. de 13 de Maio

A <i>conversa</i> é uma arte.	233
Quando o ministerio recorre a <i>conversa</i>	234
As 3 classes de opposicionistas	236
O tempo em que os ministerios dissolviam as camaras	237
Uma tirada politica.	237
Os melhores <i>generaes foram soldados</i>	239
O Cassino	230
<i>Semiranis</i> .—O <i>Gymnasio</i>	241

Rev. de 20 de Maio

Um incendio e o arsenal da marinha	243
Relações politicas dos povos americanos	245

O ministerio e a opposição	246
Uma <i>regata</i> e os <i>doudos</i>	247

Rev. de 27 de Maio

Já vistes escrever sem <i>tinta</i> ?	249
A minha penna e o meu tinteiro.	250
Quadros e scenas	252
<i>Pensamentos a meza</i>	254
Um jantar á dous é a 5. ^a essencia da poesia.	255
A imprensa á proposito de um romance.	256

Rev. de 3 de Junho

O livro da Semana.	259
Concerto do Arnaud	260
A aria do <i>Marco Spada</i>	261
O theatro de S. Francisco.	262
O comico não é mais o palhaço de outr'ora	263
O sonoro titulo de <i>doutor</i> e os fidalgos.	264
A Jacobson.— <i>Attila, Trovador e Anna Bolena</i>	265
<i>Colleira</i> e <i>azas</i> —Hontem e hoje.	266
No verso da pagina.	267

Rev. de 10 de Junho

Fallemos de politica !	269
Os dous grandes systemas politicos	270
Politica salvadora! porém deputado paulista.	271
A procissão de S. Jorge	272
Acções da Estrada de Ferro.—Questão Paragnay.	273
O baile do <i>Cassino</i>	274
As 3 classes que comprehendo se casem	275
<i>Emmyla Grua</i> .—O senador Souza Franco.	276
O trafico de africanos	277

Rev. de 17 de Junho

<i>Uma carta</i> !	279
O gabinete de 6 de Setembro e o Sr. Wanderley	281

	Pags.
Lei de pescarias.—Mudança de presidentes	282
O Dr. Eduardo Olímpio Machado	283
A Dejean, Tamberlik e Charton.	284
Os <i>abyssinios</i> .—O banquete lyrico.— <i>A Carta</i>	285
Poesia franceza— <i>Dans un album</i>	286
Theatros.—O S. Pedro e o Gymnasio.	288

Rev. de 24 de Junho

A' Botafogo !	289
A musica italiana e a opera franceza.	290
A Casaloni—Offensa e reparação.	291
O Gymnasio	292
A <i>Ordem dos verdes</i>	293
Abalroação da <i>Indiana</i>	294
<i>Confidences</i> (poesia)	296

Rev. de 8 de Junho

As acções !	299
D'antes estavam na alma ; agora na carteira	302
O Gymnasio e o bello sexo.	303
A <i>exhumação</i> dos partidos politicos.	304
A historia do partido liberal.	305
<i>Adeus</i> à penna de folhetinista.	306
O <i>Correio Mercantil</i> e o Dr. Alencar.	307
Appendix.	309



Charlton

MJ/271

L7-R09

P. S.

Empenhei-me para que a presente edição sahisse expurgada de erros typographicos, no que fui auxiliado pelo proprietario da typographia, o digno brasileiro sr. Antonio Elias da Silva, que tão bem comprehende a importância da nobre arte a que se dedicou.

Os erros que, não obstante, apparecerem, serão suppridos pela minha perspicacia do leitor.

Resta-me agradecer ás illustradas redacções do Correio Paulistano, Diario de S. Paulo, Rebate e Gazeta de Campinas as palavras de bondade com que, á meu respeito, dignaram-se de annunciar este livro; e aos amigos e benevolos cavalheiros, que tornaram com suas assignaturas, menos oneroso o sacrificio desta publicação. Gravarei os seus nomes na minha Propriedade Litteraria, que vai brevemente ser tambem tirada á publico. Em vista do seu numero, e tendo-se em conta que o presente livro é da penna do nosso mais festejado litterato, justamente considerado por quantos pôdem considera-lo, o chefe da litteratura brasileira contemporanea, ver-se-ha então o ponto a que se elevou já o gosto litterario entre nós. E' para animar !...

S. Paulo, 2 de Julho de 1874.

